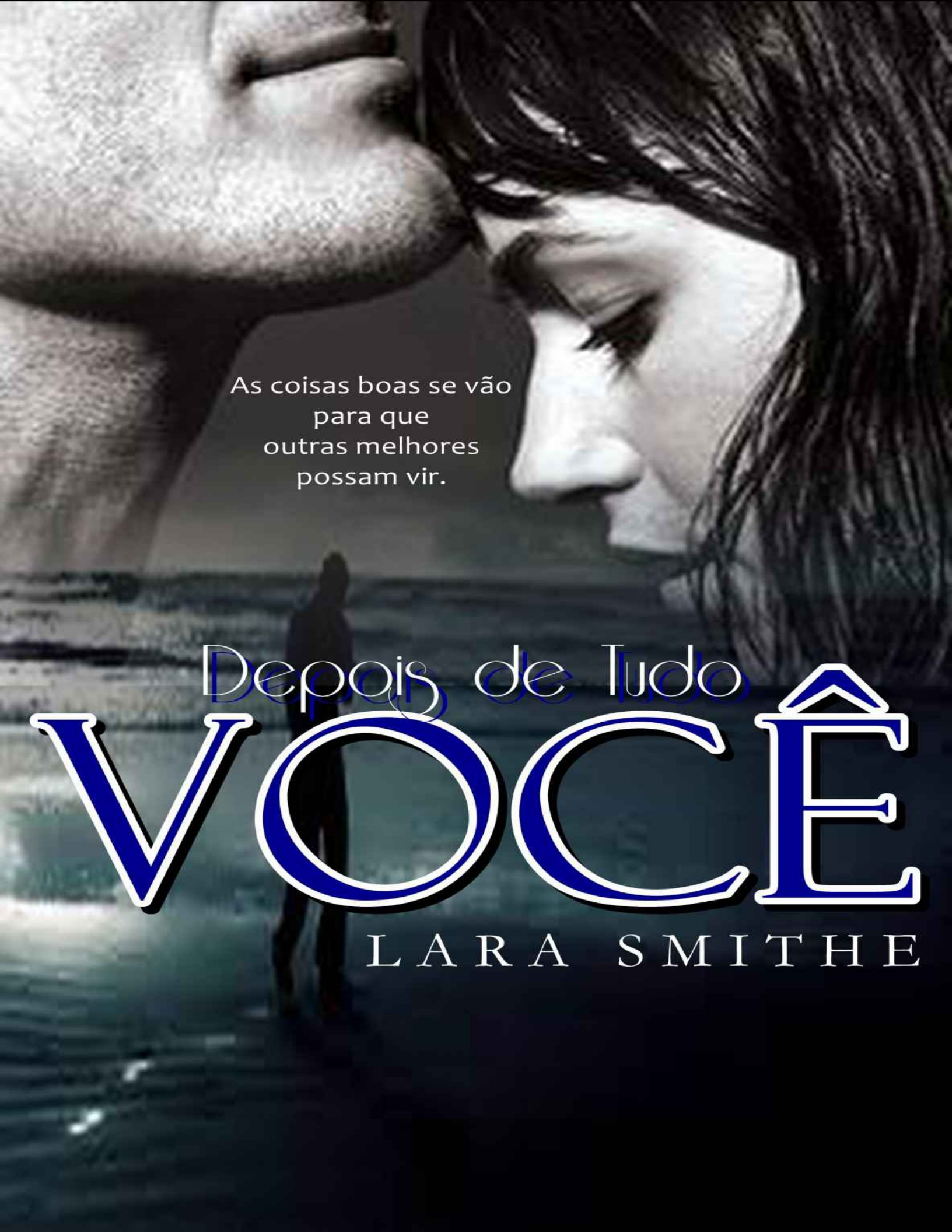




As coisas boas se vão
para que
outras melhores
possam vir.

Depois de Tudo

VOCE

LARA SMITHE



L A R A S M I T H E

Depois de tudo,
V O C Ê

Capa: Elis Santos

Revisão: Mariana Rocha

Diagramação: Lara Smithe

Marcadores de páginas: Joice S. Dias

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: Depois de tudo, Você

Todos os Direitos reservados

Copyright © 2015 by Lara Smithe

Música escolhida como tema do livro e indicada por *Claudia Misael*: **O Defensor** (Zezé de Camargo e Luciano)

Dedicatória e Agradecimentos

Dedico este livro a toda a minha família, pois foram compreensivos nos momentos em que tive que me ausentar para escrevê-lo e a todas as minhas leitoras queridas, em especial a Carolina Mesquita e Iasmin Aquino. Agradeço a todos os comentários maravilhosos sobre a história no wattpad, onde li e respondi a todos.

AVISO IMPORTANTE

Esta obra foi escrita com muito cuidado em todos os detalhes, recomendo que mantenham as mentes abertas, a história é forte e tem cenas que às vezes assustam, mas não desistam da leitura sigam até o final, garanto que todos irão se surpreender. Guilherme desde *Recomeço* (livro onde o protagonista era o marido da Malu) foi bastante questionado, odiado no início e amado no final. Eu sei que quem não acompanhou a trama no *wattpad*, capítulo por capítulo irá se assustar com o teor fortíssimo de algumas cenas, elas foram necessárias, mas no final o amor será o grande vencedor.

“O tempo que você perde tendo medo de perder as pessoas que ama só ocupa o tempo que você poderia estar vivendo com elas. Se você perder muito tempo tendo medo de perder aos outros acabará perdendo a si próprio. As coisas na vida vêm e vão, mas o caminho é só um em frente.”

(Pelicano)

Índice

[Índice](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo Final](#)

[Epílogo](#)

[Próxima História](#)

[Outros E-books que você encontra na Amazon:](#)

“Fui infiel, fui vil, fui terrorista, fui egoísta, fui um déspota... Sim, fui. Nada justifica o que fiz a quem mais amei e amo na vida. Arrependimento; sim me arrependo e se pudesse voltaria ao tempo, faria tudo diferente a amaria sem medos e me doaria totalmente. Mas meu arrependimento de nada vai adiantar, pois a besteira já foi feita, não estou falando das últimas coisas que fiz, pois estas não têm perdão mereço ser preso e condenado, falo de todas as besteiras que fiz desde o dia em que conheci você, o meu medo de perdê-la me fez te fazer minha prisioneira, fui o seu carrasco por 25 anos e só agora me dei conta disto, perdi você por unicamente culpa minha.”

Estas foram minhas palavras para minha ex-mulher quando a deixei naquele hospital, pensei que nunca mais a veria, nem ao seu sorriso, nem o calor das suas mãos macias. A perdi por pura incompetência minha, e por não dominar o meu medo sádico, por não procurar ajuda, por achar que a mantendo sob os meus domínios a teria para sempre. Como fui um tolo... Amor não se controla, nem o subjuga, ele é livre em toda a sua intensidade.

Amei desesperadamente a minha Malu, no entanto não a respeitei como deveria, não cuidei do que era meu, não valorizei... Oh meu Deus! Por que não consigo esquecê-la? Até quando esse amor vai permanecer dentro mim? Malu hoje está muito bem casada, construiu uma família linda ao lado de um homem que verdadeiramente a merece, ele a faz feliz em todos os sentidos, faz o que deveria ter feito... Sorte a do Aleksander, este é o nome do homem que conquistou o coração da mulher que mais amo na vida... Alek como todos o chamam, pois bem já o odiei muito, hoje estou conformado, não vejo motivos para querê-lo mal, afinal ele a ama e a respeita e ela é completamente apaixonada por ele... Sim, a perdi, ou talvez nunca a tenha tido, esta é a verdade. Alek e eu tentamos conviver civilizadamente, frequento a sua casa em momentos festivos, eu o respeito... E ele me suporta.

Após uma tentativa frustrada de um recomeço. Recomeço esse que quase custou a minha vida, pois a mulher que dizia me amar tentou me matar e matou-se com um tiro na cabeça, hoje estou sozinho... Precisei ver a morte de perto para entender que não podemos impor os nossos sentimentos aos outros. Beatriz me mostrou isso e hoje quando penso no que me aconteceu, sinto-me culpado, pois fui o causador da falta de controle das atitudes insanas da Bia, hoje tenho certeza que o nosso relacionamento jamais daria certo. Por isso não quero envolvimento emocional, cheguei à conclusão que não nasci para amar e ser amado. Todo o amor que tenho dentro de mim são exclusivamente para as duas razões da minha vida... Minhas filhas; Joana e Maria Luiza e por elas faço tudo. De todos os

meus erros, minhas filhas foram os meus únicos acertos.

Quando voltei ao Brasil, vim com uma ideia fixa de me esconder do mundo, por isso aceitei imediatamente a promoção, descobri que o local onde ficaria era completamente afastado da civilização, pesquisei o povoado e me apaixonei, Maria Luiza e Joana ficarão protegidas da violência da cidade grande, elas irão conviver com a natureza e com pessoas humildes e sinceras, era tudo que queria para mim e para as minhas filhas.

Fui promovido a diretor executivo da região nordeste do Brasil, hoje estou morando em uma cidade litorânea chamada Itaipava, estou comandando a construção de um grande hotel *resort* de luxo nesta região, ficarei morando aqui por alguns anos até as obras ficarem prontas, a cidade é muito tranquila sem aquela correria e os seus vícios, moro mais afastado do povoado por escolha minha, minha casa foi construída bem próximo à praia, como disse a ideia é essa ficar isolado o mais possível da civilização. Minhas filhas adoraram, elas gostam do clima praieiro e para sua diversão mandei fazer um lindo parque com todos os brinquedos possíveis para elas. A única escola da cidade fica a quinze minutos da minha casa, já as matriculei e suas aulas começam na semana que vem, vamos ver como vão se adaptar.

Não tenho vizinhos, graças a Deus! Quando não estou trabalhando, vou caminhar na praia com as meninas ou pescar em um rio próximo a minha casa. Contratei uma pessoa para ficar com as gêmeas no período da tarde, pois elas estudam pela manhã, minhas filhas não me dão trabalho, são muito prestativas e amorosas e sentem uma verdadeira adoração por mim, vivem dizendo que vão encontrar um amor para minha vida, uma mulher bem linda, doce, delicada, sensível e que goste de duas pestinhas iguais a elas. Dizem isso todos os dias quando saem para brincar... Bem... Duvido muito que aqui nesse fim de mundo exista uma mulher que queira se envolver com um homem igual a mim... Quebrado, atormentado e com uma alma escura, se ela existe o melhor que tem a fazer é manter-se bem distante de mim. Para o bem da sua saúde física e mental.

*** **

Cheguei a Itaipava há mais de um mês, fui muito bem recepcionado, por pouco não ganho a chave da cidade, acho que o prefeito da cidade pensa que sou o dono da multinacional que está construindo o *resort*. Quando lembro que quase fui obrigado a desfilar por toda cidade para ser apresentado aos moradores, me vem uma vontade louca de sorrir... Joana e Maria Luiza já estão na escola e tudo indica que já se adaptaram a sua nova vida. E por falar nisto é hora de apressá-las.

— Filhas! Andem o café já está na mesa... Ei, mocinhas vocês vão se atrasar e a mim também!

Luiza vem correndo e senta-se a mesa, com pressa começa a comer o seu cereal.

— Ei, devagar moça, assim você vai passar mal! – Procuro por Joana. — Onde está a sua irmã, meu amor?

— Ela disse que não vai para escola hoje, papai.

Luiza para de comer e com a colher do cereal enfiada a boca me diz isso.

— Como não vai à escola, por acaso ela está doente? – Pergunto já preocupado.

— Não, papai, ela só não quer ir.

Luiza me olha como se estivesse escondendo algo.

— Maria Luiza, vá logo cusindo o que está me escondendo. – Ralho com ela.

— Não diz que contei, a Jô vai ficar muito brava comigo papai. – Luiza espera-me prometer, lhe digo que não conto. — Ela está com vergonha, os meninos da escola ficam rindo dela, chamam-na de burra, porque ela não sabe falar direito, a Jô troca as letras e as palavras, ela está sofrendo bullying, papai.

— Mas que merda! – Luiza me olha com espanto. — Desculpe-me, filha! Perdi a sensatez. Filha, os meninos não sabem que vocês duas são estrangeiras, ou seja, falam outro idioma e que estão aprendendo o português há pouco tempo?

— Sabe, papai, mas eles não perdoam e pegam no pé da Joana, isso é muito chato, eu já bati até em um menino por isso, prometi que dá próxima vez quebro a cara dele com um soco.

— Luiza! — Fiquei espantando com o que acabei de ouvir. Ai meu Deus! Estou criando uma boxeadora... — Filha, isso não está certo, não se pode resolver os nossos problemas na base dos socos e pontapés... Não faça mais isso.

— E o senhor queria que fizesse o quê! Deixá-lo judiar da minha irmã! Bati mesmo, papai, e bato nele novamente, é só ele se meter a besta com minha irmã de novo.

Agora lascou, fiquei boquiaberto com a Luiza, minha filha nunca falou daquela forma. Maria Luiza sempre foi o anjo da guarda da Joana desde pequenina, só que agora está me surpreendendo. Fiquei preocupado com as atitudes das duas, Luiza com essa de defender a irmã na base da violência e a Joana fugindo da briga. Quando morávamos em Los Angeles sempre foram ensinados os dois idiomas as meninas, o inglês e o português. A Luiza não mostrou dificuldade, ela ainda não domina perfeitamente a língua, mas fala sem embaraço, já Joana é pouca as palavras que conseguiu aprender, mistura as letras e as vezes fala em inglês. Pensei que convivendo com outras crianças brasileiras ela aprenderia mais rápido, me enganei.

— Termine o seu cereal vou conversar com sua irmã.

Fui até o quarto a procura da Joana. Ela estava toda coberta, percebendo minha presença se encolheu ainda mais.

— Filha, precisamos conversar. Filha... Olhe para mim, meu amor.

— *I do not want to go for to school.* — Joana argumenta antes mesmo de lhe falar.

— Em português, Joana... Vamos, filha.

Ela sai de debaixo das cobertas e a sua carinha linda surge.

— Eu não *querer* ir para escola. — Ela tenta falar claro.

— Posso saber o porquê de não ir à escola, minha pequena fada?

— *Boys... Meninos, please, dad.*

— Português, Joana. Vamos, filha, se esforce, afinal não é tão difícil assim e sei que você sabe o português.

— Por favor, papai, eu não *querer* ir para escola, meninos riem da Joana, me *chamar* de *dumb...* Burro.

Minha filha começa a chorar esfregando as mãozinhas nos olhos.

— Joana, papai precisa ir trabalhar, com quem você vai ficar, hein? Vamos fazer o seguinte, vou procurar alguém para lhe ensinar a língua nativa, quando achar, você só voltará para escola quando souber quase todas as palavras do português, então você vai mostrar para aqueles meninos insuportáveis quem é a burra, ok?

Ela me olha com um brilho nos olhos, pulando em meu pescoço em seguida.

— Você é o melhor *best dad in the world*. – Afasto-a um pouco e lhe dou um olhar repreensivo.

— Você é o melhor pai do mundo. Começo a lhe fazer cócegas e ela cai na risada.

— Arrume-se e venha tomar o seu café.

A escola das meninas fica no povoado, mais ou menos uns 15 minutos de carro da minha casa, quando chegamos, a criançada já estavam dentro da escola. Joana e Luiza estão com seis anos e estão cursando o primeiro ano do ensino fundamental, elas sabem ler e escrever, o problema é que a Joana não domina o português e termina trocando ou traduzindo tudo que ler em português para o inglês.

As meninas entram no colégio, sua professora me vê e vem cheia de sorriso em minha direção, se eu não quisesse muito lhe falar fingiria que não a vi e entraria no carro imediatamente.

— Como vai, senhor Guilherme?

Sorrio para ela sem jeito, às vezes tenho a impressão que ela quer voar em meu pescoço.

— Olá, Stella, vou bem e você? – Nem dei tempo para ela responder, vou direto ao assunto. —

Stella, minha filha Joana está sofrendo *bullying* ^{II} na escola e antes que me diga que não é verdade vou logo lhe assegurando que é... Pois bem, hoje mesmo começo a procurar alguém que possa ensinar a língua nativa para ela e assim que Joana estiver preparada ela retorna à escola, a partir de amanhã Joana não virá mais a escola.

— Desculpe-me, senhor Guilherme, não sabia disso, vou começar a observar as crianças, e não se preocupe eu mesma vou procurar alguém para ajudar a Joana.

— Fico-lhe muito grato, Stella, agora preciso ir... – Sem esperar ela me segura o braço, pedindo que espere. Viro-me e a observo. — Sim, em que posso ajudá-la.

— Este final de semana é a festa da cidade, começa na sexta e sábado tem o show de Victor e Leo. O senhor não gostaria de me acompanhar, será uma ótima oportunidade de conhecer os costumes

da nossa cidade e como professora eu conheço todos daqui, seria um prazer ser seu cicerone, não vai lhe arrancar nenhum pedaço, eu não aceito não como resposta.

E agora, como saio dessa saia justa... Pensei, pensei, não vi alternativa.

— Ok, será um prazer acompanhá-la a festa.

Os olhos dela saltaram de contentamento.

— A que horas eu pego o senhor? – Ela me pergunta.

— Eu pego você, só me diga o seu endereço e o horário. – Ela sorri com os olhos. Stella anota o endereço e o horário em um caderno que está em sua mão.

Despeço-me, entro em meu carro e vou embora. Do retrovisor eu a vejo dar um pulo de alegria e entrar toda feliz pelo portão da escola. Sei muito bem o que Stella queria e com certeza a manteria o mais longe possível das minhas mãos. Não nego, a Stella é uma loira linda, é mulher para fazer qualquer homem ficar de pau duro e babando de desejo, mas não posso me envolver com ela, principalmente ela sendo a professora das minhas filhas.

O dia está lindo. Itaipava é um paraíso, a água do mar é tão azul que dói os olhos, areia branquinha e a praia é ladeada por muita vegetação. Não resisto, paro o carro, desço, dobro as mangas da camisa até os cotovelos, tiro os sapatos as meias e resolvo ir caminhar um pouco, esta é a vantagem de ser o patrão, você pode ir para o trabalho o horário que quiser.

Sigo caminhando pela beira da praia adoro a água tocando aos meus pés, caminhei uns 10 minutos então escuto um pedido de socorro. Alguém está em apuros e vinha do outro lado da praia, logo após o rio, entrei na vegetação e sigo o rio, a voz torna-se mais audível. Então a encontro, ela está dentro do rio e se debate com desespero.

Aproximo-me e não consigo nem piscar os meus olhos, fico impressionado com sua beleza... Morena, cabelos pretos, olhos cor de mel, com o olhar perdido, mas foi à docilidade da sua voz que fez o meu coração palpitar. A água do rio já está na altura dos seus ombros e ela se debate tentando sair do lugar. Ela me vê e grita por socorro.

— Senhor, por favor, me ajude, o meu pé está preso e não consigo me soltar, a maré está subindo. –Fiquei preso ao som da sua voz e a sua beleza angelical. — Moço!

Me desperto do meu entorpecimento, ela está certa, o rio corre para o mar e a maré já está

enchendo. — Calma! Já vou pegar você. Entro no rio, nem me importo com minha roupa.

A água está em meu peito, e já está na altura do pescoço da moça, mergulho na água e percebo que o seu pé está preso em um buraco e um galho está envolto nele. Consigo soltar o seu pé, a ponho em meus braços, retirando-a da água, ela agarra-me já chorando de desespero. Foi automático, prendo-a ao meu corpo como se ela fosse o meu bem mais precioso, meu instinto protetor foi despertado.

A pequena sereia da água doce mergulha o rosto em meu pescoço e sinto o cheiro delicioso de camomila dos seus cabelos... Fico inebriado, seus braços circulam o meu pescoço e ela me aperta. Olho para os seus olhos e ela para os meus, ficamos paralisados por alguns instantes, nem respirar eu consigo.

— Você está bem? – Finalmente consigo dizer algumas palavras.

— Sim, só um pouco assustada, obrigada por ter me ajudado. Eu a coloco sentada em um tronco de coqueiro.

Começo a verificar o seu pequeno pé, a moça solta um grito de dor, peço perdão. — Seu pé não está quebrado, só um pouco machucado, hoje você não conseguirá andar. — Ela me observa, ergo minha cabeça em direção aos seus lindos olhos. — Fique aqui, vou pegar o meu carro e deixá-lo mais perto. — Antes que ela abrisse a boca, eu saí em disparada.

Voltei minutos depois, sem pedir licença a pego nos braços e saímos da vegetação praiana, ela treme, não sei se de frio ou por estarmos tão próximos. A coloco no banco do carona, prendendo o cinto de segurança em seu corpo, em seguida entro no carro. Ela não para de me olhar. — Onde você mora? – Pergunto, não consigo raciocinar direito.

— O senhor não precisa me levar para casa, dou um jeito... — A moça baixa os olhos ao falar. Aquele gesto me matou, fico louco de vontade de colocá-la em meu colo e lhe fazer carinho, beijá-la por uma porção de minutos.

— Onde mora, me diga sem questionamento. — Falo com autoridade. Ela me olha e faz um gesto que me enlouquece, morde o lábio inferior, chupando-o para si. Ela me diz o endereço, seguimos para lá.

A casa fica na entrada do povoado, seguindo uma estrada de terra, fica escondida da visão das pessoas. Paro o carro, desço e a pego em meus braços novamente, ficamos presos em nosso olhar.

Merda! Se demorar mais um pouco a beijo... Penso.

A pequena sereia me diz que a porta está aberta, ela vira a maçaneta, entro com ela em meus braços e a coloco ao sofá. Ela sorri... **Jesus!** Meu dia se ilumina por completo, não consigo me afastar da pequena sereia. Nosso olhar fica preso um ao outro, por alguns segundos ficamos estáticos, meu coração acelera e sua respiração torna-se ofegante. A pequena sereia me desperta com sua angelical voz, ela agradece novamente, lhe pergunto se precisa de algo mais, ela nega com a cabeça. Vou embora, mas não consigo esquecer o rosto e o cheiro da pequena sereia da água doce.

Estou excitado ao extremo, eu preciso pôr para fora meu tesão, pego o meu celular e ligo para a pessoa que sempre resolve os meus problemas. A pessoa atende.

— Oi, me ponha na lista da próxima *play-parties*^[2], sim é para hoje no mesmo horário... Ok. Estarei lá, obrigado.

Pronto agora é só acertar com a Mirian para que ela fique com as meninas até retornar, como sempre direi a ela que precisarei ir até a capital a trabalho.

*** **

— Luci... Luci... Estou entrando, mulher, você está aí...? Oh, de casa!

— Estou aqui, Stella, no quarto, vem cá!

— Caralho, mulher, não sei como você consegue ficar entocada dentro de casa.

— Eu gosto. – Disse-lhe com indiferença na voz.

Sorri para Stella, na verdade odiava, só que era obrigada a ficar trancafiada em casa. Marcelo me proibiu em fazer amizades e a Stella é minha única “amiga” nesta cidade.

Olhando com curiosidade para o ambiente, ela senta-se a cama e quando percebe a bolsa de gelo em meu tornozelo solta uma exclamação. — Caralho! O que foi isso, Luci?

— Não foi nada, já está bem melhor, só estou me precavendo, pois se o Marcelo vê isso, vai me encher com os seus interrogatórios... Diga-me o que trouxe você aqui? – Mudei logo de assunto. Ela abre um sorriso largo.

— Estou doida para te contar... Sabe o gostosão. – Ela arregala os olhos. — O novo morador de Itaipava, o senhor Guilherme Gusmão...! – Dou de ombros, não tinha ideia de quem ela está falando. — O todo poderoso do *resort* onde o seu marido trabalha.

— Sei... Sim e qual o problema com ele. – Pergunto sem interesse.

— Vamos sair no sábado... Consegui fisgar o gostosão... Mulher! Que homem é aquele, caralho! Só de falar sobre ele minha calcinha molha, *ui!*

— E vocês vão para aonde... Teatro, cinema, restaurante francês? – Fui bem irônica.

— Deixe de ironia, Luci, vamos assistir ao show do Victor e Leo, você sabe disso, mas não foi só isso que vim fazer aqui, preciso da sua ajuda... – Ela me olha com indulgência. — As filhas dele estudam comigo, e uma delas está com problema de adaptação, ela não consegue dominar o português direito, por isso os meninos estão pegando em seu pé e ela cismou que não quer ir mais a escola, então o gostosão resolveu contratar alguém para ajudar a menina a falar a língua nativa, não precisa ser professora, é só mesmo para lhe ensinar a falar algumas palavras do nosso dia-a-dia... – Ela faz uma pausa. — Se você souber de alguém me avise, prometi que o ajudaria, já pensou se apresentar a

pessoa, certamente ganharei um pontinho a mais.

— E quanto ele paga? — Ela diz que não sabe. — Ele mora aonde?

— Ele está morando na praia leste, bem perto do rio, é a única casa que tem por lá, mas não diga nada a pessoa, mande-a para mim, ok? — Assenti.

Ela levanta-se e vai embora... Fico pensativa com essa novidade, seria minha oportunidade de juntar um dinheiro para ir embora daqui... É sem dúvida minha chance de liberdade, será que o senhor Guilherme me daria o emprego? Bem só saberei se for até lá e é isso que farei amanhã cedo. Escuto o som de um carro... Escondo a bolsa de gelo embaixo da cama, corro para o espelho para ver se estou perfeitamente arrumada, calço os meus sapatos altos e me preparo para receber o Marcelo...

... A sala é fria, e a sua iluminação é à base de candelabros e velas, o nome que lhe deram foi bem empregado “masmorra”, já estou excitado, meu corpo vibra e o meu membro também, esfrego as minhas mãos uma na outra...

A moça está debruçada sobre um cavalete o seu tronco completamente estendido sobre a madeira fria, em seu corpo só estão as meias negras até as coxas, e sapatos pretos altíssimos. Seus pulsos estão amarrados de frente para as pernas dianteiras do cavalete e os seus tornozelos a cada um dos pés traseiros do mesmo. Com as pernas espalhadas, eu posso ver o seu sexo exposto, parecia uma flor desabrochada, ela tem um traseiro arredondado duro e bem branquinho, uma lousa em branco, pronto para ser riscado com giz vermelho.

Consigo sentir o cheiro do seu medo, suas carnes estão trêmulas e sua respiração ofegante, porém os seus sucos já escorrem por suas coxas, estou muito excitado e o meu membro pulsa só com a visão daquele traseiro alvo.

Começa o *caning* ^[3]... O som do *cane* cortando o ar é maravilhoso. A moça ao senti-lo estremece. Ela recebe uma lapeada lenta na carne branca, aos poucos as lapeadas vão ficando mais fortes, e logo a lousa branca é riscada de vermelho, listras largas em forma de cicatrizes espalham-se nas nádegas da moça, foram umas 30 lapeadas, algumas em suas coxas e costas, lágrimas escorrem por seu rosto e ela aperta as cordas com as mãos, gemidos e gritos são tirados da sua garganta, um vibrador violou a sua fenda e ela geme quando o aparelho começa a se mover em seu interior e na última lapeada ela é penetrada em seu buraco mais íntimo... O seu dono estremece o corpo

violentamente estocando-a com brutalidade, o corpo da moça dança por cima da tábua fria do cavalete, seus cabelos são puxados com força bruta e um grunhido gutural é escutado no ambiente, ele jorra o seu prazer dentro dela. Quando se recupera ele a beija com meiguice, escovando seus cabelos com os dedos, dizendo-lhe palavras carinhosas — Boa menina, você é minha menina, agora me mostre que me ama e seja boa para os meus amigos. — Ele a oferece para ser compartilhada com todos que estão no salão logo se faz um círculo em volta da moça e começam a tocá-la...

Saí à francesa, para mim, ver era o suficiente, há muito tempo não participava de uma cena, porém ainda sinto esta necessidade insana de ver cenas sado, meu terapeuta diz que meu tratamento exige paciência e recomendou que assistisse as cenas uma vez ou outra, pois logo elas seriam cada vez mais remotas. E ele está certo, antes era assíduo nos clubes e além de está em quase todos, também participava das cenas. Hoje só venho quando não suporto mais minhas vontades quando só o ‘fazer sexo’ não é o bastante.

Sigo direto para minha *kitnet* no centro de Salvador, é lá que tenho os meus encontros sexuais. Ver todo aquele movimento, não foi o bastante, ainda estou excitado e uma angustia me devora o peito. Deixo meu carro de frente para o prédio, já são mais de dezenove horas, quase vinte horas da noite... Sigo direto para a *kitnet*. Assim que termino o meu banho, ligo para o meu agente, peço-lhe uma profissional do sexo e como de costume exijo que seja especializada na área do sadomasoquismo, ela precisa saber o que a espera.

Assim que faço minha escolha, através da *homepage* faço o pagamento online. Em vinte minutos a moça ruiva entra em meu pequeno paraíso do erotismo. Ela é linda! Está vestida em um sobretudo comprido e sapatos vermelhos...

— Dispa-se. — Ordenei severamente.

Ela dá dois passos para frente, encostando ao meu corpo, desamarra o sobretudo e o deixa cair aos seus pés... A linda moça está nua e lisa, já veio com acessórios: dois *clamps* presos em seus mamilos e um *plug* anal com calda de gato...

— Fique de quatro na cama, com as mãos na cabaceira da cama. — Ela o fez. — Espalhe as pernas. — Fui até a mesinha próxima à cama, peguei a chibata e o preservativo.

Subo na cama, ficando de joelhos atrás da linda ruiva. Já estou duro, dispo o roupão vestindo a camisinha em meu membro, começo as carícias em seu lindo traseiro, beijo-o, meus dedos percorrem suas carnes e escorregam até entre as suas coxas, vou subindo até encontrar suas dobras, meus dedos percorrem suas carnes até encontrarem o seu pequeno botão, lá encontro um *clamps* eu o puxo, a

moça ofega baixo. Inclino o meu rosto até o seu traseiro redondo e o mordo com força, lambendo-o em seguida, ela solta um grito... Minha necessidade sádica cresce, solto a chibata com toda a força do meu braço em seu traseiro, a chibata fica desenhada na carne branca, aplico outra chibatada, e mais outra, foram um total de oito... A ruiva já está com uma parte do corpo sobre o colchão e sua boca morde o travesseiro com força, beijo suas costas, lambendo cada lista que a chibata deixa.

Aquela posição elevou o seu traseiro para cima... Aproximo o meu membro da sua entrada encharcada e o introduzo, meu pau foi engolido completamente, soco com precisão sentindo minhas bolas surrarem seu sexo molhado... Retiro o *plug* anal e o substituo por três dedos, logo todos os meus cinco dedos estão dentro do seu lindo buraco íntimo, soco minha mão com energia e sem dó, já estou próximo ao meu clímax... Retiro meu membro da sua fenda e o ponho no lugar dos meus dedos... Seguro a ruiva pelos cabelos e começo a cavalgar em seu corpo, o suor escorre em minha testa. Enquanto puxo os seus cabelos com uma mão, a outra mão lhe acerta a bunda com força, estoco-a com brutalidade... Ela grita e pede para que vá com mais calma, chora baixo e murmura que está doendo, quanto mais ela implora para parar mais eu aplico força.

Meu prazer foi explosivo... Inclino-me sobre o seu corpo e enquanto gozo, falo ao seu ouvido. — Linda vadia...! Está doendo, está? Tome, tome... – Bombeava com mais força até o seu corpo cair completamente sobre o colchão... Retiro-me de dentro dela, dispo a camisinha e sigo para o banheiro, tomo um longo banho me troco e volto ao quarto.

A ruiva está sentada a cama me esperando, ela me olha, a mando tomar o seu banho e assim ela vai, minutos depois ela volta, troca-se e espera-me dispensá-la. Pego minha carteira e lhe dou duzentos reais, sei que não preciso fazer isso, pois os seus serviços já foram pagos, contudo ela merece cada centavo. A ruiva agradece pega sua sacola e vai embora.

Volto para Itaipava. Meu desejo sexual foi saciado, no entanto o vazio permanece dentro de mim, deveria ficar realizado, pleno, no entanto o que sinto é nojo de mim mesmo, paro o carro e desço às pressas, agacho-me e regurgito o que tenho no estômago, assim que me sinto melhor, volto para o carro, sigo direto para casa. Nesse momento penso na Malu... Meu amor por ela ainda está vivo dentro de mim. A saudade às vezes é cruel, ela me devora por dentro... Fecho meus olhos por alguns segundos e grito alto o nome da única mulher que ameí e amo com toda força do meu coração... MALU!

Chego à casa um pouco depois das 22 horas, as meninas já estão dormindo, nem entro em casa, chamo a Miriam, pago sua diária e a levo para casa. Na volta, lembro-me da pequena sereia, diminuo a velocidade do carro e tento ver se as luzes da sua casa estão acessas e estão... Paro o carro e fico

observando de longe, meu coração acelera, tenho vontade de ir até lá com a desculpa de saber se ela está melhor ou se precisa de algo, porém já está muito tarde e seria burrice da minha parte fazer isso, iria assustá-la, isso sim. Ligo o carro e sigo para casa.

Minhas filhas estão dormindo em minha cama, levo-as para o seu quarto, deito-as em suas camas, deposito um beijo carinhoso na testa de cada uma, elas são o meu melhor. Fico por um minuto observando-as, depois vou direto para o banho, e o que encontro pendurado no cabide do banheiro... A camisa que eu estava vestido pela manhã, pego-a, não deveria ter feito aquilo, mas fiz... Levei a camisa ao nariz e o cheiro de camomila está lá... Por causa disso, não consegui tirar a pequena sereia da minha cabeça, dormi pensando nela. Sonhei com ela e pelo tamanho da marca molhada em meu lençol o sonho foi muito bom, foi tão bom, que acordo de pau duro e não era tesão de mijo. Estou com sérios problemas.

Levanto às pressas, estou atrasado vou direto para o chuveiro, arrumo-me, levo o lençol para máquina de lavar. Acordo a Luiza e a Joana com correria, eu arrumo a Luiza e sirvo o café das duas, apresso minhas filhas, coloco as duas no carro e corro para a escola. Graças a Deus, chego a tempo, despeço-me de Luiza e volto com a Joana para casa, hoje trabalho no período da manhã em casa, farei isso até encontrar alguém para ficar com a Joana. Deixo-a brincando no Jardim e vou trabalhar...

Sento-me a mesa abro meu notebook e começo a ler os meus e-mails.

Minutos depois no jardim...

— Oi, oi, linda menina... — Uma menininha loira brincava em um balanço. — Oi, meu amor! — A menina desce do balanço e corre em minha direção.

— Você é uma “*plincesa*” encantada? Veio “*blincar*” com *eu*? — A linda menina tem os olhos mais lindos que já vi.

— Não, meu amor, eu vim falar com o seu pai, ele está? — Ela grita “*DAD*” bem alto, umas três vezes.

Um homem sai porta a fora transtornado.

— O que foi, meu amor, não vai dizer que você caiu novamente do balanço...?

Ele para de falar e fica me olhando, não consigo esconder minha surpresa.

“*Então Guilherme Gusmão é o meu anjo salvador...*”.

*** **

“*A pequena sereia do rio*”. – Murmuro assim que a vejo. Por Deus! Os meus olhos sorriram de alegria. Refiz-me da surpresa e vou até ela.

— Bom dia! – A linda moça continua a me olhar como se fosse um ser de outro planeta, fica pasmada. — Bom dia, pequena sereia! – Falo novamente e desta vez sorrindo.

— *Dad*, ela não é sereia, é fada... Ela não tem calda de peixe, mas pode ter asas “*tlanspalentes*”. – Joana me diz com admiração. A moça sorri, mas continua a me olhar sem nada dizer.

— Oi, posso ajudá-la? – Ela pisca os lindos olhos e os abaixa em direção a minha filha, depois me olha e fala com doçura.

— Desculpe-me... Acho melhor ir embora, foi um erro vir até aqui, não sabia que o senhor era o senhor Guilherme, perdão... – A pequena sereia vira-se e antes que dê mais um passo a seguro pelo antebraço.

— Ei! Calma! Eu não mordo. – Ela olha para minha mão que está em seu braço, depois me olha em meus olhos, eu a solto. — Vamos começar do início... – Ofereci-lhe um sorriso. — Prazer, Guilherme Gusmão! – Estendi minha mão para um cumprimento. Ela olha a mão estendida com certo receio, mas a segura.

— Prazer, Luci! Firmo o aperto na delicada mãozinha, escorrego o polegar suavemente no dorso. Ela puxa a mão rapidamente quando sente o meu toque.

— O nome combina com a dona... – Sorri. — Então em que posso ajudar, Luci?

— *Dad*, ela ficou vermelha... – Joana que observa a tudo, prestou atenção que as bochechas de Luci ruborizaram.

— Filha, vá brincar, deixe-me com a Luci, ok! – Agacho-me falando com Joana carinhosamente, ela me beija o rosto e corre para o balanço, assim que ela se afasta falo. — Pronto, agora podemos conversar, por favor, vamos entrar... – Eu a seguro pelo cotovelo e a levo para dentro de casa, Luci ainda tenta se desvencilhar, mas seguro o seu braço com firmeza. Entramos na casa, lhe indico a poltrona, ainda receosa, senta-se a beirada, junta as mãos entre as pernas, e começa a chupar o canto

do lábio inferior. Fala baixo, quase um murmuro.

— Bem, antes gostaria que soubesse que não sabia que o senhor é quem é... — Ela limpa a garganta. — Soube que o senhor está procurando uma pessoa para ajudar a sua filha com a língua nativa... Então vim me candidatar... Não sou professora, nem sou formada, no entanto domino muito bem o português, adoro a língua portuguesa e tenho um vasto conhecimento sobre ela... — É tão evidente o seu nervosismo que resolvo interromper sua explicação.

— Calma! Quem lhe indicou?

— Ninguém. Soube através da Stella, e, por favor, não fale nada com ela que vim aqui, não quero que ela e nem ninguém saibam que vim procurá-lo.

— Tudo bem, você trouxe os seus documentos?

— Documentos?

— Sim. Carteira de trabalho, RG, CPF...

— Só tenho RG... Nunca trabalhei em minha vida, quer dizer... Nunca precisei dos outros documentos.

— Está com seu RG? — Ela me entrega o documento, lhe peço licença, fui até a copiadora e tiro uma cópia, li o seu nome e para o meu espanto o nome da pequena sereia é... Maria Lúcia. Deus só pode está brincando comigo. Volto à sala e lhe devolvo o documento. — Pagarei a você um salário mínimo...

— Tudo isso! — Ela fala com espanto e me oferece um sorriso tímido.

— Não é muito, deveria lhe pagar mais, já que cuidará de uma das minhas filhas... — A moça me presenteia com um sorriso, fiquei com uma vontade louca de puxá-la para mim e beijar aquela boca linda. — Se você concordar, espero vê-la na segunda pela manhã as 8h00, tudo bem? — Ela assentiu. — Farei um contrato de serviço e segunda você assina. Tudo certo?

— Sim, senhor, e muito obrigada. Darei o meu melhor para sua filha dominar o nosso idioma... — Luci me parecia preocupada, pergunto se há algum problema. — Só quero lhe pedir uma coisa... Não diga a ninguém que estou trabalhando aqui, nem fale o meu nome, se isso for problema para o senhor, podemos desfazer o nosso acordo...

— Por mim tudo bem, Luci. — Terminamos nossa conversa, contudo ficamos presos em nossos

olhares por uma porção de minutos. Minha pequena sereia quebra o encanto, levantando-se e a passos curtos segue para a porta da frente, a acompanho até o jardim, chamo a Joana. — Filha, esta linda moça será a sua professora a partir de segunda feira.

Joana joga-se em seu corpo, abraçando-a com força, Luci devolve o carinho, seus olhos encontram os meus e ficamos presos nesse momento, dei um passo em frente, toco em sua mão, sinto o choque da carícia e os pelos do seu braço arrepiam-se... Hipnotizados continuamos nos olhando. *Cacete!* Quero provar aquela boca, quero sentir o cheiro de camomila dos seus cabelos, acho que Deus me escutou... Uma brisa sopra em minha direção e os cabelos da minha pequena sereia voam, balançando no ar, e o cheiro de camomila inebria os meus sentidos.

— Até segunda, senhor Guilherme. – Fui acordado por sua linda voz, ela se afasta, vira-se e vai embora sem olhar para traz.

Volto para dentro de casa... Sento-me a minha mesa de trabalho, no entanto não consigo me concentrar. *“Deus, o Senhor está de sacanagem comigo... Maria Lúcia é muita coincidência”* não consigo trabalhar, Luci não me sai da cabeça, o seu cheiro doce, o seu sorriso, a maneira como baixa os olhos quando me olha ou quando responde a uma pergunta, e a sua timidez... Deus do céu! Tudo que gosto em uma mulher ela tem... Luci lembra-me muito a Malu quando a conheci, ela era do mesmo jeitinho.

... Um pouco mais distante da casa do Guilherme

“Deus meu, por favor, não posso sentir isso, aquele homem está completamente fora do meu alcance. Deus! Não faça isso comigo... A Stella tem razão quando diz que o homem faz a gente molhar a calcinha só de olhar para ele”.

Sigo o meu caminho, desta vez prefiro ir pela estrada, não posso me distrair, daqui a pouco a depiladora chegará lá em casa, apresso-me. Corro para tomar um banho, faço algo para almoçar e as 13h00 a moça chega. Marcelo é muito exigente, ele me quer sem pelos e sempre macia. As 19h30 já estou completamente vestida, penteada e maquiada, hoje escolhi um vestido preto de tafetá de seda, sapatos roxos e meias 7/8 pretas. A mesa está posta de acordo como o gosto do Marcelo. Agora é só esperá-lo.

— Luci, Luci... – Marcelo me chama, fico em minha posição até ele me encontrar. — Nossa! Quanto mais os dias se passam, mais linda você consegue ficar. – Lá estou eu de pé, braços estendidos na frente do corpo e mãos entrelaçadas, Marcelo aproxima-se de mim. — O seu cheiro me inebria, minha doce Luci, olhe para mim. – Ele exige e eu o fito. — Beije-me. – O beijei.

Marcelo circula os braços por volta do meu corpo, roçando em mim, já sei que serei o prato principal, ele morde minha língua, em seguida puxa os meus cabelos com violência, desmanchando o coque que fiz, e sussurra ao meu ouvido, com voz lasciva.

— Linda! Meu doce, minha, só minha... Inclino-se sobre o encosto do sofá, fique nesta posição até eu voltar do banho...

O encosto do sofá é alto, meus pés quase não tocam ao chão, inclino-me sobre ele, deixando o meu corpo dobrado a frente do encosto. Em alguns minutos, Marcelo volta só com o roupão, ele fica por traz de mim e começa a deslizar sua mão em meu traseiro, sinto-o afastar minha calcinha para o lado e dois dedos invadem minha intimidade, logo é substituído por um pênis vibrador. — *Shh*, nenhum piu, meu docinho, quieta. – Marcelo suspende o meu vestido rasgando em seguida minha calcinha.

Sou presenteada com a força de uma palmatória em minhas coxas, arqueio o corpo com a dor e solto um pequeno gemido. — Quieta, minha linda Luci, minha preciosidade, nada de gemidos... – Ele usa a palmatória com mais força desta vez, em seguida sou preenchida por seu polegar em meu outro buraco, ele brinca com o dedo em mim.. Ainda estou muito dolorida naquele lugar, na noite anterior ele me preencheu com o seu membro e um pênis de borracha.

Arfei. Sem esperar sinto o seu membro invadir o meu buraco dolorido, mordo o meu lábio com força para não gemer, pois temo ser penalizada com a palmatória, sinto o gosto de sangue em minha boca. Ele soca o seu membro com força e ao mesmo tempo ele bombeia o vibrador em minha fenda. Marcelo me puxa os cabelos fazendo com que meu tronco fique longe do encosto do sofá, apoio minhas mãos no assento do sofá, minha coluna começa a ficar dolorida, as estocadas são duras e bem profundas, aquilo era torturante, rezo para que ele termine logo...

Então eu sinto o tremor dos seus músculos. Ele se retira de dentro de mim, me puxando pelos cabelos, obrigando-me a ficar de joelhos diante dele, eu fico, e assim que me ajoelho recebo um jato quente de esperma no rosto, quando ele termina o seu prazer bate com o seu pau em meu rosto, — Luci, amo você, te amo tanto, que chega doer o meu peito, adoro bater em você com o meu pau, você nem imagina o quanto me faz feliz. — Ele inclina o rosto até mim e me beija a boca. Marcelo me ajuda a levantar, desce o meu vestido e me manda tomar um banho, avisando-me para não demorar, pois ele está faminto.

Cheguei ao banheiro e olho-me ao espelho, meus cabelos estão desarrumados e sujos de esperma o meu rosto também, minhas bochechas estão vermelhas devido à surra de cacete que acabei de tomar, sinto vontade de chorar, estou tão dolorida lá embaixo, retiro o vibrador, e minha roupa, entro debaixo da água quente, não posso chorar, pois o Marcelo vai perceber e com certeza não irá gostar. Ouço-o me chamar, saio às pressas do chuveiro me embrulho na toalha e corro para o quarto, troco-me, agora visto uma camisola de seda longa preta. Ele me chama novamente, preciso correr, pois se me chamar novamente serei castigada.

Chego à mesa e logo sirvo o seu jantar, sento-me e comemos em silêncio. Na terceira garfada ele me pergunta como o foi o meu dia, eu lhe digo que foi igual aos outros, sem novidades, ele começa a me contar sobre o dele.

— O senhor Guilherme não foi trabalhar hoje, dei graças a Deus. Quando ele está no escritório não me deixa em paz, ele é muito detalhista, quer tudo na maior perfeição... Você acredita que precisei refazer três projetos! *Caralho!* Ele cismou que faltava uma viga... O homem é um pé no saco. — Ele para de falar e me olha nos olhos. — É impressão minha ou você está triste, o que há? Está faltando alguma coisa para você nesta casa?

Fico assustada, minhas coxas e bunda estão muito doloridas para serem açoitadas, limpo a garganta e sussurro. — Não, meu querido, está tudo perfeito. — Ele levanta-se e vem até mim, fico aflita de medo. Marcelo agacha-se, segura minha mão e leva até os lábios, em seguida segura em meu queixo exigindo o meu olhar.

— Não, meu doce, lhe conheço o suficiente para saber que está triste... Fiz algo errado? Vamos, me conte, não quero segredos entre nós dois. – Ele me alisa o rosto com o dorso da mão. Encho o peito de ar solto lentamente e lhe digo que só me sinto muito sozinha. Marcelo levanta-se, sou segurada pelos cotovelos e erguida, ele beija a ponta do meu nariz, em seguida minha testa, seus olhos varrem meu rosto com carinho, depois de alguns segundos diz. — Amanhã vou levá-la para o show de Victor e Léo, afinal não é todo dia que Itaipava recebe convidados tão ilustres... Feliz agora? – Pulei em seu pescoço, enchendo-lhe de beijos, ele sorri com a minha alegria contagiante, circula os braços em minha cintura e me beija a boca.

Fui levada para a cama em seus braços, e por milagre de Deus durmo abraçada a ele sem ao menos ser bolinada. Durmo tranquilamente e acordo feliz.

*** **

O sábado chega e com ele a promessa que eu fiz a Stella de ir buscá-la em sua casa para o show de logo mais de Victor & Leo, confesso não estou muito a fim de fazer isso. O que gostaria mesmo é de ficar em casa curtindo minhas filhas e lendo um bom livro, porém a promessa foi feita e não tenho mais como voltar atrás, também dona Stella só faltou me obrigar a assinar um documento de compromisso... É, Guilherme Gusmão, quanto mais você foge de problemas, mais eles aparecem para você.

Escuto a voz de Luiza e tenho certeza que ela está brigando com a Joana, corro para o quarto das duas.

— Epa! Epa...! Qual é problema aqui? – Olho para a Luiza já com uma ruga na testa. — E aí, dona Luiza, vai ou não vai me explicar o porquê dos gritos? – Ela cruza os braços, olhando com cara de zanga para a irmã e quando já ia falar a Joana toma a frente.

— Essa chata, *dad*, quer vestir a minha blusa com o desenho de melancia... Ela vestiu na segunda, hoje é minha vez... Só porque ela é a mais velha, quer me dar ordens, isso não é justo, não me conformo... Sua chata! – Joana grita a última frase lhe mostrando a língua.

Luiza parte para cima da irmã e as duas começam a se estapearem, fico no meio tentando apaziguar as duas ferinhas.

— VAMOS PARAR! – Grito, minha paciência foi para o espaço. — Sentem-se as duas... – Elas ficam uma olhando a outra só esperando eu bobear... — AGORA! – Ordeno com autoridade. Elas se sentam, uma em cada cama. — Cadê a bendita blusa? – Pergunto olhando para cada uma. Luiza aponta para o chão, me viro e pego o pequeno tecido, o seguro nas mãos. — Às vezes, acho que vocês não têm seis anos, parecem duas adolescentes, se nesta idade já estão assim, Deus me proteja quando forem moças. – Respiro fundo, preciso tomar uma atitude drástica. — Luiza e Joana, não são a primeira vez que vocês duas brigam por bobagens e principalmente por causa desta bendita blusa. — Mostro a blusa para elas, viro-me e vou até ao meu quarto, volto dois minutos depois. — Pois bem, já tinha conversado com as duas sobre isso, não gosto que briguem, já que não conseguem se entenderem civilizadamente, eu mesmo resolvo o problema...

Pego a blusa e a tesoura que fui buscar em meu quarto. Quando a Joana vê e entende a minha intenção, grita.

— Não, papai, minha blusa favorita não... Por favor, não faz isso. —Ela junta as mãozinhas em súplica.

Corto a blusa ao meio e dou um pedaço para cada.

— Pronto, resolvido o problema, cada uma fica com um pedaço da blusa favorita.

Agacho-me diante das duas e falo seriamente, sei que estou sendo duro com minhas filhas, porém elas precisam aprender a dividir, nem sempre a vida é justa.

— Meus anjos, vocês duas são irmãs e não podem e nem devem brigar por qualquer coisa, qual é o lema do papai... — Espero elas me responderem.

— Dividir sempre. — Elas respondem.

— Pois então, agora foi dividido, já que não houve acordo entre as duas. —Olho para Luiza e pergunto. — Quando foi que você usou a blusa Luiza?

— Foi na segunda feira, papai. — Ela responde.

— Então, filha, hoje seria a vez da Joana e na outra semana você usaria novamente, agora é tarde, se quiserem usar a blusa, use cada uma um pedaço dela. — Olho para Joana e ela chora, aquilo me corta o coração, mas não posso demonstrar fraqueza. — Espero que tenham aprendido a lição, por que daqui por diante, se vocês brigarem novamente, por qualquer coisa, eu faço o mesmo, entenderam? — Elas assentem com a cabeça.

— Agora pode ficar com ela sua chata, a culpa é sua... — Joana joga o pedaço da blusa no rosto de Luiza e sai correndo do quarto.

Eu a chamo com autoridade, mas não adianta ela nem me dar ouvidos, Luiza começa a chorar e agarra-se a mim.

— Eu magoei a minha irmãzinha, papai... Posso pedir um favor, papai? — Ela afasta-se um pouco e me olha com os olhinhos marejados de lágrimas.

— Pode sim, meu amor. — Levanto-me e a coloco em meus braços.

— Compre outra blusa para minha irmã e o senhor não precisa me dá presente de aniversário, o senhor faz isso, papai?

Beijei minha filha com força e lhe respondo. — Farei isso sim, meu amor, papai compra duas

blusas, uma para cada. — Luiza circula os braços em meu pescoço e começa a beijar o meu rosto repetidamente.

Desço Luiza dos meus braços e ela corre em direção a Joana. Vou atrás, fico preocupado, não quero brigas entre elas. Assim que Luiza chega perto da Joana, ela diz algo para irmã, não consigo entender o que era, mas a Joana logo abraça a irmã e as duas correm para brincar. Respiro aliviado, olho para o alto e agradeço a Deus, elas se entenderam e com certeza já se esqueceram da discussão...

O dia passa depressa — mais depressa do que devia — me comprometi de buscar Stella às vinte horas. Já ficou acertado com dona Mirian de deixar Joana e Luiza em sua casa, ela aceitou prontamente, as dezenove e cinquenta deixo as meninas com ela. Vou direto ao endereço da Stella, ela mora no centro do povoado, foi fácil encontrar sua casa. Estaciono o meu carro de frente para o portão de ferro, buzino e desço do veículo, logo Stella surge... *Caralho!* Ela está gostosa demais! *Putá que pariu!* Meu pau quase salta das calças, se ele tivesse asas voaria para debaixo da sua saia e faria um ninho.

Stella está muito bonita, veste um vestido bem soltinho e curtíssimo, suas coxas grossas ficam a mostra e quando ela se vira para trancar a porta, noto o seu avantajado traseiro, *cacete!* Agora o meu pau não me dará sossego. Stella tranca a porta e vem em minha direção toda sorriso, passa pelo o portão e ao chegar perto do meu corpo me rouba um beijo, fui pego de surpresa, a seguro pelos ombros e a afasto com educação.

— Stella! — Digo-lhe com espanto. — O que pensa que está fazendo?

— Desculpe-me! Mas não poderia perder esta oportunidade de lhe roubar um beijo. — Ela sorri descaradamente. Definitivamente o nome desta mulher é problema!

A seguro pelo cotovelo e a levo até o carro. Ficamos em silêncio durante o pequeno percurso. O palco foi montado onde fica o campo de futebol, é um lugar enorme com muitas árvores em volta e alguns declives. Ficamos na parte mais alta, de onde estávamos dava para assistir ao show tranquilamente. Fico de pé e ela senta em um tronco de árvore. Assim que nos acomodamos começa a aglomeração de pessoas em nossa volta. Stella começa as apresentações, *nossa!* Já estava com a mão cansada de tantos cumprimentos. Graças a Deus que o show começou, uma banda da região abriu o espetáculo. Stella não para de me olhar, fico sem jeito com os arroubos da moça, ela me toca o braço e o acaricia e não para de cruzar e descruzar as pernas. Aquilo já está me deixando louco.

— Então, Guilherme, a alguma senhora ou futura senhora Gusmão perdida em algum lugar do

mundo?

Engasguei com a pergunta, olho para ela e sorrio.

— Não, não existe senhora Gusmão... Sou viúvo e solteiro, sem vínculo e sem pretendentes, e pretendo ficar assim por muito tempo, não quero envolvimento, nem ligação com mulher alguma. — Fui direto, pelos menos espero que ela tenha entendido o recado.

— Você é boiola, Guilherme? Não acredito que um homem do seu porte goste da mesma fruta que eu? — Ela me arregala os olhos com espanto fixando-os em meu rosto.

Soltei uma gargalhada. De onde ela me tirou essa?

— Adoro mulher, Stella, gosto tanto que fui casado duas vezes... Só que agora as quero bem longe de mim...

— Sim..., mas o que você faz quando sente vontade de foder? Apela para os cinco contra um... Bate uma punheta?

Agora fui eu quem ficou com os olhos saltados na surpresa, Stella tem a boca suja. Respondo na hora.

— Pago uma profissional do sexo.

— *Putz, puta* virou profissão. Quer dizer que você vai ao brega quando quer trepar? *Caralho*, Guilherme, você confia nas putas do brega?

Não aguentei e gargalhei com gosto.

— Bem, os clubes que frequento, as profissionais são metodicamente avaliadas por médicos de seis em seis meses e uso preservativo. São mulheres treinadas para servirem ao seu prazer, não há envolvimento, nem compromisso, elas me dão o que quero e dou a elas o que querem, quando tudo termina cada um vai para o seu destino e nunca mais nos vemos.

— *Caralho!* É um *puteiro* chique! Posso saber quanto você paga pelos os serviços das tais profissionais?

— Depende do meu desejo, mas fica entre R\$ 500,00 e R\$ 800,00 por duas horas de prazer.

— O QUÊ! — Ela grita. — Isso quer dizer, se a tal profissional foder três vezes em um dia, no mínimo, ela ganha R\$ 1.500,00 reais... Eita profissão valorizada e não precisa de diploma!

— Stella, não é tão fácil assim, você nem imagina o que elas passam para poder ganhar isso, não é fácil... — Aquele papo está me incomodando. Viro para o palco e começo a prestar atenção ao show.

Então de repente ela grita o nome de alguém que eu conheço.

— Luci! — Olho para onde ela direciona o olhar, então a vejo... Meu coração pula de alegria. Stella levanta-se e me agarra o braço, inclina-se um pouco falando baixo próximo ao meu ouvido. — Ela é uma conhecida, eu a chamo de prisioneira... O marido dela não a deixa sair para lugar nenhum, o homem é tão ciumento que quando ela sai a obriga a se vestir daquele jeito. — Stella aponta com o queixo em direção a Luci. — Parecendo uma velha, tenho a impressão que ele bate nela, já vi algumas marcas roxas em suas coxas e pulsos. — Ela me olha com espanto. — Luci!

Ela chama minha pequena sereia novamente. Luci não está sozinha e quando se aproxima mais um pouco eu reconheço o seu acompanhante... Marcelo Sanches um dos meus engenheiros. Luci quando me vê perde a cor, baixa os olhos imediatamente.

— Boa noite! — Diz Marcelo e eu respondo ao cumprimento. — Senhor Guilherme! Pelo visto o senhor já se adaptou aos costumes da cidade e já está íntimo dos seus moradores. — Ele fala isso olhando para a Stella. — Está gostando? — Eu lhe digo que sim. — Oh, me desculpe... Está é minha... Minha mulher, Luci.

— Prazer, Luci. — Cumprimento-a como se não a conhecesse, ela baixa os olhos e esse gesto me deixa louco, Luci só responde quando o Marcelo autoriza.

— Está gostando, amiga? — Stella pergunta. Luci sorri polidamente, afirmando que sim com a cabeça. — Ai caramba, é dona Rosa a fofoqueira da cidade, preciso ir lá falar com ela, vou aproveitar e comprar algo para beber. Licença, gente, volto logo.

Stella sai em disparada, nem me dá a oportunidade de me oferecer para ir comprar... Nesse momento Victor e Leo entram no palco... Marcelo olha para Luci e pergunta se ela quer algo, ela olha para ele toda feliz e pergunta se ele está falando sério, Marcelo diz que sim, ela escolhe pipoca, cachorro quente e refrigerante. Ele não parece satisfeito, diz que ela só comerá um pouco de cada, ele a deixa de pé e vai comprar o que ela pediu.

Luci estica o pescoço para ver o palco e se desequilibra se não fosse rápido, ela teria caído de cara por cima do tronco da árvore. Seguro-a pela cintura e os nossos rostos ficam tão próximos que sinto o calor da sua respiração. Nesse momento Victor & Leo começa a cantar “Caminhos

Diferentes”. *Caralho!* Quase a beijo, não consigo desviar os olhos dos dela, ela fica paralisada, suas pequenas mãos sobre o meu peito me mantêm afastado e me impedem de cometer uma loucura. Aquele cheiro de camomila é enlouquecedor, meu coração faz festa, preciso sentir o sabor dessa boca, ou vou enlouquecer.

— Senhor Guilherme, senhor Guilherme. — Ela fala suavemente. Desperto do meu sonho.

Ainda com ela em meus braços, eu respondo. — Sim.

— O senhor pode me soltar, por favor.

Nossos narizes se tocam, arrepiou minha pele, mas que porra está acontecendo comigo, que merda é essa que estou sentindo... Não quero quebrar a nossa ligação, mas fui obrigado, a solto e me afasto, ficando a alguns centímetros de distância dela. Ela puxa o ar para os pulmões e o mantém lá por alguns segundos, depois o solta lentamente.

— Obrigada, senhor Guilherme, por não falar nada sobre me conhecer ao Marcelo.

Ela murmura, sinto o seu medo, conheço quando uma mulher está apavorada, sinto o cheiro do medo... Luci está apavorada, mas por quê? Marcelo e Stella retornam, ficamos os quatro assistindo ao show, assim que terminou Marcelo e Luci despedem-se e vão embora... Stella e eu fomos para o meu carro, e pelo o seu sorriso ela estava com alguma ideia em mente, eu no lugar dela ficaria bem longe das minhas mãos...

*** **

Sabia que a Stella queria muito mais que uma simples companhia para o show. Assim que chegamos à sua casa, ela me pede para entrar com o carro pelo portão e estacionar no jardim, logo digo que não posso, explico que as meninas ficaram com a Miriam e não quero abusar da sua bondade. Stella oferta-me um sorriso indulgente e diz com um jeito safado que só quer conversar um pouco mais. Não devia ter aceitado aquele sorriso, esse gesto vai custar-me muito caro.

Entro com o carro pelo o portão, estacionando bem de frente para casa. Stella vira-se para mim... Ela foi rápida, pula em meu pescoço roubando minha boca, o beijo foi para lá de ousado. Fico completamente aturdido, paro as mãos no alto e deixo-a fazer o trabalho. Com sofreguidão, sinto os seus lábios se esfregarem sobre os meus, sua língua força minha boca entreabrir, e logo sinto o calor da sua carne varrer a minha boca, sua mão começa a me apalpar.

Sua ousadia é tamanha que me assusto... Mãos passeiam por meu peito, fazendo um caminho abaixo até a frente de minha calça, seus dedos apertam o meu membro... *Porra!* Não sou de ferro, sibilei entre os dentes. — *Caralho!* Stella, pare... — Tento soltar-me da sua boca, tento afastar suas mãos do meu corpo, porém a mulher parece que está no cio, não solta o osso de jeito nenhum. Sobe em meu colo, espalhando suas pernas em cada lado do meu corpo. — *Caralho!* Stella, você vai me estuprar? — Pergunto depressa, ela não responde, pois rouba minha boca novamente.

Sinto o calor do seu sexo e a frente da minha calça fica úmida com a sua umidade, o seu cheiro vem até minhas narinas... Bem, eu disse, não sou de ferro. Seguro os seus cabelos e os puxo com força, o gesto faz sua cabeça inclinar-se para trás, ela solta um grito de susto, minha outra mão passa por baixo da sua saia encontrando sua bunda nua... Isso mesmo! A sem vergonha está sem calcinha. Rouco de tesão a obrigo olhar em meus olhos e lhe digo com uma voz dura e fria.

— Você quer brincar de ser dominada, moça? Não queira brincar com quem você não conhece, tem certeza que quer ser possuída por mim? — Ela sorri, lambe os lábios e responde quase sem fôlego.

— Sim, garanhão, possua-me com força, me domine se conseguir, eu quero esse pau todo dentro de mim... Anda, *porra*, me come!

Stella começa a roçar-se em mim. Puxo-lhe os cabelos com mais força, meu controle está indo embora, precisava dá um fora dali antes que não conseguisse mais me conter. — Vamos parar, Stella,

vá por mim, isso não vai dar certo, não sou o que você procura. — Consigo contê-la pelos cabelos, com a outra mão seguro seus dois punhos e assim ela fica imóvel.

— *Porra*, Guilherme! Me solta, merda! — Ela debate-se em meu colo. — *Cacete*, homem, eu só quero que me coma, nem precisa pagar por isso, é de graça e sem compromisso... — Ela tenta me beijar não deixo, puxo seus cabelos com mais força, ela geme olhando-me furiosa. — Sabe há quanto tempo não sei o que é uma boa foda...? — Ela engole a saliva e continua. — Desde que o maldito do meu noivo fugiu com mulher do meu vizinho, dez meses, malditos dez meses... Minha pobre xana só tem os meus vibradores... *Merda*, homem, só quero sexo, faz essa caridade.

Ela começa a roçar a bendita fenda em minha virilha. *Merda!* Meu pouco juízo está indo embora... — Não, Stella, não vou foder você... Aceite meu conselho afaste-se de mim, sou perigoso e muito... — Eu a suspendo do meu colo e a coloco no banco do carona.

— Perigoso! — Ela repete. — Como perigoso, por acaso você é um maníaco depravado?

— Quase isso. — Argumento

— Você é um daqueles homens que gosta de amarrar, amordaçar, vendar, espancar e etc... É isso? Responde *porra*... Se for isso, eu vou adorar experimentar tudo isso, sempre tive curiosidade desde que li 50 tons de cinzas, mas meu ex achava coisa de doente, vem meu, Christian Grey, me domina.

Stella se joga em meu colo novamente e o calor do seu sexo me queima o juízo. — Não brinque com coisa séria, Stella, 50 tons de cinzas é romance, a vida real é outra história.

— Quero ser dominada, lhe desafio a me dominar agora, garanhão.

Stella tira o vestido ficando completamente nua aos meus olhos... *Merda!* Meu membro vibrou, os seus dois botões são rosados e pontudos e seu monte é completamente liso. Stella recosta as costas ao volante, segura os seus dois seios, apertando os mamilos com os dedos e os oferece a mim. Aquilo me deixou louco e babando.

— *Porra*, moça, você não sabe com quem está brincando, vista a roupa, desça do carro e entre, pois se começar, só paro quando ficar completamente satisfeito.

Falo seriamente, realmente Stella não tem noção do perigo que corre.

— Me co-ma! — Ela fala pausadamente.

Não penso duas vezes, seguro Stella pela garganta e a aperto, só o suficiente para ela sentir-se

tonta, minha boca vai direto a seus mamilos, os mordo com força, quando ela já ia gritar, aperto sua garganta com mais força, ela sufocou, afrouxo o aperto, ela ofega, mordo o outro mamilo com mais força, ela tenta gritar, tenta me empurrar com as mãos, debate-se... — Eu a avisei, agora é tarde. — Disse-lhe.

Pego o seu vestido passo por seu pescoço e amarro ao volante, aperto o nó, ela respira com dificuldade... — *Shh!* Se você ficar quieta vai conseguir levar um pouco de ar aos pulmões, se tentar gritar sua voz não vai sair e vai se sufocar, fique quieta e deixe o resto comigo. — Tiro o meu cinto e prendo os seus braços atrás do seu corpo com o mesmo. Abro o zíper da minha calça e a desço até minhas coxas, liberto o meu membro, ele está duro como uma rocha e dolorido de tesão, estico o braço até o porta luvas do carro e pego um preservativo, visto-o em meu membro.

Stella está imóvel e ofegante, sinto o cheiro do seu medo, meus dedos encontram sua fenda ela está encharcada, começo a bombeá-los duramente em seu interior, ela nada pode fazer a não ser sentir o prazer ou a dor... Minha boca volta aos seus seios e começo a mordiscá-los, chupo-os, meus dentes friccionam com dureza os mamilos, eles de rosa tornam-se roxos, suspendo Stella por seu traseiro e minha boca e dentes fazem um passeio em seu abdômen deixando um rastro molhado.

Com um braço circulo sua cintura e minha outra mão segura minha rigidez e miro em sua abertura, a sento com força, o corpo de Stella contrai com a força que fiz, começo a subir e descer o seu corpo com força em meu membro, sinto o seu tremor, ela está próxima do clímax, então espalho as duas bandas do seu traseiro, acho que percebe o que pretendo fazer, se desespera, começa a debater-se, a seguro pelo abdômen, detendo os seus movimentos, continuo movendo o seu corpo para cima e para baixo, retiro o membro da sua fenda e miro no outro pequeno buraco.

Enfio o meu membro de uma só vez, sinto as suas paredes íntimas pressionarem o meu comprimento, seu pequeno buraco suga minha rigidez ordenhando-o, acabei de tirar a virgindade do seu lugar mais íntimo, ele é tão apertada que o coitado do meu membro está ardendo, ela se encolhe a cada estocada minha, meu prazer é vertiginoso, não duro muito e meu ápice é intenso, desamarro o nó do vestido libertando assim o pescoço de Stella, logo depois solto seus braços. Prendo-me em seu corpo com força soltando um grunhindo longo.

Stella está lânguida, sem forças e sem ar, seu pescoço está vermelho, beijo o local como se aquele gesto fosse aliviar a vermelhidão, prendo-a com mais força a mim, aliso os seus cabelos com carinho, beijo sua testa, aos poucos a sua respiração vai voltando ao normal, retiro-me de dentro dela, visto o seu vestido, ela parece uma boneca sem vida está completamente sem ação. Afasto-me um pouco e observo o seu rosto lindo.

— Stella, você está bem? — Ela só assentiu com a cabeça. — Eu lhe avisei, lhe disse que sou perigoso, poxa, machuquei você... Machuquei? — Ela circula os braços em volta do meu pescoço e começa a chorar. Acaricio suas costas, beijando seu ombro, seguro o seu rosto com as duas mãos e lhe presenteio um longo beijo em seus lábios, ficamos nos beijando por alguns minutos, encosto minha testa a dela e lhe digo carinhosamente. — Sinto muito, sei que você era virgem lá atrás, agora você conheceu o prazer do sexo anal da pior forma possível, sinto muito mesmo, Stella, só sei fazer sexo assim, pedi para você ir embora. — Ela beija-me a boca novamente.

— O susto já passou, não se preocupe estou bem, quer dizer... Está dolorido lá atrás... Doendo muito, chega a arder, mas vou sobreviver, eu quis, Guilherme, quis experimentar... — Ela segura-me o queixo. — Guilherme, agora falo sério, quando você quiser fazer sexo não precisa ir tão longe e nem pagar para ter prazer é só me procurar... — Stella fala com todo o entusiasmo. — Quero conhecer esse seu lado duro do prazer, sempre fiquei muito excitada quando lia os livros sobre esse mundo proibido e quero muito viver isso...

Interrompo a sua fala rapidamente.

— Stella, pare... O meu gosto sexual não tem nada a ver com o que você lê nos livros de romance sobre dominação e sdomasiquismo, é totalmente diferente... É melhor encerramos por aqui, vi o quanto você ficou assustada, o que tivemos aqui não chega a um pedaço da sua unha do dedinho do pé, só fodi você duramente, não se iluda... — Ela me cala com os dedos.

— Eu quero, se precisar assino um documento, quero muito... Juro que vou obedecer e farei tudo direitinho, não me negue isso. — Ela percebe que minha preocupação é outra. — Sem compromisso, ok?

— Não! Acabou aqui, não vou fodê-la mais. Assunto encerrado. — Ela tenta me beijar a afasto com as mãos. — Acabou, Stella, não quero envolvimento sexual com a professora das minhas filhas. — Ela tenta novamente me beijar, mantenho minhas mãos em seus ombros e a afasto. — É sério... Agora entre... — Ela desce do meu colo, então me lembro de que ela está dolorida, a seguro pelo braço, estico o meu braço até o porta-luvas do carro pego um pequeno pote de arnica e lhe entrego. — Passe onde você está dolorida, vai aliviar o ardor e a dor, passe também em seu pescoço vai evitar que fique roxo o local. — Ela aceita, desce do carro e antes de entrar em casa ela vira-se e fala.

— Ficarei à sua disposição quando quiser, foi assustador, porém gostei disso.

Ela entra fechando a porta atrás de si. *Cacete*, fiz merda e das grandes! Ligo o carro e ando alguns metros com ele... Como pude ser tão fraco, como pude perder o meu controle, isso não

deveria ter acontecido. Stella é encrenca e das grandes e mesmo assim caí de boca, sou um puto, sinto o meu estomago revirar, fico enojado de mim mesmo, sou um sacana escroto... Sem entender vejo o lindo rosto da Luci em minha frente e um pensamento surge em minha mente “*Não a mereço Luci, não mesmo*”. Porra! Digo batendo com força a mão ao volante. Sigo direto para a casa da senhora Miriam, minhas filhas me esperam.

Segunda-feira é dia universal da preguiça. Acordo cedo e corro para levar a Luiza para escola, como a Joana não pode ficar sozinha em casa, ela teve que ir comigo, Luci não veio e acho que ela não virá. No caminho de volta, digo a Joana, que tudo indica vou precisar deixá-la na casa de dona Mirian. Assim que o meu carro aponta na subida da pequena ladeira da entrada da casa, eu avisto alguém sentado em uma das mesas do jardim... É ela, penso. É a Luci, assim que ela avista o carro levanta-se. *Cacete!* Meu coração dispara de alegria, Joana começa a chamar por seu nome. Ela desce do carro a toda pressa e corre ao encontro da sua professora.

— Luci, Luci... O *dad* achava que não vinha mais. — Joana joga-se nos braços da Luci, então a cena que presenciei esquentou o meu coração, Luci inclina a cabeça e beija a testa da minha filha ternamente e fala suavemente com ela.

— E você acha que deixaria de conviver com uma fada tão linda. — Joana a abraça com força. Aproximo-me das duas, estou trêmulo, minha vontade é correr em sua direção e a puxar para os meus braços e beijá-la com força.

— Bom dia, Luci! Pensei que tinha desistido do ofício de professora?

— Bem aqui estou, por onde começo?

Fico com vontade de lhe dizer, “*comece me beijando, minha pequena sereia*”.

*** **

“Deus do céu! Esse homem consegue mexer com o meu coração só com o riso. Vai ser difícil trabalhar aqui, ainda bem que daqui a pouco ele vai para o trabalho”. Penso. Fico parada feito um poste, aprisionada naquele sorriso lindo, minha vontade é jogar-me em seus braços e entregar minha boca para ser beijada. *“Foco Luci, esse homem está fora dos seus limites, você é fruta podre, acorde!”* Guilherme me chama a atenção.

— Luci! Vamos entrar, precisamos esclarecer alguns detalhes.

Saí da minha letargia, Guilherme me tira do chão, mas o que será que está acontecendo comigo, *“Deus meu, me ajude a entender o que se passa comigo...”*.

— Hã! Oh! Desculpe-me, senhor Guilherme, sim, sim, podemos entrar.

Antes de entrarmos, ele vira-se para Joana e lhe fala com carinho, percebo que apesar de criar suas filhas sem ajuda de ninguém, ele está fazendo um excelente trabalho.

— Filha, vá brincar um pouco, assim que terminar com a Luci, eu lhe chamo, ok?

— Ok, *dad!* – A menina olha-me sorrindo. — Depois vou levar você *“pla”* conhecer minha casa de bonecas, certo, Luci?

— Eu vou adorar conhecer sua casa, Joana. – Respondo-lhe, devolvendo o sorriso.

Joana corre para parte de trás da casa, Guilherme me indica o caminho, ele espera-me passar a sua frente e segue-me, não parou na sala, seguiu direto para a cozinha, fico sem saber o que fazer. Guilherme olha para trás chamando-me, eu vou... Espanto-me com o seu cavalheirismo, ele puxa a cadeira, oferecendo-a para que me sente, sento-me. Estou nervosa, o homem está lindo e incrivelmente cheiroso, os músculos de suas coxas ficam em evidência na calça jeans azul escura e o seu peitoral torna-se gigante na camisa de mangas compridas amarela bem clara, o que faz ressaltar a cor da sua pele. Respiro fundo, tão fundo que chamo sua atenção.

— Algum problema? Sente-se bem? – Ele interrompe o que está fazendo, olhando-me com preocupação. Guilherme está mexendo em uma lata vermelha.

— Só estou nervosa... – Respondo, esticando o pescoço para ver o que está fazendo, noto que ele está preparando café, eu lhe pergunto. — Quer ajuda?

Indicando experiência no que faz, ele coloca o pó de café no coador de pano, lembrei-me de

minha mãe. — Você não tem cafeteira?

— Sim tenho, mas prefiro no coador, você pode pegar a chaleira para mim, Luci?

Levantei-me com pressa. Quase correndo, pego a chaleira que já apitava e no caminho, que não era longo, tropeço no tapete. Com rapidez, ele solta o que está nas mãos, dando dois passos em minha direção, com um braço segura em minha mão. Onde a chaleira com água quente está e com o outro braço me cerca pela cintura. Seu corpo encosta-se a pia e o meu cola-se ao dele, fico praticamente debruçada sobre ele.

Deus do céu, ficamos tão próximos que consigo sentir sua respiração em meu rosto, nem pisco os olhos, fico paralisada fixada na figura linda daquele homem. Guilherme me avalia com os olhos, sua boca se entreabre e o vejo mover a ponta da língua, *Cristo!* Ajude-me... Beije-me, beije-me. Fico pedindo em pensamento, *putz!* O que está acontecendo comigo? Guilherme aperta o braço em minha cintura, isso me desperta sensações.

— Você está bem? — Ele pergunta em um sussurro, pisco os olhos assentindo, mordo e chupo o canto do meu lábio inferior. — *Caralho!* Faz isso não pequena sereia, agora fodeu.

Guilherme foi rápido, só sinto sua boca na minha, sua língua procurando a minha, meus joelhos cedem, se não fossem os braços fortes do Guilherme, teria despencado ao chão. Ele morde os meus lábios com delicadeza e ao mesmo tempo passa suavemente a ponta da língua sobre eles, sinto minha carne macia ser sugada para dentro da sua boca quente, nossas línguas dançam sensualmente. Suas mãos começam a desenhar as minhas curvas da cintura e costas, até chegarem a minha nuca onde os seus dedos entrelaçam em meus cabelos.

Ofego. *Deus do céu!* Nunca em minha vida fui beijada desse jeito. Guilherme puxa os meus cabelos com suavidade, escuto o seu gemido abafado, ele devora minha boca, meu queixo, depois volta para minha boca, sussurra coisas que não entendo, um dos seus braços me aperta forte suspendendo-me do chão, quase sou partida ao meio, não ligo eu quero este homem, esta boca. Sua língua escorrega por meu pescoço, ele geme em cada lambida, seus dedos apertam a carne da minha cintura e nuca. Minha timidez foi para o espaço, circulo meus braços por seu pescoço e empunho força com minhas mãos aprofundando o nosso beijo, meus dedos lhe acariciam a nuca.

— Gui.... Guilherme, *hum!* — Sussurro em sua boca.

Ele me suspende nos braços sentando-me na pia, espalha minhas pernas ficando entre elas, e prossegue com a tortura alucinante de beijos, suas mãos beliscam minhas carnes, deixando meus

pelos arrepiados, minha calcinha encharca e os meus mamilos doem, pois precisam urgentemente de atenção.

— *Hum! Hum!* Gui... Guilherme, eu, eu, *oh Jesus!* – Não consigo completar a frase, esse homem está me tirando à razão, cerco sua cintura com minhas pernas, escorregando o meu quadril um pouco para frente.

Guilherme me empurra a bunda para bem mais próximo a ele, — *Oh Deus!* – Sussurro. Minha vagina ficou bem colada ao seu corpo, ele me aperta a bunda com as duas mãos. Começo a me roçar em seu abdômen, bate o desespero, minhas mãos se embrenham em seus cabelos e as mãos dele brincam com minha bunda. *Cristo!* É a foda psíquica mais louca da minha vida! Já me via deitada na cama com Guilherme todo dentro de mim...

Ele chupa minha língua, me morde, me aperta, não aguentei... Gozo! Prendo minhas pernas com força em sua cintura fazendo minha vagina ficar bem colada em seu corpo roçando-a com força, aperto sua nuca e gemo longamente em sua boca. *Deus do céu!* Que loucura, eu gozei com um beijo, *só com um beijo.*

Estou tão ofegante, minhas pernas estão doloridas pela força que fiz. Guilherme também respira com dificuldade, mas não paramos de nos beijar, ele continua a me acariciar os cabelos e minhas costas. Minutos depois, sua boca afasta-se da minha lentamente... E em seguida sou presenteada com um beijo na ponta do meu nariz, sua testa encosta-se a minha. Não tive coragem de abrir os meus olhos, estou rubra de vergonha, como vou encará-lo agora, mal acabei de começar a trabalhar em sua casa e já estou em seus braços... E agora o que faço?

Guilherme afasta-se um pouco de mim, sei que ele está me observando. Minhas bochechas queimam.

— Olhe para mim, Luci?

Aperto meus olhos com força, minha vontade era sair correndo, porém nem isso posso fazer, pois o Guilherme está entre minhas pernas.

— Vamos, Luci, abre os olhos e olhe-me. – Agora ele intensificou a voz, não foi um pedido foi uma ordem.

Fico com vontade de chorar, com muita dificuldade abro os meus olhos lentamente, no entanto não consigo fixar os meus olhos aos seus. Baixo meu olhar.

— Olhe para mim, Luci. — Guilherme segura em meu queixo com uma mão, forçando-me a olhá-lo.

Deus do Céu, o homem é lindo demais, os olhos dele brilham. Engulo em seco e aceito o desafio, fico presa em seu olhar, fascinados um com o outro.

— Você é linda! Perfeita! Não posso explicar o que aconteceu aqui, nem o que estou sentindo, estou tão confuso quanto você, só não tenha medo de mim e nem tente fugir... — Ele continua segurando em meu queixo, inclina-se e me beija nos lábios com ternura. — Não acontecerá nada que você não queira, mas quero que saiba que desde que a conheci não consigo parar de pensar em você. — Ele respira fundo soltando o ar lentamente. — Mas para o nosso bem é melhor que isso não aconteça novamente, não quero magoar você, peço que me perdoe.

Afasto-me um pouco do seu corpo, quero muito sair correndo dali, estou morrendo de vergonha, porém sei que ele tem razão, não sou livre e ele não está ao meu alcance, jamais serei mulher para um homem como o senhor Guilherme Gusmão.

— Tudo bem, senhor Guilherme, eu entendi... Não se preocupe, vamos fazer de conta que nada disso aconteceu. — Como se isso fosse possível, eu penso. Fui surpreendida com um puxão, meu peito colou-se ao dele.

— Se você quiser fingir que nada disso aconteceu, finja. O que acho improvável, só que não fingirei, quero você, mas não posso ter, mas negar o que estou sentindo é impossível, só espero conseguir resistir a você. Farei o possível, respeitarei os seus limites e tentarei ficar longe de você. Isso eu posso prometer.

Suas palavras são duras, vejo na expressão dos seus olhos desespero, coloco minhas mãos em seu abdômen, foi então que sinto a umidade, quando olho o local, ruborizo... *Jesus!* A camisa dele está com um círculo molhado e provavelmente são dos meus sucos, levo minhas mãos à boca com espanto e olho para ele por cima das sobrancelhas, Guilherme dirige o olhar para onde meus olhos estão fixados.

— Você gozou gostoso, foi a primeira mulher que goza em mim só com um beijo. Essa camisa vai ficar guardada para sempre.

Ele me segura pela cintura, descendo-me da pia, mais uma vez ficamos próximos e mais uma vez nos beijamos. Está na cara que será difícil manter a promessa de ficarmos longe um do outro, o beijo foi suave, lento e muito gostoso. Fomos despertados com o barulho do meu celular. Ele me solta e se

afasta para que eu possa atendê-lo.

— Alô! Oi... Não, estou fazendo minha caminhada na praia, sim, sim... Certo, não, estou bem, tchau.

Desligo, quando olho para o Guilherme ele está de braços cruzados me observando. Sinto um frio na espinha, ele vem até mim e fala bem próximo a minha boca.

— Já volto, só vou trocar a camisa. — Ofego. Só com a simples aproximação do seu corpo, deixa-me de pernas bambas.

Ele vira-se rapidamente, desaparecendo por um corredor, cinco minutos depois volta com outra camisa e calça, em sua mão há um envelope e um pequeno cartão branco.

— Sente-se, Luci. — Sentei-me. Ele foi preparar o café. — Seu horário será das oito da manhã ao meio dia, este é o horário que a Miriam chega, se por acaso acontecer um imprevisto, vou dar a você o meu número particular, então você me liga que virei correndo, você não precisa fazer nada na casa, o seu trabalho é só ensinar a Joana mais nada.

Ele me serve o café e me entrega o envelope e o cartão.

— No envelope está o seu contrato de serviço, é só assinar e aqui é o meu cartão. — Ele me mostra um cartão de visitas. — São todos os meus números. Esse aqui... — Guilherme mostra-me um número grifado à caneta. —... É o meu número particular, este é o único número que nunca desligo e nem deixo de atender. — Ele faz uma pausa. — Seja bem-vinda a minha casa, Maria Lúcia... — Ele sorri. — Agora preciso ir, tenho uma reunião com o seu marido. A propósito depois quero que me explique direito o porquê de não contar para ele que está trabalhando em minha casa. Tenha um bom dia, Luci.

Ele vira-se e desaparece da minha visão. Fico ali sentada à mesa, com cara de cachorro abandonado, confusa, atordoada, excitada e desesperada. Meu coração traidor acelerado e minha mente pedindo para sair gritando. Não sei o que está acontecendo com minhas emoções, minha razão me mandava ir embora, pedir demissão e ficar bem longe de Guilherme Gusmão, porém a minha emoção pedia desesperadamente para me jogar em seus braços e pedindo para que ele me amasse. E agora o que faço?

*** **

Entro em meu carro, nem me despeço da minha filha, estou atordoado. Meu coração está me pregando uma peça... Sigo dirigindo, não sei qual a direção ir, e nem o que fazer, os últimos minutos foram completamente diferentes de todos os minutos vividos em minha vida. *Cacete!* Ela gozou em mim e *com um simples beijo*. Não quis lhe dizer, mas também gozei feito um adolescente, fiquei todo melado. Por sorte minha calça era escura e encobriu a meleira que o senhor meu pau fez. O cheiro de camomila ainda está presente em minhas narinas, *caralho!* Dizem que camomila acalma, mas no meu caso está me deixando uma pilha de nervos, mas que *merda!*

Essa moça está me tirando o juízo... Luci, Luci... Repito em pensamento. A última vez em que fiquei assim em relação a uma mulher foi quando conheci a Malu e isso faz muito tempo. Freio o carro bruscamente, procuro um local a sombra para estacioná-lo, não suporto minhas lembranças, minha cabeça está uma bagunça.

Preciso andar um pouco, preciso do mar, só ele me acalma.

Desço do carro, fico descalço e sigo caminhando pela areia fina e quente. *Porra! Porra!* Não posso sentir isso... *Merda!* Ela está longe do meu alcance, sei que ela é diferente... Só de olhar para ela percebo o quão sensível e delicada é... Eu vou machucá-la, vou magoá-la.

Continuo andando, uma onda alcança meus pés, paro de frente para o mar, fixo os meus olhos no horizonte, perco-me em meus pensamentos... Eu sei, sei, não conseguirei manter minhas mãos e minha boca longe da minha pequena sereia, me conheço, sou um homem que não consegue dominar o instinto dominador e possessivo, mas a Luci é proibida para mim, ela pertence a outro homem e este homem é meu funcionário, o meu engenheiro chefe.

Meus pensamentos são tangidos pelo toque do meu celular... É minha secretária avisando-me sobre a reunião, que começará daqui a 20 minutos. Agradeço-lhe, e retorno para o carro.

Minha reunião com o Marcelo foi improdutiva, tudo que ele argumenta para mim está errado...

— Marcelo! — Chamo-lhe a atenção, ele está uma pilha de nervos, pois não concordo em nada do que ela me explica sobre o projeto. — Eu já lhe disse que falta uma viga no projeto, ou você acrescenta uma viga nessa droga de projeto, ou terei que passar o projeto para outro engenheiro.

— Desculpe, senhor Guilherme, mas terei que discordar do senhor, e a propósito o engenheiro

aqui sou eu, que eu saiba o senhor não é formado em engenharia civil. Como disse anteriormente, não há necessidade de cinco vigas, quatro são suficientes, será um gasto desnecessário, sem falar que acarretará mais horas e dias nas obras.

Realmente o Marcelo está uma fera, sua fisionomia está fechada, fria, e vai piorar com o que vou falar.

— Sim, Marcelo, eu não sou engenheiro, no entanto estudei sobre engenharia, urbanismo e o diabo a quatro, como você acha que cheguei a esse cargo de diretor executivo sênior internacional, lhe garanto que não é devido ao meu rostinho bonito, portanto faça o que eu mando.

— Ok, porém quero falar com a chefia superior.

Agora ele extrapolou se já estava com vontade de lhe enfiar a mão nas fuças, fico por um fio para fazer isso. Pego o telefone e lhe entrego.

— Ligue você mesmo para o Mr. Jones, no entanto já lhe aviso, tenho carta branca para tomar todas as decisões empresariais no Brasil.

Marcelo fica indeciso, aperta os punhos com força, ele está muito contrariado.

— Tudo bem, senhor Guilherme, vou refazer os cálculos e acrescentar mais uma viga ao projeto.

— Sábia decisão, Marcelo, afinal proteção nunca é demais, é melhor uma viga a mais do que uma a menos... Terminamos a reunião. — Eu lhe digo com frieza.

Marcelo vira pelos os calcanhares e sai batendo a porta atrás de si. *Filho da puta desgraçado...* Penso, quem ele pensa que é para me desafiar, *oh ódio!*

A reunião acabou um pouco depois das treze horas, fiz um lanche rápido no escritório mesmo, pois dentro de alguns minutos entraria em reunião com a matriz em Los Angeles... Relato a minha conversa com o Marcelo ao Mr. Jones, sobre o acréscimo de uma quinta viga ao projeto do *resort*, lhe explico os motivos pelos quais eu acho necessário o ajuste do projeto, e confirmo que o Marcelo não ficou satisfeito com a minha interferência. Mr. Jones foi taxativo, ele apoia qualquer decisão que viesse a tomar, o *resort* é minha responsabilidade. Fico satisfeito com o que ouço.

Minha reunião com a matriz termina... Agora posso respirar um pouco mais aliviado, resolvo ligar para casa para saber se tudo está bem e na paz de Deus. Miriam atende e logo me diz que está tudo bem, falo com minhas princesas e lhes digo que levarei pizza para o jantar, elas fazem a festa,

desligo em seguida, assim que coloco o celular sobre a mesa ele toca, olho para o identificador e não reconheço o número, tudo bem, deve ser algum problema nas obras, atendo imediatamente.

— Guilherme Gusmão! – Escuto uma respiração ofegante.

— Guilherme, sou eu, Stella, preciso que venha urgentemente até aqui em minha casa, não me sinto bem... Por favor, você vem?

Meu sensor de problema piscou!

— O que você está sentindo, Stella, não é melhor ir ao médico.

— Não posso ir ao médico e lhe dizer que minha bunda está sangrando e muito dolorida e que não consigo me sentar. É obvio que o médico vai me examinar e constatar que fiz sexo anal violento, eu morrerei de vergonha, Guilherme.

Fodeu! Meu sensor estava correto, lá vem problema.

— Chego aí em dez minutos.

Juntei minhas coisas com pressa, na saída aviso a minha secretária que não voltarei hoje. Agora o que faço? Talvez a Stella tenha sofrido alguma ruptura de um vaso, ou uma lesão mais grave, *cacete*! Deveria ter escutado a minha razão e ter mantido a Stella bem longe do meu pau.

Em treze minutos, já estou de frente para casa dela. A porta já está aberta, chamei por seu nome, ela me chama, dizendo que está no quarto, sigo o som da sua voz. Stella está deitada na cama e sua aparência não está nada boa, pelo visto ela está com muita dor. Aproximo-me, ela sorri timidamente, me sento à cama.

— O que está sentindo, Stella. – Pergunto com carinho.

— Meu traseiro está sangrando desde ontem, precisei usar absorvente e arde muito, não consigo nem sentar, por isso não fui a escola hoje, pedi para diretora me substituir. Desculpa Guilherme, por ter lhe tirado do trabalho, mas não posso ir ao médico, sei que você é um homem experiente nesse assunto e deve saber o que fazer, sinceramente eu não consigo nem andar direito.

— Já volto, vou até a farmácia. – Ela me olha com preocupação e dos seus lábios saem um sorriso amarelo.

A farmácia não é muito longe, em menos de cinco minutos já estou de volta. Quando Stella me

vê, sua fisionomia suaviza-se, percebi quando saí que ela ficou triste, acho que pensou que não voltaria mais.

— Preciso ver o local lesionado. — Ela assentiu, virou-se de bruços, suspendendo a camisola. *Putz!* Que bunda linda!

Baixei a sua calcinha... *Merda!* Ela está sangrando mesmo. Dispo completamente sua calcinha, pergunto onde posso encontrar toalhas limpas. Ela me aponta uma cômoda, vou até lá, pego algumas toalhas e sigo até ao banheiro, volto em seguida, umedeci as toalhas em água quente, espalho as suas pernas e abro as bandas das suas nádegas, realmente está muito vermelho e sangrando, quando toco lá, ela se encolhe.

— *Shh*, relaxe, Stella, sei que está dolorido, mas preciso limpar para poder colocar a pomada. — Limpo com cuidado, pois a cada deslize da toalha, Stella contrai a bunda. — Stella, eu preciso introduzir um dedo em seu interior, não posso lhe medicar se não for assim... Tudo bem? — Ela ofega, mas concorda com a cabeça. Escorrego meu dedo com a medicação, ela grita de dor, apertando as mãos no lençol do colchão. Fiz um movimento circular, espalhando a pomada em suas paredes íntimas, ela contrai as nádegas, fico duro de tesão, não vou mentir... — Pronto, agora relaxe os músculos, para que possa retirar o meu dedo e não a machucar.

Ela aperta ainda mais o meu dedo, não resisto e faço um movimento de entra e sai, Stella solta um grito de dor, meu tesão aumenta. Movo-o com mais força e mais fundo, ela se encolhe, retiro o meu dedo e ordeno que ela fique quieta até voltar, vou até o carro, apanho um preservativo, volto para o quarto. Sento-me a cama, ela está quieta e linda, vendo-a nesta posição de bruços só aumenta o meu desejo insano, ela tenta virar-se.

— Quieta, vou pôr um pouco mais de pomada. — Meu dedo volta para o seu interior, começo a bombeá-lo dentro dela. Stella move-se inquieta soltando um grito de aflição.

— Pare, Guilherme, pare, por favor, está doendo muito. — Ela suplica, não sei se é delírio, mas noto um riso no canto dos seus lábios, tanjo meus pensamentos e retruco.

— Fique quieta, Stella, relaxe...

Continuo os movimentos agora com mais força, já não penso, meu juízo foi embora. Vê-la suplicar só me deixa com mais vontade de dominá-la, é como se ela estivesse me autorizando a seguir em frente, o cheiro da sua excitação e do seu medo embrenha-se em meus sentidos, despertando assim o meu lado mais perigoso.

— Guilherme. — Ela respira apressadamente. — Isso não tem graça, estou com dor...! — Ela tenta se virar novamente, a impeco, segurando-a em suas costas.

— Quieta, *porra!* — Inclino meu corpo em sua direção, ela está muito excitada, já noto a sua umidade.

Mergulho meu rosto entre suas pernas e começo a chupar o seu botão duro. Minha língua penetra sua fenda e o meu dedo a estoca com mais força, Stella arqueia o corpo com força, ela solta um gemido abafado, deliro de prazer quando percebo o seu sofrimento.

— Porra, *Guilherme*, está doendo, pare, por favor.

Ela começa a chorar, bombeio com mais força e mais fundo em seu interior, ela grita e começa a se contorcer. Abro o zíper da minha calça, visto o preservativo. Já não penso mais, estou em alucinado... Deito-me sobre o seu corpo e a penetro, Stella debate-se e começa a me chamar de animal, pervertido, tarado. Fico louco, completamente louco, quanto mais ela se debate e me xinga eu a penetro com mais força, começo a lhe xingar por nomes obscenos. Seu corpo fica tenso...

Por alguns minutos meu juízo volta, então com autoridade na voz lhe pergunto. — Você quer que pare, tem certeza? Só me dê um sinal e lhe deixo em paz, pois foi você quem me chamou aqui e pela sua excitação era isto que estava procurando. Quer que pare, senhorita Stella. — Endureço a voz, já não é o Guilherme Gusmão quem está no comando. — Quer? — Stella nada diz, permanece quieta.

Interpreto o seu silêncio como um consentimento a prosseguir. Uma das minhas mãos alcança o seu pescoço apertando-o com força e puxando-o para trás, ela não consegue mais gritar. Aperto até sentir o seu corpo lânguido, estoco-a com força, meu prazer me cega, solto um grunhindo, aos poucos vou afrouxando o aperto. Stella começa e rebolar em meu membro, solta gemidos de prazer, sua excitação está próxima ao ápice.

Ela arqueia o quadril com força, começa a movê-lo para cima e para baixo. Falo ao seu ouvido. — É melhor parar, moça, pois a besta que habita em mim ainda está acordada, se continuar se movendo assim eu vou enrabá-la duramente e sem piedade. — Stella move-se com mais rapidez, não pensei duas vezes, a penetrei em seu outro buraco, ela gritou de dor, pedindo para que me retirasse de lá. — Tarde demais, moça, eu lhe avisei, agora vou até o fim, você não tem outra saída a não ser relaxar e gozar. — E foi o que ela fez, gritou um pouco chorou, mas depois gozou como uma cadela no cio.

Após o sexo desvairado cuidei dela, a mediquei, ensinei como fazer o curativo e fui embora.

Não, minha consciência não pesou, estava satisfeito, ela procurou por isso, não foi falta de aviso, eu lhe disse que sou perigoso... Ela pagou para ver. Contudo Stella estava satisfeita e não parecia desolada ou infeliz, sua expressão foi de uma mulher satisfeita, eu acho que ela conseguiu o que queria...

Sei que pagarei um preço por esta falta de controle, já vivi isso antes e sofri as consequências, porém o diabo atenta, e desta vez o diabo venho em forma de uma loira maluca... Não sei como, mas ela consegue me cegar, consegue manipular minhas vontades, preciso mantê-la bem longe de mim, não posso perder todo o meu autocontrole que adquiri todos estes anos. Stella sabe o meu ponto fraco conhece como chegar até mim.

Tenho duas filhas, é por elas que preciso segurar as rédeas da minha vida, da minha estabilidade mental...

Um dia a Malu me perguntou se por acaso eu descobrisse que Clara estivesse namorando um dominador o que eu faria? Ou pior se daqui alguns anos Joana ou Luiza se envolvessem com um homem com os mesmos gostos sexuais e psicológicos que os meus. O que faria, qual seria minha reação?

Respondi-lhe de imediato... O mataria sem piedade, pois sacana nenhum machucaria uma das minhas filhas. Ainda hoje me lembro da expressão do olhar da Malu quando replicou: — Pois pense nisso quando você estiver fazendo o mesmo com a filha de alguém.

A Malu tem razão, preciso mudar, preciso abandonar velhos hábitos, preciso domar a fera que habita em mim, sei que nunca deixarei de ser um homem dominante, controlador, possessivo, ciumento... Contudo posso ser tudo isso sem precisar machucar. Agora minha dúvida é... Conseguirei sentir prazer sem auferir dor no outro.

Nesse momento penso em Luci, penso em como foi bom tê-la em meus braços, percebo que senti prazer e lhe dar prazer, não precisei machuca-la, aliás, só queria escutar os seus gemidos e o tremor do seu corpo, e quando percebi a sua satisfação o meu clímax foi intenso, foi tão intenso que meu prazer me custou uma calça jeans toda suja. Só tenho certeza de uma coisa, com a Luci foi diferente, nunca senti algo tão maravilhoso em toda a minha vida.

*** **

No caminho para casa resolvo parar na praia, preciso andar um pouco, falta pouco para o pôr do sol e este momento para mim é mágico. Ando alguns metros no sentido contrário a minha casa... Desde que voltei ao Brasil o meu refúgio é o mar, é aqui que encontro paz. Desde que me separei da Malu, minha vida é uma escuridão completa, meus únicos raios de sol são minhas filhas, são elas que me ajudam a continuar minha caminhada, foram elas que me ergueram daquela cadeira de rodas. Beatriz só empurrou-me para mais fundo em meu buraco solitário e sombrio, aquele tiro só me fez enxergar o quão desgraçado sou, foi ali que percebi que jamais poderia fazer uma mulher feliz, mesmo uma, como a Beatriz, até ela não era feliz ao meu lado. Não sou digno do amor e nem merecedor de compaixão.

Só que agora os meus sentimentos estão me deixando confusos... Há muito tempo não sinto algo assim por alguém... Só senti o que estou sentindo por uma única mulher na vida... Malu. Será, que após tanto tempo meu coração resolveu me pregar uma peça? Não sei! Só sei que, o que estou sentindo por Luci é algo que está incomodando-me, pois sei que nunca poderei tê-la, se realmente ela alcançou o meu coração preciso mantê-la longe das minhas mãos... Não posso correr o risco de magoar uma pessoa que me chama de volta a vida. — Deus, por favor, ajude-me! Ajude-me a compreender o que se passa comigo, liberta-me desta prisão, Senhor!

Chego a parte que mais gosto em ficar, meu cantinho. Daqui o horizonte fica mais lindo, mais encantador, sento-me em meu tronco favorito... Um velho tronco de coqueiro, fico observando o sol no horizonte... Ele ainda está um pouco alto, não tem problema, não pretendo voltar para o escritório mesmo. Quanto a Stella, ela está mexendo com fogo, tenho a impressão que ela sabe muito bem o que quer e como pode alcançar o seu objetivo... Ela só não sabe o quanto perigoso é o seu alvo, no entanto, ela de um jeito ou de outro está conseguindo aproximação. Meu sensor de alerta me manda ficar longe da Stella, porém ela desperta a fera que habita em mim, não sei, mas quando estou com ela minha vontade de dominar torna-se insana.

Virei o meu olhar em outra direção...

Não é possível, só posso está tendo uma alucinação, ou Deus resolveu me pôr à prova das minhas fraquezas.

Pisco várias vezes, pois não consigo acreditar no que os meus olhos veem.. Minha pequena sereia caminha em minha direção de cabeça baixa brincando com as ondas da praia completamente

distraída. *Cacete!* Ela parece uma miragem de tão linda que está. O vento colabora comigo, pois a todo instante ele suspende a sua saia deixando a mostra suas coxas torneadas e um pouco da sua calcinha branca. Não me movo, fico quieto, receio que, se ela me avistar voltará imediatamente, fugindo assim de mim. Ela passa por mim e nem nota a minha presença, levanto-me e chamo por seu nome.

— Luci!

Ela para por um instante, virando-se em seguida. Seu sorriso amarelo diz-me que ficou surpresa, Luci não sai do lugar, permanece fixa ao chão olhando-me pasmada.

— A pequena sereia está perdida? – Brinco com ela, não quero que ela saia correndo, mesmo sabendo que era o melhor a fazer.

— Não. – Sinto um tremor em sua voz. — Eu gosto de ver o pôr do sol, ele me acalma. Ela baixa os olhos, esse gesto me mata. — E o senhor?

— Estou fazendo o mesmo que você, eu vim ver o pôr do sol. – Ela sorri. — Quer me acompanhar? Venha, sente-se aqui ao meu lado. – Eu a chamo com as mãos.

Ela caminha em minha direção a passos lentos, percebo receio em cada passada. Recosto-me no coqueiro, sentando-me com as pernas em cada lado do tronco. Limpo o tronco para ela sentar-se. Luci senta-se ajeitando a saia por baixo das coxas, após sentir-se segura, suas mãos juntam-se uma a outra, ela está nervosa, confesso... Também estou. Seus olhos fixam no mar, quebro o silêncio atordoado que nos cerca, puxando conversa.

— Lindo! Não é mesmo? Quando morava em São Paulo não tinha essa visão. Você conhece São Paulo, Luci?

— Não. – Ela me responde com voz tímida. — Itaipava é a segunda cidade que moro antes da minha terra natal... – Ela cala-se rapidamente, tive a impressão que se arrependeu de ter falado sobre isso.

— Qual é a sua terra natal? – Eu pergunto.

— É uma cidade menor que esta, nem existe no mapa de tão pequena... – Ela levanta-se rapidamente. — Preciso ir, até amanhã, senhor Guilherme...

A seguro pela mão, Luci se desequilibra caindo sentada em uma das minhas pernas, a prendo

pela cintura roubando-lhe a boca. O beijo foi inevitável, *Cristo!* A carne quente e macia de sua língua toca a minha, meu corpo arrepia e o dela estremece, consigo sentir os batimentos acelerados do seu coração. Mordo seu queixo, seu pescoço, minhas mãos passeiam por seu corpo em desespero, cada parte tocada é apertada e acariciada com afinho, Luci geme em minha boca, solta sussurros inaudíveis.

Fico louco, passo suas pernas em volta do meu quadril, ela fica completamente escancarada para mim, sinto o calor do seu sexo em minha virilha mesmo através do tecido da minha calça. Nossas bocas são devoradas uma pela outra, nosso beijo é violento, faminto, ousado, Luci explora o meu corpo com as mãos, do mesmo jeito que as minhas exploram o seu. Toco os seus seios, ela o meu membro, faz massagem, aperta-o, procura o zíper, abrindo-o libertando-o da sua prisão.

Enquanto ela coloca o meu membro entre suas coxas, abro os botões da sua blusa, livrando-me do seu sutiã, deixando à mostra dois lindos e pequenos melões de auréolas rosadas, olho para eles com fome, inclino minha boca até um deles e o abocanho... Foi a sensação mais gostosa que senti em toda minha vida, seus biquinhos foram saboreados por meus lábios, os sorvi, os mordi com carinho e sem pressa, minha língua passeava lascivamente por todo ele e os meus dentes davam suaves mordidas, deixando o corpo da minha pequena sereia arrepiado. Luci geme e suas mãos me aperta a nuca.

Seu desespero faz com que seu sexo roce em meu membro... *Diabo!* Ela queima, mesmo através do tecido da calcinha, ela queima como o inferno, meu membro está sendo friccionado com fúria entre as dobras do seu sexo quente e úmido. Seguro-a com cuidado por baixo da bunda, ajudando assim o seu vai vem. A cabeça do meu comprimento está chorosa com minha umidade, não suportarei aquele calor por muito tempo. Olhei para ela por um momento, minha pequena sereia aperta os olhos e morde o canto do lábio inferior.

— Luci! Luci! – Chamo-a com voz exigente. — Olhe para mim. – Ela abre os olhos timidamente, morri... É a visão mais linda do mundo. — Você quer gozar, minha sereia, quer? – Ela assente.

Afasto sua calcinha, deixando o meu membro entre as suas dobras nuas, fui para o céu quando sinto o seu calor, precisei de muita concentração para não derramar o meu prazer naquele momento. Luci, quando sente o nervo duro em suas dobras, começa a mover-se com mais rapidez.

— Olha para mim, minha sereia... Preciso vê-la no auge do seu prazer, isso... Assim... Hum, hum... –Ela solta um gritinho de prazer, aperta minha nuca com força, sinto suas unhas em minha carne.

Não me importo com o ardor, foi lindo o seu prazer, ela vem até minha boca e morde os meus lábios com afinco, soltando-os lentamente ela sussurra. — Eu te quero, com tanta força... — Foi tão baixinho que quase não escuto, mas escutei. Aquelas palavras aceleram meu prazer.

— Pequena sereia, preciso gozar e não posso fazer isso em você...

Nem tive tempo de terminar a frase, Luci saiu do meu colo com tanta rapidez, que nem percebo que está ajoelhada e com o rosto no meio das minhas pernas... Eu só sinto a sua boca quente circulando o meu membro e o engolindo completamente, *Cristo!* Quase tenho uma síncope.

— Pequena sereia, não precisa fazer isso... *Oh! Deus!* Luci, não precisa, *hum!* — Ela o engole e o suga, mordendo-o, suas mãos apertam minhas coxas, suas unhas me arranham a carne. — Luci... Luci, *oh meu Deus!* Eu vou gozar se afaste meu amor... Eu vou gozar.

Luci não me obedece, me devora completamente, a cabeça do meu membro toca o fundo da sua garganta, então não suporto e jorro meu liquido bem fundo. Seguro sua cabeça para que meus movimentos não a machuquem, tento conter meu vai e vem, foi o prazer mais intenso e mais formidável que senti em toda vida, meu grito gutural diz o quanto estou satisfeito. Ela me lambe com uma gata lambe o seu filhote, aquilo me deixa louco... Louco por mais.

Eu a puxo para mim e a sento em meu colo. Beijo todo o seu rosto e por último sua boca, meu sabor e o dela misturam-se, meu coração canta uma canção de tão acelerado que está, ela me aperta com força, sua emoção condiz com a minha. Então eu percebo que ela está chorando... Afasto-a por um segundo e a observo.

— Machuquei você, minha pequena sereia? Fui violento? — Ela nega com a cabeça, e as suas lágrimas aumentam. Aquilo me deixa preocupado. — Meu amor, o que foi então? Porque está chorando?

— Porque você tem que ser tão carinhoso? Porque você tem que me dar mais do que eu mereço? Porque estou sentindo isso por você? Porque, senhor Guilherme?

Ela mergulha o rosto em meu pescoço me apertando com força. Respondo o que o meu coração manda.

— Porque eu te quero com a mesma força que você me quer, porque preciso de você para ser feliz... — Ela afasta-se e me observa. Solta o meu corpo levantando-se.

— Você está longe do meu alcance, senhor Guilherme, não sou digna de um homem como o

senhor... – Luci sai correndo, ainda a chamo, mas ela não volta, não entendo o que ela quis dizer em não ser digna de mim... Que diabo está acontecendo!

Minutos depois...

Corro o quanto pude, ainda escutei o senhor Guilherme me chamando, ele berrava ao vento o meu nome. Não podia ficar ali, se ficasse terminaria fazendo coisas que não devo fazer. Senhor Guilherme está tão envolvido quanto eu, ele não devia ter dito aquelas palavras para mim.. Ninguém nunca foi tão carinhoso comigo desde o senhor Leôncio, ele foi o único que me tratou como gente... Como mulher, após ele nunca mais eu soube o que é um carinho...

Minhas lágrimas molham o meu rosto e chegam a cegar minha visão, por causa disso tropeço em uma pedra caindo de joelho ao chão... Corto o meu joelho esquerdo, o sangue logo escorre, fico desesperada, o Marcelo logo chegará e não vai gostar nada desse meu machucado. Levanto-me depressa e corro em direção a casa... Sigo direto para o chuveiro, tomo um logo banho, faço um curativo e visto uma saia lápis, pelo menos ela encobrirá o meu machucado, resolvo usar uma blusa de seda vermelha e sapatos pretos altos, arrumo a mesa do jantar... Agora é só esperar o Marcelo chegar com um sorriso nos lábios.

Às dezenove horas escuto o som do motor do carro do Marcelo, fico de pé esperando-o entrar.

— Boa noite, meu doce, como minha menina passou o dia, sentiu minha falta?

Ele vem até mim circulando minha cintura com os braços e me puxa para o seu corpo.

— Beije-me, meu doce. — Ele ordena. Beijo-o, ele me bate na bunda com força, estremeço. — Vou tomar um banho, enquanto isso se dispa vou comer você primeiro hoje, tive um daqueles dias com o todo poderoso senhor Guilherme, preciso pôr para fora minha raiva.

Ele beija o meu ombro depois vai direto para o quarto. Meu corpo todo treme, meu coração dispara, minhas mãos suam..., porém nada posso fazer, preciso obedecer, dispo-me e fico aguardando, Marcelo surge nu, com uma toalha nas mãos secando os cabelos... E os seus olhos vão direto a meu joelho esquerdo.

— Mas que merda é essa, Luci? — Ele aponta para o meu machucado. — Estou esperando, me explique essa porra. — Ele avança em minha direção já me segurando pelos cabelos com força.

— Eu, eu posso, posso explicar... Cai lá fora, torpecei em uma pedra e cai... Por favor, Marcelo, foi só um machucado à toa.

Ele estica os meus cabelos, levando-me para o quarto. Coloca-me de frente para o espelho, apontando para o meu joelho.

— Isso parece um machucado à toa, Luci, hein? Sua ordinária, o único que pode lhe machucar sou eu, sua estúpida... Você não tem noção de quanto você me custou, não é, Luci?

Marcelo fica uma fera, ele me falava com fúria me puxando os cabelos com força.

— De joelhos, Luci, anda de joelhos! – Ele ordena, empurrando meu corpo para baixo.

— Marcelo, não posso ficar de joelhos estou machucada. – Suplico, chorando.

— Agora você está preocupada com isso, sua imbecil! Na hora de avaliar minha mercadoria você não pensou... De joelhos, sua idiota! – Ele grita a todo pulmão, me ajoelho, a dor foi terrível. Nem tive tempo de pensar, logo levei uma bofetada no rosto depois outra, a última foi tão forte que caio ao chão. — Levante-se! Vamos, Luci, levante-se! – Levantei-me comendo minha dor. — Para cruz de Santo André. ^[4] Agora! – Ele me empurra em direção ao quarto da tortura.

— Por favor, Marcelo, não me machuque mais do que já estou machucada, foi um acidente, juro que serei mais cuidadosa... – Ele me empurra com tanta força que bato minha testa a parede.

— O único que pode lhe machucar, lhe deixar marcas sou eu, sua idiota. – Ele me puxa pelos cabelos, entramos no quarto e ele me amarra a cruz. — Você vai receber oito chibatadas e depois será fodida por trás, sem lubrificante, por mim e por um vibrador ao mesmo tempo, sem gritos e sem gemidos, caso isso aconteça, levará mais oito chibatadas.

Fui surrada e fodida como ele disse, dormi de pé, amarrada a cruz, fui acordada por ele, que me libertou, levando-me para o chuveiro, onde me banhou com água morna, beijando e lambendo cada marca que a chibata deixou em minhas costas e bunda, passou a pomada cicatrizante, me trouxe o café na cama, me alimentou com as próprias mãos. Recebo carinhos intensos, meu rosto é acariciado e minha boca é beijada por diversas vezes. Deixou-me deitada e antes de ir trabalhar, segurou em meu queixo, exigindo o meu olhar, dizendo-me com voz branda.

— Tudo o que fiz foi para seu bem, foi para o seu crescimento pessoal, você tem que entender que sou o seu dono e você precisa zelar pelo o que é meu quando não estou presente, procure ser mais cuidadosa de hoje por diante, pois você é o meu tesouro, ok? – Assenti com a cabeça. — Como é que se diz, Luci, estou esperando! – Ele exige com mais frieza.

— Obrigado, meu senhor, por me corrigir e por me amar tanto.

— Descanse o dia todo, tome os remédios no horário, eles estão à cabeceira da cama, amo você, meu doce.

Marcelo sorri satisfeito, beija-me com afimco e vai embora.

*** **

Preciso tomar coragem e levantar-me da cama, afinal assumi um compromisso com o senhor Guilherme, ele provavelmente está a minha espera. Estou um farrapo, como vou me apresentar ao trabalho deste jeito, estou toda dolorida, mal consigo me sentar e minhas costas ardem como se fosse uma queimadura, sem esquecer o meu joelho... Este, coitado, está uma derrota. Encho o peito de ar, levanto-me de uma só vez, solto um grito de dor, pois, ao esticar a perna, sinto o esticão do machucado. – *Caramba!* – Digo ao olhar para o meu joelho.

Pois bem! A dor e a aparência horrenda dele não me derrubam, eu sou Maria Lúcia e já passei por coisas piores em minha vida...

Olho para o relógio, são quinze para as oito, preciso correr. Visto um vestido bem soltinho e nada de calcinha, uma vez que não conseguiria usá-la mesmo que quisesse. Pego o meu celular, fecho a porta e parto em direção à casa do senhor Guilherme.

Já na entrada da casa, sou recebida com uma alegria contagiante.

— Luci, Luci... – Joana corre em minha direção quando me vê, abraçando-me os quadris.

Minha reação foi imediata, solto um grito assim que suas mãozinhas tocam logo acima das minhas nádegas. Nesse momento Guilherme surge à porta e corre para ver o que aconteceu. Estou encolhida, comendo a minha dor.

— Luci, o que houve? Onde machucou? – Guilherme segura-me pelo ombro, tentando olhar-me nos olhos. Seu olhar vai direto para o vermelho em minha testa, tento disfarçar, baixando o meu rosto.

— Não foi nada, senhor Guilherme, a Joana encostou-se em meu joelho machucado. – Então lhe mostro o ferimento.

— Cristo, Luci! O que foi isso? Vem cá, precisamos cuidar para que não infeccione.

Deu-me medo, a apreensão toma conta do meu corpo e logo lhe digo.

— Não! Não é preciso eu já fiz o curativo.

— Não discuta comigo, Luci, não estou pedindo sua autorização. Cale-se e aceite. – Ele fala com autoridade olhando-me sério. Fico quieta.

Guilherme tenta me pôr no colo, dou um passo à trás, ralhando com timidez.

— Eu posso andar. Fico com medo que descubra os meus outros machucados.

Sou guiada pela mão até a cozinha, Joana fica junto a mim, segurando em minha outra mão. Fomos até o seu quarto.

— Sente-se na cama, Luci, enquanto vou pegar a caixa de medicamentos. — Ele me espera sentar, permaneço de pé, então lhe dou uma desculpa.

— Eu prefiro ficar de pé. — Falo quase chorando. Joana olha-me com apreensão.

— Foi minha culpa, machuquei o seu dodói, “*deculpa*”, Luci, eu não sabia...

Ela me abraça novamente, tocando em minha bunda, solto um gemido de dor. Guilherme percebe e vem em minha direção, segurando-me os meus ombros, ele avalia o meu rosto, perguntando preocupado.

— Você se machucou em outro local, Luci? Onde? — Ruborizo na hora. Joana fala em meu lugar.

— Eu acho que foi no bumbum, papai, ela se encolheu quando toquei lá.

Preciso mudar o foco, preciso tirar atenção do Guilherme e antes que fique mais desconfiado argumento com rapidez.

— Eu caí sentada, e quando levantei perdi o equilíbrio caindo de joelhos... Minha bunda já melhorou, só está dolorida quando me sento... Por favor, já está difícil para ficar contando essas coisas, não queira ver minha bunda, senhor Guilherme.

Baixo meus olhos, estou com medo que ele diga sim.

— Venha até o banheiro comigo. — Guilherme puxa-me pela mão, gelo na expectativa de ser avaliada.

Sinto medo nesse momento... E agora, meu Deus, o que eu faço.

A tampa da privada é baixada e ele me faz sentar nela, depois some do banheiro, minutos depois volta com uma caixa nas mãos. Começa a limpar o meu joelho, encolho-me quando a gaze toca o local lesionado.

— Feche os olhos, Luci, assim você não vê o que estou fazendo e a dor será menor. Sinto muito,

mas preciso limpar bem para não infeccionar... – Guilherme respira fundo, percebo seu maxilar apertar e suas têmporas pulsarem. Então ele solta o verbo. — A porra do Marcelo não viu isso não, mas que *merda!*

— Papai! – Joana chama a atenção do pai ao escutá-lo soltar um palavrão.

— Desculpe-me, meu amor. – Ele olha para filha com carinho. — Minha fada, faça um favor para o papai? Vá brincar um pouco no parquinho, daqui a pouco eu levo a Luci até você. O papai está nervoso e vai falar um monte de palavrão... Você entende?

— O senhor cuida bem da Luci para mim?

— Cuido sim.

Fico ali parada, escutando os dois falarem sobre mim, como se eu não existisse. Joana vai embora... Agora *fodeu*, eu estou ferrada. Guilherme espera a Joana bater a porta. Os olhos preocupados deste homem lindo chocam-se com os meus.

Sou puxada para o seu corpo com cuidado, minha boca é tomada e beijada com desespero. Tento me desvencilhar.

— Nem tente. – Ele fala duramente. — Sei que você quer tanto quanto eu, Luci, você não me conhece, não sabe o quanto sou teimoso, quando eu quero, eu pego.

Ele me beija novamente, desta vez o beijo não foi nada carinhoso, foi duro possessivo, foi até cruel... Guilherme beija-me segurando em meu rosto com as duas mãos... *Deus do céu!* Esqueço meus machucados na hora. Ele me solta à boca, levando para si o meu lábio inferior com os dentes, lentamente. Ofegante, fixo os meus olhos nos dele. Estávamos desejosos um do outro. Seus braços circulam em volta do meu corpo, por causa disto eu me encolho, ele percebe que me machucou.

— Mas que *porra* é essa, Luci! – Guilherme fala energicamente, quase gritando.

Assustei-me com o tom da sua voz... Foi automático, encolho-me no canto, colocando as minhas mãos em forma de defesa em frente ao meu rosto.

— *Ai meu Deus!* Calma, Luci, desculpe-me. Não quis lhe assustar com o tom da minha voz... – Ele segura por meus braços, me puxa para si beijando minha testa. — Eu só estou puto porque o Marcelo não fez nada, não cuidou de você, eu, no lugar dele nem iria trabalhar, você já estaria em um hospital e só sairia de lá depois que tivesse certeza que está bem... E quer saber, é isso que vou fazer,

vamos agora mesmo para a clínica médica.

E agora *Jesus!*

— Não! – Grito com medo. Meu coração foi a mil por hora. Se o Guilherme souber o que aconteceu comigo, eu nem sei o que fará, e o que Marcelo fará se o expuser deste jeito. — Você se esqueceu de que o Marcelo não sabe que estou trabalhando para você, se eu for para o médico ele ficará sabendo... Por favor, não faça isso comigo, eu deixo você cuidar de mim...

— É impressão minha ou você morre de medo do Marcelo, por quê? E por que ele não pode saber que está trabalhando?

— Eu não tenho medo, só não quero que ele saiba que estou trabalhando para você, ele é machista, acha que a sua mulher não deve trabalhar fora... É por isso que não quero que saiba.

— Tudo bem. Vou cuidar de você.

Guilherme limpa meu joelho e faz o curativo, me ajuda a levantar, ficamos juntos novamente, corpo a corpo... Ergo minha cabeça e ficamos com os olhos fixados um no outro... Nossas bocas se atraem lentamente e o beijo foi implacável, suas mãos tocam em minhas costas, gemo baixo, ele me solta, contudo nossas bocas permanecem unidas, e nossas línguas entram em um duelo insaciável. Foi um beijo longo e faminto.

Aos poucos, fomos nos acalmando e nos afastando, sua testa gruda na minha, nossos olhares se encontram, eu já sabia o que ele ia me dizer mesmo antes de abrir a boca.

— Está difícil... Está difícil ficar longe de você, de manter minhas mãos longe do seu corpo, *puta merda!* Eu estou ficando louco... Louco com o seu cheiro, louco com o seu riso... *Cacete!*

Sua boca encosta a minha novamente. Suas mãos seguram-me com cuidado. Ofegante, eu lhe digo.

— Eu, eu também... –Tento me soltar da sua boca. — Estou confusa e com medo, eu não posso ficar com você, mas não consigo me afastar. Tento o empurrar para longe e tento fugir das suas mãos.

— Não, você não vai fugir de mim! Eu também não posso ficar com você, Luci, mas está difícil passar esta informação para o meu coração. – Ele me beija com mais força, sinto a sua ereção roçar em meu umbigo.

— Me deixe, senhor Guilherme, deixe-me ir, eu não posso... Não... Não está certo isso...

— *Shhh*, quieta, minha pequena sereia... Não resista a essa força que nos atrai... Eu também não posso colocar minhas mãos em você, mas eu te quero com tanta força...

Sinto sua mão alisando minha coxa, até encontrar meu sexo nu... Gemo com o seu toque, seus dedos passeiam por minhas dobras, deslizam entre elas, até encontrarem meu botão pulsante... Meus joelhos cedem, Guilherme me sustenta por baixo dos meus braços.

— Senhor, senhor Guilherme, não, não faz isso comigo...

— Relaxe, quieta! Só relaxe. Afaste as pernas um pouco. — Tento manter minhas pernas juntas. — Vamos Luci, me obedeça, afaste as pernas, AGORA! — Ele ordena com força nas palavras. As afasto. — *Cristo!* Você é muito quente. — Ele brinca com o meu botão, o friccionando com os dedos. Arqueio o corpo, minha cabeça vai até o seu peito, mordo-o com força. Guilherme introduz dois dedos em minha fenda, arfo... — Delícia! Você é uma delícia... Relaxe meu amor... Eu vou mover meus dedos com força em você, assim, bem fundo, *hummm!*

Guilherme move os seus dedos com força, mas sua força não me machuca. Não igual quando o Marcelo faz. É bem diferente, são movimentos fortes e firmes, mas são com cuidado, ao mesmo tempo em que ele move os seus dedos em mim o seu polegar bolina meu clitóris... Fui ao céu. Começo a me contorcer e a gemer, de repente me calo, me lembro de que o Marcelo não gosta que exponha o meu prazer e se o Guilherme for igual. Seu comando me diz o contrário.

— Grite, meu amor, quero ouvir o seu prazer, não tenha medo, a Joana não ouvirá os seus gemidos. — Ele me segura o pescoço com uma das mãos, o seu polegar acaricia a minha nuca e os seus outros dedos apertam minha garganta levemente.

Arfo, aos poucos consigo jogar o meu receio fora, e os meus sussurros tornam-se gemidos e gritos de prazer... Meu clímax chega forte e enfurecido, mordo fortemente o seu peito, ele pressiona minha cabeça com força, fazendo minha mordida ser mais dura.

— Oh, *Deus! Humm!* — Guilherme me rouba a boca, rindo. Fico ruborizada quando ele leva os dedos com o meu suco a boca e começa a lambê-los.

— *Humm!* Minha pequena sereia é doce como mel e linda como o pôr do sol.

Guilherme coloca-me com cuidado em seus braços, não tive como dizer não, pois estou de pernas bambas. Quase adormecida... Fui posta com cuidado a cama. Ele me ordena que fique quieta, pois vai buscar toalhas úmidas para me limpar. Vira-se e segue até o banheiro. Olho em volta do quarto, observando todos os detalhes, então vejo um porta-retratos com uma mulher linda de cabelos

negros e compridos. Fico admirando a foto, será que é a mãe das gêmeas, se for, a quem as meninas puxaram os cabelos loiros...?

*** **

Guilherme retorna com várias toalhas as mãos, senta-se no colchão e o seu peso faz o meu corpo ir a sua direção. Sorrindo, me diz em tom de brincadeira:

— Minha sereia adora nadar em minha direção... — Seus olhos brilham, minha vontade é jogar-me em seus braços e ficar ali bem quietinha.

Quando este homem lindo sorri, meu mundo se ilumina, exagero? Claro que não, pois é assim que me sinto perto dele. Guilherme percebe meu embaraço olha-me com carinho e admite.

— Amo a sua timidez e esse jeito que ruboriza o rosto, a maneira como baixa os olhos quando conversa comigo. — O seu corpo se inclina em minha direção e os seus lábios encontram-se com os meus, foi um beijo suave e carinhoso. — Preciso limpar você. — Acrescenta, olhando-me profundamente em meus olhos.

Suas mãos começam a passar a toalha úmida no meio das minhas pernas, limpa o meu sexo com suavidade e atenção... Onde o Marcelo faria isso? Só faz quando não posso me mover, ou sua consciência pesa, ou quando extrapola em seus castigos. Aproveito que ele está distraído e lhe pergunto:

— Quem é a moça da foto?

— Que foto?

— Aquela ali. — Aponto com o queixo em direção a mesinha de cabeceira do lado direito da cama. Guilherme olha... Depois volta a sua atenção para as minhas coxas.

Como ele nada diz, continuo com o interrogatório. — Ela é a mãe das meninas?

— Não. — Fala sucintamente.

— Tudo bem, Guilherme, desculpe-me, não quis parecer intrometida... — Ele me corta a frase.

— Ela é a minha primeira esposa... — Seus olhos olham para mim. — O nome dela é Maria Luiza ou só Malu.

— Maria Luiza, Malu... Aí meu Deus! Você colocou o nome da sua filha...

— Sim, fiz isso em homenagem a Malu, e sim a Beatriz não gostou disto, mas ela não teve alternativa a não ser aceitar.

— Ela também está morta? — Guilherme solta uma gargalhada, ajeita minha saia, colocando as mãos por cima das minhas pernas.

— Não! Ela está muito viva e muito bem casada... — Ele se levanta, levando com ele as toalhas até ao banheiro, retorna... Puxa uma cadeira sentando-se nela.

Sei que algo o incomoda, sinto que precisa falar algo, então só o observo e espero.

— A Malu foi minha primeira namorada, meu primeiro amor... A única mulher que amei até hoje, ficamos casados por vinte e cinco anos, tivemos dois filhos a Clara e o Caio. — Ele puxa o ar com força para os pulmões e solta lentamente, baixa os olhos e começa a brincar com os seus dedos.

— Por medo a perdi, fui um idiota, escondi informações importantes sobre mim... E ainda por cima a trai com a Beatriz, não que amasse a Beatriz, não foi o caso, a Bia era minha válvula de escape..., mas isso não justifica minha traição. A Malu descobriu e me deixou, pediu o divórcio, mas não aceitei e a ameacei de todas as maneiras possíveis, fiz coisas terríveis, cheguei até a agredi-la fisicamente e por último a sequestrei... Para o meu desespero ela preferiu a morte a ficar comigo... Não suportaria viver sem ela, então a salvei e ela me perdoou. Sem esperanças, resolvi ir embora para Los Angeles e levar comigo a Beatriz, ela já estava grávida das gêmeas, nos casamos. Só que minha vida virou um inferno, não consegui esquecer a Malu, e em meu desespero procurava em minhas amantes um pouco da minha ex-mulher. A Bia transformou-se em uma mulher ciumenta, controladora e muito agressiva. Contudo, após muitas brigas, e por causa das minhas filhas, resolvi dar uma chance para mim e para a Bia. Dispensei todas as minhas amantes e conversei seriamente com ela, lhe contei sobre a minha decisão e prometi ser fiel e começarmos uma nova vida. Para comemorar tudo isso, resolvi dar a Bia uma casa nova, convidei uma corretora para almoçar e assim fecharmos o contrato, o que eu não sabia era que a Bia colocou um detetive particular para me seguir... No dia em que resolvi lhe contar sobre a surpresa, ela recebeu as fotos, um dia a Bia me confessou que se descobrisse que estava lhe traindo, ela me mataria e depois se mataria, e foi isso que fez. Quando viu as fotos do almoço com a corretora, nem me deixou explicar, acertou um tiro em meu abdômen e depois se suicidou...

Solto um grito de horror, Guilherme parecia sofrer muito com todas essas lembranças. *Deus do céu!* — Senhor Guilherme, por favor, se quiser pode encerrar a conversa, desculpe-me, não quis trazer lembranças tão doloridas de volta.

— Tudo bem, Luci, de qualquer jeito lhe contaria sobre isso, então que seja logo. — Ele continua: — O tiro me causou sequelas... Fiquei quase um ano sem andar, entrei em depressão, quis morrer... Foi o sorriso e a alegria das minhas filhas, que me trouxeram de volta a vida. Graças a Deus me recuperei, no entanto, prometi a mim mesmo nunca mais me envolver emocionalmente com outra mulher. Quando queria sexo eu o comprava... Em minha mente, pensava que nunca mais deixaria de amar a Malu...

Seus olhos varrem o meu rosto, então lhe digo com carinho:

— Minha mãe dizia que só se esquece de um grande amor quando se encontra um amor maior e mais forte. — Sorri com timidez.

Guilherme levanta-se e vem até a cama, senta-se, sua mão vem até a minha face e os seus dedos começam a me acariciar suavemente.

— Acho que sua mãe tem razão, pequena sereia, pois depois que a conheci, não penso em outra mulher que não seja você.

Guilherme inclina-se sobre meu corpo, sua boca toca a minha, seus lábios roçam-se aos meus com carinho, afasta-se, me avalia com o olhar atento.

— Durmo e acordo com você em meus pensamentos, Luci, e o meu maior medo é machucá-la e magoá-la, pois eu sou *expert* nisso.

Fico hipnotizada com suas palavras e seus carinhos, no entanto eu preciso resistir a este homem, sei que é uma missão quase impossível.

— Senhor Guilherme, não posso, por mais que lhe queira não posso...

Começo a chorar, mesmo tentando sufocar minhas lágrimas, não consigo detê-las. Tento me levantar, porém Guilherme me segura. Encolho-me, baixo minha cabeça, engolindo meus soluços.

— Acalme-se, e fique onde está... Luci, eu a quero e não desistirei de você, sei que você me quer, não me importo com o Marcelo. Escute, olha para mim, *porra!* — Guilherme me sacode pelos ombros, levanto os meus olhos fixando-os aos dele, ele está muito sério. — Só desisto de você se quiser... Posso fazer uma pergunta?

Assenti com a cabeça.

— Você ama o Marcelo? — Pisquei meus olhos várias vezes. Mas que raio de pergunta é essa,

penso comigo.

— Se o amasse não deixaria o senhor me tocar, por quem me toma, senhor Guilherme?

— Esqueça... Já obtive a resposta que queria... – Sua mão desliza em meus cabelos. — Então porque você não se separa dele? Um relacionamento sem amor ou mesmo forçado não tem futuro, vá por mim, eu sei o que digo.

— Não é tão fácil quanto parece, senhor Guilherme. – Faço uma pausa, respiro fundo, queria fugir dali, Guilherme me espera continuar. — Por que o senhor acha que quis trabalhar aqui e não quero que o Marcelo saiba... Preciso de dinheiro o suficiente para me manter na capital por uns três meses até conseguir um emprego...

Guilherme me interrompe.

— Espera aí, Luci, entendi bem...! Você pretende fugir do Marcelo, por quê? Ele a mantém prisioneira a força, é isso?

— Senhor Guilherme, o Marcelo é obcecado por mim, se o deixar e ele souber onde estou, nunca me deixará em paz, e não tenho ninguém no mundo... *Deus!* O Marcelo me conheceu em uma cidadezinha no sertão, ela nem existe no mapa, me trouxe para cá, me fez sua mulher, só... só que, ele me sufoca... Não quero ser ingrata, nem cuspir no prato que estou comendo, Marcelo me dá de tudo do bom e do melhor, mas... – Fiz uma pausa.

— Sabe onde morava antes de conhecê-lo? – Bateu um aperto no peito, um desespero. Não gosto de lembrar sobre o meu passado, apesar do Marcelo sempre me recordar sobre ele...

— Meus pais moravam, na roça, um lugar seco sem nada, nós não tínhamos fogão a gás, panelas, energia elétrica, cama, bebíamos água de um poço barrento e tomávamos banho no rio lamacento, comíamos o que plantávamos e o que matávamos quando achávamos algum animal quase morto ou criávamos algum... – O fito com um olhar dolorido, Guilherme permanece quieto.

— O senhor já comeu sariguê^[5]? Claro que não! Ele se parece com um rato enorme. Era a nossa carne quando encontrávamos um deles perambulando no mato... O senhor não sabe o que é fome ou sede. Mamãe cozinhava em um fogão a lenha na panela de barro feita por ela mesma, dormíamos em redes e nossa casa era de barro e coberta por palha... – Deu-me um aperto no peito, engoli o bolo que se formou em minha garganta, continuei:

— Minha mãe morreu quando eu tinha onze anos, fui eu e o meu pai que a enterramos no fundo da

nossa casa, meses depois o meu pai morreu, o enterrei ao lado da minha mãe, fiquei sozinha naquela casinha por uns três meses, até dona Jandira aparecer. Já a tinha visto algumas vezes, conversando com o meu pai... Ela me perguntou se queria ir morar com ela, disse-me que a ajudaria na lida e em troca me daria um lugar para morar, comida e trapos para vestir... Nem pisquei os olhos, aceitei na hora. Minha vida não foi fácil, virei escrava, fazia tudo naquela casa, com muito custo estudei até a quarta série, depois não pude ir mais a escola, o que sei aprendi sozinha. Anos depois conheci o Marcelo, ele se apaixonou por mim e me trouxe para Itaipava, ele sabe que não o amo, mas não se importa com isso... Para onde irei se o largar, senhor Guilherme?

— Para cá, você virá morar aqui comigo, cuidarei de você... — Ele me diz isso sem piscar os olhos, sua voz soa trêmula.

— Não posso fazer isso, que tipo de pessoa eu sou? Largo o engenheiro chefe e venho morar com o seu chefe. O que as pessoas vão pensar? E o Marcelo? Ele não merece tamanha humilhação... Não! Eu não posso sair da cama dele e imediatamente cair na sua.

— Então venha trabalhar aqui, podemos dizer que você está trabalhando para mim só por um tempo, até o Marcelo se conformar com a separação. — Pergunto sobre dona Miriam, pois ela já trabalha para ele. — Dona Miriam me pediu para procurar uma pessoa para substituí-la, o seu marido está muito doente e ela precisa cuidar dele. Então o que acha?

— Aceito o emprego, mas por enquanto fico com o Marcelo. Preciso de um tempo para lhe dizer a verdade. Até lá ele não pode saber que trabalho para você, nem sobre nós dois... — Guilherme levanta-se, sua fisionomia muda, ele aperta os punhos com força, olha-me com uma força no olhar.

Meu celular toca nesse instante, já sei quem é, provavelmente fico pálida, minhas mãos tremem. Guilherme vai até minha bolsa e me entrega. Procuro o meu celular, trêmula atendo o aparelho.

— Alô! Oi, sim, estou melhor, não, não estou mais tão dolorida... — Faço uma pausa. — Sim, faço, sim estou deitada. Entendi Marcelo, farei o que está mandando, tchau.

Guilherme está parado diante de mim, com os braços cruzados ao peito, feições de contrariedade. Ele vira-se, caminha até a porta do quarto, segura a maçaneta me olha sobre o ombro.

— Eu lhe dou cinco dias, nem mais nem menos, se em cinco dias, você não estiver em minha cama, buscarei você e lhe arranco de lá... O que é meu não divido, e não me deixe sentir o cheiro dele em você, pois esquecerei que é meu funcionário...

Guilherme abre a porta do quarto, vira-se para minha direção, sua voz soa com autoridade fria.

— Nem tente levantar-se da cama, você ficará descansando durante a manhã, mandarei Joana ficar aqui lhe fazendo companhia, mais tarde ligo para saber como você está e isso é uma ordem, nem ouse me desobedecer.

Deu-me um frio na espinha, ele fala com severidade, olha-me fixamente, mesmo assim com toda a sua dureza não sinto pavor dele... Fico com medo sim, porém é um medo de aborrecê-lo, um medo de decepcioná-lo.

Guilherme sai batendo a porta atrás de si, ele ficou furioso.

Ainda tentei chamá-lo, só que não retornou, minutos depois escuto o som do motor do seu carro sendo ligado, ele se foi.

Quando o Guilherme descobrir sobre o meu passado, vai me querer bem longe dele e das meninas, não posso tê-lo, ele não é homem para mim, e nem sou mulher para ele, por isso assim que já tiver uma boa quantia em dinheiro, irei embora.

*** **

Fiquei cego de raiva, por isso resolvi sair daquele quarto apressadamente. Sei que não conseguirei segurar o meu ciúme e minha possessividade. Há muito tempo não sinto estes sentimentos. Eu me conheço, sei como fico quando me sinto assim, por isso achei melhor sair de perto da Luci... *Diabo!* Só em pensar que o Marcelo poderá tocá-la, minha sanidade desaparece. Preciso afastá-lo dela, preciso dar um jeito de mandá-lo para algum lugar durante esses cinco dias... Como também preciso conversar com o meu psicanalista sobre o meu problema e será agora.

Faço o retorno com o meu carro e sigo direto para a capital, ligo para o Doutor Clóvis, ele diz que me aguarda em seu consultório...

*** **

Minha visita ao psicanalista foi muito boa, volto com esperanças... Doutor Clóvis já tinha me explicado sobre o que acontecia comigo, ele só confirmou o que já sabia... Sou um sádico sexual, minhas práticas envolvem atos reais (não simulados), ou seja, sinto excitação sexual infringindo sofrimento psicológico ou físico (incluindo humilhação) a minha parceira. Ele me esclareceu que o foco do sadismo está no controle e na observação do sofrimento do seu parceiro. O indivíduo pode atar, vender, dar palmadas, espancar, chicotear, beliscar, bater, queimar, administrar choques elétricos, estuprar, cortar, esfaquear, estrangular, torturar e até mutilar a vítima. Disse-me também que alguns sádicos praticam seus atos com um parceiro que consente e sente excitação sexual quando submetido a episódios de dor ou humilhação (Masoquistas), isso eu já sabia. Outros submetem qualquer pessoa a seus desejos sexuais sádicos, sem que haja qualquer consentimento por parte da vítima, esse é meu medo. Clóvis acrescentou que alguns indivíduos com sadismo sexual podem dedicar-se a atos sádicos por muitos anos sem infringir danos físicos graves à suas vítimas. Entretanto, a gravidade desses atos aumenta com o tempo, e, quando o sadismo é severo e está especialmente associado ao transtorno da personalidade antissocial^[6], podem ocorrer ferimentos graves ou até assassinato, no meu caso, eu faço parte do primeiro caso citado.

No entanto estou evoluindo bastante e reagindo muito bem ao TCC – Terapia Cognitiva Comportamental, juntando isso e ao fato que estou disposto a mudar e a aceitar que estou com problema e preciso de ajuda, estou ótimo. Conteí-lhe sobre a Luci, sobre o que estou sentindo por ela, relatei que quando a toco não sinto necessidade em machuca-la, só sinto necessidade de fazê-la sentir prazer. Também lhe contei sobre a Stella, com ela é diferente, o meu prazer é a sua dor, os seus gritos... Clóvis disse-me que Stella desperta em mim o que estou tentando repudiar, já a Luci traz à tona o meu melhor. Ele aconselhou-me a ir em frente com a Luci, sem medo e receio e se possível me manter bem longe da Stella. Ele também esclareceu que este meu lado dominador, controlador e possessivo faz parte da minha personalidade e não adianta ir contra, a mulher que se relacionar comigo terá que aprender a conviver com isso ou ir embora... Isso me deixou um pouco inseguro, mas tudo bem, Clóvis disse que com o tempo tudo vai se resolver. De certa forma fiquei feliz com o que escutei... Dona Luci que me aguarde... Com toda esta descoberta bateu uma saudade em meu peito, pego o celular e ligo para casa...

— Luci, Luci... Papai ao telefone, ele quer falar com você. – Joana entra no quarto toda eufórica com o celular a mão.

— Calma, pequena fada, suas asas ainda estão muito pequenas. — Falo rindo do seu jeito estabanado, ela lembra-me de quando tinha a sua idade. Pego o celular da sua mão. — Alô!

— *Como minha pequena sereia está? Ainda dolorida?*

— Já posso me levantar da cama, se o senhor meu patrão permitir.

— *O senhor seu “homem” não permite, eu a quero cem por cento, nem mais nem menos, escutou senhora minha “mulher”?*

— Eu sou mesmo?

— *É mesmo o que?*

— Sua mulher.

— *Completamente, só não será se não quiser.* — Guilherme respira profundamente, ele quer me dizer algo, após uma pequena pausa ele fala. — *Luci, eu, eu sinto muito por ter tido uma vida tão difícil, nem imagino o seu sofrimento...* — Ele fica em silêncio por uns dois minutos. — *Luci, agora você me tem, eu te quero o mais rápido possível em minha casa, em minha cama e em minha vida, estou pronto para você, espero que esteja pronta para mim.*

— Senhor Guilherme, vamos devagar, o senhor concordou em me dar o tempo para conversar com o Marcelo.

— *Cinco dias, ok?* — Concordei. — *Preciso desligar, até amanhã minha pequena e gostosa sereia.*

Sorri com sua ousadia, gostei do que ouvi, faz tempo que não escuto palavras descentes e picantes, ele desliga logo em seguida.

Esqueci completamente da pequena Joana, ela está debruçada sobre o colchão sustentando o queixo com as palmas das mãozinhas... Olhinhos curiosos me avaliam e seus lábios sorriam para mim.

— Luci, você será a minha mamãe?

Aquela pergunta me assusta, e me deixa completamente sem graça. Será que ela percebeu que há algo entre o seu pai e eu.

— Minha linda fada, você já tem uma mamãe, não precisa de outra. — Ela se senta sobre as

pernas.

— Minha mamãe morreu, eu sinto falta de uma mamãe, amo o meu papai, ele é tudo para mim e para Luiza, mas quero muito uma mamãe e você seria perfeita.

Fico a observando, percebo que ela está falando perfeitamente o português, das duas uma, ou sou uma excelente professora ou a Joana nos enganou.

— Minha fadinha já está falando bem o português... — Ela leva as mãozinhas à boca, escondendo o riso. — Joana...! Porque mentiu para o seu pai?

— Não menti, os meninos estavam mesmo fazendo pouco caso de mim, aquelas palavras que você me explicou, as letras L e R, sempre trocava, ninguém conseguiu me ensinar a diferença, só você... — Joana baixa os olhinhos e murmura. — Só não diz para o papai que já aprendi, porque ele vai dispensar você e eu não quero...

Joana termina a frase com voz de choro, cortou o meu coração.

— Pois tenho uma surpresa para você... — Fiz um suspense, ela me olha com alegria nos olhos. — A partir de hoje ficarei o dia todo com você e com sua irmã, dona Miriam não vai poder mais trabalhar aqui, então a substituirei. E aí, gostou da novidade?

Joana pula em meu pescoço, gritando de felicidade, ela nem percebeu que fiz careta de dor, minhas costas e bunda estavam queimando.

*** **

Escutar a voz da Luci deixou-me muito mais feliz, minhas dúvidas foram esclarecidas e o meu coração abrandou-se, mas relaxado e com expectativas futuras em viver com a mulher que conquistou meu coração. Ligo o som do carro e sigo tranquilo o trajeto de volta para Itaipava. Empolgo-me com a canção, arrisco-me a cantarolar dedilhando ao volante no ritmo da música.

Meu celular toca, paro o carro no acostamento da estrada.

— Alô!

— Senhor Guilherme Gusmão? Aqui é a diretora da escola na qual suas filhas estudam, preciso da sua presença com urgência.

A mulher faz uma pausa, não sei por que, mas meu botão de encrenca foi ativado, espero ela

retomar os seus argumentos.

— Senhor Guilherme? O senhor me escutou?

— Sim senhora... Minha filha Luiza está bem? Fale-me logo, se algo sério aconteceu preciso saber agora.

Meu corpo entra pânico, só poderia ter acontecido algo muito sério para a diretora em pessoa me ligar.

— Sim, é sério, mas exige a sua presença imediatamente... — Ela faz novamente uma pausa, segundos depois diz. — Maria Luiza está bem, estou lhe aguardando, senhor Gusmão.

A diretora termina a ligação, deixando-me no vazio e desesperado, ligo o carro e desta vez não dirigi tranquilamente, piso fundo no acelerador. O que será que aconteceu de tão grave.

Em meia hora chego à escola, vou direto para sala da diretora. Quando entro na sala, o que vi me deixou perplexo. Luiza está sentada, toda descabelada e com o uniforme rasgado, ela não para de balançar as perninhas de nervoso, quando me viu levantou-se em um pulo correndo em minha direção.

Assustado com a cena, indago:

— Luiza! Jesus Cristo, o que aconteceu com você, filha?

Com a carinha mais cínica ela responde prontamente:

— O senhor precisa ver como o outro menino ficou.

— Não acredito que você se meteu em confusão mais uma vez, Luiza! — Falo espantado.

Seus braços circulam minhas pernas, com voz embargada já vai se explicando.

— Não tive culpa, papai. Eu o mandei calar boca, mandei pedir desculpa, só que ele não parou e continuou xingando minha irmã de burra, anta americana e frangote. Aí... Aí fechei minha mão e piquei na cara dele.

— Deus do céu! — O que dizer numa hora dessas. Fico completamente sem ação.

A diretora manda-me sentar, Luiza segura em minha mão sentando em meu colo.

— Senhor Guilherme, como o senhor já sabe, não é a primeira vez que Maria Luiza entra em

brigas, e com o mesmo menino. O senhor a de convir que não está certo uma menina bater em um menino... O menino ficou de olho roxo e o nariz quebrado, é muita violência para uma criança... —A diretora olha para Luiza. — Não tenho alternativa a não ser suspender Luiza por dois dias.

Então lhe pergunto:

— E o outro menino?

— O senhor não acha que ele já foi punido demais, o seu rosto está todo machucado, não posso puni-lo.

Luiza, que até então ouvia tudo calada, levanta-se do meu colo e fala energicamente com a diretora. Confesso que fiquei assustado com o tom da voz da minha filha.

— E é certo um menino humilhar uma menina? É certo ele bater em uma menina? Ele humilhou minha irmã, e ela nem estava aqui para se defender, quer dizer que ele pode continuar xingando minha irmã? Se for assim, senhora diretora, eu continuarei batendo nele... —Ela começa a chorar, e com voz embargada continua. — Minha tia Malu diz que homem que é homem não bate nem humilha uma mulher, o homem que faz isso é um covarde um animal...

— Luiza! — Ralho com ela. — Filha, não é assim que resolvemos as coisas, por que você não falou com sua professora ou com a diretora.

— Eu falei, papai, só que eles não fazem nada. Só chama a atenção do moleque... Por isso que dizem que no Brasil não tem justiça...

A diretora fica pasmada.

—Luiza! Às vezes desconfio que errei em sua data de nascimento, cadê a criança que mora aí dentro? — Fico completamente aturdido com as palavras da minha filha.

Minha filha começa a chorar. Foi a gota d'água, indignado digo:

— Levarei minha filha para casa e amanhã ela voltará para o colégio, se o menino não será punido, ela também não será. E aí da senhora constranger minha filha, processo a senhora e os pais do moleque arrogante.

Pego Luiza pela mão, viro-me em meus calcanhares e saio da sala. A diretora ficou lá com cara de armário.

Já estou colocando o cinto em Luiza quando me viro e dou de cara com a Stella. Ela pede desculpas, diz que tentou intervir, mas a diretora foi taxativa, daria suspensão por dois dias a Luiza. Agradei o seu apoio e lhe digo que minha filha não será suspensa das suas atividades escolares, entro do carro e vou embora.

Luiza adormece durante o trajeto até nossa casa...

Sim estou preocupado com ela, como não me preocupar! Luiza sempre foi assim, à defensora da Joana. Ai de quem chame sua irmã de feia! Só que, agora ela extrapolou partir para violência para resolver um problema não é o caminho...

Casa do Guilherme

Escuto o motor de um carro, peço para Joana olhar através da janela e ver quem é.

— É o papai. — Ela me diz.

Assustei-me, pois ele não disse que viria para o almoço quando nos falamos ao celular. Será que aconteceu algo? Levantei-me e fui recebê-lo.

Fico pasma quando ele entra com Luiza nos braços. Percebo que ela está toda descabelada e seu uniforme aos trapos. Pergunto o que houve e Guilherme me conta o que aconteceu. Não fico surpresa, pois Joana já tinha mim contado sobre sua irmã ser tão protetora com ela. Ajudo o Guilherme a colocá-la na cama e troco sua roupinha. Luiza está tão cansada ou abalada que nem se move, continua dormindo. Preocupado Guilherme desabafa, dizendo que não sabe mais como controlar esses arroubos da Luiza, então me ofereço para conversar com ela assim que estivesse pronta para ouvir, pois não adiantaria nada tentar lhe falar enquanto ela estivesse na defensiva. Guilherme concorda.

Sáímos do quarto e fomos para sala. Ele aproveita que Joana está brincando nos fundos da casa e me puxa para um beijo. Assim que nossas bocas se tocam o seu celular toca, pede-me desculpas e o atende, logo suas feições mudam. Assim que desliga me diz que precisa ir, surgiu um imprevisto no *resort* urgente. Beija-me com carinho, indo para o carro apressadamente.

Volto para o quarto das gêmeas e fico parada a porta observando aquela menininha loira dormindo. Luiza é outro anjo, muito educada e carinhosa, ela tem verdadeira adoração pela irmã, cuida dela como se fosse um bebê, fiquei encantada com a cumplicidade das duas. Guilherme conseguiu sozinho educar perfeitamente as filhas, percebe-se que nesta casa que educação vem de berço, aqui o amor e o respeito estão acima de tudo. Assim que Luiza acorda, vai brincar com a irmã, resolvo não tocar no assunto da briga, deixarei isso para uma melhor oportunidade. Ajudei as meninas nas tarefas escolares, elas tomaram banho, lancharam e foram ver TV no quarto, aproveitei fui lavar a louça e arrumar a bagunça que nós três fizemos.

Às dezessete e quarenta, Guilherme me liga diz que já posso ir para casa, pois já está a caminho.

— *Minha pequena sereia, gostaria muito de chegar a casa e lhe encontrar, mas sei que ainda não é possível... Portanto pode ir. O Marcelo sairá daqui a 20 minutos, não quero que tenha problemas, amanhã te encho de beijos. Beijos, meu amor!*

Suspirei como uma adolescente ao ouvir “meu amor”. Desejei uma boa noite para ele, me despedi das meninas e fui embora...

Corri apressadamente para a casa do Marcelo, de jeito nenhum não podia lhe dar motivos para ficar zangado comigo. Ele me ligou duas vezes, uma pela manhã e outra à tarde e nas duas vezes afirmei que estava em casa e descansando. Fui direto para o chuveiro, tomei um banho e apaguei qualquer vestígio do cheiro do Guilherme em mim. Vesti uma camisola de seda preta, preendi os meus cabelos em um coque, passei meu hidratante de baunilha, em seguida me deitei, fingindo assistir TV.

Marcelo chegou às dezoito e vinte... E junto com ele veio uma dúzia de rosas vermelhas e um pacote em sua mão.

— Boa noite, meu doce, como você está...? — Ele me entrega o pacote. — Um doce para outro doce e rosas para outra rosa, beije-me, minha cadelinha linda. O pacote é uma caixa de bombons.

Ele fica de pé diante da cama, aguardando que me levante e vá até ele. Assim o faço, levanto-me com certa dificuldade, fico nas pontas dos pés e lhe beijo a boca.

— Meu doce, você está muito apetitosa com essa camisola, mas prefiro você nua, vamos dispa-se, quero ver as marcas que deixei em seu corpo.

Marcelo se afasta um pouco, seus olhos brilham na luxúria de me ver marcada. Desço as alças da minha camisola por meus braços e ela cai em poça aos meus pés. Marcelo dá um passo atrás.

— Vire-se, minha linda cadela.

Virei-me, ele escorrega os dedos sobre minha pele machucada, até minha bunda. Marcelo desenha cada vergão feito pela chibata, meu corpo começa a tremer.

— Luci, você está me deixando duro, não sei se conseguirei resistir a esse corpo lindo e marcado por mim. O seu medo está me deixando com um tesão dos infernos.

Sou puxada para o seu corpo, minhas costas sentem sua rigidez pulsante. Gelei. Estou muito dolorida para ser espancada novamente, fico tão apavorada que sucumbi ao meu desespero. Caio aos seus pés e suplico.

— Por favor, por favor, Marcelo, tenha piedade, não me açoite hoje, me poupe por hoje, amanhã você pode fazer o que quiser comigo, só hoje, deixe-me descansar, por favor...

Eu beijo-lhe os pés repetidamente, minhas lágrimas molham o chão. Ele permanece de pé, sei que está adorando o meu gesto. A cena para ele deve ser contagiante, uma mulher nua, toda marcada lhe lambendo os pés... Fico assim por um bom tempo, meu joelho machucado começou a latejar.

— Levanta-se, Luci, deite-se, vou tomar um banho, já trago o seu jantar.

Marcelo me deixa sozinha, sento-me na cama, minhas lágrimas escorrem em abundância, minha vontade era correr dali, correr para os braços do Guilherme e nunca mais sair de sua proteção. Meu celular vibra... Corro para verificar.

“Hora do remédio, pequena sereia”

Meu coração se encheu de felicidade, Deus me mandou um bálsamo para amenizar minha tristeza. Apago a mensagem, pego o remédio e o engulo sem água mesmo. Deito-me na cama, fico à espera do meu senhor.

Marcelo sai do banheiro vestido em seu pijama de seda. Sai do quarto, voltando em seguida com uma bandeja com o nosso jantar, ele me alimenta na boca, depois sacia a sua fome, me obriga a comer todo o alimento... Salada verde com tomates cerejas e atum, arroz integral, suco de laranja e um pote de iogurte grego.

Marcelo leva a bandeja de volta para a cozinha. Volta ao quarto deitando-se e me puxando para o seu peito... Graças a Deus! Hoje dormirei sem ser bolinada e açoitada...

*** **

Hoje ele não me escapa, Guilherme está fugindo de mim. Já percebi que ele está deixando a Luiza mais cedo que de costume. Ficarei aqui na frente da escola esperando-o.

Não demora muito e logo vejo a SUV do Guilherme apontar na entrada do portão da escola... Apresso-me.

— Bom dia, minha aluna favorita! – Digo, abrindo um vasto sorriso para o Guilherme.

Maria Luiza me abraça e a beijo nos cabelos.

— Bom dia, professora! – Ela me responde, sorrindo, correndo ao encontro dos seus amiguinhos de sala. — By, dad!

— Tchau, meu anjo!

Guilherme responde, acenando.

Observo-o com atenção... Guilherme fica esperando a filha desaparecer da sua visão, seus olhos vêm em minha direção.

— Você está bem? Já consegue sentar-se sem sentir dor? – Sua voz soa com preocupação, gostei disso.

— Já estou pronta para outra foda dura e gostosa. – Sorri para ele, mas não desvio o meu olhar do seu. — Por que não foi lá em casa? Esperei por você esses dias. Já lhe disse que não precisa pagar por sexo, quando quiser é só me procurar. Não fuja de mim, Guilherme, não quero compromisso, só quero tirar o meu atraso sexual e conhecer coisas novas, você me ensina e em troca eu te dou prazer.

Guilherme corre os olhos por minha face, seu maxilar aperta.

— Não brinque com o que não conhece, Stella. Você viu e sentiu o que posso fazer com o seu corpo. Vá por mim, se afaste! Fique bem longe das minhas mãos, elas machucam e até ferem e eu não tenho piedade, ok?

Ele vira-se e antes que dê um passo em frente, lhe seguro pelo antebraço.

— Espere! Aceito o risco. Quero ser marcada por você! Faça o contrato, aceito todas as regras.

Até ser compartilhada, se for o seu desejo... Quero muito você, faço qualquer coisa para lhe pertencer.

Ele olha em direção a minha mão que o segura, o solto, Guilherme me segura pelos ombros, e fala duramente.

— Falo sério, Stella. Ser dominada não é um fetiche qualquer, que você ler nos livros de romance erótico, a vida real é completamente diferente, não sou um príncipe encantado... Não vou lhe comprar vestidos caros, lhe cobrir de joias, dar um carro importado para você, nem mesmo levá-la para jantar em restaurantes chiques, muito menos apaixonar-me e lhe pedir em casamento. Essa relação entre D/S é a busca pelo prazer sexual sádico... O meu prazer, não há amor só prazer, não confunda os sentimentos... Esqueça os romances eróticos, sadomasoquismo é uma relação egoísta, onde um domina e outro se submete a aqueles que gostam de submeter e a outros que são obrigados, sim é claro que há regras a serem cumpridas, mas nem sempre elas são. Não fantasie romance. Nesse mundo não conhecemos essa palavra, não se iluda. Não é uma questão de vontade e sim uma necessidade. É como uma droga, você sabe que faz mal, mas você assume o risco.

Guilherme solta-me, mas permanece com o olhar fixo em meu rosto.

— Já lhe disse que não estou à procura de romance, só quero sexo.

— Se é só sexo que quer aposto que há um monte de homens loucos por uma oportunidade para lhe conhecer... Você é uma mulher linda, sensual e muito gostosa na cama.

— Sim, de fato há muitos homens loucos por mim, no entanto não os quero, pois eles são iguais em tudo, quero algo diferente, quero o que você me ofereceu, gostei e quero mais...

— Se é isso que quer, posso lhe apresentar vários senhores que estão em busca de submissas iniciantes, pelo menos os conheço e sei que são de confiança. Entrarei em contato com alguns e de acordo com que disserem, marco uma entrevista para você.

— Não! – Brado imediatamente. — Não quero outro homem, quero você como o meu senhor! Só confio em você, por favor, não me rejeite.

Percebo que ele fica excitado, pois se vira rapidamente e vai em direção ao carro. Vou atrás.

— Guilherme, sei que você me deseja. É só chegar perto de mim e você fica de pau duro.

— Stella, já lhe disse que o que sinto por você não tem nada a ver com desejo. Não confunda os

sentimentos... Aceite meu conselho se afaste de mim, sou bem mais perigoso do que aparento ser. Bom dia!

— Guilherme, eu sempre ficarei esperando por você em minha casa. A hora que você quiser... — Ele ligou o carro e saiu sem me dizer nada. Virei às costas e fui para a escola.

*** **

... *Merda!* Está vendo, Guilherme Gusmão, isso é o que acontece quando você não consegue manter o pau dentro das calças... Agora a mulher viciou e virou um problema. Preciso encontrar uma forma de mantê-la bem longe das minhas mãos. *Porra!* Estou muito excitado! Tomara que a Luci não tenha chegado, do jeito que estou, ela será o meu alvo.

Deixei Joana dormindo, ela não passou a noite muito bem, reclamou de dor na barriga, por isso achei melhor deixá-la dormir mais um pouco. Assim que o meu carro aponta no portão de ferro, avisto minha pequena sereia. Caralho! Quanto mais a vejo, mais me apaixono. Vestida com uma pequena saia azul e uma regata branca, ela está uma loucura de provocante. Aquela saia me faz ter pensamentos libidinosos... Quando estivermos morando juntos, vamos ter sérios problemas com roupas curtas. Parei o carro e ela me presenteia um lindo sorriso, meu pau pulsou. — *Quieto!* — Disse, olhando em direção ao meu membro.

Desço do carro, estou excitado demais para pensar, caminho em direção a minha pequena sereia, pego-a pela mão e arrasto em direção ao meu quarto, nada digo. Luci sai tropeçando nos móveis, sem entender nada. Entro em meu quarto, tranco a porta com a chave e sem lhe dar chance de argumentos, eu a jogo na parede. Prendo suas mãos no alto da cabeça com uma das minhas mãos e a outra mão vai direto para debaixo da sua saia, deslizo meus dedos sobre o seu monte carnudo, Luci geme baixo com o meu toque.

Ela tenta dizer algo. — *Shh!* Calada! Só me sinta, só deixe-me explorar o seu corpo, eu preciso de você...

Minha boca encontra a sua, mordo-a com um pouco de força, meus dentes percorrem o seu queixo, seu pescoço até encontrar os seios, mordo-os um por um, através do tecido da regata. Logo os seus bicos ficam rígidos, chupo-os deixando a marca da minha saliva em volta deles. Luci solta um gemido rouco, arqueia o corpo contra o meu com força. Minha boca volta na sua e nossas línguas se chocam. Estamos sedentos um pelo outro. Ela roça-se com força em mim, seus seios esfregam-se em meu peito.

Que loucura, meu Deus! Meus dedos afastam sua calcinha para o lado, encontrando suas dobras encharcadas, eles deslizam para cima e para baixo. Meu dedo indicador encontra seu pequeno botão, começo a brincar com ele, o bolinando, não resisto e encho minha mão de carne, aperto o seu sexo com força, Luci solta um grito de prazer. Dou um pequeno tapa em seu monte, depois outro, depois outro um pouco mais forte, escutamos o estalar dos meus dedos em sua carne macia, ela me olha com tesão. Solto sua boca e lhe falo com rouquidão na voz.

— Preciso de você em minha boca. Minha necessidade por você me atormenta. Quero mordê-la, posso? Você permite que morda aqui? – Alisei o seu monte mostrando onde pretendia mordê-la. Ela assentiu com a cabeça.

Solto suas mãos, minha boca e mãos fazem um caminho abaixo por seu pescoço, seios, abdômen. Fico de joelhos, olho para cima e encontro uma Luci, ofegante e com olhos brilhantes. Gosto do que vejo... Minhas mãos mergulham por baixo da sua saia, encontrando sua calcinha, desço o pequeno tecido por suas coxas e a retiro completamente. As mãos de Luci encontram os meus cabelos e ela começa a acariciá-los... Suspendo sua saia lentamente, fico de frente para a mais bela vagina que já vi em toda minha vida. Só uma me deixou tão sedento e não me pertencia mais, mas esta será toda minha só para o meu prazer, não perco tempo, abocanho com vontade aquele monte de carne macia, mordo, chupo, lambo, enfio o meu nariz, minha língua, mordo outra vez, fiz força, deixo a marca dos meus dentes, mas controlo a intensidade, não pretendo machucá-la, só saciar minha vontade de tê-la. Luci empunha força com as mãos em meu cabelo, geme, se contorce, o seu prazer está próximo. Olho para ela e lhe ordeno.

— Abra-se para mim! Abra-se, meu amor... – Seus olhos brilham de desejo, ela me obedece. Então a seguro por baixo da bunda, colocando suas pernas em meus ombros, uma de cada lado... Levanto-me com Luci sentada em meus ombros e completamente esparramada em minha cara, suas costas são fixadas a parede para lhe dar mais segurança enquanto a minha língua e boca trabalham em sua fenda.

Seu prazer é sentido por mim em cada gemido rouco que solta, sinto o aperto dos seus joelhos em meu pescoço, mordo e chupo com força e toda vez que faço isso, ela prende-se a mim com força.

— Minha gostosa, você é deliciosa, minha pequena sereia. Você é muito foda, esfrega sua fenda em meu rosto meu tesão, me lambuze com seu mel, assim... Isso com mais força, meu tesão, *caralho de mulher gostosa...*

— Senhor Guilherme, eu, eu não aguento é muito, não dá para controlar, eu, eu vou gozar, eu

posso, posso?

— *Caralho* de senhor Guilherme! Chame-me do que quiser, menos de senhor, e pode gozar meu amor, goze com força, sem medo de ser feliz...

Para deixá-la ainda mais louca, circulo meu dedo em seu buraco traseiro... Quando ela sente o toque fica tensa e contrai a bunda, prendendo o meu dedo... Aquele gesto me deixou louco... Fico com vontade de penetrá-la com força e escutar o seu grito de dor, me controlo, não quero machucá-la... Afasto minha boca da sua fenda e fixo os meus olhos nos dela.

— Relaxe, meu amor. Não vou penetrá-la com o dedo, só massagear o local para lhe dar mais prazer, relaxe...

Volto a saborear o seu mel... Luci foi relaxando o musculo anal, e o meu dedo continua a massagem em suas pequenas pregas, ela arqueia o quadril para frente, segurando em minha cabeça, isso faz com que minha língua a penetre. Começo a entrar e sair em sua fenda, mordo seu botão com força, chupo. Luci enlouquece... Aos poucos, meu dedo invade o seu buraco traseiro e começo a fodê-lo. Ela cavalga em meus ombros, minha pequena sereia fica selvagem e sua timidez vai embora completamente.

— Mais rápido, amor... Mais rápido, *ai meu Deus!* Isso é muito bom, vai, Gui, Guilherme mais rápido, humm! Nossa mãe de Deus! Vou morrer... *Oh, Jesus!*

Luci derrama o seu prazer em minha boca intensamente, ela inclina o corpo sobre minha cabeça. Pensando que iria desmaiar a desço dos meus ombros, levando-a para cama, seu corpo ainda está trêmulo, beijo-a, depois vou até ao banheiro voltando com toalhas úmidas, limpo o seu sexo, visto sua calcinha, então eu percebo que ela está adormecida, cubro-a, troco-me, beijo-a novamente e vou trabalhar completamente satisfeito com o prazer da minha mulher.

... Horas depois

Guilherme deixa Luiza em casa ao meio dia, ele nem desce do carro, escuto ele dizer a filha para me chamar. Assim que ponho o rosto na porta, ela me diz sorrindo.

— Papai está lhe chamando, tia Luci.

Desço os três degraus que separam a varanda do jardim, e sigo toda cheia de sorriso até o carro, Guilherme observa-me com olhos felinos e com um sorriso bobo nos lábios. Antes mesmo de chegar perto do carro, ele já estende a mão para que possa pegá-la.

Sou puxada com força até ele, a única coisa que separa os nossos corpos é a porta do carro, sua boca encosta-se a minha e sem se afastar ele diz:

— Se não beijá-la, não conseguirei trabalhar, sinto falta do seu cheiro em meu corpo... Humm!

— Senhor Guilherme, se acalme as meninas podem nos ver...

— E qual é o problema nisso? Logo você virá morar aqui e não teremos que nos esconder feito ladrões. Vem cá, minha delícia, minha oitava maravilha...

Minha boca é possuída por outra boca faminta, sua língua varre o céu da minha boca, meus lábios são sugados com uma necessidade voraz, gemo gostosamente. Faço o mesmo, só que escorrego minha boca até o seu queixo quadrado e o mordo com precisa força, fazendo-o soltar um gemido de prazer. Guilherme afasta-me um pouco, só o suficiente para ver o brilho de tesão dos seus olhos, ofegante ele diz:

— Minha sereia gosta de mordidas, eu também gosto. Não me dê ideias, esqueço que tenho uma reunião importantíssima e a arrasto para o quarto, deixo-a nua e a faço minha de vez.

Gelei... Ficar nua na frente do Guilherme está fora de questão, já basta o vacilo que cometi, em ter adormecido pela manhã e ele ter me vestido. Graças a Deus que a sua preocupação em não me acordar, não o fez virar-me de bruços, se não estaria perdida.

Sou agraciada por mais um beijo avassalador... Senhor Jesus! Esse homem me tira o chão! Afasto-o um pouco, respiro fundo e lhe digo:

— Não quero que eu seja motivos de atrasos em sua vida profissão, portanto tenha uma boa reunião e deixe-me ir cuidar das nossas filhas...

Ai caramba! Saiu sem querer. Guilherme olha-me com espanto, seu olhar é intenso e avaliativo.

— Fico feliz em saber que já pensa assim. Já se sente mãe das minhas pestinhas. Por acaso pretende também virar avó, pois sou avô de duas criaturinhas lindas! – Ele ri em gargalhada.

— Vou adorar ser chamada de vovó, seu tolo. – Dou-lhe uma tapa no braço.

— Ok! Já que não me quer dentro de você, preciso ir trabalhar, ligo para você quando minha reunião acabar. – Ganho um beijo na ponta do nariz, afasto-me e ele vai embora.

Sigo direto para a cozinha, Luiza está sentada na cadeira da mesa da cozinha, está desenhando algo. Quando me aproximo, percebo que ela esconde o desenho. Sento-me na outra cadeira, seguro em sua mãozinha e pergunto com todo carinho.

— O que está desenhando? Posso ver?

— Nada importante, tia. É só algo que está me incomodando.

— Mostre-me, quem sabe não posso lhe ajudar.

Um pouco reticente, ela me mostra a folha de papel.

Fico pasmada com o que vejo desenhado, há palavras escritas em letras de forma:

BURRA, ANTA AMERICANA, MENINA MACHO, SAPATÃO...

Continuo analisando os escritos, passo a mão por minha testa, baixo a folha e a escondo por baixo do meu antebraço, seguro na mãozinha da Luiza e falo com voz branda.

— Meu anjo, o que essas palavras significam para você? Por que as escreveu?

— Tia! – Ela baixa os olhos e fala quase sussurrando. — Tia, tem um menino na escola que fica implicando com a Joana. Defendo minha irmã, chamando-o para briga, o chamo de frouxo, de boneca, inclusive já bati nele duas vezes, por causa disso ele me chama de menina-macho e sapatão.

Quase engasgo na surpresa. Fico com vontade de ri só por causa da maneira como contou sua versão.

— Luiza, você sabe o que significa sapatão?

— Sei sim. – Ela responde prontamente. — A palavra certa é homo... Homo...

— Homossexual! – Completo.

— Sim. – Ela levanta o olhar para o meu rosto e suas feições melhoram. — Minha irmã Clara e minha tia Fernanda é isso aí... Essa palavra quer dizer, quando o menino gosta de menino e a menina gosta de menina. Isso não tem problema, é saudável, mas tem pessoas que não aceitam, e tia... Eu não gosto de menina, eu gosto de menino...

— Está incomodando o fato do menino da escola chamá-la de sapatão? É isso, meu anjo?

— Sim, tia, os meninos ficam rindo de mim, só não bato nele novamente, porque prometi ao papai que não faria mais isso. Só não sei até quando vou conseguir me controlar. – Ela me fita com lágrimas nos olhos e isso me corta o coração. — Eu juro, tia, da próxima vez eu quebro os dentes dele.

Prendo o riso, levanto-me e vou até aquele anjo loirinho. Limpo os seus olhinhos azuis, colocando-a em meus braços. Ela olha-me com candura e com amabilidade lhe digo:

— Como é o nome do menino impertinente?

— Pedro.

— Luiza, o Pedro é um bobo, você sabia que as meninas são mais inteligentes que os meninos? E ainda que amadurecem primeiro? – Ela sorri. — Pois é, meu anjo, não ligue para esse bobão. Seja superior a ele. Quando o bobo começar a implicar com você ou com sua irmã, ignore-o, deixe-o falando sozinho. Meninos não gostam de ser ignorados, quando ele perceber que você não se importa mais com o que ele diz, vai desistir de você e da sua irmã, e vai procurar outra coisa para fazer... Vá por mim, ele só implica com você, por que você dá ibope para ele, ignore-o e logo, logo ele desiste, quer apostar?

Levo minha mão para cima para ela bater, ela bate, depois circula os bracinhos em volta do meu pescoço e começa a beijar todo o meu rosto.

— Amo você, Luci, amo muito... Obrigada! – Ela encosta a testa na minha, beijo a ponta do seu nariz, ela desce do meu colo e corre chamando Joana para brincar.

Ufa! Foi mais fácil do que pensei, só espero que ela faça o que eu lhe disse.

Volto para pia, limpo a bagunça e arrumo a mesa para o nosso almoço.

A tarde foi gostosa, após o almoço eu e as meninas fomos caminhar na praia, elas tomaram banho

de mar e catamos conchas para enfeitar o jardim. Confesso que fiquei com vontade de mergulhar naquele marzão de meu Deus, só que não posso, minhas costas estão marcadas e não tenho como explicar as marcas para as meninas, por isso fiquei só observando as duas brincarem. Horas depois já estamos de volta, mando-as tomar banho e vou para cozinha e enquanto cuido do jantar das meninas, meus pensamentos vão direto para o homem que ilumina os meus dias, Guilherme Gusmão...

*** **

Sim, sim, Deus eu estou apaixonada... O que faço agora? Não posso viver esse amor, não sou mulher para o senhor Guilherme, ele está bem distante das minhas possibilidades, completamente fora do meu alcance. Por mais que saiba disso, não consigo ficar longe dele, há uma força que me joga em seus braços... Deus, o Senhor está me escutando? Ajude-me! O Senhor sabe tão bem quanto eu, pois se o senhor Guilherme descobrir sobre o meu passado, ele me mandará para bem longe dele e da vida de suas filhas.

Preciso ir embora de Itaipava o mais rápido possível. O valor que o senhor Guilherme vai me pagar por ficar trabalhando o dia todo, dará para fugir para a capital. Não deve ser tão difícil arrumar um emprego em Salvador, qualquer trabalho servirá. Por enquanto viverei esse sentimento com toda força do meu coração e se o pior acontecer, irei embora, porém conhecerei como é ser amada por um homem de verdade. Já decidi, virei morar aqui e seja o que Deus quiser.

Meus pensamentos me atordoam, fazendo com que me esqueça por completo do meu horário. Termino de arrumar as coisas das gêmeas, elas estão no quarto vendo TV...

— Tia Luci, é o papai, ele quer lhe falar. — Luiza corre até mim com o aparelho celular na mão, ela me entrega e me observa sorrindo. — Papai gosta de você, tia Luci. — Ela mal termina a frase e sai correndo.

— Alô!

— *Só acho que minha filha esqueceu-se de acrescentar uma palavra na frente do “gosta”... —* Guilherme faz uma pequena pausa. — *“Papai gosta muito de você, Luci”.* Não vou mudar a frase para não assustá-la, mas poderia muito bem substituir o “gosta” por outra palavra. — Ele me espera dizer algo.

Mas o que dizer! Entendi perfeitamente o que quis dizer, engasguei no susto repentino.

— *Minha pequena sereia, você ainda está aí? Luci?*

— Sim, sim eu estou, senhor Guilherme.

— *Luci, falo sério... Não sou mais um moleque e sei diferenciar certos sentimentos, minha idade não permite mais enganos... Acostume-se a isso.* — Ele solta uma risada gostosa, isso fez meu corpo se aquecer. Ele continua. — *E tem mais, sou um homem extremamente possessivo,*

controlador e dominante, quem manda na relação sou eu... Portanto já lhe digo que eu mando e você me obedece, quero você só para mim, não aceito compartilhar o que é meu com mais ninguém, cuidarei de você como o bem mais precioso do mundo... Estamos entendidos, minha mulher?

Deveria ficar com medo das palavras do Guilherme, pois o Marcelo me trata como sua propriedade e não gosto disso... Mas pertencer ao Guilherme era tudo o que mais queria e se possível por toda a vida.

— Sim senhor, meu homem. — Ele não viu o sorriso que abri nos lábios, mas com certeza ele gostou da resposta.

— *Agora sim... Seu homem, só seu, minha pequena sereia. Gos.to.sa!* — A última palavra ele sussurra. Agora solto uma gargalhada, ele limpa a garganta e me diz com um tom sério. — *Meu amor, pode ir para casa, já estou saindo do escritório, não quero que o Marcelo crie problemas com você, não se preocupe com as meninas, elas ficarão bem. Até amanhã, minha sereia gostosa e como diz os homens daqui... Tesuda!*

Não consigo segurar a gargalhada...

— Tesuda! Nossa! Obrigada!

— *Epa! Mas está t.e.s.u.d.a é só minha. Beijos, meu amor.*

— Beijos, meu senhor tesudo! — Desligo o celular imediatamente, fico ruborizada de vergonha.

O senhor Guilherme tem o dom de me deixar totalmente à vontade, diferente do Marcelo, fico pisando em ovos com ele tenho medo de falar e até respirar, a todo instante fico tensa, pois penso que Marcelo vai interpretar mal algo que faço ou digo e logo serei castigada por isso.

Termino de arrumar a cozinha. Escrevo um bilhete para o homem que está tornando os meus dias inesquecíveis... “*Senhor Guilherme, deixei uma sopa de legumes pronta é só esquentar, beijos, Luci.*”

Chego à casa do Marcelo às pressas, corro para o chuveiro, lavo os cabelos com o meu shampoo de camomila, termino o meu ritual com o hidratante de baunilha por todo o corpo. Visto um vestido vermelho bem justo e com um grande decote nas costas, Marcelo não gosta que esconda as marcas que ele deixa em meu corpo. Calcei os *scarpin* pretos, prendo os meus cabelos em um rabo de cavalo bem no alto da cabeça. Olho-me no espelho, certifico-me se está tudo no devido lugar, tudo

certo.

Corro para arrumar a mesa do jantar, a comida já está pronta como ele sempre gosta, uma salada, um grelhado, arroz integral com legumes, coloco o vinho branco a mesa, baixo a luz, e ponho uma música suave, verifico cada detalhe, está tudo correto... Vou para o quarto, pego as toalhas, o chinelo e a sua roupa de dormir, coloco tudo em seu devido lugar no banheiro. *Deus!* Espero não ter esquecido nada.

Verifico mais uma vez, não posso errar, ainda estou muito dolorida, não suportaria ser castigada novamente, e meu maior medo é o Guilherme perceber, tenho até medo do que ele possa fazer se por acaso descobrir o que o Marcelo faz comigo. Escuto o som do carro do Marcelo... Corro para o sofá, sento-me, cruzo as pernas, minhas mãos ficam apoiadas sobre os meus joelhos, fico com as costas eretas e um sorriso nos lábios. Ele entra. Fico completamente gelada. Seu olhar vem direto para mim.

— Meu doce! Seu dono chegou.

Marcelo verifica cada detalhe da casa, passa o dedo nos móveis, observa se há algo fora do lugar, vai até a sala de jantar, demora um pouco mais, depois retorna até onde estou sentada.

— Levante-se! – Ele ordena. — Gire em torno de si! – Eu girei. — Pare! – Parei, ficando de costas para ele.

Marcelo aproxima-se, sinto os seus dedos correrem em minhas costas, provavelmente está acariciando as marcas da chibata deixada em minha pele.

— Vá buscar a coleira e o *plug* anal com calda de cachorro.

Olho para ele assustada, minhas pernas começam a tremer, já sabia o que isso significa, meus olhos lacrimejaram, engulo o choro, se o Marcelo perceber minhas lágrimas, será pior. Vou buscar o que ele pediu.

Retorno com a coleira a corrente e o *plug* anal. Minhas mãos tremem, um bolo se forma em minha garganta. Entrego o material ao Marcelo.

— Dispa-se lentamente. – Dispo o meu vestido, fico só de *scarpin*. — Deite-se em meu colo de braços.

Marcelo senta na poltrona, rezo baixinho, pedindo a Deus forças para não sair correndo porta a fora. Deito-me de braços no colo do Marcelo, sinto suas mãos percorrer minha bunda e costas, elas

passavam por minha pele, desenham os vergões da última surra que levei. Sinto um frio na espinha, uma vontade enorme de chorar de gritar o nome do Guilherme, pedir por socorro...

— Minha! — Ele diz com arrogância. — Minha cadela para usar do jeito que quiser e bem entender.

Sinto suas mãos espalharem as minhas nádegas, três dedos foram introduzidos em meu buraco traseiro, em seguida foi substituído pelo grosso *plug* de rabo de cachorro. Mordo minha mão com força quando sinto o frio metal entrar em meu interior.

— De quatro, cadela Luci. — Seu olhar é de pura luxúria, Marcelo saliva. Obedeço, fico de quatro.

Marcelo coloca a coleira em meu pescoço, em seguida pluga a corrente no gancho. O som do metal me dá medo, meu joelho machucado começa a friccionar no tapete, aquilo dói, mas não posso reclamar.

— Venha, minha cadelinha Luci, venha com o papai até a mesa.

Ele puxa a corrente, me forçando a engatinhar. Grito com a dor do meu joelho ralando no tapete.

— Quieta! Cadela não fala, ela late ou rosna... Se disser algo, esquecerei que está machucada e lhe foderei sem piedade.

Vou engatinhando até a mesa. Marcelo pega umas tigelinhas, coloca o jantar em uma e na outra ele coloca leite. Leva ao chão, faz um carinho em minha cabeça, depois brinca com o *plug* enfiando-o com força em meu interior, eu lato.

— Isso, minha cadelinha linda, agora coma sua comida e beba o seu leite.

Ele descansa a corrente na coxa, me dando uma folga para baixar minha cabeça e começar a comer... Sim, sim já fiz isso antes, inclusive já dormi em uma casinha de cachorro no lado de fora da casa. Foi um dos castigos mais terríveis que passei em minha vida. Fiquei durante quatro dias e três noites vivendo nua, ao relento e acorrentada como uma cadela de verdade. Após terminar de me alimentar, deito-me sobre os meus braços, como um bom cão faz enquanto espera as ordens do seu dono.

Marcelo levanta-se, me puxa pela corrente, meu joelho dói muito, então hesito um pouco, sou puxada com força, começo a latir. Marcelo me olha com certo desprezo.

— Quer que eu passe fita crepe em suas pernas e braços, fazendo você engatinhar só pelos cotovelos e joelhos?

Imediatamente agito a cabeça em negativa, estava cansada e com medo. Marcelo senta-se na poltrona, ele desafivela o cinto, abre o zíper da calça, tirando o seu membro de dentro da boxer.

— Aqui, cadelinha, as patinhas aqui no colinho do papai.

Ele bate as mãos em suas coxas, me mandando ficar de joelhos no meio de suas pernas.

— Chupe-me bem gostoso, cadela, não posso foder o seu traseiro, mas posso foder sua boca com força até os seus olhos lacrimejarem..

Assim ele fez, me fodeu por horas. Marcelo não tinha piedade, enfiava o seu membro todo em minha boca forçando-a para a sua virilha e me mantinha por minutos assim, algumas vezes ele apertava o meu nariz me impedindo de respirar, quando ele percebia que lágrimas já escorriam por meus olhos e o ar faltava em meus pulmões, ele afrouxava o aperto, depois fazia tudo novamente. Quando se deu por satisfeito, soltou o seu prazer em meu rosto. Fui puxada pela coleira até o quarto, chegando lá, ele forrou uma toalha no chão e me mandou deitar, prendeu a corrente ao pé da cama e foi para o banho. Dormi no chão, nua, com um plug em meu traseiro e sentindo muito frio. Pela manhã sou acordada por beijos. Marcelo retira o *plug*, me solta da coleira, me dá banho, veste-me, alimenta-me, enchendo-me de beijos e carinho, só que aqueles carinhos me repugnam.

— Meu doce, estou viajando hoje, só retorno daqui a cinco dias. Fique deitada, deixe que eu mesmo faço minha mala, durma. – Eu dormi mesmo, estava tão cansada.

*** **

Acordo com o toque do meu celular, meu corpo ainda está dolorido por ter dormido ao chão... Olho em direção ao relógio de cabeceira... Assusto-me com o horário.

— Deus! Estou atrasada. — Levanto-me apressadamente.

Na pressa esqueço-me de verificar quem é ao celular, corro para o chuveiro. Meu banho foi rápido, da mesma forma foi minha troca de roupa, visto a primeira roupa que encontro... Um vestido foral bem soltinho. Pego minha mochila, meu celular e saio apressada.

Quase tenho uma síncope, pois quando chego perto da porteira, já perto do asfalto, o senhor Guilherme já está vindo em minha direção. O seu semblante não era nada animador, fico assustada com sua carranca, ele para de caminhar assim que me ver.

Assim que chego perto, Guilherme sobrecarrega-me de perguntas.

— Por que não atendeu ao celular? Você está bem? *Porra*, Luci! Quase enlouqueço quando cheguei da escola das meninas e não a encontrei nos esperando. Liguei para você uma centena de vezes... — Ele me avalia, fico assustada com o seu rompante. — Luci! Luci! — Ele me sacode os ombros.

— Desculpe-me! Eu perdi a hora, acordei com o som do meu celular. Quando vi as horas, corri para o banho, nem me lembrei de verificar quem era. Perdoe-me, senhor Guilherme, isso não acontecerá mais...

Fiquei envergonhada e imediatamente baixo meus olhos.

— Não faça isso... Ou tomarei você em meus braços e a beijarei aqui mesmo... — Guilherme segura em meu queixo, obrigando-me a olhar em seus olhos. — Se morder o canto da boca será pior, não controlarei meu desejo de fazer amor com você.

Com certeza meu rosto ruborizou e nesse momento Guilherme me puxa para ele, abraçando-me com força. Suas mãos tocam logo acima do meu bumbum. Encolho-me, pois ele apertou o local em que está machucado, solto um pequeno grito. Imediatamente Guilherme ralha comigo.

— *Caralho!* Você ainda está dolorida? Isso não está certo. Já era para ter melhorado, vamos para casa quero ver isso direito.

Guilherme puxa-me pela mão, indo em direção ao carro. Desesperada, lhe puxo com força.

— Como assim ver isso? Não! Você virou médico agora? Estou bem, logo esse incômodo passa, não se preocupe.

Guilherme cerca-me a cintura com os braços, segurando-me com firmeza, uma de suas mãos vai bem acima do meu cóccix, ele aperta forte o local, solto um grito, escondo o meu rosto em seu peito e os dedos das minhas mãos apertam a sua camisa.

Guilherme segura a minha nuca, entrelaçando os dedos nos meus cabelos, sinto sua carícia, ele baixa o rosto até a minha orelha e sussurra.

— *Shh*, viu que tenho razão, vamos e no caminho chamo o médico.

Tento argumentar, mas ele me manda calar, diz que a decisão já está tomada. Entro no carro e quando olho para o banco de trás a Joana está dormindo. Será que ela viu a nossa intimidade? Penso comigo.

Assim que chegamos, Guilherme pega a Joana nos braços e a retira do carro.

— Vamos, minha pequena sereia, passe na minha frente, doutor Joaquim já está a caminho. — Sigo a frente, abro a porta para que possa passar.

Guilherme leva a Joana para o quarto, fico esperando por ele na porta. Ele põe a menina na cama, afasta o cabelinho loiro do rosto e lhe beija a testa. Fico comovida por tanta devoção e cuidados. Guilherme é um pai maravilhoso, me encho de orgulho. Se fosse para escolher um pai para um filho meu, o escolheria.

Ele levanta, viro-me para o corredor, porém antes de chegar à sala, sou puxada pelo braço e o meu corpo encontra os músculos duros do corpo do Guilherme. Fico colada a ele, ergo a cabeça e encontro um sorriso lindo.

— Eu preciso da sua boca na minha, estou faminto por seu beijo, minha mulher.

Mal consigo abrir a boca e a língua quente do Guilherme já está de encontro com a minha, nossas línguas entram em guerra e o meu corpo imediatamente entra em combustão, minhas mãos acariciam o seu peito e descem em direção em frente da sua calça. *Putz!* O homem já está duro... Envolver meus dedos em volta da sua rigidez e aperto com vontade.

Guilherme arfa, gemendo em minha boca, ele morde o meu lábio inferior, em seguida desce com

a boca até o meu queixo, deixando um caminho molhado por meu pescoço. Meu corpo arrepia-se, prendo minhas mãos em sua camisa e o puxo com força para mais perto do meu corpo, começo a me roçar suavemente, meus seios dançam logo abaixo do seu peitoral, fico entre uma de suas pernas roçando meu sexo em sua coxa.

— *Caralho!* Que gostosa e quente você está, tão molhada e tão cheirosa... Minha tesuda... Seu suco está molhando minha calça, quero você, Maria Lúcia, eu preciso senti-la por dentro, *puta merda!*

Guilherme encosta-me a parede, flexiona os joelhos, fazendo sua rigidez se encontrar com o meu sexo, ele se esfrega com força, beijando-me com necessidade, uma de suas mãos encontra o meu seio, ele é massageado com fúria e indecência, minha mão faz a mesma coisa em sua magnífica bunda, aperto as carnes, empunhado o seu corpo contra o meu.

— Minha delícia, se você não estivesse tão dolorida, eu marcaria você como minha agora... — Ele encosta a testa a minha, sem parar o roça a roça... Estamos ofegantes e cheios de desejos... — Olhe para mim, gostosa, quero esses olhos lindos fixos nos meus. — Olhei. — Vou marcar você como minha, não estou pedindo sua permissão, estou afirmando que farei isso, você confia em mim?

Juro que se fosse o Marcelo que dissesse isso já estaria tremendo de medo, pois sei que ele judiaria de mim sem dó. Não, não senti medo das palavras do Guilherme, ao contrário fiquei excitada com a possibilidade em ser marcada como sua.

— Sim, eu confio em você. — Respondi prontamente a sua pergunta.

— A cada dia que passa, pequena sereia, estou mais apaixonado por você, mais eu te quero, mais eu te desejo. Você jogou um encanto em mim, minha tesuda...?

Rimos juntos. Um carro buzina no portão.

— Você acaba de ser salva por uma buzina, pois já estava pronto para levá-la para minha cama e fazer coisas em você até deixá-la molinha e uma delas seria devorar sua boceta com minha boca e dentes.

Guilherme afasta-se de mim... Recompõe-se, beija minha boca mais uma vez, depois outra e outra, ele segura em minha mão e caminhamos juntos.

Doutor Joaquim é um senhor de cabelos grisalhos e olhos verdes, estatura baixa, mas com um sorriso aberto e reconfortante. Ele já está quase na entrada da casa, quando chegamos à porta.

— Pensei que não tinha ninguém em casa... — Ele me avalia de cima a baixo, olha para o Guilherme e sorri. — A paciente é esta linda moça?

— Sim, é ela mesma. — Entre Joaquim sintá-se em sua casa.

— Obrigado, meu amigo! E as meninas onde estão?

— A Luiza está na escola e a Joana dormindo.

— Qual é o seu nome, linda moça? — O senhor simpático dirige a palavra a mim, seus olhos passeiam por todo meu rosto.

— Luci. — Guilherme responde por mim.

— Certo. — Ele olha para o Guilherme. — O que a linda Luci está sentindo.

Fico ali parada feito um poste, os dois homens falam sobre mim. Guilherme não me deixa responder uma só pergunta.

— Há alguns dias ela caiu sentada no chão e de quebra machucou o joelho. — Guilherme aponta para o meu machucado. — Já era para ter sarado, só que Luci ainda sente muitas dores nas costas, principalmente nas nádegas, estou preocupado com isso.

— Onde posso examiná-la? — Doutor Joaquim olha-me com um riso nos lábios.

— Em meu quarto. — Guilherme responde.

Ele mostra o caminho para o médico eu sigo logo atrás. Estou nervosa, logo o meu segredo seria revelado, fico com vontade de sair correndo, fugir dali e nunca mais voltar. Entramos no quarto.

— Dispa-se, Luci, e deite-se de bruços na cama.

Fico parada olhando para o Guilherme, minha vergonha estampou-se de vermelho em meu rosto. Guilherme entende a minha paralisia, ele vem até mim e diz.

— Esperarei lá fora, se precisar de alguma coisa é só me chamar. — Ele sai.

— Pronto, Luci, agora você pode despir-se.

Continuo igual a um poste, olhando assustada para o médico, engulo o bolo que se forma em minha garganta, trago o ar com força e lhe falo com voz trêmula.

— Não me julgue, doutor, por favor, eu lhe peço que tudo que o senhor ver aqui, fique com o senhor, não conte para o senhor Guilherme, por favor. — Começo a chorar.

— Se acalme, menina! Não se preocupe! Nada sairá daqui, se não quiser que o Guilherme saiba. Agora se dispa, eu preciso examiná-la.

Meu medo me consome. — Eu menti para o Guilherme, quer dizer uma parte é verdade, eu caí de joelhos e me machuquei, mas foi só isso. — Faço uma pausa, retiro o meu vestido ficando só de sutiã e calcinha. — Não me julgue, doutor, por favor. — Começo a tremer. — Se o Guilherme souber sobre isso, eu nem sei o que ele poderá fazer.

Viro-me lentamente, ficando de costas para o médico.

— JESUS CRISTO! — O médico fala espantado. — Quem fez isso em você, menina? Você foi surrada sem piedade, meu Deus!

Choramingo estou morrendo de vergonha.

— Não interessa quem foi, ele não fará mais, estou o deixando para sempre. Foi consensual doutor, eu autorizei que fizesse.

— Ficou louca, Luci! Quem em sã consciência permite que lhe açoitem desse jeito? Isso é doentio! Quem foi o animal que lhe fez isso, menina? Esse monstro deve ser preso, isso é crime! Vamos, minha filha, irei com você a delegacia...

— Não! Eu já disse, ele não tocará mais em mim. E o senhor não pode me proteger, foi consensual.

— Não me diga que você é uma daquelas moças? — Baixo minha cabeça, estou muito envergonhada. — Pensei que isso só existisse em livros e filmes pornográficos... Deus do céu!

— Sim, isso existe e é um mundo desconhecido e sombrio, onde poderosos também fazem parte, como juízes, advogados, políticos, delegados, policiais, por isso eu disse que nem sempre os que sofrem podem ser protegidos, pois mesmo sendo consensual, a dor dilacera o corpo e a alma. Por isso, eu lhe peço não conte nada ao Guilherme, ajude-me, faça essas marcas desaparecerem logo, tenho muito medo que o Guilherme descubra.

— Se é o que quer, não posso forçá-la a denunciar esse crime...

Doutor Joaquim parece decepcionado, mas o que fazer?

Eu não posso expor o Marcelo. Errado ou não, aceitei suas exigências quando ele me propôs vir morar com ele, foi tudo muito claro o preto no branco. Marcelo cuidaria de mim do jeito dele, me amaria do jeito dele, ele me daria um lar, uma vida digna e em troca o obedeceria, realizaria todas as suas fantasias, lhe seria fiel como uma cadela, nunca diria não... Do contrário voltaria para minha antiga cidade e minha antiga vida. Qualquer coisa para mim era melhor do que voltar a viver como vivia antes.

— Sim, é isso que eu quero, doutor.

— Ok, deite-se para que possa examiná-la.

Deite-me, ele começou a verificar meus machucados, a cada toque de seus dedos eu me encolhia, doía bastante.

— Luci, você apanhou de quê?

— A última foi de chibata... – Falo tristemente.

— *Deus!* – Doutor Joaquim fala com certo repúdio. — Certo, ainda está bastante inflamada a região, vou prescrever uma pomada antibiótica e cicatrizante e um anti-inflamatório via oral, logo suas marcas sumirão. Agora tenha cuidado, se sofrer outra surra por cima dessas marcas, elas virarão cicatrizes.

O médico terminou o exame, me vesti e o acompanhei até a sala, onde o Guilherme e a Joana já nos esperavam.

*** **

Quando a vi saindo do quarto, percebi que Luci estava nervosa. Há algo de errado, eu sei que há. Mesmo que ela tente disfarçar baixando os olhos. Fico observando seu semblante, ela me olha por cima dos olhos, então nossos olhares fixam um no outro, paralisamos por alguns minutos, ela morde o canto do lábio inferior e o chupa para si, agora tenho certeza que me esconde algo, e este algo é muito sério... Desvio o meu olhar e o levo direto para o doutor Joaquim, Joana corre em direção da minha pequena sereia, ela abraça minha filha beijando seus cabelos, doutor Joaquim tira minha atenção de Luci.

— Pronto, Guilherme, a linda Luci foi examinada, o hematoma é feio e ficará dolorido por um tempo, mas não provocou danos sérios. Aqui está a receita médica, é só seguir à risca a prescrição e manter o repouso. Se por acaso ela sentir algo mais, é só me procurar em meu consultório ou me chamar, ok?

— Obrigado, Joaquim, eu o acompanho até o carro.

Saímos todos para fora da casa. Esperamos doutor Joaquim sumir do nosso campo de visão.

— Luci, vamos brincar na casinha de bonecas. – Joana puxa Luci pela mão.

Seguro Joana pelo queixo, exigindo o seu olhar e lhe digo com carinho.

— Vá indo, filha, já, já a Luci encontra-se com você.

Joana sai saltitando de felicidade para o fundo da casa. Olhei para Luci com uma sobrancelha arqueada, ela baixa o olhar. Estamos na varanda da frente da casa, eu me encosto na parede e a puxo para meu corpo, meus braços circulam por sua cintura e minhas mãos se entrelaçam. Luci fica presa ao meu corpo. Não lhe dei tempo de pensar... Roubo-lhe a boca em um beijo desesperado, muito, muito faminto, o choque de nossas línguas provocou arrepios nos pelos dos braços da minha pequena sereia. Minhas mãos fazem um caminho abaixo, encontrando o tecido fino do vestido, suspendo-o até tocar a pele sedosa das coxas da minha mulher, faço uma carícia leve, subindo com os meus dedos até a parte de baixo da sua bunda, acaricio suavemente, Luci geme em minha boca se esfregando em mim. Somos despertados da nossa luxúria pelo o som de um celular. Luci diz que é o seu celular, ela se afasta do meu corpo, a seguro pela mão e estramos em casa.

Luci corre até sua bolsa, pega o seu celular e o atende, eu já sei quem é, e isso me deixa muito

irritado. O simples fato de saber que outro homem está falando com ela ao telefone, desperta minha possessividade ao extremo. Se pudesse arrancaria aquele celular da sua mão e mandaria o Marcelo se lascar em bandas. *Merda!* Saio da sala para evitar uma discussão. Só escuto o som suave da sua voz.

— Alô! Oi... Sim, eu estou bem Marcelo, não, não eu não estou dolorida, hein? Sim... Eu estou com saudade de você também, não me esquecerei de tomar os remédios... ... Outro, tchau.

Quando ela vira-se, estou parado de braços cruzados ao peito recostado a mesa de jantar, estou sério a observando. Imediatamente ela ruboriza, baixando os olhos lentamente.

— Venha cá! — Falo com autoridade, continuo de braços cruzados, ela dá três passos. — Aqui, bem perto de mim...

Ela dá mais um passo, ficando a um palmo do meu corpo. Luci permanece com o olhar baixo.

— Olha para mim! — Ela não se mexe. — Olha para mim, Luci! — Seguro-a pelo queixo, forçando-a olhar em meus olhos, ela pisca os olhos rapidamente. — Preste atenção no que vou dizer... Você me pertence Maria Lúcia, só a mim, não divido o que é meu... Com ninguém, entendeu? — Ela tenta baixar a cabeça, mas mantenho o seu queixo firme. — Entendeu? Não me torne repetitivo. — Falo com firmeza.

— Entendi. — Luci sussurra.

— Amo você, Maria Lúcia. Pensei que nunca mais na vida amaria outra mulher, enganei-me... Deus me deu outra oportunidade de amar e desta vez não vou desperdiçar, não cometerei com você os mesmos erros que cometi com a Malu. Cuidarei de você como nunca cuidei de outra mulher e não mentirei para você, só espero que não minta para mim também, ok? — Espero ela responder... — Ok, Luci?

— Ok, meu amor, desculpe-me não quis magoá-lo, mas ainda devo satisfação ao Marcelo. Espero que entenda isso.

— Não, eu não entendo, mas tudo bem... — Puxo-a para mim, beijo sua testa, depois a ponta do seu nariz. — Preciso ir comprar os seus remédios e depois passarei na escola da Luiza para pegá-la. Volto já, e a senhora nada de estripulia com a Joana! Não sei quem é a mais criança você ou ela. — Ela me presenteia um lindo sorriso.

— Você vai almoçar conosco?

— Sim, mas trarei o almoço, nada de esforço. — Beijo sua boca com paixão.

Já estava começando a ficar excitado, se ficar um pouco mais perto do corpo quente, cheiroso e macio de Luci, esqueço-me das recomendações médicas. Separei minha boca da sua, meus olhos passeiam por aquele rosto lindo, sorrio para ela. Ergo-me, passo o braço em volta dos seus ombros e saímos caminhando em direção à porta. Assim que viro a maçaneta da porta, um vendaval chamado Luiza adentra a sala. Quase recebo uma portada no rosto.

— Luiza! De onde você surgiu, e onde você estava? Mas que merda.... — Calei minha boca imediatamente, minha filha está toda suja de areia da praia, a seguro pelos ombros e a faço parar. — Você veio sozinha da escola? Quem autorizou você vir? Anda menina desembucha logo!

— Eu não vim sozinha não, papai, eu vim com a professora Stella, mas quando chegamos ao portão, ela me chamou para brincar na praia, por isso estou suja de areia. — Ela olha para Luci, joga-se em seus braços. — Oi, Luci, você me ajuda com a tarefa de casa? O jeito que você me ensina é mais fácil do que com a Stella.

— Sim, minha fada, eu lhe ensino, agora vá para o banho. Já vou ajudá-la a lavar os cabelos.

Luiza me olha sorrindo e me fala cheia de entusiasmo.

— A propósito, papai, o senhor sabia que a Luci lava os cabelos com o mesmo shampoo que o nosso de camomila.

— Não, eu não sabia. — Ela olha para Luci sorrindo. — Onde está a Stella?

— Ela foi embora... — Luiza puxa a Luci pela mão. — Vem Luci, venha logo, antes que a chata da minha irmã roube você de mim. Ela acha que você pertence a ela, você é minha também.. Venha.

As duas desaparecem pelo corredor, só me resta dar meia volta e ir para o carro a caminho da farmácia e do restaurante. Ver minhas filhas se dando bem com minha pequena sereia deixa-me muito feliz. Há muito tempo elas vivem tentando me arrumar uma namorada e desta vez quem encontrou fui eu. Sigo direto para o centro do povoado. Meus pensamentos não se desviam de Luci, preciso ser realmente sincero com ela, contarei tudo sobre mim, abrirei o leque, não posso e não devo esconder quem eu sou, fiz isso com a Malu e deu no que deu. O meu medo é que a Luci não me aceite, não entenda a minha natureza ou então tenha medo de mim. Sei que a maioria das mulheres não entende o homem dominante, controlador... Como sei também que têm medo do temperamento sado, mas serei mais que sincero com a Luci não sinto necessidade de machucar. Por incrível que pareça, o meu único prazer é lhe dar prazer, portanto ela não precisa temer, eu jamais a machucarei. Quando voltar

para casa, chamarei Luci para uma longa conversa.

Quando já estou saindo do restaurante, meu celular toca, penso ser a Luci... Não é ela, um pouco irritado eu aceito a ligação.

— Alô! – Fico à espera de uma resposta. — Stella! Aconteceu algo?

— *Sim, mas não posso falar por telefone, podemos nos encontrar agora?*

— Stella, eu não sou desocupado... – Digo com voz impaciente. — À noite passo em sua casa, ok?

— *Você tem duas opções... Ou vem até mim agora, ou irei até você.*

— Você está me ameaçando, Stella?

— *Não! Eu estou lhe dando escolhas, pois preciso conversar seriamente com você.*

— Onde você está?

— *Estou a cinco minutos da sua casa, na praia. Sabe onde fica uma cabana de palha? Estou sentada na frente dela esperando por você.*

— Chego aí em dez minutos. – Desligo o celular sem esperar resposta, eu sabia que a Stella ia me dar problemas... *Merda!*

No caminho ligo para casa avisando que me atrasarei um pouco. Estaciono o meu carro embaixo de uns coqueiros, avisto os cabelos loiros de Stella, ligo para ela.

— Já cheguei, venha até mim, estou no carro do seu lado direito.

Ela estica o pescoço, olhando para o seu lado direito, em seguida levanta-se, desliga o celular e vem caminhando em direção ao carro. Estico o braço, abrindo a porta do carona para ela.

— O que aconteceu de tão urgente no qual não pode esperar até a noite? É algo com a Luiza?

— Claro que não... Se fosse algo com uma de suas filhas, eu trataria do assunto na escola, não acha?

Stella aparenta nervosismo, ela aperta uma mão na outra e mal consegue me olhar nos olhos.

— Stella, seja direta, preciso voltar para casa, o almoço das minhas filhas está no banco de trás.

—Falo já com irritação. Minha paciência já está para acabar, não suporto mulher grudenta.

— Por que você não me procurou mais... Disse que não precisava pagar mais por sexo... Estou disposta a ser sua submissa, realizar todas as suas fantasias, eu assino qualquer contrato, aceito qualquer exigência que quiser.

Stella foi tão rápida, que fui pego pelo susto, ela joga-se por cima do meu colo, deita-se no banco do carro de bruços, seu rosto vai direto a frente da minha calça. Com uma mão ela pega sua bolsa, que está no piso do veículo, retirando de dentro dela uma palmatória rechonchuda. Ela me entrega o objeto, em seguida suspende sua saia, deixando a mostra seu traseiro nu e deliciosamente branco. — Me bata, meu senhor, me bata com força enquanto lhe chupo e o faço gozar em minha boca.

Fico estático, sem ação nenhuma, ela percebe minha reação e aproveita-se dela, desafivela meu cinto, abrindo o meu zíper. Stella já está com a mão por dentro da minha boxer, pronta para puxar meu membro para fora. Acordo do meu entorpecimento. Entrelaço meus dedos nos cabelos loiros de Stella puxando-os com força, automaticamente sua cabeça é erguida, forçando seu corpo a ergue-se também. Abro o vidro do carro e jogo a palmatória fora, obrigo Stella a sentar. Sem soltar seus cabelos, olho para ela com fúria e brado energicamente.

— Enlouqueceu! Se você fosse uma submissa seria castigada sem piedade por tamanha ousadia... Stella, uma submissa não se oferece ao seu dono, ela espera pacientemente por ele, espera suas ordens, seus desejos... Submissa não tem prazer, ela dá prazer. Seu corpo, mente e alma pertence unicamente ao seu senhor, ao seu prazer. Eu já lhe disse que o mundo que você conhece nos livros de romance erótico só existe lá, a vida real é outro mundo, não há amor, não há fidelidade, aliás, há sim amor e fidelidade, mas só de uma parte... Da parte submissa.

Continuei puxando os seus cabelos com força, sua cabeça está completamente erguida para meu rosto, minha vontade era lhe bater no rosto, enchê-la de porrada, apertar sua garganta com força até que lhe faltasse ar nos pulmões... Faço um esforço do cão para manter o meu controle, ela nada diz, seus olhos ficam marejados de lágrimas. Continuo com minha explanação.

— Você tem muito que aprender sobre esse mundo... Nele só entra quem precisa suprir suas necessidades, seja ela sobre domínio ou ser dominado... — Faço uma pausa, engulo minha raiva e continuo. — Se você realmente quer conhecê-lo, posso lhe apresentar Dons, que pelo menos confio em suas responsabilidades, mas se prepare ser submissa não é fácil.

Afrouxo um pouco minha mão em seus cabelos, as lágrimas já descem por seu rosto, soluçando

ela me diz.

— Eu não quero outro homem, quero você... Estou apaixonada por você, faço qualquer coisa, o que quiser, submeto-me a qualquer humilhação, só para ficar ao seu lado, só para ter o seu amor...

— Não se iluda, Stella, não me apaixonarei por você, se for minha submissa, escrava ou cadela... Amor é outra coisa, amor está acima de tudo isso... *Porra*, mulher, entenda! Amor não se domina, nem se submete, amor se conquista. Eu não quero mais esta vida, aos poucos estou conseguindo dominar a fera que mora dentro de mim e juro que estou amando isso. Vá embora, Stella, saia do meu carro, me esqueça, não serei seu dono, nem de brincadeira, saia... SAIA! – Grito com fúria.

Abro a porta do carona. Ela desce chorando, ligo o carro, vou embora e a deixo lá aos prantos.

*** **

Não nego, quando vi o traseiro da Stella na mira da minha mão, fiquei tentado a espancá-lo com toda força, desenhar marcas vermelhas naquela lousa branca, fazê-la gritar de dor, pedir clemência e depois estapeá-la no rosto até os meus dedos ficarem marcados em suas bochechas... Por último, forçá-la a sentar em meu colo, violando o seu buraco traseiro sem nenhuma piedade... Essa foi minha vontade. Será que algum dia ficarei livre deste meu lado escuro...? Por que será que com a Luci não sinto vontade de machucá-la, com ela só sinto necessidade de deixar o seu corpo fervendo de prazer, de dar a ela o máximo de êxtase... Espero continuar assim, desta vez farei o certo, não errarei como errei com a Malu. Vou contar a Luci quem eu sou e o que fiz no passado.

Assim que desço do carro, escuto vozes alteradas de duas pirralhas briguentas.

— A Luci também é minha, sua macaca albina, eu tenho o mesmo direito de ficar com ela, saia daqui Jô, saia!

— Macaca albina é você, sua gorila encrenqueira... A Luci é minha, ela veio para cá para ficar comigo, você pode ficar com a azeda da professora Stella...

— SAIA! Saia daqui! Odeio você.

— Joana, Luiza, parem de gritar uma com a outra, eu sou das duas tudo bem... Por favor, parem de brigar, vocês não sabem como fico triste quando as duas brigam. Venham cá, sentem-se aqui em meu colo... Olha ter uma irmã é a coisa mais fantástica da vida, cresci sozinha, sem amigos, minha infância foi horrível e minha adolescência um pesadelo, não briguem, não percam tempo com besteiras, vocês se amam e nasceram juntinhas, isso quer dizer que vocês são especiais e nunca devem brigar e sim permanecerem unidas.

Já estava a ponto de invadir o quarto e enquadrar minhas filhas, mas quando elas se calaram e ficaram escutando a Luci conversar, dei um passo atrás. Conheço o gênio forte das minhas duas filhas e fazê-las se calar quando elas se acham na razão, é uma missão impossível, portanto deixei a Luci com elas e fui para cozinha esquentar o almoço, mas de onde estava deu para escutar a vozinha das duas.

— Desculpa! – As duas respondem ao mesmo tempo.

— Nós duas não vamos brigar mais, não é, Jô?

— É sim, eu e a Luiza, seremos duas mocinhas obedientes, fique mais triste não.

Abri um sorriso de orelha a orelha quando escutei minhas mocinhas falarem isso. Luci conseguiu o impossível, fazer meus anjinhos entrarem em acordo sem precisar de muita conversa... Fico feliz.

— Luci, Joana, Luiza, o almoço está na mesa.

As chamo. Assim que fecho a boca, dois minis tufões saíram do quarto, sentando-se a mesa, Luci veio logo atrás.

— Por que não chamou para ajudá-lo... Isso não é justo.

Minha vontade é agarrá-la pela cintura e roubar um beijo, mas me contive. Puxo a cadeira e a convido a sentar. Luci fica sem graça, quando ela se senta, aproveito e lhe sussurro ao ouvido.

— Eu amo você. – Luci cora na mesma hora.

Nosso almoço foi divertido, fazia tempo que não tínhamos tanta alegria à mesa. Percebo que Joana já está falando corretamente, e isso devo a minha pequena sereia, Luiza está mais aberta e conversa como uma mocinha... Fico observando Luci e as meninas. Eu sei que é besteira o que vou falar, mas acho que encontrei uma mãe para minhas filhas e uma mulher para venerar e amar por toda minha vida.

— Papai, papai!

Joana tira-me dos meus devaneios. Fito a Luci e ela sorri para mim.

— Sim, filha.

— O senhor não vai trabalhar hoje? – Joana pergunta-me.

— Não, hoje trabalho em casa.

Joana, e Luiza soltam um grito de felicidade.

Terminamos o almoço, Luci levanta da mesa e já vai juntando a louça, seguro em seu antebraço impedindo-a.

— Não se preocupe, eu faço isso. – Digo-lhe com um sorriso nos lábios.

— Isso não é justo, não me custa nada ajudá-lo. – Ela faz um bico de zanga.

Fico com uma vontade louca de morder aquela boca gostosa.

— Quer me ajudar... — Leve as meninas para escovar os dentes, o resto me viro.

Ela fez carinha de desagrado, mas obedeceu e foi com as meninas para o quarto.

Terminei de organizar a cozinha e a sala de jantar, fui até ao quarto das meninas. Luci está lendo uma história para Joana e Luiza. Meu celular vibra, o pego e para a minha surpresa é o Marcelo, vou para o meu quarto atendê-lo, não quero que a Luci saiba que estou falando com ele.

Estou de costas para porta quando percebo que alguém me observa, viro-me... *Putz!* Luci está parada recostada ao batente da porta, ela está séria, fixando-me com o olhar, fico estático. Marcelo continua conversando comigo, só consigo dizer *humrun...*

Luci entra no quarto, fecha a porta, trancando-a com a chave, depois caminha a passos lentos em minha direção. Continuo com o celular a orelha, ela fica bem colada ao meu corpo... Minha mão vai em direção ao seu rosto, começo a acariciá-lo suavemente. Luci fecha os olhos ficando de ponta de pés, eu a beijo, ela passa a língua por meus lábios... *Putz!* Meu membro pulsa com esse gesto.

Ela deita o rosto em meu peito, acaricio os seus cabelos, o seu rosto vira em direção ao meu peito. Luci beija-o, suas mãos desabotoam minha camisa e sua boca vai aos meus mamilos um a um são mordidos e chupados... Por Deus, quase grito ao celular, prendo o meu gemido.

As mãos quentes da minha pequena sereia passeiam por meu corpo até encontrar a frente da minha calça, engasgo no susto e quase derrubo o celular... Não consigo prestar atenção no que o Marcelo fala e sem saber o que está acontecendo do outro lado da linha, ele continua o relato sobre a reunião da manhã em São Paulo.

Luci aperta os dedos com firmeza em volta da minha rigidez, sinto sua boca escorregar embaixo, e em sua descida, ela me presenteia com pequenas mordidas, meus pelos arrepiam-se, minha respiração acelera, já não penso mais. Ela ajoelha-se, olho para baixo, Luci fixa os seus olhos aos meus. *Deus!* Agora fodeu.

Minha pequena sereia lambe os lábios. Vê-la de joelhos deixou-me insano, Marcelo chama a atenção, digo-lhe que estou escutando.

Luci desafivela meu cinto, desce meu zíper... Arfo. Sua mão mergulha dentro da minha boxer, meu comprimento pulsa ao seu toque, fecho meus olhos. Ela desce minha calça até o chão e minha boxer fica em minhas coxas. Meu membro é saboreado por seus lábios e língua...

— *Cristo!* — Falo com desespero. Entrelaço meus dedos em seus cabelos, pressionando sua cabeça de encontro a minha virilha.

Peço desculpa ao Marcelo, sem falar o seu nome...

Luci continua me devorando, ela me chupa com força, depois engole todo o meu membro. Sua cabeça faz um movimento de entra e sai, então seguro por seus cabelos e começo a mover o meu quadril para frente e para trás. Luci me segura com as mãos, diminuo a velocidade. Quando ela percebe minha intenção de aliviar os meus movimentos, ela mesma começa a se mover. Que boca gostosa, que língua quente! Não suporto os seus chupões e mordidas, jorro meu prazer em sua boca.

Ela engole tudo, limpa meu membro com a língua, eu me inclino e a seguro pelo antebraço ajudando-a a se erguer, seus lábios estão molhados com meu prazer, a beijo, sentindo meu gosto. Mantendo-a presa ao meu corpo, tentando manter o controle, me despeço do Marcelo.

Assim que desligo meu celular, faço com que Luci olhe-me fixamente.

— Você me deixa louco, Maria Lúcia...

Suspendo-a do chão, colocando-a em meus braços, levo-a para a cama, deitando-a com cuidado aos travesseiros, beijo sua boca com posse e desespero, Minhas mãos acariciam o seu corpo com sofreguidão, nossos corpos começam a se roçar um ao outro, meus gemidos se confundem com os dela... Desabotoo os botões do seu vestido e minha boca encontra o botão do seio rosado, mordo-o com força, ela geme baixo.

Suspendo a saia do seu vestido, afasto sua calcinha para o lado, colocando o meu membro no meio das suas dobras. Luci arqueia o quadril com força para cima, ela me morde a língua, crava as unhas em minhas costas. Começo a mover o meu quadril para frente e para trás, a cabeça do meu membro fricciona o seu botão rígido, minha boca solta a sua e segue até um dos seus seios eu os chupo com força.

Luci movimentava-se também, a fricção do seu sexo em meu membro é delirante, ela queima. Não só suas dobras, mas todo o seu corpo está febril, eu também estou queimando. Falamos coisas sem nexos, eu a chamo de gostosa, de tesão, ela me chama de dono, diz que é minha, pede-me para possuí-la, diz que me quer dentro dela...

Meu membro vai mais fundo, ele encontra sua entrada. Luci está tão quente, tão molhada, meus movimentos tornam-se mais fortes e rápidos, ela morde o lóbulo da minha orelha, seus dedos beliscam meus mamilos com força, começa a mover com rapidez o quadril. Foi demais. Gozo em

suas dobras, os músculos do meu corpo ficam rígidos, espasmos me sacodem involuntariamente, solto um som gutural, mordo o seu pescoço com força, ela prende-se a mim e me oferece o seu prazer, nosso clímax foi longo... Ficamos presos um ao outro por um bom tempo.

O corpo de Luci fica lânguido, afasto-me um pouco, avaliando o rosto da minha linda sereia de água doce, ela está quase adormecida... Beijo-a nos lábios, ela sorri levemente e sussurra.

— Amo você, meu amor...

— Eu também, amo você meu amor. Dorme meu anjo.

Levanto-me, sigo para o banheiro. Tomo um banho rápido, troco-me, pego uma toalha úmida e outra seca. Limpo a Luci com cuidado para não acordá-la. Quando já estava saindo do quarto, meu celular vibra... É minha secretária, avisa-me que surgiu um problema urgente e precisam de mim. Escrevo um bilhete avisando a Luci que precisei ir ao *resort*.

Saio em silêncio para não acordá-la, mas antes saboreio os seus lábios com um beijo terno, ao chegar à porta paro por um instante e a observo dormir.

Quando voltar converso com ela sobre meu passado, sobre o meu eu verdadeiro, só espero que ela entenda e não fique com medo de mim. Quando abro a porta e saio do quarto, Joana e Luiza vêm em minha direção, elas estão sonolentas, perguntam onde a Luci está, digo-lhes que está dormindo em minha cama. Com carinha de sono elas perguntam se podem dormir com ela, as levo para o meu quarto. Com cuidado coloco a Luci no meio da cama, ela chama por meu nome, digo-lhe que está tudo bem, ela volta a dormir. Joana e Luiza deitam-se ao seu lado, fico um pouco no quarto admirando aquela visão... As três mulheres da minha vida dormindo abraçadas. Fecho a porta do quarto e vou embora.

*** **

— Luci, Luci. — Sou acordada por uma vizinha carinhosa. Abro os meus olhos lentamente, piscando algumas vezes.

— Sim, meu amor. — Falo com voz de sono, ergo-me sobre os meus cotovelos.

Foi então que percebo onde estou deitada, sento-me assustada. Joana olha-me curiosa, leva o dedo indicador aos lábios.

— *Shh*, você vai acordar a Luiza, ela fica de mau humor quando a acordam.

Olho para o meu lado direito e lá está a Luiza dormindo como um anjo. Levanto-me devagar, seguro a Joana pela mão e saímos do quarto.

— Luci, estou com fome. — Joana corre para a cozinha, abre a geladeira, procura algo dentro dela. — Você sabe fazer bolo? O que tinha aqui, papai comeu todo, depois de mim, ele é o único que adora bolo de chocolate gelado, a Luiza só gosta dele quentinho.

Ela me olha com súplica.

— Deixe-me ver se temos ingredientes para fazermos um bolo bem gostoso de chocolate.

Aproximo-me, começo a verificar os armários, Joana se empolga e começa a me ajudar... Enfim encontramos tudo que precisamos. Visto um avental em Joana e nossa aventura na cozinha inicia-se. Confesso, após o bolo pronto, a cozinha ficou uma bagunça, olhamos uma para outra e não consigo segurar minha risada.

— A limpeza é sua Luci, nem pense, estou fora. Tchau! Vou ver TV.

Assim que a Joana vira as costas para mim, atiro farinha nela. Joana fica com os cabelos brancos, ela se vira rapidamente e corre em minha direção e começamos a atirar coisas uma na outra, se a cozinha já estava ruim, agora ficou pior. Joana pega o pacote de leite e despeja em minha cabeça, faço o mesmo com ela, o que encontramos em nossa frente jogávamos uma na outra. Ficamos tão exaustas que caímos ao chão sem conseguir conter o riso.

Por causa dos nossos risos nem escutamos o som do motor do carro do Guilherme. Só conseguimos ouvir o seu grito.

— Mas que *porra* é essa aqui! Por acaso aconteceu um terremoto só em minha cozinha? Quem são as responsáveis por essa traquinagem? Onde está a Luci, meninas?

De onde estávamos conseguíamos ver as pernas do Guilherme, levanto-me cheia de vergonha e completamente suja da cabeça aos pés.

— Eu estou aqui, e a culpa é toda minha.

— Mentira dela, papai, fui eu quem começou, a culpa é minha.

Ficamos de pé por trás da mesa da cozinha, Guilherme fica nos olhando com espanto, ele coloca as mãos nos quadris, acho que seu espanto foi tanto que ficou sem ação. Ele limpa a garganta e fala com autoridade.

— Eu vou tomar um banho e quando voltar quero esta cozinha brilhando de limpa, entenderam “crianças”?

— Sim, senhor! – Eu e Joana respondemos ao mesmo tempo.

Guilherme tenta esconder o riso, mas percebi. Ele desaparece pelo corredor.

Eu e Joana nos apressamos na limpeza, conseguimos limpar toda a cozinha. Por último coloquei toda a louça na lavadora, retirei o bolo do forno e pus para esfriar. Peço para Joana pegar os pratos de sobremesa e os garfos. Estou distraída quando escuto a voz do Guilherme bem atrás de mim.

— Podem deixar, minhas meninas travessas, termino de arrumar o resto, vão as duas tomar um banho e quando terminarem acordem a Luiza.

Ele fala com voz divertida, aquilo me esquentou a alma. Joana sai correndo, dizendo que seria a primeira a comer o bolo, fui logo atrás, não andei muito quando escuto o Guilherme chamando-me.

— Deixei um conjunto de moletom no banheiro para você, sei que vai ficar enorme, mas é melhor do que nada... Não quero o que é meu desfilando pelada por aí.

Ruborizo na hora. Ouvir o Guilherme falando de mim com tanta propriedade me deixa trêmula e excitada, agradeço seguindo em direção ao seu quarto.

Meu banho foi demorado, estava coberta de farinha de trigo, ovos e leite, meus cabelos estavam uma meleca só, deu muito trabalho limpar completamente toda aquela sujeira, mas por fim consegui. Quando volto para cozinha, a mesa já estava posta e as meninas sentadas em seus lugares, só me

esperando, Luiza foi a primeira a falar.

— Vocês fazem festa e não me chamam, valeu suas traíras...

— Luiza! Que linguajar é esse? – Guilherme chama a atenção da filha.

— Desculpe-me, papai, mas eu também queria participar da produção do bolo.

— Tudo bem, senhor Guilherme, ela tem razão. – Meus olhos se direcionam para Luiza. — Da próxima vez você participará.

— Luci, porque você chama o papai de senhor?

Fui surpreendida com a pergunta, olho para o Guilherme pedindo socorro, ele sorri e com a maior cara de pau fala.

— É, dona Luci, eu também gostaria de saber?

Guilherme deixa-me completamente sem graça, engulo o pedaço do bolo sem mastigá-lo, quase me engasgo, sem jeito respondo as duas perguntas.

— Bem... ... Eu o chamo de senhor, porque o senhor é o meu patrão.

Fico rubra de vergonha, Guilherme solta uma gargalhada sonora, fico com uma vontade enorme de sair correndo da mesa. As meninas ficam nos olhando sem entender nada. Guilherme percebe que fiquei sem graça, então ele levanta-se e vem em minha direção. Agacha-se diante de mim.

Esse é um daqueles momentos em que peço mentalmente por um buraco para enterrar minha cabeça, baixo o meu olhar quando sinto sua mão em meu queixo, ele exige que o encare, eu o faço. Olho fixamente para os seus olhos.

— Pequena sereia, não precisa se envergonhar, eu já lhe disse para chamar-me de Guilherme, amo ouvir o meu nome vindo da sua boca, sinto-me poderoso.

Não sei se o que me deixou mais nervosa foi ouvir tamanha declaração ou foi quando o Guilherme me beijou a testa e as meninas começaram a rir. A vergonha foi tamanha que escondi o meu rosto em seu pescoço.

Fui salva pelo som do meu celular. Levanto com pressa, quase caio tropeçando em meus próprios pés, pego minha bolsa. Foi uma luta para achar o bendito aparelho, finalmente o encontro.

Guilherme fica de pé observando-me com os braços cruzados ao peito...

— Alô! Oi, sim eu estou bem... Sim, sim estou com saudades, claro, claro eu também não vejo a hora de você voltar... ... Sim, estou me alimentando bem... ... Não, não estou ainda dolorida, mas estou tomando a medicação no horário... ... Ok! Ficarei acordada esperando você me ligar, tchau... ... Oi, eu também, outro.

Marcelo desliga o celular, guardo o meu aparelho na bolsa, não tenho coragem de encarar o Guilherme, sei que ele me observa duramente, nosso silêncio é cortado. Luiza me pergunta com curiosidade.

— Quem era Luci? É seu namorado?

Guilherme responde por mim.

— Luiza! Não é da nossa conta a vida particular da Luci, deixe-a em paz... ...

Ele foi muito duro em sua resposta, sinto mágoa e até um pouco de desprezo em suas palavras, o pior veio depois. Ele chama as meninas e me diz secamente.

— Luci, você pode ir embora, afinal já estou em casa e os seus serviços já não são necessários, feche a porta quando sair... Até amanhã!

Guilherme leva as meninas para o quarto, trancando-se nele. Fico parada feito uma árvore sem ação, lágrimas surgem em meus olhos o meu coração bate descompassadamente, pego minha bolsa e vou embora, ainda de frente para casa, olho para a janela do quarto do Guilherme e lá está ele olhando-me com fisionomia fria como um mármore... Limpo os meus olhos seguindo o meu caminho.

Eu não caminhei, corri, corri feito uma louca para casa do Marcelo, só queria me jogar na cama e chorar, chorar muito. Por que ele me tratou assim tão friamente, por que mudou de temperamento? O que fiz?

Guilherme sabe que não posso ser indiferente com o Marcelo, ainda pertenço a ele, ele é meu dono, enquanto estiver debaixo do seu teto, Não posso ignorar esse fato, por pior que seja minha situação nesta casa, devo muito ao Marcelo, ele fez por mim o que homem nenhum faria.

Quando chego a casa do Marcelo, choro um bocado, me sinto abandonada. Guilherme não me ligou até agora. Estou tão ansiosa que o celular não saiu das minhas mãos por nenhum momento. Nesse exato momento minha vontade é de ligar para ele, perguntar o que fiz para ele agir assim

comigo. Não nego, fiz uma força mental descomunal para não ligar para o Guilherme.

Não quis jantar, perdi completamente o apetite e para que minha aflição passe resolvo tomar um banho com tudo que tenho direito, após o banho faço uma massagem em meu corpo com o meu hidratante de baunilha, como o Marcelo não está em casa, visto uma camisola curta de malha com estampa florida com alças de lacinhos.

Já estou me preparando para dormir, quando escuto batidas na porta da frente. Meu coração foi para boca, penso logo que é o Guilherme, ele resolveu vir pessoalmente falar comigo, quem sabe se explicar sobre o seu comportamento, não me importo, o que eu quero mesmo é cair em seus braços e ser devorada por aquela boca.

Corro com pressa até a porta para abri-la.

— Nossa! Pensei que não tinha ninguém em casa.

Não é o Guilherme, é a Stella.

— Notei que o carro do Marcelo não está na garagem, ele não chegou?

— O Marcelo está viajando. — Respondo com impaciência, não estou a fim de conversa.

— Ai que ótimo! Assim podemos conversar. — Ela entra e senta-se no sofá sem esperar o meu convite. — Vi o caminho todo pedido a Deus para o Marcelo não está em casa. — Ela avalia a casa com o olhar. — Você sabe, eu não tenho amigos nessa cidade tupiniquim, minha única amiga é você, portanto eu preciso muito desabafar...

Ela me olha com súplica.

— Aconteceu alguma coisa, Stella? Não me deixe preocupada, se puder lhe ajudar sou toda ouvidos. — Fui sincera.

— Aconteceu sim... ... Ai, Luci! Estou tão feliz, nunca pensei que isso aconteceria comigo, você sabe o quanto sofri com a traição do meu ex-noivo.

— Sim, eu sei você me contou... Por acaso o cretino não voltou e lhe pediu perdão? É isso?

— Não! Eu espero que o inferno o tenha engolido...

Ela faz uma pausa, traga o ar e despeja tudo de vez, fiquei atônita escutando toda sua confissão.

— Lembra que meu encontro com o Guilherme, o chefe do Marcelo, aquele gostosão? Eu acho que você nem percebeu, com um homem lindão, gostoso e apaixonado como o Marcelo do seu lado, você vai olhar para o lado para quê!

— Eu sei quem é, Stella, vai desembucha logo. – Apresso-a, pois quero muito saber o que ela tem a me contar sobre o Guilherme.

— Pois logo depois do show ele me levou para casa... *Mulher!* Que homem é aquele! Fico com a calcinha molhada só de pensar nas coisas que ele fez comigo... *Luci...* ... Nós transamos naquela noite, o homem acabou comigo, ele tirou a virgindade do meu buraquinho de trás. O homem sabe foder gostoso, ele é daqueles que gosta de bater, amarrar, puxar cabelo, xingar a mulher de tudo que é nome... *Ui*, me arrepiou, olha! – Ela me mostra os pelos dos braços arrepiados. — Fiquei um trapo, Luci, pensei que seria só aquela noite, mas me enganei, no outro dia ele me ligou todo preocupado perguntando-me se estava bem, lhe disse que estava dolorida lá atrás, pois ele foi até lá em casa com remédios para cuidar de mim, cuidou dos dois jeitos, nós transamos novamente e desta vez foi muito melhor ficamos um tempão abraçados. Guilherme confessou que não conseguia parar de pensar em mim, perguntou se gostaria de ir embora daqui, pois se quisesse me levaria com ele, e por ele já teria escancarado nossa relação, eu que não deixei, afinal sou a professora das suas filhas, prefiro dar um tempo... Luci, estou no céu! E hoje, hoje pela manhã antes do meio dia, ele me ligou dizendo querer ver-me, então marcamos na praia. Luci, o homem estava com fome de mim, fizemos sexo com tanto fogo, ele me marcou como dele, olha o que ele me fez!

Ela suspende a sua saia e baixa a calcinha... Meus olhos não queriam acreditar no que estavam vendo... ... O traseiro de Stella está com uma marca arroxeadada de uma palmatória. Entrei em desespero.

— Ele disse que eu pertenco a ele e que me quer ao seu lado e disse mais... Disse que eu sou a mulher da sua vida, eu estou tão feliz amiga...

*** **

Não sei explicar, mas de repente sinto-me mal, meu estômago embrulha, sinto uma necessidade frustrante de regurgitar... Minha mente deu um giro de 360°. Não! O Guilherme não é tão canalha assim, eu não posso crer nisso...

Levanto-me em um impulso, fico tonta, precisei puxar o ar com força para os meus pulmões. Com desespero, olho para Stella... Eu a quero bem longe de mim, preciso mandá-la embora ou não respondo por mim.

— Stella, eu estou muito feliz por você, mas me desculpe... ... Estou morrendo de dor de cabeça, perdoe-me se pareço insensível a sua felicidade... Eu, eu...

Stella levanta-se rapidamente.

— Eu que peço desculpa, Luci, me empolguei, nem percebi que já é tarde... — Ela olha-me com alegria nos olhos, me abraçando em seguida. — Obrigada por me ouvir, não poderia dividir minha alegria com outra pessoa, só com você! Você tem analgésico em casa? Eu posso ir buscar um na farmácia, se quiser.

Não sei o porquê, mas tive a impressão que a Stella se divertia com tudo isso.

— Não, Stella, não precisa se incomodar, eu tenho analgésicos em casa, obrigada por se preocupar.

Enquanto falava, a forçava caminhar para porta de saída.

— Ok, mas se precisar, você sabe que pode contar comigo... — Ela me observa com atenção. — Obrigada mais uma vez. — Stella me abraça demoradamente, sinto um arrepio na espinha, aquele abraço me fez mal, não sei se minha consciência pesou, ou se é por que estou com ciúmes. Espero-a ir embora.

Tranco a porta com força, o choro que está sufocado foi colocado para fora. Jogo-me no chão, abraçando meus joelhos, choro até minhas lágrimas secarem e só restar um nó apertado na garganta, Guilherme me enganou...

— FILHO DA MÃE MENTIROSO! — Grito com força.

Deito-me no chão, encolhendo o meu corpo em concha... Eu só quero dormir e nunca mais

acordar.

Por que, por que o Guilherme mentiu para mim? Por que ele disse que me amava? Eu estava pronta a largar o Marcelo para ir morar com ele! Como um homem pode ser tão dissimulado, tão cafajeste? Ele me enganou direitinho, o Marcelo tem razão, sou uma anta, uma besta quadrada.

Não sei por quanto tempo dormi ao chão, acordo com o som do meu celular. Se for o Guilherme não atenderei, amanhã resolvo isso, direi que não trabalharei mais para ele.

Arrasto-me até o sofá onde minha bolsa está, pego o meu celular e olho o identificador. É o Marcelo.

Marcelo é um homem carinhoso do jeito dele, me diz que está morrendo de saudade e não vê a hora de chegar a casa para me ter em seus braços, completa que está com uma peça de roupa minha para ficar sentindo o meu cheiro e assim me sentir perto dele... Se não fosse o seu lado sádico, poderia sim, ter me apaixonado por ele. Antes de vir morar com ele, pensei está apaixonada, mas comecei a ser tratada como um objeto sexual de forma violenta, pois para mim é uma violência. Ele diz que é a sua forma de me amar, que é assim que ele sabe amar, mas para mim é um amor doentio. Se for possível chamar isso de amor, sentir prazer com a dor e o medo do outro não pode ser amor..., mas não vou julgá-lo, já vi muitas coisas estranhas nesses meus 26 anos de vida. O que importa é que aceitei essa vida, concordei com cada chibatada e todo tipo de relação sexual que ele me propõe, é isso ou a minha antiga vida, qualquer coisa é melhor que a vida que levava antes de conhecer o Marcelo.

Por fim, ele me pergunta se já tomei os meus remédios e se me alimentei direito, disse-lhe que sim. — *Luci, meu doce... Amo você, nunca se esqueça disso, mesmo que pense o contrário, a amo mais que qualquer coisa nesta vida, por você, eu mato, por você, cometo qualquer loucura, boa noite, meu amor, durma em paz e sonhe comigo.*

Marcelo desligou o celular, mas continuei com o aparelho ao ouvido. Sou despertada do meu devaneio com o seu toque novamente, atendo rapidamente.

— Oi, esqueceu alguma coisa? — Pergunto.

— Sim, me esqueci de dizer que você me pertence.

Guilherme responde prontamente. Desligo o aparelho na mesma hora. Ele continuou tentando umas oito vezes e em todas rejeitava a ligação. Então ele parou de tentar, fui me deitar.

Já estava quase adormecendo quando meu celular avisa que tenho uma mensagem de texto, resolvo ver, poderia ser do Marcelo, só que, não é dele é do Guilherme.

“Você tem dois minutos para chegar ao portão de entrada da casa, caso não venha, eu mesmo vou buscá-la. Guilherme”.

Sei que ele fará isso que prometeu, assim do jeito que estou vestida vou ao seu encontro, nem calço os meus pés. Desço o pequeno declive e já consigo ver o Guilherme recostado na porta do carona do seu carro. Sua fisionomia não é nada animadora, não tive nem tempo de fechar o portão e já sou quase suspensa por meus antebraços. Guilherme olha-me com fúria, nossos rostos ficam tão próximos que sinto o seu hálito quente. Ele me sacode bradando.

— Nunca mais recuse uma ligação minha, se tem algo a me dizer diga, mas não me trate como um cachorro! Se você fez isso para me mostrar que ficou zangada por minha indiferença de logo cedo, quando a mandei embora, eu tive os meus motivos... Sim, fiquei puto com você, quando ouvi a sua conversa ao telefone com o Marcelo! Como acha que me sinto, escutando a minha mulher dizer a outro homem que também está com saudades dele e lhe mandando beijos... Maria Lúcia, eu já lhe disse que sou extremamente possessivo e controlador, sem esquecer que sou muito, muito ciumento e o que é meu eu não divido com ninguém. Quantas vezes preciso repetir isso!

Não tive tempo de me defender, pois minha boca foi devorada em um beijo possessivo e violento, fui suspensa do chão e presa nos braços fortes do Guilherme. Enquanto sou devorada literalmente pela boca dele, sou levada para o carro. Ele não solta minha boca em momento algum, sou colocada no banco do carona, presa ao cinto de segurança e beijada com posse sem intervalo. Guilherme só me solta para dar a volta no veículo e assumir a direção.

Não perguntei para onde íamos, virei o rosto para a janela, o carro se distanciava da casa do Marcelo, percebo que estávamos indo em direção à praia, sinto o cheiro forte da maresia e o barulho das ondas. Guilherme estaciona o carro de frente para o mar, a alguns metros da areia branca, a posição do carro nos deixa ver a lua.

Guilherme fica por alguns minutos olhando em direção à praia. Ele está sério, suas têmporas pulsam, às vezes, ele me dá arrepios, não é medo, posso dizer que é um pouco de apreensão.

— A lua está linda! – Ele fala finalmente, quebra o gelo entre nós dois. — Luci. – Ele vira em minha direção. — Eu não posso mudar minha natureza dominante, posso mudar uma porção de coisas em mim, menos meu lado possessivo e dominante... Eu sei que às vezes, assusto... *Merda!* – Ele esmurra o volante com força, assusto-me. — Fiquei fudo da vida com você por tratar o Marcelo com tanta atenção... Não sei se conseguirei esperar cinco dias... Acho melhor você contar logo sobre mim,

ou eu mesmo conto.

Guilherme tenta tocar as minhas mãos, eu as tiro do seu alcance. Minha vontade é gritar em sua cara que já sei de tudo sobre a Stella, continuo olhando em direção à lua.

— Luci, Luci, não faz assim, sei que fui um estúpido, mas amo você...

— Do mesmo jeito que ama a Stella. — Não consigo segurar, não posso continuar me iludindo, Guilherme é um canalha um maldito fingido.

— Como? O que disse, Luci, o que tem a Stella.

Guilherme segura-me pelos ombros me virando para ele.

— Eu já sei de tudo, não precisa mais fingir, poupe-me da representação barata... — Não consigo conter minhas lágrimas, entre soluços despejo toda a minha mágoa. — Stella me contou sobre vocês dois, sobre suas promessas de levá-la quando fosse embora daqui. Todos os detalhes da sua relação com ela, contou o quanto você é bom de cama, inclusive que vocês dois transaram hoje antes do almoço, ela me mostrou a marca da palmatória que você deixou em sua bunda...

Avancei nele com os punhos fechados e comecei a socá-lo no peito, gritando minha fúria. — Seu mentiroso filho da mãe, por que você me fez acreditar que me amava, por que, Guilherme?

Guilherme segura os meus punhos contendo-me, ele prende-me em seu corpo, tenta me acalmar, mas não se defende.

— *Shh!* Calma, Luci, se acalme pelo amor de Deus.

— Solte-me, seu cretino mentiroso! ACABOU, acabou tudo entre nós! Nunca mais quero olhar em sua cara! — Guilherme me suspende e leva-me para o seu colo.

— Maria Lúcia, quer ficar calma, *porra!* Eu não quero que se machuque.

Seu tom de voz mudou, ficou mais dura, mais autoritária.

— Eu me apaixonei por você, Guilherme, e agora o que faço? Ia largar o Marcelo para ficar com você... E... E você esse tempo todo só estava se divertindo comigo... A-CA-BOU! Entendeu?

— CALE-SE. — Ele grita com toda força.

— NÃO! EU NÃO VOU ME CALAR! — Grito de volta. — VOCÊ NÃO PASSA DE UM

SACANA.

Guilherme se enfurece, segura minha garganta e levanta a mão em direção ao meu rosto, fecho os olhos e espero o tapa. Ele me abraça com força, sua boca toca o meu rosto e ao invés de uma tapa, sou beijada repetitivamente.

— Perdoe-me, nunca machucarei você, nunca encostarei um dedo em você para lhe maltratar, perdoe-me, meu amor...

— Solte-me, quero ir embora e esquecer que você existe. Não precisa representar, já sei de tudo, esqueceu?

— Cale-se, Maria Lúcia... Minha paciência tem limites. — Continuo falando que quero ir embora.
— CALE-SE, *PORRA!*

Seus olhos brilham de raiva quando se fixam aos meus, agora deu medo.

— *PORRA*, EU NÃO TENHO NADA COM A STELLA! Sim, eu a fodi duas vezes, na noite em que fomos ver o show e no outro dia... Sobre hoje, sim, nós nos encontramos, mas nada aconteceu entre nós, ela bem que tentou, mas não rolou nem beijo... *Merda!*

— EU QUERO IR EMBORA, SENHOR GUILHERME, A-GO-RA! — Gritei.

— CALE-SE! — Ele me devolve o grito. — Eu deixei você falar, agora você vai me escutar e só vai falar quando permitir, ok? OK? — Ele repete a pergunta com voz dura.

Eu assenti. Fiquei quieta com o coração quase saindo pela boca.

*** **

Guilherme procura deixar-me o mais confortável possível em seu colo, vira-me para que possa lhe olhar nos olhos, nervoso ele limpa a garganta, sinto o seu medo, eu só não sei de quê.

— Lembra-se que te contei que perdi minha primeira esposa por medo, por ter escondido dela coisas ao meu respeito?

Meus olhos percorrem o seu rosto, respondo-lhe que me recordo.

— Como vou contar isso a você? Acho melhor começar do princípio.

Guilherme está inseguro, não faço ideia sobre o que ele quer me revelar. Mais calma e temendo o que há por vir, digo-lhe:

— Seja o que for, Guilherme, não vou julgá-lo, conte-me o que achar necessário.

Fui sincera.

Ele traga o ar com força e vai soltando lentamente.

— Minha vida sexual começou cedo, meu pai me apresentou as mulheres quando eu tinha apenas 10 anos de idade. Sou o seu varão, o macho da família e fui criado ouvindo dele que homem que se preza tem que comer todas as mulheres que caírem aos seus pés. Fui apresentando a um mundo diferente, onde alguns dominam e outros se submetem. No início fiquei com medo, depois com nojo e depois apaixonado. Descobri que sou um dominador de nascença, era muito bom no domínio psicológico, meu pai ficou muito orgulhoso de mim, aos 16 anos começamos a compartilhar mulheres, erámos uma dupla perfeita. A cada dia ficava viciado nesse mundo, possuí muitas mulheres, amava sentir o cheiro do medo e o meu prazer era supremo quando as fazia sentir dor.

Ele faz uma pausa, seus olhos ficam distantes, como se estas recordações fossem dolorosas, percebo que os seus olhos lacrimejam, sim, sim ele está sofrendo. Tento falar algo, mas ele me intercepta a palavra, colocando dois dedos em meus lábios. Ele continua.

— Nesta época já conhecia a Malu, estudamos juntos até concluir o ensino médio, logo depois ingressei para faculdade.

Seus lábios tocam os meus, o beijo foi terno.

Sua respiração oscila. Meu Deus! Pensei que só eu guardo dores cruéis dentro de mim. Guilherme afasta-se um pouco, porém seus olhos não deixam os meus.

— Só fui prestar atenção na Malu quando um amigo ficou cheio de gracejos por ela. Foi então que me apaixonei, ela tinha 16 anos. Sempre fui muito esquentado e por ciúmes quebrei muitos dentes dos rapazes que ousavam em falar qualquer gracinha para Malu... Minha possessividade foi tamanha que mesmo sem ela saber, fui até a sua casa e a pedi em namoro. Sempre fui disputado pelas meninas, portanto eu sabia que a Malu não me diria não, ela aceitou e começamos a namorar. Não fiquei conformado e a engravidei, só assim os seus pais me dariam a permissão para me casar com ela e foi isso que aconteceu. Casamo-nos...

— Luci, eu a amava tanto, tanto que doía, mas aos poucos minha vontade sádica foi tomando força e toda vez que a tocava sentia necessidade de fazer certas coisas com ela, coisas que sei que a assustariam que a afastaria de mim. Não tive coragem de lhe contar a verdade, então me afastei dela, nosso sexo era sem graça, não a deixava tocar em mim e nem a tocava. Quando a Beatriz surgiu em minha vida, foi minha salvação e assim consegui proteger a Malu de mim... Bem, o resto da história você conhece.

Não deu para segurar minha emoção, o puxei para o meu corpo e o abracei com força, Guilherme estava tentando segurar a sua dor, mas depois do meu abraço, ele deixou-se levar para beira e suas lágrimas escorreram por sua face.

Emocionado, ele desgruda um pouco de mim, segura em meu queixo e me diz.

— Luci, eu fui muito violento com a Malu quando percebi que ela estava se afastando de mim. Batia nela, a ameaçava psicologicamente e algumas vezes a estuprorei. Sim, eu fiz isso, o meu medo de perdê-la me fez fazer coisas horríveis, coisas que hoje jamais faria e mataria o sacana que fizesse isso com alguém que amo. Só te peço que não tenha medo de mim e nem se afaste, com você não sinto vontade de usar a força, ser agressivo, só quero lhe dar prazer. Não nego que tenho receio de fazer amor, de está dentro de você e não me controlar, porém quero que saiba que jamais machucaria você, agora que descobri o céu, não quero perdê-lo.

— No entanto, Luci, eu preciso que confie em mim. Não tenho sentimento pela Stella, ela não significa nada para mim. Sim, ela é linda e gostosa, mas foi só sexo e eu a avisei desde o início para se afastar de mim, mas ela é insistente e cismou que quer conhecer o meu mundo sombrio. Não sei o porquê que ela inventou essa história, só quero que saiba que nunca existiu e nem vai existir nada entre mim e Stella, ela é só a professora das minhas filhas e nada mais e partir de hoje nem sua

amizade quero ter, seremos só conhecidos...

Ele faz uma pausa, não sei explicar, mas senti que o que ele ia dizer-me gelaria o meu coração, Guilherme continua.

— Pequena sereia, sempre serei ciumento, mas nunca desconfiarei de você, ciúmes é diferente de desconfiança, eu confio em você e espero que também confie em mim, por isso vou ressaltar, se você não acredita no que estou dizendo é melhor terminarmos agora. Vou sofrer, mas já estou acostumado, só não quero ver em seus olhos dúvidas e desconfianças Luci, você confia em mim? Você acredita que estou lhe dizendo a verdade?

Não posso julgá-lo, conheço esse mundo e sei como o Guilherme se sente. Só que para mim, ele não é um sádico, para mim ele é o homem mais carinhoso, mais gentil e mais amável do mundo... Sádico é o Marcelo, esse é um doente, o meu Guilherme é um anjo perto daquele homem. Minha resposta não foi com palavras, segurei o seu rosto com minhas duas mãos e lhe roubei a boca, não o deixei raciocinar, o forcei entreabrir os lábios dando acesso a minha língua a encontrar a sua, sem nenhuma vergonha a trouxe para minha boca e a chupei com necessidade, mordi a carne, macia me deliciando com os gemidos que Guilherme soltava em minha boca.

Tornei-me mais ousada... Fiquei de frente para o seu corpo, colocando minhas pernas uma em cada lado do seu corpo, fiquei completamente aberta, meu sexo ficou bem perto do seu e enquanto o beijo, roço com sofreguidão em seu membro, o clima esquentou, o fogo subiu.

Guilherme puxa os lacinhos da minha camisola e ela desce até minha cintura deixando os meus seios nus. Ele me afasta, desgrudando da minha boca, olhando diretamente para os meus seios, o seu olhar brilha de desejo.

— *Cristo!* – Ele me olha nos olhos. — Eu preciso prová-los, estou babando só de olhar para eles.

Sinto sua boca abocanhar um dos meus seios e uma mão acaricia o outro.

— *Hum!* – Gemi roucamente. — Morda-os meu amor, quero sentir os seus dentes, morda-os...

Ele mordeu, mas senti certa resistência...

— Morda-os com vontade meu amor, não tenha medo, quero que me marque...

Então, Guilherme circulou o biquinho rígido do meu seio esquerdo com os dentes, prendendo-o

entre eles e friccionando, doeu primeiro depois ardeu, depois veio um prazer vertiginoso, pressionei sua cabeça com força em meu seio, incentivando-o a mordê-lo mais e mais, a mão que estava em meu outro seio, começou a massageá-lo e o meu outro bico foi friccionado por seu polegar e indicador.

Guilherme solta barulhos roucos em meu seio enquanto delira na aventura de marcar sua mulher... Ele passa a boca para o outro seio e faz o mesmo, enquanto isso, continuo roçando em sua virilha com força.

— Gui... Guilherme, quero ser sua agora, me faça sua, só sua, meu amor...

Enquanto ele se diverte com os meus seios, desafivelo o seu cinto e abro o seu zíper, puxo o seu membro para fora e começo a massageá-lo, Guilherme solta um grunhindo prazeroso. Minhas mãos tornam-se mais ousadas e exploram todo o seu eixo até encontrarem as suas bolas, as aperto com carinho.

— Gostosa, se fizer isso novamente eu gozo.

Ele solta a boca do meu seio e me fala cheio de tesão. Aumento a fricção em sua rigidez.

— Meu tesão, você vai me deixar mais louco do que já estou.

Guilherme circula um braço em volta da minha cintura, ficamos colados, nossas respirações aceleradas, nossos corações batendo ao mesmo ritmo, desejos iguais, eu o quero com tanta força e sei que ele me quer com a mesma intensidade, sou beijada com desespero, línguas duelam entre si, meus lábios são mordidos e sugados, faço o mesmo com sua boca. Estou no paraíso, a lua como testemunha. Se felicidade tivesse outro nome, com certeza seria Guilherme. Como amo este homem... Como o quero! Se pudesse eternizaria este momento.

Minha necessidade por Guilherme enche-me de ousadia e determinação, ponho minhas mãos em seus ombros, erguendo os meus quadris, solto uma das minhas mãos do seu ombro e puxo o lacinho da minha calcinha, depois puxo o outro laço, ela cai não sei aonde. Guilherme continua com sua boca na minha, seus beijos são febris, possessivos, intensos.

O seu membro está tão duro, que não tive dificuldade de sentar sobre ele. Quando Guilherme percebeu já estava sendo devorado por meu sexo molhado e escorregadio.

— Luci, o que você fez meu amor eu... Eu... Cristo! Ajude-me.

Guilherme ficou tenso.

— Relaxe, amor, você não vai me machucar, tenho certeza disto, só me sinta por dentro, sou sua toda sua. — Disse-lhe com a voz carregada de tesão.

Ele olha com desespero, sentei-me lentamente em seu membro, minhas mãos seguram em seus ombros, então começo a subir e descer em seu colo, ele não tira os olhos dos meus, sorri para ele, beijo sua boca, mordo seu lábio inferior, começo a me mover com mais rapidez, Guilherme rosna, puxa o ar entre os dentes.

— SSSS! Meu tesão, você está fodendo-me, *puta merda!*

Sua voz soa rouca carregada de desejo... Desejo por mim... Finalmente eu sou eu, não preciso me calar, não preciso me conter, posso mostrar como sei amar, como sei fazer um homem sentir prazer e finalmente posso sentir prazer do meu jeito, prazer sem dor, sem humilhação.

Esses pensamentos me deixaram com mais fogo, acelero minhas estocadas no colo do Guilherme, ele me segura a minha cintura e articula. — *Hei*, meu tesão, calma, assim você se machuca, sem pressa, assim.

Ele alivia meu sobe e desce, quando me sento em seu colo e ele está completamente dentro de mim, Guilherme me manda rebolar, eu rebolo. E foi assim até que o nosso prazer vem com força bruta. Meu corpo é sacudido com força, ele força o quadril para cima, balançando-o e eu o forço para baixo, meus seios são devorados e mordidos, minhas carnes são apertadas com força, também o mordo, puxo os seus cabelos e no auge do meu prazer grito... — Guilherme Gusmão, você é meu, meu homem...

Prendo-me a ele com força, os espasmos do meu homem são intensos, da sua boca sai um grunhindo gutural e logo depois um sussurro. — Minha, só minha.

*** **

Luci está com a cabeça recostada ao meu peito, o cheiro de camomila vindo dos seus cabelos me acalma a alma. Enquanto nossas respirações desaceleram fico acariciando as suas madeixas negras, uma das minhas mãos escorrega por suas costas nuas... Luci encolhe-se e se afasta repentinamente.

— O que foi, pequena sereia? Eu a machuquei?

Seguro o seu queixo, avaliando sua expressão, o medo percorre meu íntimo, fico inseguro, se a machuquei não vou conseguir me perdoar, Luci olha-me sem graça e fala timidamente.

— Não! Fiquei com frio, só isso.

— Frio! Como pode sentir frio em meus braços... – Sorri encostando minha boca a dela, meu coração tranquilizou-se.

Só então percebi que ela está nua da cintura para cima, seus lindos seios estão expostos para a minha visão. Encosto-a ao volante com cuidado, meu instinto protetor precisa ter a certeza que não a machuquei.

— Fique assim meu amor, deixe-me ver se não machuquei os bicos dos seus seios, mesmo me contendo, eu posso ter passado do meu controle.

Aproximei o meu rosto das aréolas rosadas, verifico se estão marcadas ou arroxeadas, depois examino com mais atenção os mamilos. Está tudo bem, os seios estão um pouco vermelhos, mas isso é normal, não tinha como não ficar, não depois da intensidade de apertos e chupões. Aproveito que estou tão perto do que é meu, beijo e chupo os mamilos da minha pequena sereia, ela por sua vez solta um chiado gostoso de tesão.

— Gui, *hum!* Faz novamente. – Ela se oferece a mim. Não me fiz de rogado, abocanhei a aréola circulando minha língua em volta do mamilo. — Ai, meu Deus! Oh!

Luci começa a se mover freneticamente em meu colo, eu a puxo um pouco mais para mim.

— Meu tesão, não me canso de lhe saborear, *puta merda!* Você é muito gostosa, mexe, meu amor, se ofereça para mim, assim, *hum, hum,* assim!

Continuo com minha boca em seus seios, Luci geme e se contorce com fogo e prazer, meus cabelos são puxados por suas pequenas mãos, minha orelha é mordida e minha camisa é rasgada.

— Ai meu Deus! Desculpe-me, eu não tive a intenção de rasgá-la... Ai que vergonha...

Meu tesão em forma de mulher, leva as mãos a boca quando percebe que minha camisa foi rasgada por suas unhas. Eu não consigo conter meu riso quando vi o seu rosto ruborizado, ela fecha o semblante imediatamente fazendo um bico com os lábios.

— Você está rindo de mim.. — Ela baixa os olhos, agora fodeu, meu membro vibrou e eu não consigo me conter...

Inclino o banco para trás onde estou sentado, o assento vira uma cama. Luci assusta-se, ficamos deitados, ela por cima de mim.

— Sente-se em meu membro e cavalgue em mim.

Eu não pedi. Ordenei... Ela morde o canto inferior do lábio e o chupa, lascou-se.

Seguro Luci pela cintura e a suspendo, sentando-a em meu membro com força, começo a forçar o meu quadril para cima e para baixo, os seios de Luci começam a dançar em minha frente.

— Cavalgue, cavalgue, vamos, meu tesão! — Seguro em seu traseiro com as duas mãos e aperto com força suas carnes. — Com mais força, Luci, mais duro, eu quero ver os movimentos dos seus cabelos, eu quero esse carro balançando... — Ela leva as duas mãos sobre o meu abdômen, inclinando o corpo para frente e começa a mover o quadril para cima e para baixo, eu ajudo com minhas mãos.

— *Gui, Guilherme eu, eu, ai Jesus, ai Jesus!*

Não, não ela não vai gozar, não agora. Eu a puxo para mim e inverte as posições, agora eu estou por cima. Luci termina de rasgar o resto da minha camisa, arrancando-a com força do meu corpo. Essa violência toda, só me deu mais tesão. Inclino o meu rosto até o seu e lhe mordo a boca, o queixo, o pescoço e depois os dois seios, ela faz o mesmo comigo.

Começo a bombear com força em seu sexo, o barulho do choque dos nossos corpos me deixa insano, muito mais faminto. Soco o meu membro com mais ímpeto em seu interior, não resisti e uma das minhas mãos vai até a sua garganta.

Meus dedos circulam em volta do seu pescoço, não tiro os meus olhos dos dela, vou pressionando aos poucos, sem perder o ritmo do entre e sai do seu corpo. Luci me olha com apreensão.

— Relaxe, meu tesão, confie em mim, você vai gostar.

Apertei mais um pouco, Luci grita... Eu me assusto.

— Não! Não! – Soltei imediatamente o seu pescoço e parei de me mover.

— Perdoe-me, meu amor, eu me empolguei...

Lágrimas já se formam em seus olhos. Está na hora de parar, eu penso, porém quando já estou saindo de dentro dela, Luci choraminga.

— Eu quero... Eu confio em você, por favor, continue. – Ela diz, sinto sinceridade em suas palavras.

A beijei com carinho, o beijo foi se intensificando, ficando mais ousado, nossas línguas se cruzam e são chupadas e mordidas... Minhas mãos percorrem o seu corpo com volúpia, meus dedos apertam suas carnes, Luci faz o mesmo comigo, começamos um roça a roça acelerado, e o tesão volta triplicado.

Minha mão pega com jeito o seu delicado pescoço, olho para ela e lhe digo com carinho e atenção.

— Isso que vou fazer não tem nada a ver com o meu prazer e sim com o seu, confie em mim, você vai experimentar algo extraordinário.

Fui acelerando meus movimentos em seu sexo, meu corpo queria o seu, precisava senti-la profundamente, cada estocada me deixava próximo ao clímax, sentia o seu tremor, Luci fecha os olhos, com voz firme lhe ordeno.

— Luci, olhe para mim, não feche os olhos, quero que goze olhando em meus olhos e quando você chegar a seu limite deixe-se levar pelo seu prazer, entendeu... Entendeu? – Falo com autoridade.

Ela assentiu. Fui acelerando o entra e sai e aos poucos, apertando os meus dedos em torno da sua garganta, Luci segura em minha mão.

— Solte-me. – Vocifero. — Relaxe meu amor, respire pelo nariz, isso... Assim. – Estoquei com força, foram quatro estocadas fortes e na quinta Luci arqueia o corpo com força gemendo alto... Firmei o aperto em seu pescoço, ela fixa os olhos nos meus e o nosso prazer vem com força, solto a mão do seu pescoço me jogando sobre o seu corpo.

Luci fica quieta, quase nem respira, me apavorei, ergo-me imediatamente lhe perguntando com apreensão.

— Você está bem, machuquei você? Luci? *Porra*, Luci responde?

Ela abre os olhos e o que vejo em sua expressão é felicidade.

— Nunca me senti tão bem quanto agora! – Ela varre o meu rosto com o olhar. Um leve sorriso sai dos seus lábios. — Se não for amor o que estou sentindo por você, eu não sei qual nome dá a esta força que me queima de dentro para fora.

Nossos lábios se reencontram, o beijo foi leve, porém intenso para aquele momento tão profundo. Volto a olhar o seu lindo rosto, minha mão varre uma mecha dos seus cabelos.

— Eu também, não sei dar outro nome para o que estou sentindo, minha pequena sereia... – Respiro profundamente e volto com a mesma pergunta. — Tem certeza que não a machuquei, sua vagina não está dolorida? – Deixe-me ver o seu pescoço.

Começo a avaliar todo o seu pescoço, sim, ficou vermelho, porém não ficará roxo. Ela sorri e me puxa para ela, beijando-me com carinho, sem afastar sua boca da minha ela diz.

— Eu estou bem, seu bobo, sei que nunca me machucará, confio minha vida a você, meu anjo salvador.

Afasto o seu rosto do meu com minhas duas mãos e lhe falo.

— Dorme comigo hoje. – Peço com carinho. — Luci, não há mais razão para mantermos essa situação, diz logo ao Marcelo que você vai embora... Se você quiser eu mesmo ligo para ele e conto a verdade sobre nós dois.

— Não!

Ela me empurra o corpo com as mãos, sento-me na ponta do banco encostando minhas costas ao volante, a puxo para mim, suas pernas cercam o meu quadril, ficamos assim colados um no outro, seus mamilos roçam em meu peito, meu desejo desperta e o meu membro também. Luci percebe, seu olhar baixa para minha virilha, eu acompanho o seu olhar, a cabeça do meu membro está entre suas coxas, gotas de umidade saem da pequena abertura, ela volta os olhos para mim.

— Qual dos dois é mais insaciável? – Ela pergunta de forma divertida.

Minha boca vai até sua orelha, mordo-a levemente e respondo.

— Os dois, pois ambos estão viciados em você. – Luci me morde o queixo com força, gemi

baixo.

— Pequena sereia, você adora me morder, já percebi isso. — Fito o seu rosto longamente. — Então, você vai dormir comigo hoje e o resto da sua vida?

— Eu não posso, você prometeu esperar cinco dias. Por favor, não me pressione, deixe-me fazer as coisas do meu jeito, ok?

— Tudo bem, mas tem uma condição... — Fito-a com força no olhar. — É o Marcelo entrando em casa e você saindo, não quero você um minuto com ele sozinha, ok?

Ela assentiu com a cabeça.

— Bem, já que a senhora não vai dormir comigo, precisamos voltar para nossas casas, já está bem tarde.

Subi a sua camisola, amarrando as alças em laços. Luci passa para o banco do carona, coloco o cinto de segurança em volta do seu corpo, pego sua calcinha no piso do carro e guardo no bolso da calça.

Os olhos de Luci direcionam-se para frente do veículo, seus lábios soltam um leve sorriso.

— Gui. — Ela me chama a atenção, olho para ela. — Olha como a nossa testemunha está linda! — Luci me mostra a lua, o seu reflexo no espelho do mar, formando uma sombra escura.

— Perfeita! Nossa vida será assim meu amor, per-fei-ta. Pelo menos tentarei que seja. — Liguei o carro e a levei para casa.

— Luci. — Antes que ela entre e desapareça pela porta adentro, a chamo para um último beijo. — Até amanhã! Não se esqueça de tomar os seus remédios e sonhe comigo, minha pequena sereia, por que sonharei com você, pois depois de tudo que passei nos últimos anos, hoje terei uma noite tranquila, sempre vivi intranquilo, minha vida sexual era um turbilhão de sentimentos sombrios, minha satisfação era momentânea, depois vinha a culpa e o vazio, hoje você me mostrou que posso me realizar sexualmente sem machucar quem amo... Depois de tudo, você... Você minha linda Maria Lúcia.

Abraço-a com carinho, aperto o delicado corpo da minha mulher em meus braços, meu coração está feliz e tranquilo. Fiz amor com minha pequena sereia, e não a maltratei, sim, foi forte, fiz coisas que os casais normais não fariam, porém não existiu dor, humilhação, eu sei que descobriremos

maneiras de me satisfazer, não deixei de ser um dominante, um homem com gostos extremos e necessidades especiais, ela vai ter que se acostumar a me obedecer, pois preciso da sua entrega total, preciso da sua submissão, ela é minha e como minha necessito cuidar totalmente do que é meu.

Beijamo-nos mais uma vez, a espero entrar em casa, quando escuto o clique da chave na porta, dou as costas, descendo os dois degraus da calçada da varanda, só aí então entro no carro e sigo para casa.

*** **

Estou feliz, mas completamente confusa. Guilherme é um homem muito envolvente, quando saí daqui logo mais cedo, fui disposta a lhe dar na cara, pois a Stella me fez pensar que ele não passava de um canalha... Bem, eu não tenho o porquê de não acreditar no que ele me disse, só não entendo porque Stella me disse tudo aquilo, porque ela fantasiou um relacionamento que não existe e ainda mais, colocou palavras na boca do Guilherme. Será que ela está realmente apaixonada por ele?

Seja qual for o sentimento que a Stella esteja sentindo em relação ao Guilherme, ela trate de esquecer, pois a partir do momento em que entrar naquela casa Guilherme será meu e assim como ele eu também não divido, ou é só meu ou não é.

Fui direto para o banho, não queria tirar o cheiro do Guilherme do meu corpo, porém está fazendo um calor do inferno e se não jogar uma água no corpo não conseguirei dormir. Quando olho para o lado vejo as roupas do Guilherme jogadas por cima do cesto de roupa sujas, *caramba!* Juntei-as e guardei em minha bolsa, amanhã devolvo. Em hipótese alguma o Marcelo pode ver isto.

O dia amanhece perfeito em sua magnitude, o sol está quente e são apenas sete da manhã, imagine quando chegar às dez horas! Corro para o banho, troco-me com pressa, mas antes fico de costas para o espelho verifico com cuidado como estão as minhas costas e minhas nádegas. Graças a Deus a pomada e o remédio, que o doutor Joaquim prescreveu, fizeram efeito mágico, as marcas desaparecerem, ainda está um pouco dolorido, mas é suportável. Senti-me aliviada, pois não preciso mais me esconder do Guilherme. Sorri para o meu reflexo no espelho, poderia mudar meu nome para felicidade, estou radiante, nunca me senti tão feliz como estou me sentindo agora. A vida não me foi muito boa, até antes do Guilherme passei por maus bocados, só agora estou conseguindo saber o que é ser feliz.

Resolvo vestir um vestido de algodão florido cintura baixa, bem folgado e um pouco acima dos joelhos, por falar em joelhos, o meu joelho esquerdo também cicatrizou, só há um pequeno risco amarronzado. Quando já estou com a chave nas mãos para sair, meu celular toca, olho o identificador de chamadas e lá está o nome que alegria os meus dias: “**Guilherme**”. Atendo e escuto a palavra que aquece minha alma.

— Bom dia, meu amor! Sonhou comigo? – Respirei profundamente e respondi.

— Bom dia, meu anjo salvador! Sim, eu sonhei com você, e foi um sonho muito gostoso, sonhei

que fazia amor com você a madrugada inteira. — Sorri, fiquei sem graça, se o Guilherme estivesse em minha frente veria o quanto fiquei ruborizada.

— Humm! Precisamos realizar esse seu sonho o quanto antes... O que acha?

Só em escutar o timbre da sua voz meu corpo responde em arrepios me dando um frio na barriga, limpo levemente minha garganta e lhe rebato com timidez.

— Podemos pensar em uma maneira depois... — Preciso mudar de assunto antes que ele resolva bater em minha porta e me possuir aqui mesmo. — E você sonhou comigo?

— A noite toda, para ser sincero eu nem dormi. — Ele ri gostosamente.

— Ora bolas, Guilherme! Se você não dormiu, é evidente que não sonhou comigo, peguei você na mentira.

Ele solta uma gargalhada.

— Então, pequena sereia, eu não preciso dormir para sonhar com você, sonho acordado mesmo. Satisfeita? Agora saia logo de dentro de casa, pois preciso beijar essa boca e alimentá-la.

— Como assim! Guilherme, onde você está?

Articulei assustada.

— A três passos da porta.

Corri e fui para janela e lá estava ele recostado ao carro com o aparelho celular ao ouvido. Quando me viu afastar a cortina ele acenou com a mão.

— Seu doido, cadê a Joana?

— Você vai sair ou eu preciso buscá-la.

Não o deixei terminar a frase, desliguei o celular abri a porta e sai apressada. Tranquei a porta e fui a sua direção. Guilherme veio ao meu encontro e foi logo me cercando a cintura com os braços, roubando minha boca em um beijo avassalador, meus pés foram suspensos do chão, fui carregada para o carro e sem soltar a minha boca ele me coloca no banco do carona, passando o cinto por meu corpo.

Guilherme dá a partida no carro, mas antes de sair me beija a boca novamente e me puxa para

ele com força. — Seu lugar é aqui, bem perto de mim.

Aconcheguei-me ao seu peito, me sentindo protegida, amada. Esta sensação eu jamais esquecerei, acho que toda mulher gostaria de sentir e deveria viver em sua vida. Em dez minutos chegamos a casa do Guilherme, afastei o meu corpo do dele para retirar o cinto de segurança e ele imediatamente me repreende.

— Nem tente fazer isso, pode ficar aí quietinha.

Guilherme desce do carro, dando a volta no veículo, ele abre a minha porta, solta o cinto e me pega em seus braços, me deixei ser levada. Entramos em sua casa e fui levada ao seu quarto. Com cuidado fui colocada na cama, e para disfarçar meu nervosismo, indago.

— Ficou louco, Guilherme e se a Joana entra em seu quarto e nos pega de chamego?

— Em primeiro lugar, já está na hora das minhas filhas saberem sobre nós dois e em segundo lugar a Joana está na escola. — Ele ri e ao mesmo tempo me beija a boca, depois a ponta do meu nariz. — Você acha que não percebi que a Joana já está dominando a língua portuguesa, ela estava me enrolando só para não ir à escola e ficar aqui com você, portanto estamos sozinhos e agora quero você do jeito que veio ao mundo, nua e minha.

Não tive nem tempo de replicar. Guilherme me arranca o vestido por cima da minha cabeça, fiquei só de calcinha, meu mamilo apontando para cima, convidando-o para saboreá-los. Fui surpreendida com o choque dos seus dentes, soltei um grito, jogando-me de costas a cama.

Ele segura um dos meus seios com uma mão enquanto tortura o outro com a boca, dentes e língua. Seu corpo encontra o meu, ele solta gemidos roucos, nossos corpos começam a se esfregar freneticamente. Minhas mãos exploram o seu corpo com impaciência. Arranco-lhe a camisa em um ímpeto, botões voam, beijo seu peito duro, mordo os seus mamilos, desafivelo seu cinto meio sem jeito, no entanto consigo arrancá-lo da calça, desço o seu zíper, meus dedos encontram o seu volume rígido.

Minhas mãos brincam com sua rigidez, movo para cima e para baixo, apertando a glândula com firmeza, quando faço isso Guilherme morde o meu mamilo com força, esfrego-me em seu corpo com ousadia, arqueio o meu quadril, minha garganta faz barulhos desconhecidos por mim. *Deus!* Esse homem vai me matar de tanto tesão!

Sua língua faz um caminho abaixo por meu abdômen, deixando um rastro molhado e um caminho de pelos arrepiados. Guilherme solta leve mordidas por meu corpo, seu corpo escorrega junto com a

sua boca, ele fica no meio das minhas pernas, sinto-as serem espalhadas e sou presenteada com uma língua quente e macia em minhas dobras.

— *Ai Jesus Cristinho!* Eu, eu vou morrer... — Murmuro.

Engulo seco quando sinto dois dedos invadirem minha intimidade, Guilherme chupa meu botão rígido e vai alternando entre lambidas, chupões e mordidas, sem esquecer suas estocadas fortes com os dedos em meu interior. Arfei, arqueando com força meu corpo para cima. Ele percebe que já estou na beira, então me segura por baixo do meu traseiro com a outra mão e o seu dedo indicador procura o meu buraco traseiro.

Guilherme não se intimida quando contraio o lugar onde foi tocado, ele varre o meu suco com o dedo lubrificando o local e sem esperar seu dedo invade minha intimidade. Fiquei assustada no momento da invasão, meu corpo ficou tenso, mas os carinhos do Guilherme em meu sexo me relaxaram quase de imediato, meu prazer veio voraz, pressionei a sua cabeça em minha abertura, não consegui segurar o meu grito.

— Oh, *meu Deus!* Isso é muito bom, vai amor me chupa forte, me morde, *oh Deus!* Assim, assim, mais forte amor, humm! Goostoso, muito gostoso.

Guilherme prende-se com força no meio das minhas pernas, eu só sinto os chupões e a raspagem dos seus dentes em minhas dobras, meu prazer veio com força, gritei o seu nome alto. — Gui... Guilherme!

Ainda trêmula e ofegante, sou guiada até a cabeceira da cama, Guilherme consegue despir-se da calça, jogando-a ao chão, ele pega o cinto em cima do colchão, seu olhar tem um brilho diferente, não sei explicar, mas ele ficou diferente, parecia perigoso, febril, sua voz rouca e fria confirmaram a minha dúvida.

— Mãos para cima, Luci, e não ouse fugir de mim, quieta e calada.

Deu-me *frisson* no corpo, obedeci... Ele circula o couro do cinto em meus punhos, passando-o pela fivela, puxou um pouco para prender firme os meus punhos. Meus braços ficaram acima da minha cabeça e foram presos a cabeceira da cama. Guilherme dá um leve puxão no cinto, certificando-se se estou bem presa.

Ele desce da cama e vai até o *closet*, volta com duas gravatas. Fiquei observando cada movimento que fazia, eu não tinha ideia do que estava por vir. O seu membro gigantesco estava furioso de rígido, a cabeça vermelha brilhava com a umidade, escorrendo por sua abertura. Eu não

sei se fico nervosa com o que ele pretende fazer comigo, ou se o imploro para ele colocar aquele comprimento lindo em minha boca. Guilherme percebe para onde estou olhando, ele sorri descaradamente e articula.

— Paciência, pequena sereia, você terá tudo, eu lhe darei tudo Agora só te peço que confie em mim, não tenha medo, não vou machucá-la, só quero lhe dar prazer, você confia em mim?

Meus olhos fixam-se aos seus e lhe respondo com ansiedade.

— Sim, eu confio cegamente em você.

Ele presenteia minha boca com um beijo molhado, minha língua encontra a sua, saboreamos nossa lascividade. Guilherme fica de joelhos entre o meu corpo, seu membro está bem próximo a meus lábios, fiquei desejosa por aquele comprimento espesso. Fui pega pela cabeça, ele passa uma das gravatas sobre os meus olhos, vendando-os, não conseguia enxergar nada, sinto o nó sendo dado, depois sinto a outra gravata passar por meu pescoço, ele circula por duas vezes, após alguns segundos, sinto-o apartar o tecido, me falta o ar.

— Abra a boca, meu amor, mas abra só um pouco. — Ele faz uma pausa. — Luci, não se desespere, confie em mim, sei que você vai se apavorar, mas sei o que estou fazendo, o seu prazer é o meu prazer...

Senti o seu gosto agri-doce em meus lábios... A ponta da glândula do seu membro passeia sobre meus lábios, desliza suavemente, faz círculos vagarosos, meu rosto também é acariciado por sua rigidez. Não vejo nada, só sinto. Guilherme pousa o seu membro entre os meus lábios, ele está ofegante, eu sinto o tremor das suas coxas... Ele empurra vagorosamente o seu comprimento entre os meus lábios, seu membro escorrega por minha boca.

— Saboreie, saboreie o que é seu, chupe-o, engula-o, vamos, chupe-o.

Ele ordena, sua voz é dura, autoritária. Eu o engulo, chupo com força, mordo seu eixo com os lábios. Aos poucos, Guilherme começa a acelerar o vai e vem, começo a sentir um aperto em meu pescoço, começo a me sentir sufocada.

— Não pare de me chupar, vamos, Luci, não pense só me chupe, me engula...

Fiz o que ele me mandou, só que toda vez que o seu membro chega ao fundo da minha garganta, ele aperta o nó da gravata em torno do meu pescoço. Sinto-me sufocada, lembro-me do Marcelo, quando ele me afogava na banheira enquanto me fodia.

— Relaxe, meu amor, não vou machucá-la, confie em mim...

Só bastaram essas palavras, eu me entrego, deixo-me levar por seus cuidados e carinhos. Guilherme foi fundo, entrou e saiu da minha boca, aperta o nó da gravata em minha garganta e saía da minha boca, só precisou fazer duas vezes, para me dar uma sensação louca de prazer... Arqueei o quadril para cima com força, soltando gemidos de prazer, já estou o devorando com gulodice e desespero, Guilherme afrouxa a gravata, retira o membro da minha boca, reclamo com ele, digo que o quero de volta.

Sinto o seu corpo sobre o meu e em seguida sou preenchida duramente. Guilherme bombeia ferozmente o seu membro em meu sexo, seu grunhindo gutural assusta-me, é rouco feroz enquanto entra e sai do meu corpo ele fala bem próximo a minha boca.

— Maria Lúcia, você é minha, minha para o meu prazer, para minha satisfação, sacana nenhum nunca mais vai tocar em você, ouviu, ouviu Maria Lúcia, você agora me pertence... Entendeu?

Guilherme aperta a gravata com força em meu pescoço, o ar falta em meus pulmões e ao mesmo tempo o meu orgasmo chega com força, quero gritar, mas não consigo, ele bombeia com força seu membro em meu sexo, suas bolas batem em minhas carnes, fico completamente louca, arqueo com força meu corpo para cima.

— Você é minha, minha... — Ele repete, sua voz sai ofegante.

Tento falar não consigo, estou na beira do clímax... Devagar, ele vai afrouxando o laço da gravata, meu ar volta, e o meu gozo explode, aperto minhas pernas em volta da sua cintura, grito o seu nome com desespero e ele grita o meu, sua semente jorra forte dentro de mim. Guilherme solta os meus pulsos, livre o abraço com força.

Literalmente ele acabou comigo, meu corpo está lânguido, mal consigo abrir os meus olhos, sinto o seu corpo sair de cima do meu, tento puxá-lo para mim, mas não tenho forças, só consigo escutar ao longe a sua voz.

— *Shh!* Fique aí quietinha, já volto.

Não sei quanto tempo se passou, só sinto o meu corpo ser suspenso e retirado da cama. Pergunto para aonde ele está me levando, ele me diz que para o banho, digo-lhe que posso fazer isso sozinha, então sou surpreendida mais uma vez por suas palavras.

— Pequena sereia, você nunca mais fará nada sozinha, agora você tem a mim para cuidar de

você. — Sou presenteada por um beijo quente.

Entramos no banheiro, foi então que percebi a grande banheira, ela já está cheia de espuma, entrei em desespero, agarro-me ao pescoço do Guilherme e grito.

— NÃO! NÃO! BANHEIRA NÃO! — Escondo o meu rosto em seu pescoço, começo a tremer, meus braços apertam o Guilherme.

— Luci, Luci, se acalme! — Ele tenta controlar os meus espasmos. — Tudo bem, meu amor, esqueça a banheira, banharei você na ducha do box.

Fui me acalmando, Guilherme me banha e se banha também. Fiquei envergonhada com a cena que fiz, mas só entro em uma banheira se for obrigada. Sou levada de volta para cama, Guilherme me enxuga o corpo e me veste, ele faz o mesmo. Permaneço sentada a cama, assim que ele termina de se vestir, deita-se e me puxa para o seu corpo, deito-me em seu peito, eu sei o que ele vai me perguntar... — Luci, por que tem medo de tomar banho na banheira?

— Um dia adormeci e quase me afoguei... — Minto, não posso lhe contar a verdade. Guilherme nada disse, em poucos minutos eu adormeço em seus braços.

*** **

Não sei por que, mas não acredito na desculpa da Luci, tenho certeza absoluta que ela me esconde algo e pelo tremor do seu corpo é algo muito sério e o Marcelo está envolvido nisto. Não me esqueci do que a Stella disse-me sobre a Luci, na noite da festa, lembro-me muito bem... *“Eu tenho a impressão que ele bate nela, já vi algumas marcas roxas em suas coxas e pulsos.”* Avalio seu rosto lindo e o meu coração aperta, deito-a sobre os travesseiros.

Luci dorme tranquilamente, aproveito e começo a verificar os seus pulsos... Sim há uma linha bem sutil em cada um deles, assemelha-se com uma marca de uma pulseira, vou para os seus tornozelos, há também marcas iguais. Não, não, eu não quero acreditar no que estou pensando, sei muito bem o que podem causar marcas como estas... Meus dedos e olhos sobem por suas pernas, observo uma fina linha esbranquiçada, mas se parece um vergão feito há bastante tempo.

Não, meu Deus, não faz isso comigo, não posso nem pensar que minha Luci está sendo espancada por Marcelo... Então me lembro das dores em suas costas, lembro-me também que ela não me deixou ver o seu machucado... Preciso ver se realmente ele a espancou, quando tento colocá-la de lado, ela resmunga.

— Gui... Abrace-me.

Não tive como negar esse pedido, embora esteja preocupado, tenho tempo para descobrir a verdade e se minhas desconfianças forem comprovadas, o mundo cairá sobre cabeça do Marcelo. Deito-me ao seu lado e a abraço. Luci adormece, levanto-me com cuidado, deixo-a dormindo, preciso ir buscar as meninas na escola, então saio bem devagar e antes de fechar a porta atrás de mim, contemplo a mulher que está me mostrando que posso fazer alguém feliz.

Maria Luiza entra em casa a todo vapor, ralhando com a irmã por causa do bendito jogo do *game*.

— Nem pense! Quem vai jogar primeiro sou eu, esqueceu que ganhei de você da última vez... — Ela parte correndo para o quarto, Joana freia os passos e me pede socorro.

— Papai, ela sempre ganha de mim... Isso não é justo, obriga ela me deixar jogar primeiro, por favor, papai!

Entendo a decepção da Joana, mas nem sempre a vida é justa e além do mais a Luiza ganhou o

direito de jogar primeiro, vencendo-a na partida. Joana tem que aprender a perder. Agacho-me diante dela, faço com que minha filha me olhe fixamente, preciso ser firme com minha pequena fada.

— Filha, você tem que entender que a Luiza ganhou o direito de ser a primeira a jogar, se você tivesse ganhado seria a primeira, no entanto perdeu... Poxa, minha pequena fada, conforme-se e se esforce para ganhar na próxima vez e se perder não desista continue tentando, é assim que conseguimos vencer na vida, aprendendo com os erros e superando os desafios... Você entendeu o que o papai lhe explicou?

— Entendi, papai, mas dói sempre perder e sempre ser a última, é muito ruim.

— Eu sei, minha filha, mas a vida é assim, um dia perdemos e outros ganhamos e são as perdas que nos tornam mais fortes e mais preparados para os próximos desafios... Não fique zangada com sua irmã, ela venceu por que mereceu, por que se esforçou mais que você, ok?

— Ok! – Joana abre um lindo sorriso e joga-se em meus braços.

Minhas filhas são dois anjos que Deus me presenteou, aprendo todos os dias uma nova lição de amor com elas, às vezes, penso que tudo que passei foi só para tê-las ao meu lado, elas tinham que vir para mim através da Beatriz. Pelo menos os meus erros serviram para algo bom. Joana afasta-se do meu corpo, olha-me com curiosidade e pergunta.

— Papai, onde está a Luci?

— Ela está dormindo em meu quarto.

— Ela está dodói, papai?

— Não, minha pequena fada, Luci só estava um pouco cansada e enquanto fui buscar vocês a mandei dormir um pouco, se quiser pode ir acordá-la e avisa que fui buscar o nosso almoço e já volto.

Ela corre para o quarto já chamando a Luiza, a esta altura já se esqueceu da desavença com a irmã. Vou até o quarto e as duas estão abraçadas... Como disse já se esqueceram. Elas viram o rosto para minha direção e abrem um sorriso, solto um beijo e volto pelo corredor, antes de seguir em frente, paro em meu quarto, Luci ainda dorme, encosto a porta novamente, pego as chaves do carro e vou embora, mas antes de passar no restaurante vou a outro lugar, ninguém magoa o que é meu e fica impune.

O bom em morar em um povoado isolado da capital, é que cada um cuida da sua própria vida, as pessoas ficam em suas casas e não se metem com os problemas dos outros. São exatamente meio dia e quinze e não há uma viva alma na rua.

A casa da Stella fica no centro do povoado, as portas estão fechadas, mas eu sei que ela está em casa. Estaciono o carro de frente para um muro branco, desço do carro, olho em torno da vizinhança, não a ninguém vigiando pelas janelas. Destranco o ferrolho do pequeno portão branco, passo por um estreito caminho de pedras de ardósia, subo dois degraus até chegar a grande porta de madeira branca. Toco a campainha.

Stella demora um pouco a vir atender, uns quatro minutos depois ela abre a porta. Percebo surpresa em seu semblante quando me vê.

— Guilherme! – Ela fala pasmada.

— Olá! Posso lhe falar? – Tenho certeza que ela sabe o porquê que estou ali, meu rosto está sisudo e minha voz dura.

— Sim, claro que pode. Algum problema com as meninas?

— Não, Stella, se fosse algum problema com minhas filhas, eu lhe procuraria na escola não em sua casa... Posso entrar?

— Sim, claro... Ai meu Deus! Desculpe-me a falta de educação.

Stella afasta-se para o lado dando-me passagem, não foi impressão minha, mas ela está nervosa com minha súbita visita.

— Sente-se, Guilherme, quer beber alguma coisa? Está um calor dos infernos lá fora.

— Uma água, eu aceito um copo com água.

— Ok! Só espere um pouco vou me trocar, acabei de chegar da escola e esta roupa está grudando em meu corpo.

Gira pelos calcanhares e some pelo corredor, já conheço o seu quarto há alguns dias estive lá e fiz coisas que hoje me arrependo. Dez minutos depois, Stella volta com o copo com água a mão e vestida em uma saia branca, justa e curta e com uma blusa que mais se parece um sutiã, seus seios saltavam para fora de tão apertada que está. Tenho quase certeza que ela está sem calcinha. Meu pau vibrou com o este pensamento.

Entrega-me a água e senta-se a minha frente. Eu sei que foi de propósito, pois ao sentar-se afasta um pouco as pernas... Agora tenho certeza, ela está sem calcinha. Seu riso torto me diz quais são as suas verdadeiras intenções.

Bebo a água de uma só vez, sei que percebeu meu constrangimento, ela levanta-se e vem até mim.

— Eu já volto é só um minutinho.

Inclinando-se em minha direção pega o copo, sinto o seu cheiro, o cheiro da sua excitação, no local onde ela estava sentada fica uma marca molhada, *puta que pariu!* A mulher está querendo me deixar louco, sim aquela marca é do seu suco, ela está excitada. Minutos depois ela volta e desta vez vem com uma pequena varinha de bambu na mão, senta-se, espalha as pernas e começa a esfregar a varinha em suas dobras, fico paralisado, não consigo nem piscar.

Recosta-se no sofá, colocando os dois pés no assento, ficando completamente aberta para os meus olhos. Suas mãos começam a mover a varinha no meio das suas dobras, aperta os olhos e geme... *Ohhum!* Fico estático, quase boquiaberto com a cena, ela começa a chicotear o clitóris com a pequena vara de bambu, a cada chicotada meu membro vibra, minha ereção torna-se evidente, sim, estou gostando do que vejo, foram setes lapadas.

Sua outra mão vai até sua fenda e sem tirar os olhos dos meus penetra dois dedos em sua abertura, começa a movê-los, meu membro começa a me incomodar, levo minha mão até a frente da minha calça e acaricio o sacana. *Putz!* Estou fodido, essa louca sabe me atingir.

Stella levanta-se e vem até mim, fica de pé bem em minha frente... Deus, me dê juízo! Aquele cheiro de tesão penetrou em meu nariz e me inebriou, meu tesão deixa-me muito duro e dolorido. Sou empurrado com força, minhas costas batem no encosto do sofá, estou completamente paralisado com sua ousadia. Sua rapidez me emudece, ela deita-se em meu colo com a bunda virada para mim e me entrega a varinha de bambu. Embora excitado, minha fúria surge com força diabólica, pois ao fitar seu lindo traseiro, vejo a marca da palmatória, um pouco fraca, porém dá para perceber, maldita mentirosa, ela surrou a si mesma para me culpar. Como está deitada de bruços, não percebe minha mudança de humor e continua sua sedução.

— Surre-me e me foda com os dedos, depois me submeta aos seus caprichos, meu senhor, sou a sua escrava, faça o que quiser comigo, seu prazer é o meu prazer, meu senhor, use-me como bem entender.

Esse pedido me despertou para o que realmente vim fazer aqui... Não, eu não vim até a sua residência para *tregar* com ela, vim lhe dar uma lição. Minha mulher está em casa esperando-me, a amo e lhe devo respeito e fidelidade, não cometerei o mesmo erro duas vezes...

Pego a vara de bambu das suas mãos e jogo no outro sofá, ajudo-a a sentar-se, levanto-me imediatamente, ando alguns passos, respiro fundo, passo as mãos nervosamente sobre os meus cabelos... *Porra!* Grito em pensamento. Stella levanta-se e vem até mim, circula os braços em meu corpo, começa a roçar-se em mim.

— Sei que você me quer, meu senhor, o seu pau está tão duro que quebraria uma parede. Castigue-me, sei que é isso que você quer fazer. Castigue-me sem piedade, depois foda-me duramente.

Porra, Stella! Você está brincando com coisa séria. Não acredito no que estou escutando, ela surtou de vez... Será que só encontro gente doida em meu caminho! Empurro-a para longe de mim, ela cai sentada ao sofá. Fito-a furioso e esbravejo tudo que está engasgado em minha garganta.

— Enlouqueceu? Já lhe disse que não sirvo para você, já lhe disse que não vou mais fodê-la. O que aconteceu entre nós dois foi um erro, mas infelizmente aconteceu e não tem mais como voltar atrás.

— Você gostou! Gostou tanto que fez duas vezes. — Sou interrompido, isso me deixou muito mais irritado.

— Cale-se, *porra!* Não me interrompa mais! — Esbravejo ferozmente. — Foi só sexo, entenda isso... E sim, estou muito duro, estou muito excitado, mas não se iluda, não é por sua causa, poderia ser uma puta em seu lugar, ficaria de pau duro do mesmo jeito, *porra!* Stella eu não sou de ferro e nem gay, adoro sexo.

Olhei para ela com raiva... Stella tenta tomar a palavra mando-a calar.

— *Shh!* Escute Stella, escute o que tenho a lhe falar será a última vez que te digo isso... Não estou apaixonado por você, não pretendo ter nenhum tipo de relacionamento com você, nem mesmo a quero como cadela, escrava ou se quer uma submissa. Já lhe disse que esse meu gosto, estou tentando largar, sei que o meu lado dominador nunca vai deixar de existir, mas posso controlar e usá-lo sem machucar a quem eu amo. Stella, eu estou apaixonado e não é por você e nunca mais se aproxime da mulher que amo, nunca mais entendeu, o seu veneno guarde para você, se ela for magoada por você novamente juro que não vamos ter esta conversa amigável. Estamos entendidos?

Stella olha-me com os olhos saltados, suas feições se transformam, ela muda de anjo para uma mulher desequilibrada, sua voz torna-se fria e rancorosa.

— O que a Luci tem que não tenho... Não, não precisa responder, eu respondo por você... Ela tem um marido, louco e ciumento, ela é sem sal, uma tapada. Olhe para mim, Guilherme, sou livre, gostosa, estou pronta para você, disposta a realizar todas as suas fantasias mórbidas e... e estou apaixonada por você...

Lágrimas se formam em seus olhos, *Jesus!* Onde fui me meter, mais uma vez meto os pés pelas mãos, mais uma vez estou entre o amor e a loucura. Que sina é essa! Por que essas coisas têm que acontecer justo comigo?

— Stella. — Chamo sua atenção, minha voz desta vez está mais tranquila. — Não estou à procura de uma submissa, já lhe disse estou apaixonado. Se você realmente quer entrar nesta vida te apresento a pessoas que vão orientá-la melhor do que eu, são pessoas em que confio e que sei que não a machucaria.

— Vá à merda, Guilherme, só quero você... — Ela fixa os olhos em mim e fala com sarcasmo. — Só quero ver quando o Marcelo descobrir que a mulher dele anda o chifrando com o seu patrão, você já pensou nisso, Guilherme? Só espero que ele quebre a Luci toda na porrada, é isso que espero...

Não a deixo terminar a frase, vou a sua direção e a seguro pelo pescoço, aperto com força, ela fica nas pontas dos pés, olhando-me assustada.

— Lembra-se que te disse que sou perigoso? Pois, quero ressaltar, não sou perigoso só sexualmente, sou perigoso em todos os sentidos. Lembre-se disto quando for fazer qualquer coisa contra a Luci, ninguém maltrata o que é meu e fica impune... —Solto-a, Stella começa a tossir, fito-a com desdém e digo-lhe friamente... — Não me queira como seu inimigo, Stella, tenha uma boa tarde!

Viro às costas e vou embora sem olhar para trás.

*** **

... Minutos antes

— Acorda, Luci! Luci... Poxa Luiza eu acho que ela tá *coisada*.

— Não tá nada, Jô, ela tá com muito sono, sacode ela assim... Assim que ela acorda... Que ver?

Fui acordada por solavancos, quatro mãozinhas me agitavam. Abri os meus olhos, ainda bastante sonolenta sustento-me por meus cotovelos... Joana e Luiza me olham com risos nos lábios.

— Posso saber aonde é o incêndio? – Disse em tom divertido.

— Papai saiu e pediu para que acordássemos você... Luci? – Joana me chama, percebo que aí vem bomba.

— Sim, meu amor! – Respondi.

— Você e papai estão de caso?

Engasguei. *Jesus!* Graças a Deus o Guilherme não escutou isso. Luiza bate no braço da irmã, ralhando com ela.

— *Vixe!* Não é caso sua tonta, papai não tem caso, a pergunta certa é...

Luiza me olha séria, porém antes da pergunta, ela segura uma das minhas mãos.

— Você e o papai estão namorando? Por que se for, vamos adorar ter você como mãe e quem sabe ganhar um irmãozinho.

As duas olham uma para a outra e pulam por cima de mim gritando ao meu ouvido... “*Luci será nossa mamãe, Luci será nossa mamãe!*”...

Confesso, eu adorei a ideia de ser mãe dessas duas, será um presente de Deus. Eu as abracei com força, beijando-as nas bochechas, no entanto eu não poderia deixá-las pensar que Guilherme e eu estamos namorando, então achei melhor inventar uma desculpa.

Pedi a atenção das duas, mando sentarem na cama.

— Meninas... Eu e o seu pai não estamos namorando, nem de caso... – Olho para Joana. — Somos amigos só isso, o fato de está dormindo em sua cama... É... É que, eu estava muito cansada e com um pouco de dor de cabeça, então o pai de vocês insistiu para que me deitasse um pouco, foi isso... Só isso, ok?

— Atá! Luci nós sabemos que o papai tá babando por você, eu vejo como ele te olha... — Elas começam a gargalhar.

Não quero prolongar a conversa, então mudo de assunto, pergunto se já faz tempo que o Guilherme saiu, elas respondem que não. Levanto-me e as chamo para a sala. As duas passam por mim, como um carro desgovernado, quase sou levada junto, gritei no susto, elas nem olham para trás e seguem direto para a cozinha e pela carinha das duas, já sei que vem traquinagem, quem toma a frente da conversa é a Joana.

— Luci, você sabe fazer picadinho de carne?

— Eh! Anta picadinho só pode ser de carne. — Ironiza Luiza.

— Minha tia Malu me disse que pode ser de *piu-piu*, sua lesada... — Joana devolve a ironia com sarcasmo.

— *Piu-piu*! O que é isso? — Eu Pergunto.

— É galinha, Luci, a anta da minha irmã chama galinha de *piu-piu*. — Luiza responde, irritada com a irmã Joana lhe mostra a língua. Elas começam a discutirem e já iam partir para briga.

Precisei interferir energicamente.

— *Ops!* Vamos parar as duas. — Fico no meio das duas ferinhas. — Por que perguntaram se sei fazer picadinho?

— Você sabe? Você faz para a gente? Eu e a Luiza estamos morrendo de vontade de comer picadinho, meu pai só come o picadinho da minha tia Malu e nós não vamos a casa dela há muito tempo. Faz, Luci, um picadinho? Faz, por favor!

As duas juntam as mãozinhas em forma de súplica, começo a rir.

— E o que vamos fazer com o monte de comida que o seu pai vai trazer?

— Fica para janta. — Luiza argumenta imediatamente.

— Sei não, meninas, Guilherme não vai gostar nada dessa ideia.

Guilherme me proibiu de ir para cozinha, fico com medo de desobedecer e ele ficar zangado, mas estou tentada a cozinhar, ainda mais que também adoro picadinho. Resolvo arriscar.

— Ok! Mas as duas vão me ajudar, eu digo os ingredientes e vocês me ajudam a encontrá-los, ok? —Elas concordam.

Achamos todos os ingredientes necessários para o picadinho e como complemento, fiz arroz branco com alho e cebola, salada de alface, rúcula, tomates, azeitonas e ervilhas... Tudo pronto, mas... Deus do céu! A cozinha está uma bagunça, nós três estamos uma bagunça. Molho de tomate por toda roupa, cabelo, rosto... O piso da cozinha de branco ficou vermelho.

— Meninas, vamos limpar isso antes que o pai de vocês chegue.

Falo apressada, Joana pega três panos na pia e nos abaixamos para limpar o piso...

Nós não ouvimos o barulho do motor do carro do Guilherme, só ouvimos o tom da sua voz.

— Que *porra* é essa! Tem vendaval em Itaipava?

Nós três nos levantamos ao mesmo tempo, ficamos de frente para o Guilherme.

— Oh! Oh! Estamos ferradas. — Alarma-se Joana.

Lá está ele, cheio de pacotes e duas sacolas nas mãos e nos braços, ele nos olha interrogativamente franzindo a testa.

— Foi ideia minha, Guilherme, as meninas só quiseram me ajudar.

— Mentira da Luci, papai, a ideia foi nossa, ficamos infernizando a vida dela, até que conseguimos convencê-la a fazer o bendito picadinho... Entendeu papai...? Pi-ca-din-ho.

Luiza fala em disparada, não me deixando argumentar... Guilherme fica sério, tão sério que me deu um frio na barriga. Sua voz é baixa, mas autoritária.

— As três agora para o chuveiro... — Ele coloca os pacotes na mesa apontando o dedo para o corredor. — Vamos crianças o que estão esperando, chuveiro agora!

— Deixa-me arrumar a cozinha antes. — Argumento com voz e olhar baixo.

— As três agora para o chuveiro, a cozinha eu limpo... Andem logo!

Andamos dois passos. Sabe aqueles cachorrinhos que acabaram de aprontar uma traquinagem e passa pelo dono morrendo de medo de levar uma chinelada, é o nosso caso, passamos por Guilherme tão rápido que nem o escutei me chamando.

— Luci! – Ele me chama novamente.

As três param ao mesmo tempo. Eu volto por meus calcanhares e baixo os olhos, cruzando minhas mãos uma na outra.

— Venha cá! – Ele não pede, ordena com uma voz que gelou minha espinha.

Fui até ele.

— Olhe para mim! – Olhei, nossos olhares congelaram e o meu desejo cresceu por dentro de mim. — Tome. – Ele me entrega duas sacolas. — Parece que adivinhei que iria precisar de roupas limpas e lingerie, agora vá para o banho, minha conversa com você será depois, só nós dois...

Não foi uma promessa, foi uma afirmação.

Já no quarto do Guilherme abro as sacolas. Fiquei surpresa com o que tinha dentro das mesmas, dois vestidos e um conjunto de short e regata, seis conjuntos de lingerie, um mais lindo que o outro, em outra sacola havia um hidratante e um sabonete líquido de baunilha e um shampoo e condicionador de camomila, ele comprou os produtos certinhos, só a marca do hidratante e sabonete líquido que são diferentes.

Já tomada banho, troco-me e vou para o quarto das meninas, as duas já estavam vestidas, ajude-as a se pentear e amarras os lacinhos das alças dos seus vestidos.

Ao chegarmos a sala, para minha surpresa a mesa já está posta e a cozinha limpa. Guilherme está ao telefone, pela sua fisionomia ele não está muito contente com a outra pessoa que está do outro lado da linha. Quando ele me viu me deu um sorriso e saiu da casa, com certeza a conversa não é agradável.

Seja quem for não é da minha conta. Três minutos depois Guilherme retorna, senta-se a mesa, ele me manda sentar também, fiquei sem jeito, mas ele e as meninas insistiram tanto que acatei a vontade de todos e sentei-me com eles. Percebo a ansiedade das meninas, elas não param de olhar para o Guilherme e para enorme travessa com o bendito picadinho, para quebrar aquele clima de suspense, me ofereço para servir... Luiza e Joana quase me matam de susto quando gritaram ao mesmo tempo.

— NÃO! – Elas me olham espantadas — Sirva o nosso pai primeiro.

Assim o fiz.

Guilherme começa a degustar o meu picadinho, ele nem quis o arroz e a salada, ficou um ar

misterioso a mesa, as meninas estão na expectativa, confesso eu também estou querendo saber qual a opinião dele sobre o meu tempero.

Após um tempo de degustação, ele põe os talheres sobre o prato, limpa a boca com o guardanapo. *Putz!* Agora fiquei nervosa, ele coloca os dois punhos a beira da mesa, recosta-se a cadeira e me observa longamente, por fim depois de alguns segundos torturantes ele fala.

— Até hoje o único picadinho que como é o que é feito por Malu, nem minha mãe conseguiu superá-la...

Depois do que escutei, me levanto e já vou pegando o seu prato para servir a outra refeição que ele trouxe do restaurante... Só que antes de suspender o prato da mesa, Guilherme segura em minha mão.

— Sente-se, não terminei. – Ele fala com autoridade arrogante. Sento-me. — Como eu estava dizendo, em toda minha vida até hoje, só comia um picadinho, o que a Malu preparava, nunca encontrei alguém que a superasse...

Ele me olha sorrindo. — Hoje eu a encontrei, minha pequena sereia, que manjar dos deuses é esse! Delícia! Isso aqui é para comer rezando e de joelhos, sirva-me mais um pouco...

Eu não sabia se ria ou se chorava, as meninas começaram a bater palmas e gritar que queriam um prato cheio. Joana falou cheia de alegria...

— Ainda bem que alguém conseguiu ser melhor que minha tia Malu.

Guilherme solta uma gargalhada.

— Como é, Joana? – Ele para de comer e encara a filha, pedindo-lhe que se retrate.

Joana olha para ele e lhe responde sem medo.

— É verdade, papai, para o senhor tudo que a tia Malu faz é perfeito, acho que até os seus puns são perfeitos, em seu quarto há uma foto da minha tia ao invés da foto da nossa mãe... Eu gosto muito da minha tia Malu, mas não acho justo o senhor gostar mais da tia Malu do que da nossa mãe... Pronto falei, agora a Luci passou a frente... Ponto para Luci.

Pronto agora danou-se, fui a causadora da desavença entre pai e filha... Guilherme segura a mão da Joana e argumenta com carinho.

— Joana, meu amor, não é bem assim, gosto muito da sua tia Malu e você sabe que, eu e ela já fomos casados, e lhe expliquei sobre os meus sentimentos por sua tia, mas as coisas estão mudando e o meu coração já tem outra dona, ok?

Ele olha para Luiza. — Ok, Luiza?

— Ok! Papai. — As duas respondem ao mesmo tempo.

Luiza olha para mim sorrindo, e diz. — Só espero que a dona do seu coração possa ser a Luci, nós vamos adorar tê-la como mãe, não é, Jô?

— Sim, sim! — Joana completa cheia de alegria.

Guilherme percebe que fiquei sem jeito, então ele muda logo de assunto, ordena que as meninas terminem o almoço. Após o almoço levei as meninas para escovar os dentes ficando um pouco com elas na cama até o sono chegar e as duas adormecerem. Sai do quarto e quando já estava perto da saída do corredor, sou puxada com força por Guilherme para o seu quarto... Ele tranca a porta prendendo-me entre a porta e ele, com uma voz intimidadora ele diz.

— Agora podemos conversar, dona Maria Lúcia...

*** **

Fico estática. Guilherme apoia-se na porta com as mãos, meu corpo fica entre os seus braços e a porta, seu rosto rente ao meu, sinto o calor da sua respiração, meus olhos fixos aos seus. Minha respiração acelera... Nervosa, nem percebo que mordo o meu lábio inferior e o sugo para dentro da boca.

— Pequena sereia, fodeu... Você sabe que este gesto me deixa louco. — Ele diz inclinando a cabeça em minha direção sem desviar os olhos dos meus.

Guilherme me rouba a boca, sinto a invasão da sua língua, seu corpo junta-se ao meu e sou quase esmagada com a fúria excitada deste homem, que me deixa fora de órbita. Minhas mãos seguem para o seu peito, porém sou detida por ele. Guilherme prende firme os meus punhos e os leva para acima da minha cabeça. Minha boca é devorada eroticamente.

Sem afastar sua boca da minha ele, fala. — Diz para mim, pequena sereia, qual castigo eu devo aplicar em você, hein? O que eu devo fazer com você?

Suas mãos passeiam em meu corpo, sinto cada parte de mim ser apalpada com força e desespero. Seus lábios escorregam por meu rosto, deixando um rastro molhado de desejo, o lóbulo da minha orelha é mordido lentamente. Guilherme passeia por meu rosto novamente, espalhando beijos em minhas bochechas, olhos, testa nariz e por fim chega ao meu queixo, onde sou presenteada por uma mordida deliciosa. Esse homem é um verdadeiro vulcão.

— Oh, meu Deus! — Falo ofegante.

Meus punhos são soltos e sua boca faz um caminho abaixo por meu pescoço, Deus do céu... As palmas das minhas mãos prendem-se a porta. Sua boca encontra o meu seio, ele morde um e depois o outro através do tecido do vestido. Sua boca continua o caminho abaixo, os seus dedos encontram os meus mamilos e eles são friccionados enquanto a sua boca passeia por minha barriga.

Esse homem sabe me enlouquecer. Ele fica de joelhos, seus dentes encontram o meu monte, ele o abocanha, gemidos roucos são deixados por sua boca a cada mordida, a cada chupão não se importando com o tecido do meu vestido. Guilherme mergulha o rosto por baixo da minha saia, sinto os seus dentes em minha pele, minha respiração acelera vertiginosamente. Com os dentes ele desce minha calcinha até as minhas coxas, sibilei... *Jesus!* Sua língua passa levemente entre minhas coxas.

Meus joelhos enfraquecem, Guilherme solta os meus seios e me sustenta a bunda, evitando assim que eu caia. Minha calcinha é baixada completamente, sua cabeça inclina para cima, o brilho de desejo dos seus olhos me dá um *frisson*, ele lambe os lábios com a ponta da língua e com voz autoritária, rosna para mim.

— Afaste as pernas o bastante para que o meu rosto fique entre elas...

Nem tive tempo de pensar. Guilherme mergulhou o rosto em minhas dobras, ele fugava, mordida, chupava, lambia... *Deus do céu!* Minhas mãos vão direto para trás da sua cabeça, pressiono-a em minhas dobras com força descomunal, ele continua me sugando, varrendo meu suco com sua língua poderosa, o som gutural que sai da sua garganta me dá mais tesão. Não suportei a onda de eletricidade que me dominou.

Fico nas pontas dos pés, arqueio o meu quadril e empunho fortemente sua cabeça em minha rachadura erótica, roço-me em seu rosto, minha boca solta um som de comando, que nem eu mesma acreditei que disse aquilo.

— Chupe-me mais forte, amor... Mais forte... *Oh, meu Deus!* Isso é muito bom!

Guilherme raspa os dentes em minha rachadura, morde cada dobra da minha vagina, enlouqueço de tesão, me esfrego freneticamente em seu rosto... Meu prazer veio com força desvairada. Nunca em minha vida senti tamanho prazer, foi tão forte que tive a impressão de ver luzes piscando sobre mim. Meu corpo entra em erupção frenética, um zumbido surge em meus ouvidos, meu sangue ferve, chego a ficar zozona, meu corpo vai cedendo lentamente, meus braços caem ao lado do meu corpo.

Com rapidez Guilherme me segura por minha cintura.

— Luci! – Ele me grita assustado. — Luci, meu amor... – Eu consigo abrir os meus olhos lentamente. — Apoie-se em meus ombros. – Assim o fiz. Guilherme fica de pé, sinto os seus braços circularem por meu corpo, meus pés são suspensos do chão.

Sou levada até a cama, ele senta-se comigo em seu colo. Deito minha cabeça em seu ombro, respiro profundamente, sua mão acaricia meu rosto, ele me olha com preocupação.

— Você está bem? Machuquei você? – Ainda ofegante com o tamanho do orgasmo sentido, eu lhe respondo em um sussurro.

— Sim, sim, meu amor, eu estou bem. – Ruborizei, sinto-me uma idiota.

Lágrimas surgem em meus olhos.

— *Hei!* Porque as lágrimas? Não me esconda nada... Luci, eu lhe machuquei? *Putá merda!* Eu sabia, sabia que isto aconteceria, onde machuquei você?

Guilherme nem me deixa falar, ele afasta as minhas pernas e começa a examinar minhas partes íntimas e minhas coxas... Então ralho com ele.

— PARE! Pare, Guilherme! Você não me machucou, eu, eu só estou envergonhada, é isso! — Seguro em seu queixo com uma das minhas mãos. — Desculpa! Você me faz sentir coisas, coisas que nunca senti em minha vida, às vezes me dá medo.

Ele me beija a boca ternamente. Afasta-se e fala com voz carregada na emoção.

— Você me faz sentir a mesma coisa, o seu medo é o mesmo que o meu. Não estou conseguindo dominar minhas emoções... Maria Lúcia, amo você, como nunca amei mulher nenhuma.

Meu coração foi para boca, ofereço meus lábios a ele e sou agraciada com um longo beijo molhado e sedutor. O beijo foi demorado e terno, e já estamos excitados novamente. Guilherme afasta-se, sua testa encosta a minha, nossos olhares se cruzam, ele dá um sorriso de canto de boca.

— Agora vamos ao castigo. — Ele fala pausadamente. Olho para os seus olhos com espanto. — Sim, senhora, não pense que esqueci, a sua desobediência pede uma punição. O que lhe disse, o que lhe ordenei... Hein?

Engulo em seco e respondo sussurrando.

— Foi por uma causa maior. Releve, Guilherme. Foi doce minha desobediência.

Sua gargalhada foi sonora, mas minha alegria dura pouco. Ele puxa os travesseiros e os coloca ao seu lado um por cima do outro.

— Deite-se em meu colo, Maria Lúcia.

Sua voz soa fria como aço, meu corpo estremece, não consigo me mover, baixo o meu olhar.

— Não ouviu o que disse, Maria Lúcia... Deite-se em meu colo agora!

— Gui... Guilherme, por favor, eu...

Sua voz grave corta minhas palavras. Meu rosto é segurado por suas mãos com firmeza.

— Obedeça-me, pequena sereia, a sua desobediência é o meu prazer... Você precisa entender o dominante sou eu, eu dito as regras, eu mando e você me obedece. Tudo o que faço é para sua segurança e o seu prazer, os meus cuidados são zelos necessários... Pequena sereia, um jardim para ficar florido precisa do jardineiro, as flores não se cuidam sozinhas... Você é minha flor e eu sou o seu jardineiro, entendeu?

— Entendi...

Foi a única palavra que consegui expressar. Sentei em seu colo e com a sua ajuda meu corpo foi posto com cuidado sobre os travesseiros. Guilherme respira profundamente. Minha saia é levantada, as suas mãos deslizam por meu monte, a carícia é lenta e firme, sua respiração torna-se pesada, sinto os seus dedos apertarem minhas carnes... Eu fico tensa, espero o próximo movimento...

Minha calcinha é baixada até o meio das minhas coxas e um dedo escorrega entre minhas dobras, descendo até minha rachadura, meu clitóris é friccionado, trago o ar com força. Dois dedos invadem minha abertura e um polegar brinca com o meu botão rígido. Ofegante, tento juntar minhas pernas, então sou presenteada com uma forte palmada na carne macia e lisa ao mesmo tempo dedos entram e saem da minha intimidade.

Não consigo manter o controle do meu prazer e tento novamente juntar as pernas, recebo outra palmada muito mais forte. Minha carne arde e o meu clitóris pulsa, uma onda de prazer invade meu interior meu suco molha minhas coxas, solto um gemido baixo e sem conseguir me manter quieta mordo a minha mão. Guilherme solta quatro palmadas fortes, estocando os dedos com força dentro do meu corpo, meu corpo vai para frente e para trás, meus gemidos aumentam, meus mamilos doem, ondas de prazer invadem meu corpo, recebo mais duas palmadas, e uma mordida... Não suporto o tamanho do prazer, grito alto.

— Gui! Mais rápido! Vou enlouquecer se não gozar. Pelo amor de Deus, ajude-me!

Recebo mais duas palmadas, minha vagina já está dormente não sinto mais dor, só um prazer descomunal, então grito. — Mais forte, por favor, mais forte.

— Esqueceu, pequena sereia, não é o seu prazer é o meu prazer... Seu sexo está tão lindo! Tão vermelho... Os desenhos dos meus dedos ficaram perfeitos...

A voz dura do Guilherme só aumentou meu desespero, precisava gozar, nunca senti esta necessidade de levar palmadas em meu sexo, ao contrário morro de medo. Quando o Marcelo surge com a palmatória nas mãos, tenho até vontade de fazer xixi de tanto medo que sinto. No entanto as

mãos do Guilherme despertam em mim um desejo insano, uma luxúria desvairada. Enquanto estou perdida em meus pensamentos, sou surrada com prazer e desejo... — *Oh Deus!* Eu vou gozar.

Disse sussurrando.

— Agora não! – Ele diz com autoridade.

Guilherme retira os dedos de dentro de mim, sou erguida com rapidez, ele senta-me ao seu colo, minhas pernas ficam uma de cada lado do seu corpo, com desespero, ele desafivela o cinto abre o zíper, retirando o seu sexo rígido de dentro da boxer. Seu comprimento é direcionado a minha entrada e escorrega até o final, fica completamente enterrado em meu interior, minhas paredes íntimas, começam a ordenhá-lo, Guilherme solta um grunhindo.

— *Jesus!* Eu vou gozar, meu amor. – Grito.

Nossas bocas se chocam e o beijo foi tão consumidor quanto o seu entra e sai do meu corpo. Guilherme segura-me por minha cintura para acelerar suas estocadas, nossas bocas se devoram, o nosso prazer se construindo em uma volúpia avassaladora. Seu corpo prende-se ao meu quando o seu êxtase vem ao cume, o deleite foi tão acentuado, tão quente. No auge do seu gozo, eu observo o seu rosto emocionado quando me empurra para baixo e joga a cabeça para trás, fechando os olhos com gemido profundo.

Seu olhar vem até mim como uma carícia que chega até minha alma... Como vou viver sem este homem? Ele é tudo que mais desejei em minha vida, eu sei que vou perdê-lo assim que ele descobrir a verdade sobre o meu passado.

*** **

Em algum lugar no centro de Itaipava.

— Alô! Boa tarde! Por favor, eu gostaria de falar com o senhor Marcelo Sanches.

— O Engenheiro Chefe?

— Sim, ele mesmo.

— Quem deseja falar com ele?

— Meu nome é Serena, o senhor Marcelo é o engenheiro responsável pela construção da minha casa de veraneio e o mestre de obras está precisando falar com ele com urgência. O senhor Marcelo me deu o seu cartão de visitas com todos os seus números de telefones, mas eu o deixei em minha casa na capital e não dá para esperar, então lembrei de que ele é o engenheiro chefe das obras do *resort*, por favor, minha querida, eu posso falar com ele?

— Eu sinto muito, mas o senhor Sanches não se encontra, no momento ele está em São Paulo.

— *Ai que lástima...* Eu preciso muito falar com ele. Temo que algo muito errado possa acontecer com as plantas da construção assinadas por ele... O que faço agora?

— Bem, eu posso lhe dar o número do seu celular profissional, só não sei se isto vai lhe ajudar, pode ser?

— Meu anjo, isso só vai ajudar e muito, você nem imagina o quanto.

— Anote, por favor.

— Pode falar querida.

— O número é 71-99*****

— Obrigada! Você acabou de me salvar.

A hora é agora, Stella, seja firme e direta!

— Alô! Alô!

— Marcelo!

— Sim, é ele, e você quem é?

— Preste atenção, Marcelo, não desligue, pois o que tenho a lhe dizer é muito importante. Diz

respeito a sua mulher e ao seu patrão Guilherme.

— Quem está falando? Se identifique... O que sabe sobre minha mulher? Vamos, sua idiota, diga logo!

— Me ofender não vai lhe ajudar. Se continuar agindo desta forma, você continuará sendo enganado. Desligo e nunca mais o procuro! Eu só quero ajudar, pois não acho justo o que a Luci está fazendo a você. Vai me escutar?

— Destile logo o seu veneno! Anda! Está esperando o quê! Estou escutando.

— Sua mulher está de caso com o seu patrão, ela não é nada boba, trocou o empregado pelo patrão... — Sorri sarcasticamente. — Você sabia que ela está trabalhando para ele? Pois é, já faz dias. Agora mesmo ela deve está fodendo com o seu patrão, gozando loucamente, enquanto você está se matando de trabalhar, para enchê-la de mimos... Eu vi os dois aos beijos na varanda da casa dele... Você é um chifrudo, corno... — Desliguei o celular, nem lhe dei chances de retrucar, o que pretendia conseguir, tenho certeza.

Se a Luci pensa que vai ficar com o Guilherme, não vai ficar mesmo... Eu o vi primeiro, ele é meu! E o que é meu ninguém toma! Aquela lambisgoia vai aprender a não se meter com o meu homem. Estou satisfeita, agora é só esperar a fumaça e correr com a água para apagar o fogo.

Hoje dormirei tranquila, mas antes vou ligar para o Guilherme e me fazer de vítima. Já percebi que ele se faz de durão, mas sempre cede a uma súplica, a uma lamúria. Eu só preciso que ele venha até aqui, o resto é questão de incentivo, conheço os seus gostos e sei despertar a fera que habita em sua alma, será esta fera a minha aliada, será ela quem vai me aproximar e conquistar Guilherme Gusmão de vez, ou não me chamo Stella. Disquei o número do seu celular... *Merda!* Ainda é cedo, por que está desligado, será que eles estão fodendo? Porra!

...Residência do Guilherme.

— Por que você não dorme aqui, pequena sereia. — Indago, fitando o rosto lindo da minha pequena sereia.

— Você sabe perfeitamente o porquê, Guilherme, você prometeu esperar.

Sim, eu prometi, mas minha paciência já se foi há muito tempo e minha parte dominante gritava por obediência. Luci precisa entender que quem manda nesta *porra* sou eu. O que é meu não compartilho, nem em pensamento, essa situação está ficando insuportável.

Seguro em suas mãos e as puxo para um carinho, minha mão esquerda vai a seu rosto, eu a acaricio com delicadeza.

— Sim, eu prometi, no entanto está ficando insustentável me conter. Você me pertence e só o fato de está na casa de outro homem, mexe com o meu ego de macho, seu lugar é aqui, e...

Não consigo completar a frase o seu celular toca... Luci puxa as suas mãos da minha no susto, percebo que fica trêmula. Ela levanta e vai até mesa de canto da sala, pega a sua bolsa. Vasculha procurando o aparelho, ela atende. Eu fico tenso, minhas mãos cerram, aperto os meus dedos com força e a observo.

— Alô! — Não gostei do que ela fez... Virou-se de costas e abafou o celular na boca. — Oi, Marcelo... ... Sim, claro que estou com saudade... O quê! Que música? Sim, eu sei qual é... Não, não eu não posso agora... Marcelo, Marcelo não fique bravo, espera, espera eu lhe explico, não estou em casa, resolvi vir caminhar um pouco. Estava me sentindo triste e a lua está tão linda, então vim andar um pouco, mas já estou voltando, me dê cinco minutos, eu retorno a ligação e coloco a musica e faço o que me pediu... Ok? Certo, tchau, beijo...

Quando Luci virou, eu já estava atrás dela, fulo da vida com o que acabara de escutar, meu maxilar estava dolorido de tanto contrair-lo... A seguro pelos ombros e pergunto quase aos berros.

— O que ele pediu para você fazer Maria Lúcia? Vamos, diga-me, ouvi muito bem! O que esse calhorda quer que você faça? Eu juro, Maria Lúcia, arrebento a cara dele quando ele voltar de São Paulo, *CARALHO!* Anda porra, diga logo!

Sacolejo os seus ombros com fúria. O dominante despertou.

Ela olha-me assustada, começa a balbuciar.

— Ele quer ouvir uma música que está no *play list* do *home*, é só isso. Preciso ir, só tenho cinco minutos.

Luci se desvencilha das minhas mãos e sai do meu alcance, mas fui rápido a pego pelo antebraço e a puxo com força, nossos corpos se chocam. Seguro por sua nuca com força, meus dedos cercam o seu pescoço e o aperto, roubo sua boca.

O beijo não foi gentil, foi possessivo, devasso e duro. Mordo sua língua, seus lábios, roço o meu corpo ao seu. Estou duro, meu membro pulsa com o contato do seu calor.

Luci tenta se afastar da minha fúria dominadora, cerco seu corpo com um dos meus braços e prendo-a com força, continuo a me esfregar com desespero, ela solta um gemido e isso me deixa mais excitado — Minha, minha! — Eu digo sem deixar de beijá-la. Suspendo-a do chão e levo até a mesa.

Viro-a de costas para mim e de frente para mesa. Não solto o seu pescoço, ela fica imóvel nesta posição, faço com que deite o corpo na mesa fria de vidro, suspendo sua saia, minha mão espalma em sua carne branca e imediatamente meus dedos ficam desenhados na lousa branca.

Desafivelo meu cinto, desço o zíper, retiro o meu membro da minha boxer. Eu estou duro e furioso, minha vontade é lhe socar duramente, é fazê-la sentir minha necessidade de dominá-la, de mostrar-lhe que é a mim que ela deve obediência e não aquele calhorda...

Afasto sua calcinha e a preencho de uma só vez, pressiono o seu rosto no vidro da mesa e soco minha rigidez com fúria, meu polegar é introduzido em seu buraco traseiro e a domino por completo, Luci geme...

— Você é minha, só minha, Maria Lúcia, sua obediência é minha, suas vontades são minhas, seus medos são meus, seus desejos são meus. Tudo que se refere a você me pertence... Até a sua dor é minha, entendeu, pequena sereia... Eu te amo, *porra*, te amo como nunca amei outra mulher, entendeu, entendeu? Responda-me!

— Entendi, entendi... Oh meu Deus! Gui, vo-você está me machucando, o meu rosto, meu rosto... — Ela fala assustada, me desperto do meu delírio.

Afrouxo o aperto da minha mão, Luci segura nas laterais da mesa e começa a rebolar o seu traseiro em meu membro, a visão que tenho daquela bunda marcada por meus dedos, rebolando em meu comprimento, me enlouquece.

Bombeio mais forte e ela rebola mais rápido. Enrolo seus cabelos em minha mão esquerda e os

puxo, sua cabeça vem para trás, inclino-me sobre o seu corpo, minha mão direita segura firme em seu pescoço, eu o aperto lentamente.

— Minha, minha... Você é minha, sua *porra* gostosa! Goza, tesuda, esse *caralho* é seu, goza, *porra*, gostosa!

Puxo os seus cabelos com vontade, bombeando meu membro com gosto em seu interior, a mesa começa a sair do lugar, eu não me importo. O único som que eu quero escutar são os seus gemidos enlouquecidos. Uma das suas mãos alcança minhas bolas e ela começa a massageá-las, meu polegar vai fundo em seu buraco enrugado, Luci arqueia o quadril e solta um rosnado magistral.

— Gui, Gui, eu quero que goze em minha boca, por favor... — Luci fala lascivamente.

Solto os seus cabelos e circulo sua cintura com o meu braço, suspendendo-a da mesa, ainda continua socando meu membro em sua fenda, ela geme com devassidão.

Retiro-me de dentro do seu corpo e forço-a a se ajoelhar, Luci ajoelha-se abrindo a boca, olha em direção ao meu comprimento, começo a me masturbar e em segundos minha semente é jorrada em direção aos lábios da minha mulher.

Luci circula a mão em meu membro e o leva direto para a boca.

— *Caralho! Humm... Porra!*

Pressiono sua cabeça em minha virilha e o meu prazer triplica com o contato da língua quente em minha glândula, meu corpo treme de prazer, meus espasmos e rosnados são fortes. Luci me chupa e lambe todo o meu comprimento. Minha sereia faminta e gulosa, vê-la de joelhos e me chupando me faz um bem enorme. Ela termina o trabalho e sorri satisfeita.

— Você me tira o juízo e a razão... Sorte a nossa que as meninas estão dormindo. Agora a levarei para casa e no caminho quero a verdade.

Luci olha-me com indulgência, mordendo o lábio inferior, ela me esconde algo tenho certeza disto. Ela tenta disfarçar o seu constrangimento, fico quieto, deixo-a pensar que de nada desconfio.

Vou até o quarto das meninas, quero ter certeza que estão dormindo. Assim que me certifico, retorno para sala e guio a Luci até o carro, passo o cinto de segurança por seu corpo, beijo a ponta do seu nariz, ela ri, esse gesto, deixa-me desejoso de nunca mais deixá-la ir... “*Calma, Guilherme, tudo há seu tempo, só faltam dois dias, só dois dias*”. Penso comigo.

— Então, minha pequena sereia, o que o Marcelo pediu para você fazer? – Pergunto enquanto mudo a marcha do veículo. — Um aviso: eu saberei se estiver mentindo, portanto cuidado com o que vai argumentar. – Olhei para ela de soslaio.

Luci se aquieta no banco do carro, vira o rosto para o lado oposto de mim.. Espero sua resposta, segurando minha paciência.

— Ele, ele só quer ouvir a música, eu acho que ele quer saber se realmente o obedeci e estou em casa, só isso...

Não acredito nela, mas tudo bem, já fui duro o bastante com ela por hoje. Fiquei quieto e não disse mais uma palavra até a casa do Marcelo. Despeço-me com um longo e ardente beijo, espero ela entrar em casa e só vou embora após ouvir o clique da chave na porta.

Escapo por pouco, se o Guilherme souber qual foi a ordem do Marcelo, não sairia da sua casa nunca mais. Corro para me arrumar, ponho a música, ligo o notebook e o Skype, Marcelo surge na tela... Começo o show de *strip-tease*...

*** **

Marcelo só me deixou retirar a blusa, embora eu tenha percebido que ele estava muito excitado, ele não quis dar continuidade ao *strip-tease*, disse-me que só queria mesmo saber por onde andava, fez-me prometer não sair mais a noite sozinha, pois apesar de Itaipava ser uma cidade pacata, nunca se sabe o que se passa na cabeça das pessoas, completou que estava com muita saudade e não via a hora desses dois dias passarem logo e assim voltar para casa. Prometeu que pedirá uns dias de folga para dedicá-los só a mim e quem sabe viajar um pouco. Confesso que fiquei com vontade de lhe contar toda a verdade ali mesmo, dizer-lhe que eu pretendia ir embora da sua casa e da sua vida, no entanto o meu medo foi maior que minha coragem e, antes de fechar a tela, lembrou-me que apesar de não acreditar, ele me amava muito... — Luci, daqui a dois dias estaremos juntos e vou provar o quanto te amo, estou com saudade, beijos. — Eu nada disse, apenas fechei o notebook...

Sou despertada por mãos me apalpando, penso ser o Guilherme, talvez ele tenha resolvido me fazer uma surpresa logo após ter deixado as gêmeas no colégio, tento me mover, porém não consigo... Será que o Guilherme me imobilizou? Abro os meus olhos lentamente e já estava quase falando o seu nome, quando percebo então que quem está diante da cama não é o Guilherme...

— Marcelo! — Balbucio com espanto.

— Surpresa, meu doce! — Ele fala com entusiasmo.

Não sei o que pensar, mas posso descrever o que estou sentindo... Medo! Estou imobilizada e nua... *Deus do céu!* O semblante do Marcelo é aterrorizante, ele sorri de forma diabólica, meu estômago revira.

— Por que você não me disse que viria hoje?

— E estragar a surpresa!

Marcelo aproxima-se da cama, foi então que percebo o que ele carrega na mão... Uma varinha de bambu. Gelei, um frio percorre o meu corpo.

— Meu doce, senti minha falta? — Ele pergunta, enquanto os seus olhos percorrem meu corpo. Sinto a ponta da varinha percorrer minha pele de cima a baixo. — Responda, minha linda escrava, senti a falta do seu único e verdadeiro dono.

— Sim, eu senti sua falta... — Murmuro.

Lágrimas já teimam em escapar por meus olhos, sei o que há por vir, fico na expectativa, meu peito arfa em agonia. A varinha alcança minha vagina, Marcelo esfrega-a com delicadeza, ele sorri, eu tremo de medo.

— Minha!

Marcelo passa a ponta do bambu em minhas dobras, até encontrar o meu clitóris... Prendo a respiração, meu interior grita! *Ele vai me machucar, ele vai me machucar!* – sofro em pensamento.

— Eu quero você, meu doce, e quero agora! Minha fome por seu corpo, por seus gritos, me atormenta.

Meu sangue ferve quando sinto o ardor da varinha de bambu em minhas dobras. Não gritei, nem chorei, só apertei os olhos com força e espero o próximo baque. O corpo nu do Marcelo junta-se ao meu e ao invés de um açoite eu recebo um beijo, um caloroso beijo nos lábios.

Seu corpo roça ao meu, sua rigidez esfrega-se em meu sexo, seus pelos do peito arranham meus mamilos. Meus lábios são mordidos, chupados... A fúria louca do Marcelo, torna-se degradante, ele me xinga, diz coisas obscenas... Seu membro invade meu sexo com movimentos bruscos, ele me toma e nada posso fazer, estou de braços e pernas amarradas. Foi um entra e sai doloroso e humilhante, durou cerca de quinze minutos até o ápice do seu prazer transforma-se em espasmos e um grunhindo saiu da sua garganta.

Marcelo solta minha boca e beijos são espalhados por meu rosto, ao mesmo tempo em que me beija, ele murmura palavras de posse.

— Você pertence a mim, só a mim. Eu sou o dono do seu destino, do seu corpo e da sua alma, eu amo você como nunca amei outra mulher, por você eu sou capaz de matar e morrer. Lembre-se disso minha, doce Luci... Entendeu?

Seu rosto afasta-se do meu, seu olhar é frio. Marcelo levanta-se, me solta das amarras. Colocando-me em seus braços, ele me leva para o banho, nos banhamos e voltamos para o quarto, onde fui vestida e penteada... *E agora o que faço?* Pergunto a mim mesma. Tomo coragem e de cabeça baixa eu pronuncio.

— Marcelo, eu estou indo embora da sua casa e da sua vida, eu estou apaixonado...

Ele solta uma gargalhada estridente, não esperava por isso, aguardava um tabefe, um murro, mas uma gargalhada. Fico com mais medo.

— Do que está rindo? Você escutou o que eu disse? — Levantei-me imediatamente e afasto-me dele.

Marcelo continua com o riso cínico no rosto, no entanto não se move, só me observa friamente.

— Sim, eu escutei e também entendi a última frase... Só que você não vai.

— Você não pode me obrigar a ficar com você! Não pense que estou sendo ingrata, lhe agradeço de todo o meu coração por tudo que fez por mim, mas eu também sei que o preço que paguei já foi o suficiente... Cada chibatada, cada humilhação que me fez passar esses meses pagaram minha dívida.

Marcelo não se move, isso só me deixa mais aflita, ele recosta-se na soleira da porta, cruzando os braços ao peito, seu riso cínico e o olhar arqueado deixam-me em alerta e o que ele me diz me surpreende completamente.

— Você é bem mais esperta do que eu imaginava. — Ele ri. — Fisgou o patrão e agora quer livrar-se do empregado, não é, meu doce?

Meus olhos direcionam-se até ele, fico estupefata com sua revelação.

— Surpresa? — Ele pergunta ironicamente. — Sim, já sei sobre o seu amante, ou seja, o meu patrão. Sei sobre a sua desobediência e sua traição, como também sei que você não vai a lugar algum.

Encaro o Marcelo com um olhar furioso.

— Não quero ser mais sua escrava sexual, não quero, Marcelo, eu vou embora, eu amo o Guilherme e ele a mim e nada que você faça, ou diga vai me fazer voltar atrás.

— Ah, vai! Sabe por quê?

— Por quê?

De maneira sucinta ele argumenta.

— Porque conheço o seu passado, sei tudo sobre você.

— Você não teria coragem de revelar isso para ele, será baixo demais.

Começo a ficar desesperada. Não, o Marcelo não faria isso comigo, não, meu Deus! Sento-me na cama e levo as mãos ao rosto, começo a chorar.

— Você acha que o senhor Guilherme vai querer você, depois que descobrir a verdade sobre seu passado, digo melhor, ele nunca vai permitir uma mulher como você ao lado das suas filhas. — Ele vem até mim, segura o meu queixo, forçando-me a encará-lo. — E tem mais, Luci, não contarei só para ele, conto para toda cidade, todo mundo ficará sabendo quem é você, entendeu?

Sua outra mão entrelaça os meus cabelos e eles são puxados com violência, meu maxilar começa a doer.

— Entendeu? — Eu pisquei os olhos, assentindo. — Se isto acontecer, só lhe restará uma alternativa, voltar para sua cidade natal, voltar para dona Jandira. Faço questão de lhe devolver... Escolha, Luci, ou eu, ou sua desgraça!

— Por favor, não faça isso, eu prometo que lhe serei fiel para sempre...

Cai em desgraça, minha a vida acabou ali, Marcelo me tem nas mãos, meu coração dispara, a dor é dilacerante, perco o ar, sinto-me mal.

— Eu sei que você está trabalhando para ele... Portanto, você vai até a sua casa hoje e vai lhe dar até amanhã para encontrar outra pessoa para lhe substituir. É o tempo necessário para fazermos a nossa mudança, alugarei um sítio bem distante da cidade e sem nenhum vizinho... Você ficará isolada de todos, longe dos olhares masculinos, eu serei o único, o único entendeu?

— O que eu direi a ele? — Pergunto-lhe em prantos.

— Dirá a verdade, dirá que você pensou e descobriu que não o ama... Se vire, Luci, só o afaste do meu caminho, porque eu não pensarei duas vezes em passar por cima dele feito uma carreta desgovernada, você está entendendo a que me refiro, hein!

— Entendi, por favor, não faça nada contra ele, faça comigo, a culpa foi minha...

— Não tenha dúvida que farei, meu doce. O que é seu está reservado e será bem amargo para você e doce para mim. Agora se vista a levarei até a entrada da casa do Guilherme. Lembre-se você só trabalha para ele até amanhã.

Eu sabia que o meu castigo seria medonho, Marcelo é vingativo, mas o meu medo é que, ele possa fazer algo contra o Guilherme... *Porque meu Deus, por que isso aconteceu comigo!* Lamento-me em silêncio.

Meu sonho de viver com o Guilherme, de ser amada, de amar, acabou antes mesmo de começar.

Meu destino é ser uma escrava sexual, uma cadela sem valor algum, viver aos pés de um homem que diz me amar. Que amor infernal é esse, que amor é esse que machuca! Quando Guilherme me confessou ser um sádico, um homem que sente prazer na dor do outro, eu não estranhei, pois eu já conhecia este tipo de ser humano. Marcelo é o pior de todos, ele é meu carrasco, meu algoz.

Guilherme, *meu Deus!* Guilherme é um anjo ao lado do Marcelo. Mesmo o sexo selvagem, dominador que experimentei com o ele, não chega nem perto do sofrimento em ser possuída por um homem sedento por dor como o Marcelo. Quando o conheci ele não era assim, Marcelo era um príncipe, me idolatrava, eu me sentia a mulher mais amada, mais desejada do mundo. Marcelo nunca ralou o dedo em mim, palavras duras, nunca! Ele me cercava de atenção, cuidados...

Até o dia que cheguei a Itaipava, uma semana depois ele me chamou. Percebi logo a diferença no timbre da sua voz. Fui apresentada a uma coleira de cachorro, ela foi colocada em meu pescoço e fui obrigada a dormir no quintal na casinha do cachorro, fazia minhas refeições lá, e só entrava em casa quando o Marcelo chegava do trabalho, mesmo assim era só para alegrá-lo e satisfazer os seus desejos sexuais. Foram quatro dias vivendo desta forma humilhante. Eu não sou masoquista, não estou vivendo desta forma por que gosto, ou por escolha, estou sendo obrigada.

Marcelo dizia que tudo aquilo era necessário, pois era uma forma de me adestrar, eram lições necessárias para o meu crescimento pessoal e emocional, onde eu entenderia os meus deveres. Ele estava fazendo aquilo por me amar muito, pois como o meu dono era o direito dele e obrigação me pôr em meu devido lugar. Como sua escrava, eu não tenho direitos, só obrigações, meu prazer é o seu prazer, mantê-lo satisfeito e feliz. E foi assim, a cada erro, era castigada, humilhada, violada, subjugada, ameaçada psicologicamente até que me rendi e aceitei... E pelo visto continuará assim. Morrerei ao lado deste homem lindo, porém cruel.

*** **

Não sei explicar, mas acordei com um mal-estar, uma sensação de angústia. Já levei as meninas para a escola e até agora a Luci não chegou. Liguei uma porção de vezes para o seu celular e ela não me retorna. Ontem fui um pouco duro com ela, não só com as palavras, mas também na forma como a amei. Eu sei que extrapolei, fiquei preocupado com o grito que ela soltou e a forma como me olhou, ela estava assustada com os olhos sobressaltados. Será que ela está com medo de mim?

Vou até a cozinha preparar um café. Coloco o bule no fogo e enquanto espero a água ferver, vou colocando o pó do café no coador de pano sem pressa, adoro esse aroma, ele me dá um conforto um prazer inigualável. Estou distraído e nem percebo que Luci está bem atrás de mim.

Gelei quando a encarei. Ela está apática, olheiras enormes e profundas como se tivesse chorado muito, precipito-me ao seu encontro e a cerco com os braços, descansando sua cabeça ao meu peito.

Ela começa a chorar compulsivamente, balbucia palavras incompreensivas. Eu a aperto a meu peito, e preocupado com o seu estado emocional, pergunto-lhe o que aconteceu, mas não me afasto do seu corpo.

— Meu amor, o que houve? Por que você está tão inconsolável?

Luci permanece presa a meus braços, seu corpo está trémulo e desconfio que ela esteja febril.

— Perdoe-me, Guilherme... Perdoe-me!

Ela agarra-se a mim com força, ficamos por alguns minutos em um abraço tão apertado que eu tive medo de machucá-la. Só que o nosso abraço foi quebrado por um rompante da minha pequena sereia, ela afasta-se bruscamente do meu corpo, e com lágrimas nos olhos joga em minha face palavras frias, palavras que não acreditei ouvir.

— Acabou... — Ela fala entre lágrimas. — Acabou! Não vou vir morar aqui com você, e também só trabalharei para você até amanhã, acabou nosso romance, eu não quero mais, não vou deixar o Marcelo, é ele quem eu amo...

Não a deixo terminar seus argumentos... Tento me aproximar, porém ela sinaliza com a mão, mandando-me ficar onde estou, mesmo assim eu indago.

— O que está acontecendo, Luci? Como assim não me ama mais, como assim vai ficar com o

Marcelo, você enlouqueceu, pirou?

Vou até ela e tento segurá-la em meus braços. Luci tenta se desvencilhar, eu tento contê-la, ela se esparneia, grita comigo, pede-me para deixá-la em paz... Com força ela me empurra o corpo, eu perco o equilíbrio e me afasto.

— Acabou! — Ela brada. — Eu não quero mais você... Entendeu? Não amo você, eu amo o Marcelo... Você me dá medo, não me toque mais, nunca mais...

Não reconheço minha pequena sereia, ela fala com frieza, deu-me raiva, minha vontade era agarrá-la e beijá-la com posse, mostrar-lhe que sei que ela está mentindo. Adivinhando os meus pensamentos, ela corre para o outro lado da sala, protegendo-se de mim.

— Você ficou com medo de mim, por causa de ontem, é isso, foi por causa de ontem? Luci, eu não machucaria você, jamais faria isso, Deus! Estou em um pesadelo só pode ser, Luci, eu amo você, *porra!* Eu me livrei de todas as lembranças da minha ex-mulher, joguei tudo fora, até as fotos as joguei fora, merda! *EU AMO VOCÊ PORRA!*

Gritei! Afasto todas as coisas a pontapé, que estão me impedindo de chegar até ela, eu a alcanço, seguro-a com força por seus antebraços fixos meus olhos aos seus e grito desesperado.

— EU TE AMO, MARIA LÚCIA!

— Mas eu NÃO TE AMO, GUILHERME! ESQUEÇA-ME.

Ela tenta se soltar, como não consegue, ela me chuta a perna.

— Procure outra pessoa para ficar com suas filhas, eu só fico aqui até amanhã, depois não volto mais...

Passo os dedos entre os fios dos meus cabelos, ando de um lado a outro, mas que merda aconteceu? Por que Luci mudou de uma hora para outra? Fito-a com força no olhar a avalio longamente, ela olha-me com frieza, então indago.

— Essas são as suas últimas palavras? Você tem certeza que é isso que quer? Por que não vou correr atrás de você, mesmo amando você com desespero, não me humilharei, eu aprendi que amor não se implora... É isso que quer? É, Luci?

Luci engole a saliva, baixa os olhos e nada diz.

Meu coração está em frangalhos, minha vontade é quebrar tudo, fico parado diante dela,

observando cada gesto, cada movimento, espero sua resposta. Rezo a Deus para que ela volte a razão e me diga que esta cena não passou de uma brincadeira, de um teste só para ver o tamanho do meu amor... Espero sua resposta

Seus olhos fixam aos meus e uma lágrima escorre por um deles.

— Sim, é minha palavra final... Eu...

Não a deixo terminar a frase, aponto-lhe o dedo em direção à porta de saída.

— Vá embora, vá embora!

Luci não se move, fica estática. Eu a alcanço e a seguro pelo antebraço, guiando-a até a saída.

— Vá embora, vá embora agora, *porra!* Só volte quando o meu carro não estiver mais no estacionamento, não quero vê-la mais... VÁ EMBORA! – Esbravejo.

Luci sai correndo sem olhar para trás, vejo-a desaparecer na curva, que fica logo após o portão de entrada. Não sei o que pensar, como tudo mudou de uma hora para outra, só pode haver uma explicação, ela realmente ficou com medo de mim... Percebeu que não sou normal, percebeu que sou um animal violento... *É Deus! O meu destino é ficar sozinho, o amor não foi feito para mim...*

“Quem eu amo não me quer e quem me quer, eu não desejo”. Está frase combina perfeitamente comigo.

Desesperado, chuto a porta com força, os estilhaços dos vidros voam por todo lado, por pouco não me atinge, não satisfeito destruo minha sala por completo, saio dando ponta pés no sofá, cadeiras, jogo todas as coisas que estão por cima das mesas para bem longe... Caio de joelhos no chão de punhos cerrados, gritando toda a minha dor, todo a minha amargura... — LUUCII! Por quê? Por quê? – Choro, choro minha angústia, a última vez que fiquei assim, foi por causa de outro amor não correspondido, mas uma vez fui apanhado pelo mesmo motivo.

Curvo meu corpo até os meus joelhos e abraço minha cabeça. E agora o que faço, penso, penso... Então me vem uma ideia, pego o meu celular, disco um número. Minutos depois a pessoa atende.

— Alô! Guilherme? Que surpresa boa! Como estão minhas sobrinhas favoritas e você como está?

— Oi, Malu, as meninas estão bem e eu estou indo... Malu, eu preciso de um favor seu.

— Claro que vou ajudá-lo. O que está acontecendo, do que precisa?

— Estou com problemas em arrumar alguém para ficar com a Joana e Maria Luiza no período da tarde, a mulher que cuidava das duas não poderá mais.

— Você quer que eu consiga alguém para você em alguma agência de emprego?

— Não, eu gostaria de saber se você pode ficar com as meninas até encontrar alguém, você quebra este galho para mim?

— Com todo prazer, você sabe que amo minhas sobrinhas, eu e o Alek vamos adorar tê-las aqui, você sabe como adoramos crianças... Quando você vai mandá-las?

— Hoje mesmo, já vou comprar as passagens e logo após eu lhe ligo para avisar o horário do voo, elas vão ficar radiantes com a novidade... Malu... ... Obrigado!

— Para com isso, Guilherme, não precisa agradecer. Você é da família e família é assim mesmo, um ajuda o outro, estou esperando você me ligar, ok? É só isso mesmo?

— Sim. É só isso.

— Tem certeza, Guilherme?

— Tenho. Malu, fala para o Alek que deixei um abraço, beijo, tchau!

Malu continua na linha, eu sei que ela me conhece o suficiente para saber que algo não está bem, mesmo disfarçando o timbre da minha voz, ela já sabe que não estou bem, por isso permanece na linha, ela vai fazer de tudo para arrancar de mim, o que não quero lhe contar e para que isso não aconteça, desligo o aparelho.

Fico por uma porção de minutos com o aparelho celular na mão, pensando em Malu. Em outros tempos eu estaria tentando prolongar nossa conversa, ficava satisfeito só com o som da sua voz, às vezes inventava motivos só para conversar com ela, nossa! Só em pensar em Malu, eu ficava trêmulo... Mãos suadas e geladas, coração palpitando apressadamente. Hoje nada senti, para mim foi uma conversa normal com uma pessoa, sim, sim uma mulher muito especial, uma mulher que amei além da razão, uma mulher inigualável, que me fez muito feliz e me ensinou que amar é desprender-se de amarras, é entregar-se de corpo e alma sem medos, sem segredos, precisei amar Malu de forma obsessiva para aprender amar de forma livre.

Como minha vida mudou tão de repente... Anos atrás, estava louco de amor, fazendo coisas

terríveis para manter uma mulher sob o meu domínio, tentava subjugá-la, deixando-a aos meus pés. Menti, enganei, tudo em nome de um amor que eu julgava sadio.

Hoje eu sei, que de saudável aquele amor nada tinha, e por causa deste sentimento doentio eu quase perco a Malu, terminei destruindo uma pessoa que por meu caminho passou... Beatriz! Sim, a Bia, quando a conheci, ela era uma menina doce, meiga e sonhadora. Não a culpo por ter se apaixonado por mim, afinal eu a seduzi, mesmo sem intenção a seduzi... Todo homem casado fica empolgado quando percebe que provoca suspiros afogeados de mocinhas jovens.

Beatriz fazia-me sentir um adolescente, poderoso e cheio de autoestima, quando percebi estávamos envolvidos e quando soube que ela gostava das mesmas coisas que eu gosto. Pronto, foi um pé na roda... Juntei a fome com a vontade de comer, foram 19 anos de envolvimento sem Malu nem sonhar que eu tinha outra, no entanto mentira tem pernas curta, sendo assim tudo foi à tona, e minha vida transformou-se em um verdadeiro inferno.

Hoje não está sendo diferente, não há mentiras da minha parte, fui honesto com a Luci, contei sobre minha necessidade sádica, não quis repetir o mesmo erro que cometi com a Malu... Mas do que adiantou? Acabei de perder a mulher que amo, amo com toda a força do meu coração, amo sem medo de perder meu controle, amo sem barreiras. Bem, vamos acabar de vez com esse sofrimento, se é para separar, que sejamos benevolentes e terminemos com tudo de uma vez. Vou até uma gaveta da mesinha de canto perto do sofá, pego papel e caneta e começo a escrever um bilhete para Luci, para mulher que acabou com os meus sonhos de felicidade. Ela destruiu em um segundo, dias de completa alegria.

“Maria Lúcia, aqui está o cheque com o valor dos seus dias de trabalho, se por acaso você não concordar com o valor, peço que procure um contador e mande-o refazer os cálculos, contudo perceba que estou lhe pagando dois meses de serviços prestados. Peço-lhe também que deixe a cópia da chave no criado mudo do meu quarto e retire suas coisas do meu closet. Não precisa ficar hoje e nem retornar amanhã, já providenciei alguém para ficar com minhas filhas... Obrigado por sua ajuda. Guilherme Gusmão.”

Deixo o bilhete em cima da mesa, fui para o quarto das meninas, arrumar suas malas, pego todos os seus documentos, não arrumei nada na sala deixo-a do jeito que está... Tudo revirado, tudo quebrado. Entro no carro e sigo para a escola de Joana e Maria Luiza.

Chego a escola e vou direto para coordenadoria, peço que chamem minhas filhas, a secretária vai buscá-las, só que no lugar delas quem vem é a Stella.

— Guilherme, aconteceu algo? Posso lhe ajudar?

— Não, Stella, não aconteceu nada. Onde estão minhas filhas? Eu preciso ir ou elas perderão o voo.

— Como assim voo? Suas filhas estão em aula.

— Stella, minha vida familiar não lhe diz respeito, ou você vai buscar minhas filhas, ou eu mesmo invado a sala de aula e as busco.

— Se acalme Guilherme...! Eu vou buscá-las, mas só me diz o que aconteceu? Você está muito nervoso, pelo amor de Deus, se acalme.

— Stella, eu lhe dou dois minutos para as minhas filhas estarem lá fora, onde ficarei as esperando.

Digo-lhe isso lhe, virando as costas e seguindo para o pátio do colégio. Em dois minutos, Joana e Luiza estão em minha frente.

— *Dad!* Onde está a Luci? Por que o senhor veio nos buscar tão cedo?

Joana indaga com curiosidade.

— Eu tenho uma surpresa para as duas. Vamos, entrem no carro, ou vocês perderão o voo para São Paulo.

— Onde está a Luci, papai? – Luiza pergunta seriamente.

— A Luci ficou em casa, meu amor.

Stella está atenta a toda a nossa conversa, não querendo que ela tome partido sobre o ocorrido, eu me despeço, as meninas entram no carro, coloco o cinto em cada uma, entro no carro e parto para Salvador.

— Papai, por que estamos indo para São Paulo? O senhor também vai? – Luiza começa o interrogatório.

Paro o carro, viro-me para as duas e começo a explicar os motivos.

Digo-lhes que preciso viajar a trabalho e a Luci não pode ficar com elas por tempo integral, por isso elas irão ficar com a Malu em São Paulo.

— Quanto tempo nós ficaremos com a tia Malu, papai? –Pergunta Joana.

— Eu não sei meu amor, talvez quinze dias, um mês... Eu não sei.

— E a nossa escola? – Joana pergunta sorridente.

— Bem, mocinha preocupada com os estudos, eu já pedi a sua tia Malu para matriculá-las na mesma escola da Alice, acalmei sua preocupação? – Ela solta um muxoxo, eu aperto o seu nariz. — Mas alguma pergunta, ou podemos ir? – Elas assentem com a cabeça.

Joana e Maria Luiza pegaram o voo das 14 horas, assim que o avião decola, ligo para Malu, avisando que elas já estão a caminho. Eu preciso de um tempo sozinho, nesse exato momento eu estou mais perdido do que bêbado longe de casa... Volto para Itaipava... Sem pressa, sem nenhuma pressa.

*** **

... Horas antes...

Saio correndo da casa do Guilherme, sem olhar para trás... A dor que invade o meu coração é dilacerante, como gostaria de dar meia volta e correr para os braços do meu anjo salvador, como gostaria de lhe dizer a verdade sobre o meu passado... Porém o Marcelo está coberto de razão ao dizer que o Guilherme nunca me aceitará... Quem em sã consciência vai aceitar uma mulher como eu? Só o Marcelo mesmo...

Agora só o que me resta é viver como uma escrava submissa e agradecer ao Marcelo por me aceitar e me amar, mesmo que seja de uma forma doentia, mas pelo menos ele cuida de mim e não me deixa faltar nada. Eu sei que serei castigada severamente, pois lhe faltei com respeito, desonrei sua pessoa e o seu nome. Que Deus tenha piedade de mim e ajude-me a suportar as mãos impiedosas do meu dono.

O difícil será esquecer o amor que sinto por Guilherme, assim como também esquecer o que é ser amada com tanta força por um homem de verdade. Sim, eu fui amada com força e nunca mais em minha deprimente vida serei. Guilherme me mostrou o respeito, o prazer e o amor que um homem deve ter por uma mulher, eu provei a força do seu amor, do seu desejo da sua posse e do seu domínio, mas não posso ficar com este homem, desde que o conheci eu já sabia que Guilherme Gusmão estava fora do meu alcance.

Agora estou aqui escondida como um ladrão no meio do mato, sem coragem de voltar para casa do Marcelo. Eu sei que ele não foi trabalhar e enfrentá-lo agora seria minha morte... Escondi-me entre algumas árvores e fico aguardando o carro do Guilherme passar. Foi a hora mais longa da minha vida, e assim que o seu veículo passa, sigo direto para sua casa.

Assim que chego a frente da casa, percebo os estilhaços dos vidros da porta e fico mais pasmada quando entro, a sala está completamente revirada, não pensei duas vezes e começo organizar tudo... *“Eu fiz isso, a culpa é minha, fui eu que tirei o equilíbrio do Guilherme”*. Penso, uma lágrima escorre por minha face.

Junto todos os cacos de vidros, jogo fora o que não serviria mais. Pronto! Pelo menos quando as meninas chegarem, a sala estará um pouco apresentável. Não sei qual a desculpa que o Guilherme arrumará para explicar a bagunça... Bem, isso não é problema meu.

Avalio mais uma vez o ambiente, para ver se há algo fora do lugar, foi aí que vi em cima da mesa, dois papéis dobrados, aproximo-me e observo que em deles têm o meu nome escrito. Antes de pegar o bilhete, noto que o outro papel é uma folha de cheque, peguei-o e vejo que o valor escrito é

muito mais que o meu salário, sinto um frio no corpo, algo me avisa que não vou gostar do que irei ler no bilhete.

Dito e certo. O que li no sucinto bilhete foi a punhalada fatal... Caio ao chão, sentada. Com mãos trêmulas, releio por diversas vezes as palavras frias do amor da minha vida, ele simplesmente me deu uma tapa no rosto com luva de pelica... Choro, choro muito, minhas lágrimas molham o bilhete, deixando um borrão nas palavras, não sei por quanto tempo permaneço sentada ao chão frio.

Observo por toda a minha volta, apertando o bilhete com força e grito o nome do homem que tanto amo...

— GUILHERME! GUILHERME! PERDOE-ME...

Já não tenho mais lágrimas, no entanto a dor em meu peito me sufoca, o vazio que me cobre entristece minha alma, já não sou a mesma Luci, ela ficará aqui e quem me acompanhará é só uma sombra de mulher... Levanto-me, deixo o cheque e o bilhete no mesmo lugar onde o encontrei. Pego minha bolsa e procuro a chave, deixo-a ao lado dos dois papéis, vou embora desolada, eu sei que nunca mais serei a mesma, nunca mais sentirei alegria de viver.

Saio da casa do Guilherme cabisbaixa, nesse momento penso em meus pais, penso no amor e no carinho que ambos tinham um pelo outro. Quando mamãe faleceu, papai me contou que os pais dela não queriam o relacionamento dos dois, ele relatou que trabalhava nas terras dos meus avós como cuidador de cavalos em Goiás, o pai da minha mãe era um homem de posse, ela era filha única e quando descobriu que os dois estavam de chamego, mando-o embora. Pouco tempo depois mamãe descobriu que estava grávida e o meu avô a obrigou a fazer um aborto, pois ele já tinha arranjado um casamento com um filho de um fazendeiro amigo dele. O que o meu avô não sabia é que o meu pai já sabia de tudo e na mesma noite fugiu com minha mãe.

Meses depois meu pai descobriu que o meu avô deserdou minha mãe e adotou uma criança colocando-a como única herdeira... Minha mãe nunca soube disto, papai não quis ver o sofrimento no rosto de minha mãe, então ele calou-se. Foram parar em Resende, uma cidade no sertão da Bahia, onde viveram até morrer. Papai vivia me dizendo que um dia eu conheceria um homem bom que me levaria para conhecer o mundo e seria muito amada e respeitada por ele, eu achava engraçado, pois como conheceria um homem tão bom assim, se morava em uma terra rachada pelo sol, onde a fome e a miséria era o cartão postal da cidade. Papai delirava, só podia ser.

Só quando conheci o Guilherme que me lembrei dos devaneios do meu pai. Será que tinha encontrado o tão falado homem dos sonhos do meu pai? Será que o meu paizinho, lá de cima, estava

acertando os meus caminhos tortos e vergonhosos? Sim, até ontem eu pensei que isso seria possível, hoje percebo que tudo não passou de um devaneio de um pai, que sonhava em ver a filha feliz.

Chego a casa do Marcelo... Agora é a hora de enfrentar o meu pior pesadelo, eu sei que ele está a minha espera. Como chegou dois dias antes de São Paulo, Marcelo não foi trabalhar.

Retiro meus pés das minhas sandálias, entro a casa pisando em ovos, não quero que ele saiba que não cumprirei o horário e nem que o Guilherme me dispensou antes da data prevista. Por isso decido ir pelos fundos, passo pela cozinha, averiguo se o caminho para o corredor está livre e sigo reto para a biblioteca, Marcelo nunca vai até lá, então resolvo me esconder por lá... Já estou me sentindo vitoriosa quando escuto o pigarro do Marcelo. Paro imediatamente, minhas pernas começam a tremer.

— Por que está se portando como uma ladra, Luci? Por acaso está fugindo de mim?

Não consigo mover um músculo, até a minha língua engrossou, fico presa no chão do corredor.

— Luci! — Ele me chama com voz autoritária. — Luci! — Ele faz uma pequena pausa, mesmo de costas eu sei que ele está de pé. — Prefere que eu vá buscá-la?

O medo está estampado em minhas feições, meu corpo já precipita as dores dos açoites, que eu tenho plena certeza que sentirei, de costas para ele, digo-lhe.

— Desculpe-me, querido, não fiz de propósito é... é que meus pés estão sujos de areia e eu sei que você não gosta, por isso entrei sorrateira para correr para o banheiro e limpá-los.

— Então, meu doce, você está mesmo com receio que lhe passe um pito, porque você já passou da porta do nosso quarto...

Merda! Xingo em pensamento.

— Não, não estava indo para o banheiro do nosso quarto, estava indo para o banheiro da biblioteca.

— Venha cá, Luci!

Ele me chama com certa rispidez.

Viro-me lentamente, estou tão frágil que os meus olhos logo lacrimejam. Chego diante dele, ficamos um de frente do outro, estamos tão próximos que sinto sua respiração em minha testa.

— Olhe para mim, minha doce Luci, deixe ver os seus lindos olhos.

Lentamente ergo os meus olhos em direção aos seus. Marcelo levanta uma mão, fecho os olhos com força, já esperando a bofetada em minha face.

Não recebo uma bofetada, recebo uma carícia leve... Os dedos do Marcelo passeiam por meu rosto e o seu polegar segura uma lágrima, que escorrega do meu olho esquerdo. Estou trêmula, meu corpo grita por socorro.

— *Shh!* Chore, chore tudo que tem chorar, mas chore agora, porque não permitirei que chore por outro homem nunca mais...

Ele me puxa para o seu peito, seus dedos seguram firme a minha nuca, uma carícia quente percorre toda a minha espinha, fico assim presa ao seu abraço por alguns minutos...

Marcelo afasta o seu corpo do meu.

— Olhe para mim, Luci! – Olhei. — Por que você voltou cedo?

— O Guilherme me dispensou, eu fiz o que pediu... Acabou! Ele pensa que sou uma messalina. — Baixo os meus olhos, minha voz soou envergonhada.

— Boa menina! Só espero que ele não venha lhe procurar... De qualquer forma já tenho planos para que ele não encontre ninguém nesta casa.

Marcelo segura-me pelo queixo, sinto sua força, meu maxilar começa a doer, o brilho frio do seu olhar diz tudo o que eu não gostaria de saber.

— Minha doce Luci, eu só espero que de agora por diante você entenda de uma vez por todas que pertence a mim, você é minha e não abro mão de você por nada nesse mundo, entendeu, meu amor, entendeu?

Eu afirmo positivamente com a cabeça.

— Agora vamos para o quarto, sinto o cheiro do seu medo e você sabe o que isso faz comigo, estou de pau duro, vamos!

Ele me gira o corpo de forma que fico de costas para ele, mas sem largar o meu pescoço, sou guiada até o quarto. Quando vi o que estava por cima dos lençóis da cama, gelei... Cordas, uma mordança de bola/ *gag*, dois *clamps* com correntes ^[7].

— Dispa-se, eu já volto.

Marcelo foi em direção ao banheiro. Quando escuto o barulho de água, logo imagino... “Ele está enchendo a banheira”, entro em pânico, juro que quase saio correndo mesmo nua. Foi a minha vontade nesse exato momento, mas minhas pernas estão tão trêmulas, que não consigo nem me mover. Marcelo volta e o brilho do seu olhar me diz tudo, ele sabe o quanto fico apavorada só de pensar na banheira.

— Luci, você é um colírio para os meus olhos, não me canso de admirar sua beleza.

Meu corpo é envolvido por seus braços, mãos me apalpam, me bolinam, dedos penetram em meus buracos íntimos, minha boca é invadida por três dedos, indo bem fundo, me dá ânsia de vômito, ele me aperta a garganta, mandando-me respirar pela boca. Sua boca encontra a minha e é explorada por sua língua, seus dentes marcam minha pele, mordem os meus mamilos, meu corpo é explorado com avidez.

Sou forçada a ficar de joelhos. Dispo sua calça, sua boxer, seu membro preenche minha boca, ela é estocada com força, depois sou surrada por seu membro no rosto. Marcelo encontra o seu prazer, ele delira, rosna, fica completamente enlouquecido. Após jorrar sua semente em meu rosto, ajuda-me a levantar.

Vai até a cama, pega as cordas. Puxo o ar para os meus pulmões, fico na expectativa do que virá.

— Braços atrás das costas, meu amor... Junte os braços, para facilitar a bandagem.

Olho para ele com pavor, meus olhos suplicam para não fazer o que ele pretende.

— Por favor, querido, não faça isso, tudo menos isso, por favor, meu senhor, isso não.

Minhas lágrimas escorrem por meu rosto. Marcelo lambe-as.

— *Shh!* Eu preciso fazer isso, Luci. Preciso lhe disciplinar. Você me desonrou. Tudo que farei aqui é para o seu bem, para o seu crescimento emocional e pessoal. Uma escrava só pode servir a um só senhor e você vai aprender isso agora, entendeu, meu doce? Entendeu, Luci? – Eu assenti. — Resposta errada, Luci, como é que se diz! – Ele esbraveja.

— Entendi, meu senhor. Obrigada por me disciplinar.

— Agora sim, boa menina... Vire-se.

Virei-me. Meus braços foram amarrados até os meus cotovelos, meus mamilos foram presos por grampos com correntes e os meus tornozelos receberam algemas de couro com uma barra extensora ^[8], por último fui amordaçada com uma *gag*. Eu estou nua e a mercê dos fetiches do Marcelo. Sou levada para o banheiro, a banheira já está cheia, meu coração está acelerado, porque eu sei o que vai acontecer. Marcelo ordena que me ajoelhe, ele me ajuda e logo em seguida fica também de joelhos por trás de mim. Sinto suas mãos espalharem minhas bandas e sou presenteada por seu espesso membro em meu buraco traseiro. Marcelo inclina o meu corpo para bem próximo da beira da banheira, meu rosto é refletido na água, meus olhos estão vermelhos e sobressaltados. Recebo o primeiro puxão em meus mamilos, encolho-me de dor, as estocadas começam e quando menos espero minha cabeça é submersa, não consigo respirar, a água entra por meu nariz, balanço o corpo, tento com desespero me erguer, mas o Marcelo está segurando-me por meu pescoço, forçando-o para baixo, enquanto me mantém submersa, ele bombeia o seu membro em meu interior. Perdi os sentidos, não vi, nem escutei mais nada.

*** **

Acordo com a força dos braços do Marcelo em volta do meu corpo... Ele me aperta com força, chamando-me com desespero.

— Luci, Luci, meu amor... O que eu fiz, meu Deus! Meu amor, não me deixe, por favor, não me deixe...

Sou acalentada com carinho, o corpo do Marcelo está trêmulo, sua voz embargada de emoção, o seu coração bate descompassadamente... Estou deitada no chão, Marcelo está sentado e me segura em seus braços. Fui liberta das cordas e das algemas, uma toalha cobre a minha nudez... Marcelo chora, chora de soluçar.

— Meu amor, acorde, acorde! Minha necessidade, minha libertação, acorde, por favor, Luci, Luci!

— Mar... Marcelo. – Murmuro lentamente.

Fui virada com cuidado em direção ao seu rosto, recebo beijos por toda extensão da minha face. Meus lábios encontram os dele, e depois de meses, fui beijada com carinho por ele...

— Meu amor, você voltou para mim, eu pensei que tinha te perdido...

Ele me puxa para o seu colo e com certa dificuldade, sou erguida em seus braços e levada para cama... Foi então que vi a banheira e a água espalhada por todo o piso do banheiro, lembro-me do meu desespero por não conseguir respirar, lembro-me das estocadas brutais em meu interior, lembro-me de uma mão empurrando minha cabeça para dentro da banheira...

Escondo meu rosto no peito do meu algoz e choro silenciosamente.

Marcelo coloca-me na cama, sou cuidada com carinho, ele me veste, penteia os meus cabelos, sempre me beijando e sorrindo, depois que estou pronta, sou colocada sob os travesseiros e coberta por um macio edredom, fecho os meus olhos, ele deita-se ao meu lado, me puxando para o seu peito, meus cabelos são escovados por seus dedos, já estou quase adormecendo quando escuto uma suave canção.

Seu acalanto me adormece por completo.

Estou me afogando em águas turvas e frias, por mais que tente emergir sou puxada por uma força

para as profundezas frias e escuras, uma mão invisível puxa por meu pé e os seus dedos me congelam o corpo. — Solte-me! Solte-me. – Grito. Engulo muito água, abro os meus olhos, não consigo enxergar nada, frio muito frio... — Solte-me! Solte-me! Debato-me.

— Luci! Luci! Meu doce, acorde, acorde meu amor... Luci!

Marcelo me sacode os ombros com violência. Abro os meus olhos e me agarro a ele com força. Trêmula e fraca, meu corpo clama por descanso, lágrimas escorrem por meu rosto, desesperada, eu lhe peço.

— Meu senhor, por favor, nunca mais me coloque na banheira, por favor. Prometo que serei obediente. Se por acaso fizer algo que lhe desagrade, me castigue de outra forma... Por favor!

Os olhos do Marcelo me avaliam, não consigo notar nenhuma emoção através deles. Sua voz soa fria e dura.

— Seus castigos serão escolhidos por mim e não por ti. Se houver necessidade de usar a banheira, ela será usada, esteja certa disto. – Ele levanta-se, seu olhar interrogativo congela a minha alma. — Vou preparar o seu desjejum, já volto.

Fico na cama, meu corpo está muito dolorido. Verifico os meus braços, eles estão arroxeados por conta da força das cordas, meu pescoço também dói. Eu sei que devo está com os olhos inchados e olheiras profundas. Recosto-me na cabeceira da cama, fecho os olhos... Meus pensamentos são direcionados ao Guilherme. Onde será que ele está? O que estará fazendo? Será que pensa em mim?

Guilherme, não me odeie não me esqueça... Meu amor, meu único amor, se soubesse o quanto eu preciso de você... Por que Deus? Diz-me por que eu preciso passar por isso? Será que não foi o suficiente perder os meus pais ainda criança e ficar a mercê de uma mulher sem coração, ser submetida a tanta humilhação e dor? Até quando serei castigada e por que estou sendo castigada?

Limpo rapidamente minha lágrimas, não posso abusar da generosidade do Marcelo. Eu nunca sei quando o lado obscuro dele vai surgir, não sei se a culpa o corrói por ter quase me afogado ou se ele está só amaciando minha carne.

Dia anterior no centro de Itaipava.

Eu não consigo entender. Já recapitulei todas as palavras da Luci. Não, eu não posso acreditar que ele me deixou por causa do jeito que fizemos amor... Ela ficou assustada logo no início, no entanto aceitou e sentiu prazer e tenho certeza que não a machuquei, não fui cruel... Tem algo errado nessa história, a Luci está me escondendo algo, eu pressinto isso.

— *Hei!* Outra garrafa de uísque, essa já acabou.

— Senhor Guilherme, o senhor já bebeu demais. Não é melhor parar e ir para casa, pedirei para alguém levá-lo em casa...

— Por acaso o senhor acha que não tenho dinheiro para pagar essa merda! – Retiro várias notas de R\$ 100,00 do bolso, jogo-as a mesa. — Vamos, você vai ou não vai me servir outra garrafa de bebida? Se não vai, avise-me que corro para a outra bodega.

Articulo com voz ébria.

— O senhor é quem sabe, já volto com a garrafa de bebida.

— Isso mesmo! Traga logo minha bebida, eu preciso esquecer aquela ingrata... Luci! Luci!

A cada golada do liquido dourado, pronunciava o nome da mulher que amo com tanta força. Não sei que horas são, só sei que já é noite e estou tão bêbado que não consigo erguer minha cabeça. Estou prostrado sobre a mesa do bar, segurando o copo na mão, como se ele fosse minha tábua de salvação.

Alguém toca em meu ombro, chamando por meu nome. Penso logo que é o chato do dono do bar. Já estou pronto para mandá-lo se foder quando percebo que é uma voz feminina...

— Guilherme! Guilherme! Venha, meu amor, vamos para casa, você já bebeu demais...

— Luci! Luci, minha pequena sereia, você voltou para mim! – Começo a soluçar, minha voz sai arrastada. — Sim, minha Luci, me leve para casa. Vamos fazer amor, minha Luci... – Solucei. — Eu quero me perder em seu corpo, beber seu mel...

— Gui...! Vem comigo, meu amor.

— Luci! – Ergo a cabeça, uma vasta cabeleira loira varre o meu rosto. — Você não é a Luci! Vá embora! Deixe-me em paz! Vá embora, *porra!*

— Eu vou sim, Guilherme, mas você vai junto comigo, vem!

Stella tenta me erguer da cadeira, o dono do bar vem ao seu socorro.

— Deixe-me em paz, Stella, eu não vou a lugar algum. Vou beber até cair, largue-me.

Eu a empurro com força, ela cambaleia, dando uns passos a trás, o senhor de cabelos grisalhos consegue segurá-la a tempo, evitando assim a queda.

— Vá embora! – Rosno em alto tom. — Não quero a sua ajuda.

— Mesmo não querendo, senhor Guilherme Gusmão, eu vou ajudá-lo.

Stella sai do estabelecimento, voltando minutos depois com mais dois homens. Eles me pegam pelos braços e levam-me para o carro. Em seguida Stella entra no automóvel e vamos embora.

— Que *porra*, Stella! Quem você pensa quem é? Minha mulher?! Pare esse carro agora, eu não quero voltar para casa... Pare essa *merda*!

Jogo-me por cima dela e tento fazê-la parar o carro. Ela freia o veículo bruscamente, eu me desequilibro e vou direto com a testa no painel, corto o supercílio, o sangue escorre abundantemente por meu rosto.

— *Caralho*! Merda, Guilherme, ficou louco homem quer nos matar?

Ela me recosta ao banco, prendendo-me ao cinto de segurança. Fiquei zozinho com a pancada, fico quieto até chegar ao nosso destino.

Eu não sei como a Stella conseguiu retirar-me do carro, eu só lembro-me dos tropeços e quedas até entrarmos na casa. Minha cabeça dói e gira, sou colocado na cama, minhas roupas são arrancadas do meu corpo...

— Eu preciso de ajuda, grandão, sozinha não conseguirei levá-lo até ao banheiro. Vamos lá colabore! – Eu me levanto com muita dificuldade, contudo consigo chegar até ao box. Stella despe-se e se junta a mim no chuveiro.

— Por que, Stella, por que ela me deixou? Eu preciso tanto da minha pequena sereia, eu a amo, preciso tanto da minha Luci, preciso mais dela do que do ar que existe em meus pulmões!

Balucio palavras sem nexos, delírios em minha dor. Sinto lábios encostar-se aos meus.

— *Shh!* Grandão, eu estou aqui agora. Cuidarei de você. Em instantes se sentirá bem e logo esquecerá aquela azeda da Luci. Eu sou a mulher perfeita para você. *Shh!* Relaxe, grandão, relaxe e sinta minha boca em você....

Eu sinto dedos me tocarem, pressionarem meu membro, massageando-o para cima e para baixo. Stella escorrega os lábios por meu peito e segue um caminho abaixo ficando de joelhos. Seus lábios encontram meu comprimento e ele logo é devorado, uma boca quente suga-me, uma língua circula minha glândula, não consigo raciocinar, eu sei que é a Stella, quem está de joelhos diante de mim, porém os meus olhos veem a Luci. Fecho meus olhos e deixo-me ser levado por meu delírio, até o meu prazer ser jorrado na garganta da mulher, que está aos meus pés, e no auge do meu clímax eu grito o nome da mulher que amo. — LUCI!

Stella levanta-se, consigo escutar o que ela me diz com desprezo.

— Eu farei você esquecer essa maldita, ou não me chamo Stella. – Com dificuldade ela tenta me guiar para fora do box. — Venha , grandão, vamos para cama.

Acordo com uma dor de cabeça do cão, a boca seca e amargando. Ainda está escuro, pisco os meus olhos por diversas vezes para me acostumar com a penumbra, percebo que há um braço circulando o meu corpo.

— Luci! Luci é você meu amor. – Sussurro.

O braço é retirado de cima do meu corpo, a mulher murmura algo. Foi então que percebi que estou nu, e aquele quarto não é meu, a cama não é a minha e a mulher não é a Luci. Sento-me apressadamente, sacudindo o corpo da mulher ao meu lado. Ela acorda e liga o abajur.

— Stella! Que *porra* está acontecendo aqui? Como vim parar em sua cama... Nós não tran... Transamos? *Putz!* Era só o que me faltava... – Ela me olha com espanto.

— Se acalme, homem! Não aconteceu nada demais, só um boquete... – Ela ri.

*** **

Guilherme olha-me com raiva. Confesso, deu-me medo, suas sobrancelhas arqueadas e o seu olhar sombrio gelaram minha espinha, só que nesse exato momento não posso voltar atrás, pois o primeiro passo já foi dado, consegui afastar a Luci do meu caminho. A essa hora, eu espero que o Marcelo tenha lhe dado uma boa lição.

Tenho certeza absoluta que ele bate nela... Bem feito! Boa bisca ela não deve ser. Quando um homem surra sua mulher, é porque ela não vale nada. Onde já se viu uma mulher casada procurar flerte com outro homem e principalmente quando o outro homem é o patrão do seu marido. Ela merece cada tapa que o Marcelo lhe der. Espero que fique bem machucada, sem condições de colocar as fuças na rua por um bom tempo... Vaca!

Meu homem lindo continua a me olhar, esperando uma explicação. Abro o meu melhor sorriso e lhe falo com todo o meu fingimento.

— Você não se lembra? Eu lhe dei um banho... Beijamo-nos... Como percebi que você estava muito nervoso, eu lhe acalmei com um boquete e funcionou, mas foi só isso. Trouxe-lhe para cama e dormimos.

Ele suaviza a expressão, contudo sua voz soa dura.

— E como eu vim parar aqui? Só me lembro de que bebi muito. O que você fez para me convencer a vir parar na sua casa e na sua cama?

— Guilherme! Você acha que eu sou o quê? Uma depravada? Poxa, homem! Você estava tão bêbado que mal podia andar! Vi o seu carro parado na frente do armazém e fui lá saber das meninas. Foi aí que te vi naquele estado decadente e resolvi te tirar dali... E vou te dizer mais, faria tudo novamente.

— Ok! Eu lhe agradeço por tudo, mas preciso ir. — Ele levanta-se e assim que fica de pé, leva a mão à cabeça. — *Porra*, que dor dos infernos! — Seus dedos encontram o curativo em seu supercílio. — *Cacete*! A coisa foi feia assim?

— Você bateu o rosto no painel do carro, cachaça aguada a sua. — Eu digo.

Ainda zonzinho, ele vai até o espelho do banheiro, olha-se com mais atenção. Suas mãos seguram a bancada da pia e sua cabeça inclina-se para baixo. Guilherme fica nesta posição por alguns

minutos... Eu sei onde os seus pensamentos estão, eu sei por quem o seu coração chama.

Eu preciso ser rápida, preciso agir! Não posso deixá-lo sozinho, não agora, pois sei para aonde ele vai correr... Pense, Stella, pense!

— Levarei você até a sua casa, nesse estado não pode dirigir. Deus me livre, se algo lhe acontecer.

Estou nua e sei o que o meu corpo provoca ao Guilherme. Ando em sua direção sem nenhuma vergonha, entro no box, mas o deixo aberto. Começo a me banhar, Guilherme olha-me de soslaio, entretanto não se move, ao contrário ele me dá às costas e sai do banheiro. *Oh, raiva!*

Termino o meu banho, enxugo-me, enrolo-me na toalha e vou me trocar. Guilherme está sentado na cama, cabisbaixo, mãos do lado do corpo.

“*Essa é a hora*” – eu penso... Deixo a toalha cair em poça aos meus pés, abaixo o meu tronco para abrir a última gaveta do roupeiro. Minha bunda ergue-se, espalho minhas pernas um pouco, deixando amostra os grandes lábios da minha vagina.

Guilherme olha em minha direção... Levanta-se, meu clitóris pulsa. Vibro na expectativa de ser violada brutalmente.

No entanto ele passa direto para a sala, sem ao menos ralar um dedo em mim. “*Mas que porra que está acontecendo?*” – Pergunto a mim mesma.

Respiro fundo, prendendo o ar nos pulmões, conto até três, me visto e vou ao seu encontro. Ele está sentado no sofá, esperando-me impacientemente, digo isto porque a sua perna esquerda está sobre a direita e o seu pé está balançando ininterruptamente.

— Pronto podemos ir... – Nem olho para seu rosto, pego as chaves do carro e o espero na porta.

Guilherme levanta-se sem ânimo algum, quase se arrastando, ele caminha até o seu carro. Nosso caminho foi todo silencioso, isso me incomoda, pois sei muito bem em quem ele está pensando e qual o seu desejo neste exato momento.

Em 17 minutos chegamos a sua casa. Eu percebi que ao passarmos em frente para entrada da casa da Luci, o Guilherme olhou disfarçadamente para a mesma direção, seus olhos não se desviaram de lá até o carro fazer a curva. Minha vontade foi acelerar o veículo, pisar com vontade no bendito acelerador, só não fiz isso porque não quero que o Guilherme perceba o quanto estou contente com

sua separação, não posso deixá-lo perceber que estou envolvida.

Paro o carro, Guilherme desce e nem olha para trás, segue direto para a entrada. Foi então que percebi que a porta de vidro está completamente estilhaçada.

Antes mesmo de chegar no primeiro degrau das escadas, que levam até a grande varanda que cerca a casa, Guilherme me intercepta.

— Stella. — Seus olhos me avaliam a distância. — Eu prefiro ficar sozinho. Perdoe-me, sei que você só quer me ajudar, mas hoje não sou boa companhia, nem para mim mesmo.

Ele leva a mão no bolso da camisa, pegando o celular.

— Bom dia! Por favor, os senhores podem mandar um táxi para praia leste, sim, isso na residência do senhor Guilherme, obrigado!

Ele desliga o celular e caminha em minha direção.

— Vá por mim, Stella, sei o que estou fazendo. Nesse exato momento o melhor que você tem a fazer é ficar bem longe de mim, estou ferido, magoado... E um animal ferido é muito perigoso e eu sei muito bem quais são suas intenções, sinto o cheiro da sua excitação... Sexo para mim agora será impossível, principalmente com você...

Não o deixo terminar. Jogo-me em seus braços, minha boca cola-se na sua e o meu corpo esfrega-se ao seu. Com destreza, minha mão esquerda cobre o seu membro e começo a massageá-lo com um ímpeto brusco. Eu preciso deste homem, eu preciso da força deste homem, do seu domínio, dos seus açoitamentos...

Não sei explicar, não sei como isto aconteceu, mas minha necessidade de ser humilhada por ele, de ser açoitada, fodida com violência, crescia com um desespero medonho. Guilherme é minha paixão sórdida, eu preciso dele como preciso da água para saciar minha sede. Por mim nunca mais iria embora, se ele quisesse me amarrar e me manter presa em um quarto escuro, nua e a sua mercê, eu aceitaria.

O beijo é desesperador, me esfrego ao seu corpo com força. Contudo não sou correspondida, mãos fortes mim empurram com veemência.

— Ficou louca, Stella! — Seus olhos brilham de fúria quando são direcionados a mim. — Perdeu o amor próprio? Quantas vezes terei de lhe dizer, NÃO QUERO NADA COM VOCÊ?! — Ele grita as

palavras em meu rosto. — Eu amo outra mulher e por ela estou disposto a mudar, entendeu?

Aquelas palavras me doeram na alma.

— E onde está essa mulher, hein, Guilherme? Cadê ela? Se você está falando da Luci, eu posso lhe dizer onde ela está... Ela está com o marido transando loucamente e nem se lembra de você... Seu idiota!

Guilherme levanta a mão direita parando no ar, suas têmporas pulsam. Fecho os olhos com força e espero o baque da sua mão em meu rosto, mas eu só escuto sua voz fria dizendo-me.

— Seu táxi chegou.

Os seus dedos circulam em meu cotovelo esquerdo e sou guiada até o veículo. Guilherme retira da carteira uma nota de cem reais para dar ao taxista, depois disto ele vem até mim e diz friamente.

— Obrigado por toda a ajuda, entretanto me esqueça, eu não quero você, nem como mulher, nem como submissa. Adeus!

Sou quase jogada dentro do táxi. Guilherme vira-se e segue para o interior da sua casa.

O taxista já me conhece, então ele nem me pergunta para onde ir.

Minhas lágrimas escorrem por minha face feito cascata. Ser humilhada sexualmente é bem diferente que ser desprezada e foi isso que o Guilherme acabou de fazer comigo. Ele desprezou-me, rejeitou minha submissão, meu devotamento... Uma raiva cresce dentro de mim, sou dominada pelo rancor.

A culpa é daquela Luci, ela me roubou o Guilherme, eu o vi primeiro... Farei tudo o que for possível para que ela não o tenha, ele não me quer, mas, com ela, o Guilherme não ficará. O que eu puder para fazer com que os dois fiquem bem afastados um do outro, eu farei...

Minutos depois...

Stella tira-me a paciência e o meu controle, e neste exato momento eu preciso de paz, preciso pensar...

Quando entro em casa, percebo que tudo está arrumado. Foi então que lembrei que não tinha pegado os estilhaços do vidro da porta, no entanto não havia um pedaço de vidro ao chão.

Verifico em volta de toda sala e tudo está em seu devido lugar, tudo organizado. Luci arrumou toda a bagunça que eu fiz. Como será que ela ficou após ler o bilhete com palavras frias que deixei para ela? Meus olhos vão em direção à mesa da sala.

A chave que eu deixei para ela está lá e logo abaixo há um papel.

Será que ela me deixou um bilhete, penso. Meu coração acelera, com passos largos chego até a mesa, então percebo que é o mesmo bilhete e o cheque. Eles estão amassados e a tinta da caneta toda borrada. Luci chorou, ela chorou... Eu fiz minha pequena sereia chorar.

Então, meu Deus, por que ela me disse tudo aquilo, por que ela me expulsou da sua vida? Levo o papel até o meu rosto e o aperto com força, uma dor dilacerante corrói o meu peito. Há algo esquisito nisso tudo, Luci me ama, ela não desistiria de nós dois.

Sinto-me sufocado, minha visão escurece, escuto uma voz ao longe me pedindo ajuda... Será que estou tendo alucinações? Trôpego, eu vou até o sofá, sento-me, apoiando minha cabeça em minhas mãos. Em meu pensamento vem o nome Marcelo, sei que ele ainda está em São Paulo, preciso de mais tempo com a Luci, preciso saber o que a fez mudar de ideia repentinamente. Ligo para o celular do Marcelo, cai na caixa de mensagem, então eu ligo para o escritório em São Paulo e peço para chamá-lo.

— Como assim ele já está em Salvador? Seu retorno estava previsto para hoje a noite! O quê? Desde ontem pela manhã? Como não fui avisado sobre isso? – A secretária não sabe me explicar... Desligo o celular furioso, em seguida ligo para o *resort* e pergunto sobre o Marcelo, minha secretária me diz que ele está nas obras... Graças a Deus, pego minhas chaves e vou atrás do que é meu...

*** **

Marcelo traz com ele uma bandeja farta de guloseimas. Pão integral, geleia de damasco, queijo branco, presunto de peito de peru, suco de pêssego, iogurte, duas fatias de mamão, mel, granola, café e leite... Ele entra ao quarto todo feliz, deposita a bandeja na cama, olhando-me com imensa satisfação.

Confesso que só de olhar para aquela montanha de comida, fiquei com vontade de regurgitar, meu estômago revirou na hora. Marcelo percebeu minha reação. Ele vem até mim, sentando-se a cama, em questão de segundo o seu semblante muda, de brando torna-se frio. Sua voz soa com aspereza.

— Qual é o problema, Luci? Não gostou do desjejum, ou está pensando em seu amante?

Assusto-me com o tom da sua voz, lágrimas teimam em sair dos meus olhos, eu estou muito frágil e morrendo de medo de ser castigada, pois sei que a ira do Marcelo não foi domada, ele só está esperando um motivo para pô-la para fora, por isso minha voz embarga, e respondo num murmuro.

— Adorei o café da manhã, mas eu estou sem apetite. Perdoe-me, querido, não quis parecer ingrata.

O olhar do meu dono gela minha alma e o pior foram suas palavras frias, que foram lançadas em meu rosto, o desprezo está estampado em suas feições.

— Você está pensando nele, não é, Luci?! Você deve achar que a qualquer hora ele vai invadir esta casa e virá tirá-la daqui... Não é, sua ordinária!

Marcelo esbraveja, eu me assusto com o tom da sua voz, sua fisionomia muda imediatamente, seus olhos saltam e seu maxilar se contraí... Olho para suas mãos, elas estão cerradas. *Deus*, este homem vai me arrebentar na porrada. Encolho-me no canto da cama, protegendo meu rosto com as mãos.

— Vamos, Luci, confesse, confesse que é isto que você está esperando. – Ele gargalha estridentemente. — A princesa à espera do príncipe Salvador... Cretina, devassa, eu te tratei feito uma dama, dei a você o luxo, a mordomia, ofereci o meu amor, minha fidelidade e o que me destes em troca? Olha para mim, sua cachorra!

Marcelo me puxa pela perna, alcança o meu rosto e o segura com força, sinto o aperto dos seus

dedos em meu maxilar. Doí, doí muito. — Sabe que sou fiel a você desde que te conheci. É você Luci, exclusivamente você e o que você me dar em troca? Um par de chifres, sua put...a.

Meu rosto é presenteado por uma bofetada... Marcelo puxa-me pelos os meus cabelos, seus dedos embrenham nos fios e são puxados com força. Engulo meu choro, pois tenho medo de apanhar mais.

— Quando recebi aquela ligação lá em São Paulo, avisando-me da sua safadeza, da sua cachorrada, não quis acreditar naquela maldita mulher. Precisei ouvir a sua confissão para crer que fui enganado por quem mais amo na vida...

Ele continua puxando forte os meus cabelos, seus olhos estão vermelhos e sua voz está trêmula, temo pelo que possa vir pela frente, eu sei que serei castigada duramente.

— Você acha mesmo que ele virá buscá-la? Hein, Luci, é isso que pensa? Você é minha, só minha e para sempre e para garantir isso, vou protegê-la do senhor todo poderoso Guilherme Gusmão.

A bandeja do desjejum é atirada longe, sou arrancada da cama pelos cabelos e arrastada ao chão, grito de desespero. Peço-lhe que tenha piedade, prometo-lhe que não irei a lugar algum, ficarei quieta e longe do Guilherme, não adianta. Marcelo me arrasta pelos cabelos, meu corpo bate nos móveis do quarto, na porta nas paredes.

Eu já sei para onde ele vai me levar... ... Para o quarto do castigo. Provavelmente serei surrada sem piedade e depois usada como uma qualquer... Marcelo continua me insultando e ele me diz o que vai fazer comigo.

— Vou trancá-la no quarto, deixarei você nua, amarrada e amordaçada no quarto escuro. Só a soltarei quando voltar do trabalho, farei isso até alugar o sítio e levá-la para bem longe do Guilherme. Homem nenhum colocará os olhos em você outra vez, entendeu, meu doce...

Entramos no quarto e sou arremessada em um canto da parede, minha cabeça é batida várias vezes no concreto frio. Ele grita enfurecido, diz que nunca me deixará ir, pois sou sua propriedade.

Meu coração está tão acelerado, que penso que terei um ataque, tomo coragem e não sei onde arrumei forças, luto com ele... Começo a bater em seu peito, chutando o seu corpo, consigo derrubá-lo, parto para cima do Marcelo, mordo-o, puxo-lhe os cabelos, fecho meus punhos e esmurro o seu rosto com toda força do meu braço, esmurrei-o várias vezes até o meu braço perder a força. Marcelo consegue me deter, segurando-me pelos punhos, ele vira-se por cima do meu corpo e grita a todo pulmão. — Pare, Luci, pare! Eu não quero machucá-la! Não deste jeito, pare!

Meu medo me dá forças, mordo sua mão, Marcelo me empurra com força... Meu joelho acerta suas partes íntimas, ele vira-se para o outro lado do meu corpo, gemendo de dor. Libertando-me do seu domínio, mesmo fraca e trêmula, eu consigo me levantar, saio do quarto cambaleando. Sinto uma dor forte em meu abdômen, a dor é pavorosa, cortante, quase desmaio. Agachei-me, encolhendo-me e apertando meu ventre... Escuto os gemidos do Marcelo, não, eu não posso ficar aqui, se ele levantar, vai me aprisionar e me surrar.

Encontro forças onde não tenho, minhas pernas estão iguais a espaguete, mesmo assim seguro-me nas paredes, erguendo-me. A dor em meu ventre dilacera o meu corpo, consigo chegar à sala, escancarar a porta e sem pensar saio correndo, minhas lágrimas me cegam, meu desespero me atordoa... Nem sei qual foi a direção que tomei, fui pelo meu instinto...

Corro, corro... Em meu pensamento só procuro uma pessoa... ... Guilherme. Foi quando percebi que estava indo em direção a sua casa, no entanto eu sei que o Marcelo me alcançará antes que chegue lá, já estou sem forças, já não corro mais, ando agora cambaleando pela estrada de areia e pedras, perco as forças e caio ao chão...

Escuto um grito ao longe... Acabou! Minha vida acabou, Marcelo me encontrou, encolho-me ao chão, protegendo o meu corpo, falo coisas sem nexos, delírio de dor e desespero, a voz continua me chamando e cada vez chegando mais perto.

— Não me machuque, não me machuque, por favor, não me machuque! Eu prometo, prometo que serei uma boa menina, meu senhor, serei uma boa menina, só não me machuque não me ma-chu-que...

— Luci, Luci, meu amor, quem fez isso com você, quem fez isso?

— Não me machuque, por favor, Marcelo não me machuque.

Em meu delírio, eu penso escutar a voz do Marcelo. Meu medo me cega e me ensurdece. Sou retirada do chão por braços fortes, debato-me com desespero. — Solte-me, solte-me, eu não fugirei mais, eu serei uma boa menina, meu senhor! Só não me açoite, nem me coloque na banheira, eu prometo, meu senhor...

A pessoa nada diz, só sinto sua respiração acelerada, e o calor de um abraço. Meu corpo está tão dolorido, estou tão cansada, que desisto de lutar, entrego minha sorte a Deus... Com cuidado extremo, sou colocada em algo macio e algo cerca o meu corpo, ouço o som de uma porta fechar, depois outra... Então escuto o som do motor de um carro dando a partida e logo meu corpo começa a balançar.

Não sei quanto tempo passou até o meu corpo parar de sacudir, eu não consigo abrir os meus olhos, tenho medo do que vou ver. O carro para, meu corpo é suspenso e protegido por um abraço forte, eu sinto um cheiro, um cheiro másculo e bastante conhecido por mim, não.... Não, eu só posso está delirando.

Escuto alguém conversando, só consigo entender uma parte da conversa.

— Ela está muito machucada, eu preciso que o senhor venha o mais rápido possível... Obrigado, doutor Joaquim.

Só então eu reconheço a voz... É o Guilherme! É o meu amor, ele veio me salvar! Abro os meus olhos, então eu reconheço onde estou. As paredes no tom ocre inconfundível, as persianas abertas deixando entrar o cheiro da maresia, os galhos da amendoeira balançando próxima a janela. Minha mão passeia por cima da maciez da colcha de veludo rosa chá, ele não a retirou, fui eu que a escolhi.

Sim... Sim, eu estou no quarto do Guilherme, deixo as lágrimas correrem por minha face, eu sei que a tempestade não passou, ela só deu um tempo, logo, logo retornará com força bruta, entretanto eu estou segura, eu sei que por enquanto não serei castigada e nem obrigada a fazer o que eu não quero.

Sabendo que ficarei bem, me deixo descansar, permitindo-me que o sono me leve, meus olhos pesam, sou vencida pelas dores e pelo cansaço, adormeço, sentindo o cheiro do homem da minha vida...

... Enquanto isso...

Estou no lado de fora da casa, deixei Luci dormindo no quarto, meus nervos estão à flor da pele. Só esperarei mais dois minutos, se o carro do doutor Joaquim não surgir no portão, eu mesmo vou buscá-lo. Ando de um lado a outro, não consigo manter os meus pés firmes no lugar, não deixo de observar a estrada, mas que merda de demora!

Pego o meu celular e ligo para o médico... Nada! A ligação cai na caixa postal. Assim que desvio o meu olhar, enxergo o veículo do Joaquim, corro em direção ao estacionamento de frente para varada...

Antes mesmo de ele descer do carro já lhe mostro meu nervosismo...

— Por que demorou tanto, Joaquim, já estava indo ao seu encontro?

— Se acalme, meu amigo, eu já não estou aqui? Então ande, leve-me até a Luci, depois você reclama.

Mostro o caminho para o Joaquim apressadamente.

— Ela está muito machucada, Joaquim, eu nem quero imaginar quais outras lesões ela possa ter... — Paro de andar e respiro profundamente, Joaquim vira-se, segura em meu peito e me fala com aquela calma aparente.

— Agora não é hora de pedir satisfação, primeiro temos que cuidar da moça, deixá-la tranquila e segura... — Ele olha-me com preocupação. — Ela vai precisar do seu equilíbrio e sua sensatez, ok? — Joaquim junta as sobrancelhas interrogativamente.

— Certo! Contudo depois o mundo vai ficar de cabeça para baixo, porque o responsável por essa barbárie vai me pagar caro.

Quando entramos no quarto, Luci está adormecida, agarrada em meu travesseiro. Aquilo quase me faz cair de joelhos, ver minha pequena tão fragilizada e tão terrivelmente machucada acabou comigo. Joaquim para no meio do caminho e fala abismado.

— Deus do céu! O que aconteceu com está moça? Foi a gota d'água para mim.

Minhas lágrimas escorreram por meu rosto.

*** **

Meu coração foi na boca com a força de expressão das palavras do Joaquim. Aperto forte as minhas mãos, chegando a deixar os nós dos meus dedos brancos... Minhas lembranças voltam com *flash...*

Eu já estava indo para casa do Marcelo, buscar a Luci, ela viria comigo nem que fosse a força, pois já tinha mais ou menos uma ideia da mudança de decisão por parte dela. Estava tão cego de raiva, que quase não presto a atenção no corpo caído na estrada... Freei meu veículo bruscamente, a primeira vista nem notei que a pessoa caída ao chão era minha Luci, só quando desci do carro.

Fiquei tão desesperado, logo pensei em assalto seguido de estupro, mas quando cheguei perto dela e a escutei chamando por Marcelo e suplicando para que ele não a machucasse, minha vontade foi de imediato matá-lo, só não fui procurá-lo porque minha pequena sereia precisava de mim, mas ele não perde por esperar, assim que o doutor Joaquim me disser que ela está bem eu irei atrás daquele sacana e lhe mostro a minha fúria.

— Guilherme! Guilherme! – Joaquim me chama repetidamente, saio dos meus devaneios e o fito.

— Desculpe-me, Joaquim...

— Foi o marido dela quem fez isso? – Eu assenti. — Meu Deus! Ela me disse que ia largá-lo, meu Deus...!

Meus olhos saltam de surpresa, seguro no braço do médico e indago:

— Como assim? Não foi a primeira vez que ele bateu nela?

— Não!

Joaquim diz, nem espero ele completar o pensamento, viro-me pelos calcanhares e digo-lhe.

— Cuide da Luci, já volto. – Joaquim me diz algo, só que não escuto, estou com tanta raiva que os meus ouvidos ficaram surdos.

Estou tão cego de raiva, meus pensamentos me atordoam. Conheço perfeitamente esse caminho da violência doméstica, eu já a cometi. Lembro-me como se fosse hoje quando agredi a Malu, deixei marcas em seu rosto e corpo, aterrorizei minha ex-mulher e agora minha Luci está sofrendo o mesmo com um marido vil e desumano. Entro em meu carro, nem o cinto de segurança eu coloco, piso fundo

no acelerador, deixando um rastro de poeira atrás do carro, pelo retrovisor vejo a figura preocupada do Joaquim.

Marcelo que me aguarde, ele sentirá o peso da minha mão, farei com ele o que ele fez a Luci, nunca mais ele a agredirá, me certificarei disto.

Entro com o carro na estrada que leva a casa do Marcelo, avisto o seu carro e logo o avisto saindo pela porta da frente, ele mancava. Não perco tempo, paro o carro, freando bruscamente. Marcelo desce as escadas, parando bruscamente quando me vê. Desço do carro já com os punhos cerrados, em três passos alcanço o Marcelo, o seguro pelo colarinho e sem lhe dar chance de defesa começo a socá-lo.

— Miserável, filho da mãe... Covarde, filho da puta... Desgraçado... Você gosta de bater em mulher, filho da puta, gosta? *Hein!*

Acerto o seu rosto por diversas vezes, não lhe dou oportunidade de defesa, nem de revide, estou furioso, o bicho que habita em mim é libertado e toda a dor de Luci joga no rosto do Marcelo. Ele ainda consegue me chutar o abdômen, afastando-se de mim, engatinha de costas para trás, levanto-me partindo novamente para cima dele. Arrasto-o pelo colarinho da camisa, chuto-lhe no meio das pernas, Marcelo urra de dor, levanto-o e nossos olhares encontram-se, os meus são de fúria e os dele de medo.

Cuspo-lhe o rosto, ele me acerta o rosto com os punhos, perco o equilíbrio, dando um passo para trás, mas recupero o controle. Do jeito que estou nenhum homem conseguiria me vencer, avanço e lhe acerto a cara com um murro bem no nariz, o sangue espirra... Feroz, eu lhe digo entre dentes:

— Nunca mais você tocará nela, nunca mais você sequer olhará para Luci, considere-se um homem de sorte, por não lhe colocar na cadeia, pois minha vontade é essa. E quer um conselho? Se você gosta do seu emprego, nem pense mais na Luci. *Idiota!*

Largo o Marcelo deitado ao chão, viro-me para ir para o carro.

— A Luci me pertence seu otário, aquela puta dos infernos me pertence. Se você acha que vai ficar com ela, está muito enganado. Ela é minha e sempre será, prepare-se, pois ela mesma vai voltar para mim, não vou precisar mover um dedo, aquela puta sabe que eu sou o seu dono...

Não esperei ele terminar, volto em sua direção, cego de raiva e lhe chuto a cara, Marcelo grita de dor, e começa a gargalhar, esse homem é louco só pode.

— Bate mais, Guilherme Gusmão! Vem seu covarde! Aproveite que estou no chão, é a sua oportunidade de livrar-se de mim e ficar com aquela puta... *Bate, porra!*

Fiz menção de chutá-lo novamente, no entanto recuo, cuspo no chão ao lado do seu corpo, fito-o com raiva, esbravejando para ele.

— Você está avisado, fique longe dela.

Marcelo olha-me com deboche, sorrindo sarcasticamente.

— Pelo visto a sua amada puta não lhe contou a verdade, pois duvido se você soubesse a verdade sobre ela estaria aqui tomando suas dores... – Ele cospe um bolo de sangue, com um olhar louco ele continua. — Não sou eu que vou contar, Guilherme Gusmão, pois será você mesmo quem a trará de volta para mim quando ela lhe disser a verdade.

Sigo para o carro, o que tinha que fazer, eu fiz. Deixo o Marcelo caído ao chão, sangrando por todos os poros do seu rosto, ele nunca mais tocará no que é meu.

No caminho para casa tento me refazer, limpo o rosto e o sangue que escorre por meu lábio superior, aquele cretino conseguiu me acertar um murro. Tento assimilar o que ele disse, sobre o que Luci não me contou, o que ele quis dizer com isso? Não importa, ele provavelmente só queria me confundir. Marcelo é um louco psicopata, um homem sem escrúpulos, nunca fui com as fuças dele, só o admiti porque ele foi muito recomendado e não tinha nenhum engenheiro disposto a vir para este fim de mundo, sem opção, acabei o contratando.

Chego a casa e antes de ir ao encontro de Luci, vou até o lavabo limpar-me. Estou todo empoeirado, minha camisa está rasgada e suja de sangue, lavo-me, depois vou até a área de serviço, pego uma camisa limpa no varal, visto-a, penteio os cabelos com os dedos e antes de entrar em meu quarto, verifico minha aparência no espelho do corredor... Estou apresentável, apesar do lábio inchado e cortado. Encho o peito de ar, solto rapidamente e entro.

Não consigo manter a calma, sinto uma necessidade imensa de ir até ela, abraçá-la, beijá-la e dizer-lhe que a partir de hoje ninguém neste mundo a machucará. Joaquim nota minha presença, olhando-me por cima do ombro, ele faz sinal de silêncio com o dedo, afasta-se da cama, vindo em minha direção.

Mantendo o tom da voz baixo ele comenta:

— Vamos para a sala, ela precisa descansar. Ficou muito agitada quando lhe disse que você foi

para farmácia comprar uma medicação. Dei-lhe um sedativo, ela vai dormir até amanhã, mas se sentir sua presença temo que desperte...

Joaquim segura-me pelo braço, guiando-me para fora do quarto. Confesso que minha vontade é ficar grudado nela, nunca mais a soltar por nada neste mundo. Deixo-me ser guiado até a sala. Sento-me no sofá e minha vontade é chorar, não quero nem imaginar a dor que a Luci sentiu. Reúno forças e indago:

— Ela está bem? Quebrou algo?

Joaquim olha-me complacente, respondendo-me.

— As dores e as marcas vão sumir do seu corpo, o problema são dores e as marcas psicológicas, essas demorarão um tempo para desaparecer. Essa moça sofre há muito tempo, violência sexual e psicológica, eu tentei convencê-la a denunciá-lo a polícia, mas ela disse-me que já estava o deixando, fez-me prometer não contar nada para voc...

Meus pensamentos voltam ao tempo, lembro-me de um comentário da Stella sobre o Marcelo *“Tenho a impressão que ele bate nela...”* como não percebi isso antes, como deixei escapar isto?

Levanto-me da poltrona em um pulo, passo as mãos pelos cabelos desesperado, indago:

— Por que o senhor não me contou? Se estivesse sido informado sobre esse fato, a Luci já estaria livre deste animal.

— Ética médica. Ela me pediu segredo, Guilherme, e estava certa que iria deixar aquele doente... Deus do céu! Eu pensei que pessoas assim só existissem em livros e filmes, sentir prazer em espancar outro, torturar uma pessoa indefesa por prazer isso é doentio... Nem quero imaginar o que essa moça passou convivendo com um sádico desses.

Aquela palavra estalou em minha cabeça, olho para o Joaquim completamente aturdido, sento-me apressadamente, minha mente não quer acreditar no que acabo de ouvir.

— Como o senhor sabe de tudo isso? – Foi a única coisa que consigo pronunciar.

— No dia que você me pediu para examiná-la. Quando pedi para me mostrar onde estava machucado, ela começou a chorar, e me contou o que aconteceu. Quando vi as marcas da chibata em suas costas e nádegas, as recentes e antigas, não acreditei que foi feito por consentimento. Foi aí que ela me disse que era uma submissa, uma escrava sexual e tudo que ele fazia com ela era consensual.

Joaquim senta-se ao meu lado, sua mão alcança a minha e ele a aperta, meu abatimento é muito aparente, devo ter assustado o médico, ele continua.

— Tentei convencê-la a denunciá-lo, ela não quis, disse que estava o deixando... — Ele olha-me envergonhado. — Sinto muito, Guilherme, acreditei nela.

Joaquim me fita preocupado, fico em silêncio, lutando com os meus demônios.

Minha Luci, minha Luci, sofreu todas as dores que fiz diversas mulheres sofrerem. Mesmo sendo consensual, é dolorido é traumático é destrutivo. Mesmo para quem necessita passar por isso, para quem é viciado em dor, quanto mais para alguém que não quer viver aquilo. Sim, a Luci não é masoquista e tenho certeza absoluta que ela era obrigada a passar por tudo isso.

Ouçõ a voz do Joaquim ao longe e entendo uma perfeitamente uma frase que ele diz:

— Pessoas assim são doentes, precisam de tratamento, não é possível que achem isso normal... Como médico, eu repudio essa prática animalesca...

Baixo os meus olhos e lágrimas descem por meu rosto. Deus está me castigando! A mulher que amo foi usada por um sádico e sofreu todas as dores que outras mulheres sofreram quando passaram por minhas mãos. Que direito eu tenho de julgá-lo? Que direito eu tenho de apontar o dedo? Nenhum! Fui tão pior ou igual a ele. Fico calado, comendo minha dor e vergonha, como olharei para Luci agora.

Joaquim percebe meu constrangimento, ele cala-se, levanta-se ficando de frente para mim.

— Não deixe a Luci vê-lo assim. Ela precisa do seu apoio e do seu amor. Essa moça já sofreu demais, não vou lhe perguntar o que fez com o ex-marido dela, eu sei que o que fez lhe foi merecido, não lhe pergunte nada, se quiser lhe contar, ela contará. Entenda que é muito difícil para ela confessar uma barbárie dessas, a Luci é tímida e morre de medo do ex-marido. Ele fez um excelente trabalho escravizando sua mente, lembrar sua escravidão só irá piorar o quadro traumático desta moça.

Não consigo responder, estou em choque, mas concordo com a cabeça. Naquele momento eu precisava de ar, levanto-me vou direto para o jardim, Joaquim me segue.

— Eu sei que é difícil para você engolir tudo isso, no entanto eu afirmo a você esses tipos de pessoas existem, os que gostam de bater e os que gostam de apanhar e serem humilhados. Fiz uma pesquisa na internet e descobri foi coisa, fico até enjoado só de pensar...

Engulo em seco, minha vontade é gritar e dizer-lhe que eu conheço este mundo, pois sou um deles.

Fico quieto. Tento conciliar meus pensamentos e engolir toda aquela informação. Minha Luci, minha pequena sereia, agora entendo porque ela é tão obediente, tão cordata... Foi treinada para isso... Joaquim diz que precisa voltar para o seu consultório, afirma que a hora que precisar dos seus serviços é só chamá-lo.

Despeço-me do médico, espero o seu veículo desaparecer na curva...

Olho em direção ao céu e suplico a Deus.

Senhor! Dai-me força para não cometer uma loucura, pois minha vontade nesse momento é fazer com o Marcelo o mesmo que ele fez a Luci esse tempo que ela ficou em suas mãos sádicas... Ajude-me, dai-me sensatez e equilíbrio...

Sigo para o quarto, preciso sentir o calor do corpo da minha mulher, necessito sentir a sua respiração...

*** **

As janelas do quarto estão abertas, o vento agita os galhos das árvores que estão próximas, consigo escutar o chacoalhar das folhas, sinto o cheiro da maresia e de onde estou consigo ver o céu azul. Recosto-me no batente da porta, meus olhos direcionam-se até a cama, e lá está ela, agarrada ao meu travesseiro, respirando tranquilamente. *Deus do céu!* Meus pensamentos estão atordoados, sinto-me um lixo.

Durante anos fui um sado, marquei mulheres, amarrei-as em diversos lugares e ângulos, chicoteei, deixei lapadas de diversas formas, humilhei, use-as a meu bel-prazer, adestrei submissas... Achava aquilo tão natural, afinal era tudo consensual, elas queriam tanto quanto eu... Agora, vendo minha mulher toda machucada, marcada não só fisicamente, como também psicologicamente, sinto-me um animal.

Quando a Malu souber disto, vai perguntar-me: — E agora, Guilherme, como se sente? Diga-me, como se sente sabendo que a sua mulher foi usada do mesmo jeito que você usou outras mulheres?

Responderia que me sinto um idiota, um bicho pré-histórico...

Limpo uma lágrima que desce por meu rosto. *Deus!* Não quero nem imaginar o que minha Luci passou nas mãos daquele desgraçado, darei um jeito no Marcelo, sei que não posso misturar assuntos pessoais com profissionais, no entanto há necessidade de afastá-lo de Itaipava, em hipótese alguma a Luci deve encontrá-lo novamente.

Sempre desconfiei do medo que ela sentia pelo Marcelo. Como não juntei as coisas, naquela manhã quando vi as marcas nos seus pulsos e tornozelos, o seu corpo dava sinal de maus tratos, *caralho!* Sou um homem escolado, experiente, era a minha obrigação ter lido nas entrelinhas. Não importa isso agora, o mal já foi feito o que preciso fazer agora, é protegê-la e começarei mandando o Marcelo para bem longe da sua visão.

Luci mexe-se inquieta na cama, chamando por mim. Tanjo para bem longe os meus pensamentos, enxugo o meu rosto, que foi lavado por minhas lágrimas, com passos certos, sigo para cama, sento-me com cuidado e aos pouco, para não assustá-la, deito-me a seu lado, com carinho, varro os seus cabelos com os meus dedos do seu rosto machucado. Ela abre os olhos lentamente e eles sorriam para mim, *Deus do céu!* Cheguei ao paraíso, beije-os um a um, meus dedos acariciam sua face com

cuidado, meu instinto protetor está ligado nos 220 e minha raiva na potência máxima.

Seu riso amarelo, diz-me está cheia de dor, sua boca entreabre e ela balbucia pausadamente algo para mim, neste momento meu coração sangra, daria qualquer coisa para assumir o seu lugar.

— Não... Não estou sonhando... Você está aqui comigo de verdade?

Minha cabeça inclina-se em direção aos seus cabelos, beijo suas madeixas sedosas e o cheiro da camomila inebriam minha alma, com emoção estampada em minha voz, respondo.

— Estou meu amor, não é um sonho, você está em nossa casa, em nosso quarto, em nossa cama e ao meu lado, de onde nunca mais sairá.

Minha mão vai até o seu rosto, meus dedos passeiam lentamente, fazendo uma carícia suave. Luci segura em minha mão e a beija, olhando com cuidado para ela.

— Guilherme, meu Deus! O que houve com suas mãos? – Ela averigua a outra, passando os dedos suavemente por meus machucados.

Respondo-lhe sorrindo.

— Bati em um saco de pancadas!

Com as sobrancelhas cerradas, ela conjectura.

— Sua boca também bateu no saco?

Limpo a garganta e digo-lhe.

— Não, o saco bateu em mim, mas já estou bem, meu amor. Valeu cada soco no bendito saco. – Fito-a com preocupação. — Meu amor, você precisa descansar, está muito machucada...

Ela corta-me a frase.

— Foi por minha causa que você fez isso com suas mãos e rosto, eu sou a culpada do seu destempero, não sou? Perdoe-me, amor, não foi minha intenção causar-lhe dor, eu só quis protegê-lo... Gui...

Não a deixo terminar. Luci respira rápido e começa a ficar agitada. O estado dela é delicado, ela tem machucados por todo o corpo, seu lábio inferior está cortado, seus pulsos estão feridos e há uma marca arroxeadada em volta do seu pescoço.

— Pequena sereia, não vamos falar sobre isso. Já passou. O importante agora é sua recuperação, o resto é resto, ficarei aqui ao seu lado, durma um pouco...

— Eu... Eu preciso contar-lhe um segredo, por favor, Guilherme, só me escuta, é sobre o meu passado, talvez depois você nem me queira mais, depois de descobrir quem eu fui... Contudo a necessidade de contar-lhe...

Já sabia o que ela queria me contar, na verdade não me interessa saber sobre o seu passado, eu não me importo com o que ela foi, só a quero em minha vida para sempre. Com esta certeza, digo-lhe com firmeza nas palavras.

— Não me importo com o seu passado, Luci. Não precisa me contar nada, amo você mais que tudo, necessito do seu sorriso para encantar os meus dias, não quero suas lágrimas sofridas por um passado frio e impiedoso, de hoje em diante farei dos seus dias luz e alegria. É assim que vai lembrar-se da sua vida.

Uma lágrima desce dos seus lindos olhos, vê-la chorar sangrava minha alma, beijo sua testa e lambo as lágrimas sofridas da minha mulher. É como se aquele gesto diminuísse sua dor. Luci beija minha boca com cuidado e me diz.

— Preciso muito contar-lhe, peço só que me escute sem me interromper.

Assenti com a cabeça, se ela precisava tanto pôr para fora o que lhe fazia tanto mal, não me custa nada ouvi-la. Ela começa sua narrativa.

— Lembra-se que te contei sobre minha cidade, sobre os meus pais e sobre dona Jandira?

— Lembro-me, era tudo mentira é isso?

Ela ri e diz não, diz que é tudo verdade.

— Pois, dona Jandira é uma espécie de urubu que fica voando por cima da presa só esperando ela morrer e atacar a carne do bicho... Ela é o tipo de pessoa que ganha à custa da miséria alheia. Essa mulher visita as famílias pobres das regiões sertanejas, onde a fome e sede matam e a pobreza é desesperadora. Primeiro ela tenta convencer os pais a dar-lhe os filhos mais velhos para que ela possa criá-los, seduzindo-os com promessas de que vai colocá-los na escola e lhes dar um lar descente. Se não consegue convencê-los, ela oferece uma boa quantia em dinheiro e assim os compra-os. Foi assim que ela tentou convencer o meu pai e minha mãe, só que eles nunca cederam e quando ela descobriu que eu estava sozinha, me convenceu a ir com ela.

Meu estômago revirou, começo a entender o que a Luci quer me confessar, ela continua:

— Fiquei encantada com o luxo do lugar, dona Jandira mora em uma enorme propriedade, uma grande fazenda. Ela me disse o que iria fazer, apresentou-me aos demais empregados, mostrou o meu quarto, fui alimentada, examinada por um médico, ganhei vestidos e até bonecas. Ela me pôs na escola e minha vida foi boa, só não podia sair à noite, nem ir para a outra casa que ficava ao lado da casa grande... Não indaguei o porquê, porém fiquei curiosa, todas as noites havia festa, eram carros chiques, barulho de helicóptero, um dia consegui ver de longe quem chegava nos carrões: homens muito bem vestidos e mulheres lindíssimas. Em minha ilusão, dona Jandira adorava festas. Aos quatorze anos fui chamada na diretoria da escola, e para minha surpresa a diretora disse-me que não poderia mais estudar lá, pois os pais dos alunos descobriram onde morava e não admitiam que os seus filhos estudassem na mesma escola que eu. A diretora ficou muito chateada com isso, ela gostava muito de mim, mas nada pôde fazer, ganhei muitos livros para estudar em casa e o meu certificado de conclusão do ensino fundamental. Saí da escola sendo chamada pelos alunos de rameira, filha de puta, até então eu não sabia do que se tratava e o porquê de tudo aquilo... Dona Jandira me contou, ela me disse que já esperava por isso, só então soube que estava morando em um prostíbulo luxuoso.

Engulo em seco, minhas desconfianças viraram certezas. Luci prossegue:

— Fiquei muito assustada com toda aquela descoberta, mas eu não tinha para aonde ir, nem como me manter. Dona Jandira prometeu-me me ajudar e disse que não faria nada que eu não quisesse, acreditei nela, continuei trabalhando lá. Em uma manhã estava limpando o grande salão da casa, quando me deparei com um homem...

Ela olha-me, oferecendo-me um leve sorriso.

— Ele parecia-se com você, quase a mesma idade e muito bonito... Então ele perguntou-me se trabalhava na casa, disse-lhe que fazia parte da limpeza. Ele ficou me fitando por um bom tempo, depois perguntou onde dona Jandira estava, mostrei-lhe o caminho e ele foi ao seu encontro. Duas noites depois, ela foi me procurar em meu quarto, disse-me que não podia mais morar em sua casa, comecei a chorar, ela me acalmou, me consolando, dizendo-me que eu poderia arrumar um emprego na cidade, já que sabia ler e escrever perfeitamente, explicou-me o motivo por não poder ficar lá, um homem muito poderoso estava interessado em mim e a ameaçou de fechar sua casa, caso não cedesse a sua vontade. Como era menor de idade e ela não queria me obrigar a fazer algo que me arrependeria para sempre, achou melhor me mandar embora.

Luci para por alguns minutos, percebo sua tristeza, já estava abrindo a boca para pedir-lhe que parasse quando ela recomeça.

— Ela me deu algum dinheiro para me manter até arrumar um emprego, arrumei minhas coisas e fui embora. De certa forma fiquei até feliz, pois estava deixando aquela casa... Só que...

Ela engole em seco, beijo os seus cabelos, afagando seus ombros.

— Não fui bem recebida na cidade, em todas as portas que batia, as mulheres me enxotavam feito um cão sarnento, diziam não querer uma puta em sua casa, e os homens só me ofereciam dinheiro em troca de favores sexuais. As crianças maiores corriam atrás de mim com pedras e me xingando de todos os nomes horríveis, fiquei escondida por um tempo no mato, até as coisas se acalmarem, depois entrei em uma mercearia e gastei todo o dinheiro que dona Jandira me deu com água e mantimentos, não restou alternativa a não ser voltar para minha antiga casa. Levei um dia e meio para chegar lá, não encontrei casa, só escombros, consegui ajeitar um canto para dormir... Comia uma vez por dia e só bebia água quando não suportava mais a sede, um mês depois tudo acabou, procurei água e comida pelas redondezas, não encontrei, o tempo passou e comecei a sentir-me fraca, então resolvi voltar para o único lugar onde seria aceita, com muita dificuldade consegui chegar até a entrada da fazenda, um empregado me encontrou e levou-me para casa grande. Dona Jandira cuidou de mim por semanas, quando me recuperei pedi para ficar. Disse-lhe que aceitava as suas condições, eu ficaria com o tal homem.

Começo a me incomodar com o rumo da história, tenho vontade de mandá-la parar, pois não quero saber o restante, entretanto eu sei que ela precisa expurgar a sua vergonha, então deixo-a prosseguir.

— Fui para o quarto mais bonito da casa. Dois dias depois conheci o tal homem. Era o mesmo que encontrei no grande salão, seu nome era Leôncio. Ele percebendo o meu nervoso disse-me para não preocupar-me, pois não me forçaria a nada... De fato, nada foi forçado, antes de você, Leôncio foi o homem que mais me amou e respeitou-me, ficamos dias conversando antes de sair o primeiro beijo, e dois meses para fazer sexo, foram cinco dias para tirar a minha virgindade. Ele era viúvo há dois anos e desde então não se envolveu com mulher alguma, fui a primeira. Leôncio tratava-me melhor que uma princesa, todos os dias ele me levava um presente e não me deixava faltar nada, ficamos quase um ano juntos até ele me pedir em casamento, é claro que aceitei. Depois do pedido, ele voltou para o Acre onde morava, foi dar entrada nos papéis do casamento, arrumar a fazenda para me receber e conversar com os seus filhos, ele tinha três filhos... Foram três meses de espera, então em uma bela tarde dona Jandira entra em meu quarto dizendo-me que não posso mais ficar lá...

Pergunto por Seu Leôncio e sem piedade ela me diz que ele havia falecido, sofreu um acidente quando estava indo para o Acre, seu carro capotou na estrada explodindo em seguida, portanto não tinha mais exclusividade. Como era novata, precisava aprender a virar uma puta de verdade e só iria aprender vivendo por um tempo no anexo, a casa das putas inferiores, onde serviam aos homens da região...

*** **

Fico com vontade de pedir que se cale, não suporto mais escutar o seu desabafo, minha mente rodopia, estou nauseado e febril... *Por Deus! Cala-se, Luci!* – Grito mentalmente. Desesperado, interrompo seus argumentos...

— Meu amor, não precisa continuar, já chega!

Fito-a com carinho, só quero neste momento cobri-la de mimos, não me importo com o seu passado... Noto uma lágrima tentando escapular dos seus olhos. Enxugo-a com delicadeza.

Luci sorri, e com a voz embargada e sem se importar com o que acabei de lhe dizer, ela prossegue.

— Fui enviada para o anexo, meu quarto era um lixo, um buraco frio e imundo, o banheiro era coletivo. Foi neste local que aprendi a ser uma prostituta, conheci todos os tipos de homens infelizes, sujos, fétidos, bêbados, drogados, velhos, adolescentes... Aprendi a força todos os tipos de sexo, coisas que nem imaginava que existiam. Com o passar dos meses comecei a ignorar minha existência, deitava-me na cama, abria as pernas, fechava meus olhos e fingia que aquele homem, que estava por cima de mim, era um príncipe e o quarto um castelo. Não sentia mais nada, só uma vontade louca de morrer. Quase um ano depois, fui enviada até dona Jandira, rezei horrores para que minha prestação de contas fosse positiva e assim poder pagar que devia e ir embora com o resto da minha dignidade. Quando entrei em seu gabinete, ela parou o que está fazendo para me observar, senti-me nua e violentada.

Ela faz uma pausa, pede-me água, apanho o copo, que está na mesa de cabeceira e sirvo a água em sua boca... Beijo a sua cabeça, inalando o cheiro dos seus cabelos, ela engole toda a água e continua.

— Ela faz um comentário, dizendo-me que pareço dez anos mais velha. Juro, Guilherme, que engoli em seco para não lhe dizer umas verdades. Por fim sentei-me a sua frente, ela já havia feito os cálculos e para minha tristeza, continuava sua devedora e pelo visto seria para sempre. Lágrimas desceram por meus olhos, pois aqueles números diziam que voltaria a ser um pedaço de carne para os abutres. Já estava levanto-me para voltar ao purgatório quando ela mandou-me sentar.

— Guilherme, eu não tive escolha...

— Meu amor, eu já lhe disse que não me importo com o seu passado, o que você fez ou deixou de fazer não me interessa, o hoje e o amanhã que são importantes para nós dois...

Luci está muito abalada, percebo o tremor da sua voz, o brilho dos seus olhos é de desespero puro...

— Deixe-me terminar... Eu preciso ir até o final.

Não quero concordar com essa tortura, no entanto pressinto sua necessidade. Assenti com a cabeça.

— Dona Jandira fita-me seriamente e me faz uma proposta: Ela diz que posso voltar para a casa grande, serei bem tratada, bem vestida e conviverei com homens e mulheres de classe, muito ricos e poderosos, era só aceitar os termos do novo trabalho. O dinheiro que ganharia seria maior e poderia então pagar o que devia... Aceitei, nem perguntei as regras, qualquer coisa seria melhor que o purgatório. Ela me mandou assinar um documento, assinei sem ler. Não voltei mais para o anexo, passei cinco meses sendo cuidada, fui avaliada por um médico ginecologista e um nutricionista. Uma noite, dois homens me acordaram e disseram que iria viajar, pois o meu treinamento iria começar. Vendaram-me e fui com eles. Não sei onde estava, só sei que era próximo à praia. Guilherme, eu achava que minha situação não poderia ficar pior, pois ficou... Fui apresentada ao meu mestre e senhor e com palavras frias e duras, ele nos disse... Não estava sozinha, havia umas dez meninas comigo... O homem com voz fria nos disse que só tínhamos duas escolhas, aceitar ou sofrer, porque estávamos sendo adestradas e por bem ou por mal sairíamos dali verdadeiras escravas submissas...

Fecho os meus olhos e os meus punhos com força quando escuto isso... Juro que se a tal Jandira estivesse em minha frente, eu a amarraria em uma cruz de Santo André e açoitaria sem dó. Trago o ar com força e enquanto Luci retorna sua narrativa, vou soltando-a lentamente.

— Não sou uma submissa, nem tão pouco masoquista, e para aceitar minha nova função comi o pão que o diabo amassou. Esses mestres em dominação sabem dobrar uma pessoa e ele o fez e o fez com prazer. Voltei para dona Jandira três meses depois, obediente, mansa, um verdadeiro bichinho de estimação. Assim que cheguei, fui alugada para um homem, passei cinco meses com ele. Não sabíamos para onde éramos levadas, pois sempre íamos vendadas, sempre ficávamos em um apartamento onde todas as noites haviam festas e éramos compartilhadas por todos os convidados.

Ela senta-se a cama com um pouco de dificuldade, fita-me com os olhos marejados e continua sua explanação sem desviar o olhar do meu rosto.

— Pertenci a vários senhores, alguns bons, outros ruins e outros cruéis... O último era um homem muito bom, ele só gostava de me olhar. Foi na casa dele que conheci o Marcelo. Quando ele percebeu o interesse do Marcelo por mim, concordou em compartilhar-me com ele, como disse ele só olhava, não me tocava. Marcelo me contou que ele é um juiz muito poderoso em Brasília, não sei o seu nome verdadeiro, eu o chamava de Senhor Dimitri, fiquei com ele por sete meses. Um dia ele disse-me que precisava ir para o exterior, portanto iria devolver-me a Jandira, voltei para a fazenda e quando estava prestes a ser alugada novamente, o Marcelo me encontra e como um príncipe encantado, ele salva-me das garras da bruxa má, paga por minha exclusividade, ficamos juntos por um bom tempo até ele me propor morar com ele aqui em Itaipava. Guilherme! O Marcelo antes de vir para cá nunca triscou a mão em mim, ao contrário ele sempre foi muito carinhoso atencioso, amável... Por isso aceitei sem pensar duas vezes, então ele foi acertar as contas com dona Jandira, e a minha liberdade custou para o Marcelo, um apartamento e um carro importado, cerca de 900 mil reais...

Sua respiração torna-se pesada. Ela baixa a cabeça, este gesto destroça o meu coração. E para amenizar a sua angustia, a puxo para o meu peito, prendendo-a em meus braços. Ela se acolhe em meu abraço e continua.

— Eu fui vendida para o Marcelo. Quando chegamos aqui, fiquei encantada com a minha casa e feliz por minha nova vida, finalmente estava livre...

Luci chora de soluçar... Deixo-a jogar para fora sua dor.

— Dois dias depois, Marcelo chama-me para uma conversa, ele diz que me ama desde o primeiro dia em que me conheceu, disse que estava disposto a me assumir como sua mulher, só que... Tinha condições para isso, ou aceitava, ou me mandaria de volta para dona Jandira e pegaria o seu dinheiro de volta... Ele revelou-me os seus gostos, eu já sabia o que me esperava, pois convivi com homens iguais a ele por anos. Não... Não, Guilherme, não voltaria para dona Jandira, viver com o Marcelo não seria pior do que viver como vivia antes, sendo passada de senhor em senhor... Aceitei os termos do Marcelo, assinei um documento e passei a ser sua escrava submissa, tudo o que ele me fez foi consensual, foi permitido...

Luci afasta-se do meu corpo e com voz trêmula e o rosto molhado por suas lágrimas ela, termina o seu relato.

— É isso que eu sou, Guilherme, uma prostituta, que após muito tempo, transformou-se em uma escrava submissa. Foi por isso que não te contei sobre o meu passado, foi por isso que desisti de você. Naquela manhã que terminei com você, Marcelo chegou de surpresa de São Paulo e lhe contei

sobre nós dois. Ele disse que já sabia, pois uma mulher ligou para ele e contou tudo. Marcelo foi sarcástico, dizendo-me que você jamais me aceitaria e nunca me deixaria ficar próxima das meninas, se soubesse que fui uma puta, e não contaria só para você, revelaria a todos na cidade quem sou eu. Depois iria me devolver para dona Jandira, mas não foi isso que me fez desistir de você, ele ameaçou machucá-lo. Nunca deixaria que fizesse nada a você ou as meninas, por isso prometi deixá-lo e o fiz.

— Quem foi a mulher que ligou para o Marcelo? Ele disse o nome?

O meu sexto sentido fica em alerta, alguém me vai pagar muito caro por tamanha maldade. Luci engole o choro, que teima em ser derramado.

— Não, ele não sabe. Foi uma ligação anônima. — Ela olha-me com aflição. — Se você não me quiser, entenderei. Só peço que me deixe recuperar minha saúde para devolver-me para o Marcelo...

— Cale-se! Cale-se!

Coloco-a sobre os travesseiros. Levanto-me, ando de um lado a outro, viro-me para a figura linda e sofrida da minha mulher. Passo as mãos em meus cabelos, demonstrando o meu nervosismo. Com passos apressados, sigo até a cama, sento-me e seguro seu queixo, forçando a me fitar, digo com voz emocionada.

— Escute muito bem, se não a quisesse mais, o que não é o caso, jamais a levaria de volta para o Marcelo, nunca deixaria você voltar para aquele... Aquele cretino.

Puxo-a para mim e beijo os seus lábios com carinho e cuidado.

— Você é para mim o mesmo que o ar é para meus pulmões. Depois de você toda minha vida mudou. Nada é como era antes. Se perdê-la é como arrancar o chão dos meus pés, descerei em um buraco sem fim. Maria Lúcia, preste atenção e responda-me sem piscar os olhos...

Faço uma pausa, beijo a ponta do seu nariz, sorrio levemente e pergunto:

— Você quer casar-se comigo? — Ela salta os olhos surpresa. — Sim, CASAR. Eu a quero como minha esposa, mulher, namorada, amante, companheira, amiga, como o meu tudo, com direito a vestido de noiva e duas daminhas loiras. Se bem que não posso casar-me no religioso, pois sou divorciado, no entanto posso no civil e podemos chamar um padre para abençoar nossa união aqui... O que acha?

Ela continua me olhando com espanto.

— Maria Lúcia, responda. Quer casar-se comigo?

*** **

Não sei explicar o que estou sentindo nesse exato momento. Quando era uma criança e escutava minha mãe contar histórias sobre príncipes e princesas, onde um homem lindo e cheio de amor pedia a mão da princesa em casamento, eu ficava suspirando profundamente e sonhando com esse dia em minha vida. Depois que fui para os braços do diabo, meus sonhos de criança foram todos jogados em um buraco bem fundo. Nunca pensei que um dia um homem como o Guilherme fosse me pedir em casamento.

Continuo embasbacada, olhando para o Guilherme com lágrimas em meus olhos.

Guilherme, percebendo meu torpor, me chama a realidade:

— Luci! – Ele segura por meus ombros, sacudindo-o. — Luci, meu amor!

Pisco os olhos com certa dificuldade... Nossos olhares se encontram, minha visão torna-se nublada devido a quantidade de lágrimas, que descem como cascatas. Pisco várias vezes, e com a voz contida, eu lhe digo:

— Você está falando sério? Casar! Você quer se casar comigo, jura?

Ele solta uma gargalhada, em seguida limpa minhas lágrimas com o polegar, sorvi o ar... Dou um riso amarelo e baixo os meus olhos... Guilherme segura-me o queixo, meu olhar fixa ao seu, sorrindo ele articula as palavras mais lindas que uma mulher gostaria de ouvir da pessoa que ama com toda a força do seu ser.

— Lembra-se que eu te disse um dia que a marcaria como minha?

— Sim, me lembro. Então é isso? Você vai me marcar a ferro?

Espero a resposta com angústia. Alguns senhores que compraram submissas de dona Jandira, marcavam-na com ferro a brasa. Guilherme me analisa...

— Marcá-la a ferro? E se fosse isso, você concordaria?

Respondo sem piscar os olhos, amo tanto esse homem que faria qualquer coisa por ele.

— Sim, sei que seria uma dor insuportável, mas por você eu faria.

Sou puxada para um peito forte, onde escuto o som de batidas ritmadas de um coração, que só

pertence a mim...

— Jamais pediria isso a você, já vi mulheres serem marcadas a ferro em brasa e sei o quanto isso é traumático... Quando lhe disse que a marcaria como minha, estava referindo-me a dar-lhe o meu sobrenome, quer marca melhor que esta? Carregar meu sobrenome para o resto da vida, Maria Lúcia Gusmão... É desta forma que marcarei você.

Meu coração saltou em pulos de alegria, mesmo dolorida cerco o seu pescoço com os meus braços, puxando sua boca para a minha. Minha felicidade me devora a alma. Finalmente estou em casa, finalmente estou segura. Guilherme vendo meu arrebatamento sorri em minha boca, afasta-se um pouco de mim, sua testa recosta-se a minha, seus olhos me avaliam com atenção, fito-o com admiração. Que homem lindo! Lindo e só meu.

— Esse seu entusiasmo é um sim? Quer dizer que posso correr para o cartório e dar entrada nos papéis do nosso casamento?

Ao ouvir tais palavras entristeço-me, realmente felicidade de pobre dura pouco. Guilherme percebe minha tristeza e pergunta se disse algo errado. Respondo-lhe:

— Para você fazer isso, precisa dos meus documentos, não é? – Ele me diz que sim. — Infelizmente não tenho documentos. Meu RG é falso. Dona Jandira ficou com minha certidão de nascimento, ela precisava dela para manter-me presa.

— Luci, onde você foi registrada? – Ele pergunta em tom sério.

— Em Rezende. Você vai atrás de dona Jandira? Por favor, não faça isso, não quero nunca mais vê aquela mulher, deixe-a onde está. – Respondo.

— Luci, essa mulher precisa ser detida, ela não pode continuar aprisionando pessoas inocentes, mas não se preocupe, mandarei um dos advogados da empresa até Rezende com uma procuração assinada por você e ele pedirá a segunda via do seu registro civil, e assim que ele o tiver em mãos, providenciará todos os seus documentos, inclusive seu passaporte, agora quanto à dona Jandira farei uma denúncia anônima a polícia federal, pronto resolvido. – Com os olhos brilhando ele diz.

Agora me lembro do que o meu pai disse-me... *“Um dia minha filha você conhecerá um homem e este se apaixonará por você a protegerá e a levará para conhecer o mundo”* – não é que ele estava certo!

De fato durante muitos anos comi o pão que o diabo amassou, após tanto sofrimento não

imaginava que um dia poderia lembrar-me o que é felicidade, este sentimento só senti quando os meus pais estavam vivos. Deus não se esqueceu de mim...

Levo minhas mãos ao rosto e começo a chorar, soluços fazem meu corpo sacudir. Percebendo os meus tremores, Guilherme circula os braços em minha volta, envolvendo-me com cuidado, suas mãos acariciam meus braços e sua boca beija o alto da minha cabeça por diversas vezes.

— *Shh!* Acalma-se, minha pequena sereia. Estou com você e nunca mais em sua vida ficará sozinha, nem desprotegida. Agora serei sua sombra, seu defensor...

Ao escutar isso, ergo minha cabeça em direção ao seu olhar, e corto sua fala, argumentado:

— O meu anjo salvador...

Lentamente Guilherme aproxima sua boca da minha, fecho os olhos e sinto a ponta da sua língua percorrer os meus lábios, entreabro-os dando acesso a sua invasão, logo a carne macia encontra a minha. Foi um encontro explosivo e assim o beijo inocente transforma-se em algo avassalador, esqueço-me o quanto estou machucada e dolorida, meu desespero por este homem é maior que qualquer dor. Minhas mãos encontram a frente da sua calça e massageiam sua rigidez, escuto um som rouco saindo do fundo da garganta do meu homem, meus seios são acariciados com afinho, seus dedos encontram meus mamilos e eles são friccionados e puxados... *Deus do céu!* Quero muito este homem, preciso muito dos seus carinhos e dos seus gemidos. Meus lábios são mordidos, sugados, sua boca escorrega por meu queixo, desce por meu pescoço, chega à curva dos meus seios, arfo com força, sussurro o seu nome, puxo os seus cabelos, pressiono seu rosto entre meus seios, murmuro baixo, quase inaudível.

— Gui, Guilherme, eu preciso de você, faça amor comigo...

Sua boca faz o caminho acima até encontrar a minha, beija-me com desespero, suas mãos alcançam minha nuca e os seus dedos entrelaçam em meus cabelos. Ele afasta-se um pouco do meu rosto, rouco de tesão, diz:

— Não pense que não a quero, pois sua mão sabe o quanto a quero. — Ele olha em direção a minha mão, ela está massageando o seu espesso membro.

Sorri e continuo a massagem, fazendo assim Guilherme virar os olhos, soltando leve gemido de satisfação.

— Só que... *Hum!* — Continuo a massagem, provooco o meu homem, ele puxa o ar para os

pulmões, mas continua tentando me convencer. — Só que não posso, não sou louco em fazer amor com você assim machucada e dolorida como está. Temos todo o tempo do mundo para nos amarmos, Luci. Costumo cuidar muito bem do que é meu, e neste momento é o que farei...

Guilherme segura-me pelos braços, minhas mãos soltam sua rigidez. Sinto-me frustrada e rejeitada. Meu corpo é posto com cuidado sobre o colchão, ele percebe o quanto fiquei decepcionada, seus lábios tocam a ponta do meu nariz, seus olhos avaliam minha face e sorrindo levemente, ele fala:

— Meu amor, não seja impaciente. Olhe para você, mal consegue respirar. Se tocá-la assim como está, me sentirei um monstro.

Foi então que vi como os meus pulsos, braços e pernas estavam... Assustei-me. Se essas partes do meu corpo estavam assim, fico a imaginar como estão as outras. Imediatamente a vergonha bate em mim. Tenho certeza que estou ruborizada. Foi automático... Escondo os meus pulsos por baixo do lençol, encolhendo-me na cama. Guilherme percebe meu constrangimento e logo puxa o lençol.

— Não precisa esconder suas marcas de mim... Logo elas desaparecerão. Sim, as marcas físicas somem, e as mais difíceis e cruéis de desaparecer são as marcas da alma, mas farei o impossível para que não se lembre delas. Eu prometo meu amor e para começar você será acompanhada por um psicólogo.

Sinto vergonha. Sei bem o que ele quis dizer com tudo isso. Carrego dentro de mim, marcas profundas de longos anos. A vida não me sorriu com satisfação, ao contrário ela só me fez caretas e mostrou-me o quanto pode ser cruel. Só que agora, o fel que amargava em minha garganta, transformou-se em mel e o meu mundo negro ficou colorido. E como bálsamo, ganhei o homem mais carinhoso e amável. Sim, finalmente *Deus* olhou para mim. Agora o que tenho a fazer é jogar o meu medo fora, arrancar de dentro de mim essa insegurança que tenho a todo o momento, onde o Marcelo aparecerá a qualquer hora e me arrancará dos braços do Guilherme.

Meu amor deita-se ao meu lado, abraçando-me, suas mãos me acariciam com carinho e cuidado, tento vencer o meu cansaço, não quero adormecer, tenho medo que tudo isso seja um sonho e quando acordar esteja com o Marcelo, porém fui vencida por minhas dores e adormeci...

... *Solte-me... Solte-me, não, não... Não! A banheira não, por favor, Marcelo na banheira não, socorro, socorro! GUILHERME!*

Acordo aos gritos, logo uma porta é aberta com violência e um corpo duro e másculo me pega no

colo. Sou ninada com atenção.

— Estou aqui, meu amor, estou aqui... *Shh! Shh!* Desculpe-me por ter lhe deixado sozinha, fui preparar seu jantar. Não se preocupe, não sairei mais de perto de você. – Meu corpo treme e os meus soluços são altos.

O cheiro amadeirado do seu perfume inebria os meus sentidos, mergulho o rosto em seu peito e inalo o seu cheiro com força. Estou viva, sim, estou viva. Guilherme não me solta, ele me mantém firme em seu aperto, seu balanço acalma-me, como é bom isso, como é bom ser amada...

— Foi um pesadelo, minha pequena sereia. Só um pesadelo, eu lhe prometo que o Marcelo nunca mais vai sequer olhar você a distância...

Seus lábios beijam o alto da minha cabeça, aquele abraço é o meu calmante, aos poucos os meus espasmos se acalmam, minha respiração volta ao normal e o meu coração desacelera. Guilherme coloca minha cabeça em seu braço e os seus olhos avaliam o meu rosto. Ainda soluço, porém o meu choro acabou.

— Eu amo você com tanta força, Luci, e é este amor que me segura para que não faça uma besteira com o Marcelo. Mas minha vontade é fazer com ele o que ele fez a você... Por enquanto, eu só quero mantê-la segura e longe do seu campo de visão...

Sinceramente também não sei o que faria ao Marcelo, ainda tenho muito medo dele, não quero que ele exponha para cidade sobre o meu passado, nem quero que ele prejudique o Guilherme. Eu só quero que ele esqueça-me e se mantenha bem longe de mim. As próximas palavras do Guilherme fazem-me pensar que ele escutou os meus pensamentos.

— Luci, você quer ir embora daqui? Quer mudar para Salvador? Para mim não há problema em ir e voltar todos os dias. São apenas uma hora e quarenta minutos, posso muito bem fazer isso todos os dias... Você quer? Podemos mudar amanhã mesmo, se quiser. Reservo um hotel agora e depois alugamos uma casa ou um apartamento, quer?

*** **

A ideia de partir de Itaipava e ficar longe da visão do Marcelo é maravilhosa, mas não posso pensar unicamente em mim, não é justo para o Guilherme e para as meninas. Preciso controlar o meu medo, e com esta certeza, eu lhe digo.

— Não, não posso mudar a sua vida por causa do Marcelo, não seria justo com nenhum de nós, principalmente com as meninas.

— Tem certeza disto? Não há problema algum para mim, o que importa neste momento é a sua segurança e sua estabilidade emocional.

— Tenho certeza sim, a propósito onde as meninas estão?

Guilherme faz caras e bocas, ele me esconde algo...

— Não se zangue comigo, nem pense bobagens.

Já estava a ponto de levantar-me da cama e lhe dá umas boas tapas.

— Guilherme Gusmão, deixe de enrolação e despeje logo o verbo! Para onde você mandou as nossas filhas? Espero que não as tenha deixado com a Stella.

— Elas estão em São Paulo... Com a Malu.

A última frase ele sussurra.

— Você fez o quê! – Grito, furiosa. — Pois trate de trazê-las de volta imediatamente... E já.

— Luci, fique calma! Doutor Joaquim foi muito claro, você não pode ficar nervosa... Elas só voltarão quando você estiver recuperada. Não se preocupe, a Malu vai cuidar muito bem das nossas filhas e no estado em que me encontrava, eu não podia nem cuidar de mim, quanto mais de duas crianças, *porra*, Luci! Eu fiquei muito mal quando você terminou comigo.

— Desculpe-me, fui obrigada a lhe deixar...

Lembrar essa parte da nossa separação me machuca... Guilherme percebe minha melancolia.

— Ei, minha pequena sereia, já passou, tudo passou, já estamos juntos novamente e logo as meninas estarão de volta, certo?

— Certo, não quero nunca mais me separar de você. Prometa-me que nunca mais vai me deixar ir, mesmo que eu queira ir, me amarre me tranque dentro de casa, mas não me deixe ir, prometa-me, Gui, prometa-me.

— Nem sob tortura, minha pequena sereia, nem sob tortura...

*** **

Após o jantar, Luci adormeceu em meus braços. Tê-la em minha cama acalma meu coração, amanhã mesmo providenciarei o distanciamento definitivo do Marcelo de Itaipava, como também mandarei um dos advogados da empresa ir até Rezende providenciar o registro civil da Luci e assim dar entrada na documentação do nosso casamento. Deixei-a dormindo e fui tomar um banho, arrumei a cozinha e liguei para minhas princesas. Elas não paravam de brigar, pois as duas queriam falar ao mesmo tempo, perguntaram por Luci, mandaram mil beijos para ela. Avisei que assim que terminasse o meu compromisso, elas voltariam. Antes de desligar, conversei um pouco com a Malu, não contei sobre minha decisão de me casar com a Luci com tanta pressa, se contasse teria que ser explícito em minhas razões e esta conversa tem que ser com calma, desliguei o celular e fui trancar a casa. A porta da frente ainda estava quebrada, amanhã providenciaria o conserto, fecho a porta do quarto e deito-me ao lado do que é meu...

Amanheceu um lindo dia! Os pássaros estão em euforia, tenho certeza que eles sabem sobre o meu contentamento. Acordo o meu amor com beijos por todo o rosto e por último roubo sua boca com beijo devasso e faminto. Mesmo sabendo que não posso fazer amor, fico duro de tesão. Resisto ao meu desejo de amá-la...

— Bom dia, minha pequena sereia! Acorde, hoje o dia está especialmente lindo só para você. — Ela abre os olhos e sorri para mim.

Luci está muito machucada e vê-la nesse estado só aumenta minha vontade em acabar com o Marcelo, como gostaria de fazer o mesmo com ele, mas com uma diferença, a força seria muito maior que a dele.

— Vem, meu amor. Vou dar-lhe um banho bem gostoso. — Com muita dificuldade consigo fazê-la sentar. — Dói aqui? — Toco um pouco abaixo do seu olho esquerdo. Ela assentiu com a cabeça.

Luci faz careta de dor quando tento retirar sua camisola, ela mal consegue levantar os braços. Quando a deixo nua, os meus olhos enchem-se de lágrimas, há hematomas por todo o seu corpo, fico com tanta raiva que fecho minhas mãos com força, tentando assim manter o controle e não sair à caça

do Marcelo. Luci percebe minha ira ao vê-la nua.

— Cubra-me, Gui, não quero ver o seu olhar dolorido, cubra-me, por favor.

— Estou com raiva de quem lhe fez isso, não precisa ficar constrangida. Venha, coloque seu braço por volta do meu pescoço...

Coloquei-a em meus braços e fomos para o banheiro, aproveito para tomar banho também. Foi um banho rápido, Luci não consegue ficar de pé por muito tempo. Enxugo-a e visto sua camisola. Deixo-a na cama, troco-me e vou buscar o seu café. Fico com ela, enquanto ela alimenta-se, observo cada machucado e fico pensando em tudo que Luci passou nas mãos do Marcelo. Eu sei o que um sádico sexual gosta, eu sei do que eles são capazes, pois já fui um e tudo que ela viveu e sofreu, fiz o mesmo com outras mulheres... Só pode ser castigo, Deus está me devolvendo em dobro o que fiz as mulheres passarem, mesmo elas querendo e gostando de toda a dor e humilhação, mas depois das sessões eu sei o que elas sentem o vazio que fica dentro delas...

— Amor, amor... Guilherme! – Luci me traz de volta a vida real.

— Oi, meu amor, desculpe-me, fiquei perdido em meus pensamentos... – Luci inclina-se em minha direção e sua mão alcança o meu rosto.

Seguro sua pequena mão com carinho e levo-a a boca, beijando-a.

— Você me perdoa? Eu acho que sou responsável por todo o seu sofrimento, eu sinto isso... Durante anos fiz com outras mulheres tudo o que o Marcelo fez a você e agora estou sendo castigado... Perdoe-me, meu amor, se soubesse que os meus erros seriam direcionados para você... *Oh meu Deus!* Perdoe-me, Luci, perdoe-me...

Jogo-me em seu colo e choro compulsivamente. Meus soluços são altos, a culpa me corrói a alma.

— Gui, não foi sua culpa. Pare com isso! O que sofri está sendo aliviado com o seu amor, você é o meu bálsamo, você é o meu anjo salvador...

Ergo-me do seu colo e encontro sua boca, beijo-a lentamente, coloco naquele beijo todo o meu sentimento e cuidados que terei com ela. De hoje em diante, nunca mais em minha vida, segurarei em um chicote, nunca mais machucarei mulher alguma por prazer sádico. Hoje nasce um novo homem, um homem que só dará prazer com amor...

Luci adormece após o desjejum. Ligo meu notebook e vou direto para minha conta bancária e faço uma transferência entre contas, eu sei que perderei os juros do próximo mês, mas não tem problema, vai valer cada centavo. Depois ligo para dona Miriam e pergunto-lhe se ela pode ficar com a Luci enquanto vou até o *resort*. Explico-lhe o que aconteceu e conto-lhe sobre nós dois, ela me diz que já sabia que o Marcelo a maltratava, só não disse nada porque não sabia o que fazer e também já sabia que Luci e eu terminaríamos juntos, ela pressentiu isso. Enquanto espero ela chegar, ligo para minha secretária e pergunto sobre o Marcelo, ela me diz que ele chegou cedo, digo-lhe que já estou a caminho, pois tenho algumas mudanças a fazer.

Assim que dona Miriam, chega deixo as recomendações, os horários dos remédios da Luci e digo-lhe que não vou demorar... E quando ela acordar, diga-lhe que volto para o almoço.

Assim que chego ao *resort*, ligo para Recife. Estamos construindo um *resort* no litoral de Pernambuco, em Porto de Galinhas... Fiz as negociações e a transferência do Marcelo foi aceita imediatamente. Ele partiria hoje à noite. Mandeí reservar a passagem e o transporte do seu automóvel, mandei fazer a reserva do hotel imediatamente, ele não poderia dizer não, pois está no contrato. Nós podemos transferi-lo quando bem entendermos para qualquer filial do mundo. Assim que termino minha reunião com Recife, minha secretária entra em minha sala.

— Desculpe-me, senhor Gusmão, mas o senhor Marcelo está muito nervoso e quer falar com senhor imediatamente...

— Pode deixá-lo entrar, eu já ia pedir para chamá-lo... — Antes que ela retire-se, eu a chamo. — Ligue para Recife e faça os últimos acordos sobre a transferência do Marcelo. — Ela olha-me com espanto.

— Sim, senhor.

Marcelo entra em minha sala completamente transtornado, a aparência dele está horrível, parecia que tinha sido atropelado por uma carreta, o olho esquerdo roxo, os lábios partidos, um corte no supercílio, suas mãos estão machucadas e anda com certa dificuldade. Ele vem direto em minha mesa e joga um extrato bancário em minha frente.

— O que significa isso? Por acaso está querendo me subornar? Acha mesmo que aceitarei suborno?

Pego o pequeno papel e devolvo para ele, eu já sabia do que se tratava.

— Não é suborno, estou comprando a liberdade da Luci, não foi este valor que ela lhe custou? —

Ele olha-me com espanto. — Sim, eu já sei a verdade. Já sei sobre tudo, inclusive dos maus tratos que a Luci sofreu em suas mãos, e tenho provas cabíveis que poderão colocá-lo na cadeia por um bom tempo. Além de perder o seu emprego, perderá sua liberdade, então aceite o dinheiro, não quero que Luci lhe deva nada.

Continuo sentado, seguro uma caneta na mão e fico me distraíndo com ela, pois minha vontade é voar em seu pescoço e acabar com a raça dele ali mesmo, penso na Luci e em minhas filhas... Continuo.

— Foi bom você ter vindo até mim, assim poupa-me de mandar chamá-lo mais tarde... Você está dispensado por hoje... Não, não estou demitindo-lhe, você foi transferido para Pernambuco, será o novo engenheiro chefe do novo *resort* em Porto de Galinhas. Seus serviços por aqui não são mais necessários, os outros engenheiros podem continuar as obras, portanto você embarca hoje à noite e amanhã cedo, você já tem uma reunião com todos os engenheiros e os demais trabalhadores.

Levantei-me e o encaro nos olhos. Falo com firmeza, fazendo uma força descomunal para não lhe acertar as fuças.

— Boa sorte, Marcelo, e não se esqueça de que, mesmo em Pernambuco ainda sou o seu chefe, fique longe de Salvador, principalmente de Itaipava. Aproveite sua vida e esqueça a Luci, pois se você chegar a vinte metros dela, não responderei por mim. Estou lhe dando a mesma chance que me deram no passado, aproveite, porque se você tentar aproximação, eu lhe coloco na cadeia. Passe bem e pode ir arrumar as suas coisas, seu voo sai às dezoito e quinze. Boa viagem.

Deixei-o plantado em minha sala e fui para casa, cuidar da minha mulher.

*** **

Ligo para casa e certifico-me que está tudo bem com minha pequena sereia. Miriam diz que ela ainda dorme, ressaltei para não deixá-la se levantar em hipótese alguma, pois logo estarei em casa. Completo dizendo que já contratei um segurança para ficar na entrada da propriedade e se qualquer pessoa suspeita conseguir chegar até a casa, ela grite por socorro, porque o segurança já foi informado sobre tudo. Despeço-me da Miriam, agradeço sua ajuda. Desligo o aparelho e volto a discá-lo novamente.

— Alô! Você tem dez minutos para estar em sua casa, caso chegue lá e você não esteja, vou buscá-la pelos cabelos, espero que tenha entendido. – Desligo sem esperar a resposta.

Assim que paro o carro de frente para casa da Stella, ela já está a minha espera na porta da frente. Pego o meu notebook e desço, sigo em sua direção com cara de poucos amigos...

Antes mesmo de ela abrir a boca, a pego pelo braço sem nenhuma delicadeza e a arrasto para dentro de casa, meu pé escancara a porta. Stella grita no susto, a jogo no sofá com força...

— Lembra-se que te avisei, lembra-se, sua *porra*! Eu te disse que sou um homem perigoso. Você foi avisada, sua puta dos infernos.

Meus gritos podiam ser escutados no armazém da esquina. Stella tenta articular palavra, mas a mando calar a boca.

— Calada, sua ordinária, e se pensa que vim aqui foder você, perca as suas esperanças, não tenho tesão por cobras, sabe o que faço com cobras? Quer saber? Esmago suas cabeças com os pés... O que pensou quando contou ao Marcelo sobre mim e Luci? Achava que íamos nos separar, ou que não iria descobrir que foi você quem contou tudo? Avisei a você para ficar longe da Luci... Não avisei?

Stella levanta-se enfurecida, os seus olhos flamejavam ódio, ela parte para cima, vocifera a todo pulmão.

— Fui eu sim, fui eu mesmo, seu idiota! Você acha mesmo que ficaria assistindo a Luci tomar o que é meu, sair desfilando para cima e para baixo como a *senhora Gusmão*. Eu o vi primeiro, ela já tem o Marcelo... E quer saber? Eu espero que ele tenha feito picadinho dela, porque ela não passa de uma puta interesseira, uma mulher casada que dá em cima do homem das outras. Farei a caveira dela

em toda cidade, direi para todas as mães tomarem cuidado com ela, pois a aquela anjinha é uma ladra do homem alheio...

Não conto conversa, enfiei a mão na cara dela. Stella cai sentada no sofá, mas não se intimida, voa em minha direção, o sangue escorre por seus lábios, e com uma força descomunal ela me chuta a perna, a seguro pelos punhos.

— Não vou entrar em seu jogo, Stella. Já lhe disse não vim fodê-la, a tapa que lhe dei é para lembra-la que a Luci tem um protetor e esse protetor sou eu. Esqueça-me, esqueça minha Luci.

Empurrei-a novamente para o sofá, ela volta a enfrentar-me, cospe raiva e rancor...

— Você acha mesmo que aquela insossa da Luci é mulher para você, acho que nem foder ela sabe. Eu sei do que você gosta. Vejo o brilho dos seus olhos quando me domina, quando usa a força em mim. Ela nunca se submeterá a você, eu sim aceito tudo que quiser, qualquer coisa que quiser fazer comigo...

Antes mesmo que ela termine a frase, a seguro pelos os cabelos e a arrasto para o quarto, jogo-a a cama.

— Fique aí! – Esbravejo.

Volto à sala e pego o meu notebook. Caminho a passos largos para o quarto e sento-me ao seu lado, ligo o aparelho, entro em uma *homepage* uma tela abre-se com letras em vermelho e com várias imagens de algemas, chicotes, mordças e tudo o que é usado para tortura, uma senha é pedida, digito-a... Abrem-se várias caixas de diálogos com números.

— Está pronta para ser minha submissa? É isso que você quer, quer se submeter a mim? Então vou mostrar-lhe o mundo em que vai pertencer a partir do momento que aceitar todas as minhas condições.

Cliquei em uma das janelas, ela abriu e pediu uma senha digitei.

Logo acima do *slogan* da irmandade está escrito ao vivo. Stella presta atenção em cada detalhe, uma câmera começa a caminhar por todo o ambiente.

— Deus do céu! O que é isso? – Stella fala com voz de assombro.

Ela refere-se a uma *dominatrix*, vestida a caráter e ao seu lado rasteja-se o seu submisso que é puxado por uma corrente presa a uma coleira. Ele está completamente nu, em seu ânus a um *plug* de

rabo de cachorro, seu órgão sexual está com uma capa peniana e o seu rosto está com uma máscara silenciadora, vez ou outra ela o chicoteia para que se apresse. Acesso outra câmera e nela está um submisso sendo penetrado em seu ânus por sua *dominatrix*, ele está amarrado a um cavalete e a cada estocada é chicoteado com uma chibata em suas costas. Vou para outra sala, e lá está uma submissa sendo compartilhada por todos os convidados, ela está sendo preenchida em todos os seus buracos por vários senhores e outros a bolinam onde podem. A moça está deitada sobre uma mesa, suas pernas estão suspensas para o alto e amarradas, seus braços também estão amarrados acima da sua cabeça, completamente nua e dominada. Clico em uma sala onde está escrito restrito, uma nova senha é digitada, várias abas são abertas escolho sadomasoquismo...

Nesta sala há uma submissa amarrada a uma cruz de Santo André completamente nua, o seu ânus foi violado por um bastão vibrador preso ao chão e o seu carrasco a chicoteia, os vergões do chicote são visíveis e alguns já estão sangrando, chega um momento que ela grita “saudades”, o homem para a tortura e outro homem desliga o bastão. A moça está ofegante e chora compulsivamente, eles a soltam ela mal consegue ficar de pé, o seu dono surge e a segura em seus braços ele a beija com paixão, cobre-a com um lençol e ambos desaparecem. Sigo para outra sala e nesta a uma moça deitada sobre uma mesa com as pernas esparramadas os seus gemidos são audíveis, seu corpo e suas dobras estão cobertos por pregadores, um homem encosta um aparelho em seus seios e vai tocando em sua barriga, vagina, coxas. Stella me pergunta o que ele está fazendo, eu lhe respondo que ela está levando choques...

— Desligue isso, desligue isso, por favor, não quero mais ver e nem ouvir nada disto, chega, Guilherme! Se você queria me assustar, você conseguiu...

Stella arrasta-se para a cabaceira da cama, abraça os joelhos, escondendo o rosto entre eles. Começa a chorar o seu corpo fica trêmulo, fico até com pena, ela conheceu o meu mundo de uma forma grotesca. Deixo-a chorar o seu medo e a sua decepção.

— Ainda quer ser minha submissa? Ainda quer pertencer a mim, eu disse a você, que submissão, nem sempre é sexo, o sexo é o último recurso...

Subo a cama e engatinho até ela, seguro por seus cabelos e os puxo com força fazendo-a me fitar.

— Quer ser minha cadelinha e ficar o dia inteiro com um *plug* anal enfiado no rabo, nua, com uma coleira no pescoço comendo em tigelas caninas e dormindo em uma casinha de cachorro? Quer?

— Vá embora seu doente, vá embora! Suma da minha frente! Faça a Luci de sua cadela! Saia da minha casa, seu doente! SAIA! – Ela cospe em meu rosto.

— Irei com o maior prazer, mas antes tenho um aviso... Chegue perto da Luci novamente e não respondo por mim, esqueça-me e a esqueça... Outra coisa, se por acaso mudar de ideia em relação à submissão, eu tenho um ótimo senhor para você... Já que você tem o numero do celular do Marcelo, liga para ele e ofereça-se como submissa, garanto que vocês dois formarão um ótimo casal sado.

Desligo meu notebook, fecho-o e vou embora, o meu recado foi dado, avisei a Stella para não se meter com o que é meu. Fui até benevolente, deveria ter lhe dado umas tapas mais fortes. Só sei que ela pensará duas vezes antes de tentar fazer qualquer mal a Luci.

*** *** ***

Vinte e cinco dias se passaram, as marcas do corpo da Luci já não são tão aparentes, o seu rosto já está refeito, só os pulsos, tornozelos e alguns hematomas próximos às costelas e nas costas ainda estão meio esverdeados. Doutor Joaquim disse-me que é assim mesmo e logo elas sumirão. Agora as marcas da alma essas não desaparecerão tão cedo, talvez nunca desapareçam. Concordo com ele, Luci sofreu muito e os maus tratos em seu corpo deixaram sequelas vivas em sua mente, ninguém esquece humilhações iguais a que ela sofreu assim da noite para o dia. Ele me pediu paciência, disse-me que ela ainda sente medo de ser tocada e se isto acontecer na hora da nossa intimidade pediu para não insistir, pois isso logo irá passar. Na verdade, às vezes quando tento tocá-la no rosto, ela o afasta rapidamente, mas depois permite o meu toque. Contratei os serviços de uma psicóloga indicada por Joaquim e ela vem três vezes na semana em nossa casa, graças a Deus a Luci está bem melhor.

Os proclamas do nosso casamento já saíram no diário oficial, e dentro de quinze dias serei um homem casado novamente. Por este motivo, neste momento, estou no aeroporto de Salvador para esperar minhas duas princesas, contei as duas sobre o casamento e me disseram que já sabiam que estava caidinho pela Luci, a Malu ficou muito feliz com a notícia e disse que já se sentia íntima da Luci de tanto as meninas falarem nela. Chamei-a para a cerimônia de casamento, mas ela disse que não poderia vir, pois o pai do Alek está doente e eles não querem deixá-lo sozinho. Eu entendi a situação, não faltará oportunidade para a Luci conhecer a Malu. Meus filhos, o Caio e a Clara estão vindo, esses não podem faltar.

O voo das meninas foi anunciado, fico na expectativa de ver minhas anjinhas loirinhas, meu pescoço não para de fazer movimentos para cima e para os lados à procura dos meus dois amores, logo escuto a voz da Luiza.

— Papai, papai!

A Joana segue a irmã e as duas gritam juntas.

— Papai, aqui!

Corro em suas direções, a aeromoça espera minha identificação e logo meu anjos são liberados para mim, coloco as duas nos braços e ficamos rodopiando feitos loucos em pleno saguão de desembarque. Joana estica o pescoço a procura de algo.

— Onde está nossa mamãe, papai? Cadê ela?

— É, papai, cadê nossa mamãe, estamos roxas de saudades dela?

Luiza fala já fazendo um bico de zanga.

— Se acalmem, meninas, a mãe de vocês ficou em casa descansando e hoje temos uma tarefa muito difícil e muito importante, mas a Luci não pode nem sonhar em saber.

— Papai! – Luiza fala seriamente. — O senhor não vai fazer besteira, olha lá, não quero perder a mamãe.

Joana puxa o meu queixo para que preste atenção ao que ela vai dizer.

— Fala sério, papai, o senhor vai aprontar e quer nos meter em fria, é isso? Se for isso, trate de nos levar para perto da nossa mamãe.

— Joana e Luiza, o adulto aqui sou eu! Quieta as duas! Vamos pegar suas bagagens. Ora essa! Onde já se viu um pai levar pito dos filhos...

Pego as malas das minhas duas travessas filhas e vamos para o carro.

— Estou com fome, papai, podemos parar para comer? – Joana indaga e faz um gesto com as mãozinhas passando-as na barriga.

— Eu também. – Rebate Luiza.

Paramos no *Burgue King* defronte ao *Hiper Bompreço*, na av. ACM. Luiza pediu um *Steak Burger Duplo* a Joana pediu um *Whopper*, fui no embalo e pedi um *Cheeseburger Duplo com Bacon*, todos acompanhados com *Batata Suprema*.

— Vamos levar um para Luci, ela vai adorar comer porcaria, já que lá em Itaipava não tem porcaria...

— Fala baixo, sua anta! — Luiza ralha com a irmã. — Você quer que nos coloquem para fora daqui...

— Ei! Parem as duas, vão começar com as brigas... — Digo com seriedade na voz. — Joana pode escolher para Luci, agora escolha algo leve, ok?

— Ok! Papai. Humm! Que tal um *Chicken Crisp*.

— Eu peço a sobremesa. — Grita Luiza.

Fizemos os pedidos, comemos e enquanto minhas oncinhas traçavam as sobremesas digo-lhes o que vamos fazer.

— Meninas... Quando sairmos daqui, vamos pegar o vestido de noiva da Luci e os vestidos de vocês duas, mas prestem atenção, ela não pode saber de nada, pois é uma surpresa, ela pensa que só vai se casar no civil, nem imagina a surpresa que preparei para ela. Vocês prometem manter o bico calado?

Elas começaram a gritar de felicidade, todas as pessoas viraram-se para nossa direção. Quase morro de vergonha. Pego as duas pelas mãos e vamos embora. Na saída pedi desculpas pela bagunça.

E lá vamos nós escolhermos um belo vestido de noiva para minha pequena sereia.

Como sempre Joana e Maria Luiza brigaram e desta vez foi por causa do vestido de noiva da Luci. Eu e minha ideia de pedir a ajuda a duas crianças! Joana queria um vestido de fada e Maria Luiza, um vestido de princesa, nem se importaram com os próprios vestidos. O barulho foi tão grande que a dona da loja precisou intervir, pois o gostosão aqui não conseguiu domar as duas ferinhas. Uma mulher muito elegante e simpática veio ao meu socorro, levou as meninas até o seu *atelier*, ficaram por lá uns quinze minutos, já estava tão nervoso que quase invado a loja da mulher, quando dei o primeiro passo em direção a porta, Joana saí em disparada gritando a todo pulmão.

— O vestido da mamãe é da princesa das fadas, papai! É tão... Tão lindo que vou pedir a ela para guardá-lo para quando eu for me casar... — Ela para um pouco para respirar. — O meu é rosa e o da Luiza é vermelho, não me pergunte o porquê ela cismou com o vestido... Ah! Ganhamos asas, nossos vestidos têm asas, não é *supimpa*, papai?

Não sei se choro ou se grito. Fico estarrecido com tanta informação e tanta convicção. Olho para os lados desesperado, alguém precisava me ajudar, afinal é um casamento ou um baile à fantasia...

De repente Joana grita eufórica.

— Ah não! Eu também quero vestir o meu! Pode parar, rainha das fadas, eu quero provar o meu...

Quando me viro para onde a Joana está gritando, não consigo acreditar no que os meus olhos veem. Luiza está vestida em um vestido tão lindo! O vermelho não é intenso a saia eu não sei o nome do tecido, mas se parece o tecido de um mosqueteiro de bebê, e todo salpicado com pedrinhas brilhante, nas costas ela carregava duas pequenas asas e uma aureola de flores brancas na cabeça, fico com vontade de chorar, minha filha estava mesmo se parecendo uma fadinha. Joana corre com a outra moça, dizendo que vai vestir o dela.

— Desculpe-me, mas suas filhas sabem convencer uma pessoa. Não consegui resistir aos apelos de dois anjos tão encantadores. — A dona do *atelier* aproxima-se e estende a mão. — Desculpe os maus modos, meu nome é Luma, sou a estilista e dona da loja.

Aceito o cumprimento, não consigo parar de sorrir, minha emoção acelera o meu coração. Assim que solto a mão da Luma, Joana vem correndo com o seu lindo vestido rosa, ela começa a fazer uma coreografia, dá pulinhos para o alto com se estivesse voando, os vestidos são iguais, só as cores são diferentes.

— Olha, papai, somos fadas de verdade e a mamãe é a princesa das fadas... — Joana fala eufórica, correndo em volta do meu corpo junto com a Luiza.

Luiza vem até mim, segura o meu queixo com suas pequenas mãozinhas e pergunta:

— Quer ver o vestido da mamãe? Ele é branco, quase igual ao nosso, só não tem asas, mas tem um véu cheio de flores, ele é muito lindo, papai.

— É sim, papai. — Joana vem até mim, muito ofegante, ela afirma o que a Luiza diz. — Papai, o senhor precisa se vestir de príncipe, sabia? Escolhemos sua roupa também...

Agora lascou-se, só falta o cavalo branco, pensei. E este pensamento fez-me rir.

— Bem, meus amores, eu não posso ver o vestido da mamãe, porque dá azar o noivo ver a noiva antes do casamento...

— Mas mamãe não está aqui, isso quer dizer que o senhor pode ver sim...

Joana corre para o outro cômodo e volta com uma caixa enorme, quase ela não consegue carregá-la.

— Aqui, papai, este é o vestido da mamãe, ele não é lindo!

Quase chore quando vejo o vestido, começo a imaginar minha pequena sereia vestida nele. O tecido é muito delicado, e todo o vestido é coberto por pequenas flores brancas, há uma tela transparente fazendo às vezes das mangas e são forradas por flores iguais as do vestido.

— É sim, é muito lindo.

Fico emocionado, não consigo segurar a lágrima e ela desce por meu rosto, Luiza e Joana percebem e juntas me abraçam.

— Chora não, papai, chora não! – Elas dizem sussurrando.

O traje escolhido para mim foi aprovado. Graças a Deus não é roupa de príncipe! Elas escolheram um terno claro e simples, mas muito bonito e com um excelente caimento. Foi acrescentado, buquê, grinalda e outras coisas, paguei por tudo e antes de irmos embora passei na joalheria para pegar as alianças. Estou exausto, as meninas caíram no sono no banco de trás do carro, coloquei uma música para relaxar, aumento o ar condicionado, pois está um calor infernal. Sigo tranquilo na estrada, já estou quase perto de Itaipava quando o meu celular toca, é o número da Luci, minha pequena sereia está com saudade de mim, atendo cheio de entusiasmo.

— Saudade do seu homem, minha tesuda?

— Senhor Guilherme, é a Miriam.

Quase bato o carro, meu Deus o que a pobre da mulher vai pensar.

— Aí meu Deus! Desculpe-me, dona Miriam, pensei ser a Luci... – Ela não me deixa completar a frase.

— Senhor Guilherme volte logo para Itaipava, dona Luci passou mal, estamos no hospital, ela desmaiou e até agora não recobrou os sentidos...

Desligo o celular imediatamente e piso no acelerador. Corro feito um desesperado, se algo acontecer com a minha mulher, minha vida acaba...

*** **

Não sei quantos minutos levei da estrada até o hospital de Itaipava, na verdade não é bem um hospital é um grande posto médico, o hospital está sendo construído por nossa empresa, afinal um *resort* desta estrutura, que vai receber pessoas do mundo inteiro, precisa está bem preparado e a saúde dos hospedes está acima de tudo. Pego as meninas e as ajudo descer do veículo, aviso que Luci sentiu-se mal e precisou vir ao médico, mas que não devia ser nada. Avisto logo dona Miriam na entrada do posto médico, e quando ela me vê, corre em minha direção, as meninas jogam-se em seus braços.

— Meus amores, que saudades de vocês! – Elas dizem a mesma coisa. Dona Miriam olha-me com certa apreensão. — Doutor Joaquim que falar com o senhor, dona Luci ainda não acordou. Ele está esperando pelo senhor no consultório dele. Pode ir, eu fico com as meninas.

Beijo minhas filhas e corro para dentro do posto médico. Logo na entrada pergunto onde é o consultório do Joaquim, sigo a indicação. Bato na porta, recebo um aviso que posso entrar. Assim que entro, Joaquim olha-me por cima dos óculos, levanta-se e oferece-me a mão para cumprimentá-lo, cumprimentamo-nos, ele me indica a cadeira, estou tão nervoso que prefiro ficar de pé.

— É melhor sentar-se, Guilherme. – Ele diz em tom sério, pronto meu mundo acabou.

— Pare de enrolação, Joaquim, o que a Luci tem? É grave?

— Sente-se homem, olhe o seu tamanho e olhe o meu, sinto-me agoniado só de olhar para você. – Sentei-me.

— Preciso que seja sincero comigo e responda minhas perguntas sem argumentações. Ok?

— Tá, tá, seja logo direto, para de me enrolar e despeja logo essa *porra* em minha cara.

— Há quanto tempo você e Luci têm intimidade, ou seja, fazem sexo?

— Mas que *porra* de pergunta é esta, Joaquim?

— Responda, Guilherme!

— Sexo de verdade, há um mês ou menos... Não sei ao certo, no entanto somos íntimos a mais tempo, por quê? Ela está com algum problema é isso?

Joaquim puxa o ar para o pulmão, olha-me com seriedade.

— Luci está grávida de mais ou menos seis semanas... — Ele levanta-se dá a volta à mesa e recosta-se nela, me segura o ombro e completa. — E pelo o que você acabou de me dizer, é impossível que esse filho seja seu, o filho é do ex-marido dela.

Completamente atordoado, tentando manter a minha calma, ergo os meus olhos para a face do Joaquim e pergunto:

— Ela já sabe?

— Não, ela ainda está desacordada. Você sabe o que vai fazer? Luci está muito frágil e vai precisar do seu apoio. Mesmo o filho sendo do Marcelo, ela é a mãe desta criança...

Interrompo o Joaquim no meio da fala.

— Esse filho é nosso, meu e dela. Quem quiser que diga o contrário. Quero ver minha mulher, onde ela está?

Joaquim me levou até a Luci, ela já está acordada, nossa! Minha pequena sereia está tão pálida, quando os nossos olhares se encontram ela abre um lindo sorriso e estende os braços para mim. Corro até ela e a pego com todo cuidado em meus braços, beijo todo o seu rosto e por último os seus lábios.

— Perdoe-me, meu amor, por ter lhe dado este susto. Eu não sei o que aconteceu, fui fazer um bolo de chocolate para você e as meninas, quando tudo ficou turvo e girando, depois não vi mais nada... Eu sei que você me proibiu de chegar perto do fogão, mas não resisti a vontade de comer um bolo quentinho de chocolate. Já faz um tempão que estou com vontade de comer um, você me perdoa?

— *Shh!* Cale-se, só a perdoo se me prometer que a partir de hoje você vai fazer tudo o que eu mandar. E a primeira ordem é ficar bem longe da cozinha, aceita?

Ela ri.

— Aceito. E o que eu tenho? Você sabe?

Agora é que são elas, como direi isso a ela, como vou dizer-lhe que ela espera um filho do Marcelo. Bem, fui na sorte e disse-lhe do meu jeito.

— Estamos grávidos, você será mamãe e eu serei papai.

Luci olha-me com espanto, ela fica muda por um bom tempo e com uma voz quase inaudível ela diz:

— Mas, Guilherme, e dá para saber assim tão pequenino? Por que não devo nem ter um mês de grávida... Com quanto tempo estou de gravidez?

Não posso enganá-la, preciso ser sincero.

— Quase seis semanas. — Luci fica pasmada, deita-se de vez aos travesseiros, levando as mãos ao rosto e começou a chorar, entre soluços replica.

— Este filho é do Marcelo, não é seu, é dele, *oh meu Deus!* O que vou fazer? Eu entenderei, se não me quiser mais, só não o deixe saber que carrego um filho dele. Ele vai me obrigar a voltar, prefiro morrer a voltar para aquele homem horrível...

— Ei, ei... Meu amor, pare, pare pelo amor de Deus! — Puxei-a para mim e a beijo com força, ela precisa saber o quanto a quero, minha mão vai até o seu ventre e o acaricio. — Este bebê é nosso, meu e seu, entendeu? Nosso filho e o irmão ou irmã das nossas filhas. Acabou a discussão, estamos entendidos?

Inclinei minha cabeça até o seu ventre e começo a beijá-lo repetidamente, nesse momento dois furacões loiros entram no quarto, sobem a cama e a abraçam com alegria.

— Mamãe, você está com dor na barriga? Quando ficamos com dor na barriga, papai beija e diz que o seu beijo faz milagres, é por isso que ele está beijando a sua?

Não consigo segurar o riso, e solto uma gargalhada sonora.

— Não minhas espoletas, a mamãe de vocês não está com dor na barriga...

Luci me corta a fala.

— Ele está só me fazendo carinho...

— Estou beijando o seu irmãozinho ou irmãzinha. — Fito-a e pisco-lhe o olho.

Joana e Maria Luiza abraçam a Luci com entusiasmo desvairado. Quase tenho uma síncope quando vejo as duas por cima da sua barriga, retiro-as quase a força. Elas falavam ao mesmo tempo, que seriam as suas babás, que trocariam as fraldas, dariam banho a mamadeira, trocariam as roupinhas.

— Papai, nós podemos beijar o bebê também, por favor, deixa vai.

Precisei concordar, pois corria o risco de ser execrado, se dissesse não.

A barriga de Luci recebeu tantos beijos e carinhos que fiquei com ciúmes...

Luci recebeu alta e antes de sairmos do posto médico, Joana me pediu para passar na capela, fomos todos para lá, fico curioso não faço ideia da intenção da minha pequena filha. Ela solta minha mão e vai até o altar, olha para trás chamando a irmã. As duas juntam as mãozinhas e fazem um agradecimento em voz alta. *“Senhor Deus, obrigada! Eu pedi uma mamãe e o senhor me deu uma mamãe e um irmãozinho. O Senhor é muito legal, beijo e tchau.”*

Elas viram-se e caminham de mãos dadas em nossa direção. Luci, que está abraçada a mim, esconde o rosto em meu peito, disfarçando o choro. E bem baixinho ela diz: “Eu não mereço isso, é muita felicidade e muito amor. Obrigada, Guilherme, por me dar uma família tão linda.”.

*** **

Alguns dias Depois

— Alô! A gêmea número um falando, a irmã mais velha.

— *Como vai, minha linda Luiza? Continua tirando proveito por ter nascido primeiro, aposto que você acabou de brigar com sua irmã e ela está bem pertinho de você neste momento, hein!*

— Tia Malu! Não estou tirando proveito de nada, a Joana é uma chata, ela acha que é a dona da mamãe. O papai nos mandou cuidar da mamãe, e só ela quer cuidar, eu sou a irmã mais velha, sou eu quem manda... Estou mentindo, tia Malu?

— *Luiza, meu anjo, não é assim, as duas cuidam, enquanto uma busca a água, a outra busca o pão, entendeu? É assim que se partilham tarefas, onde está a Joana? Deixe-me falar com ela.*

— Alô, titia Malu, eu não sou chata coisa nenhuma, eu vi a mamãe primeiro, portanto ela é mais minha do que da Luiza... Ai! Para Luiza isso doeu, vou meter a mão na sua cara sua, sua...

— *Joana, quem está com vocês duas, cadê a Luci? Joana!*

— A mamãe está no quarto, ela está sentindo aquelas coisas de grávida. O papai não quer que ela saia da cama, dona Miriam está com ela. Pare Luiza...

— *Joana, leve o telefone até a Miriam, por favor.*

— Tia Malu, não fala para a Luci que nós estamos brigando, não... Papai disse que ela não pode ficar nervosa por causa do nosso irmãozinho, por favor, tia Malu não conte...

— *Se me promover que as duas não vão brigar mais, eu não conto.*

— Prometemos...! Não é Luiza? Ela disse que sim.

— *Então eu não conto, agora leva o telefone para a Mirian. Joana, amo você e diga a sua irmã que também a amo.*

*** *** ***

Joana entra em meu quarto feito um foguete com o telefone a mão gritando.

— Dona Miriam, dona Miriam, minha tia Malu quer falar com a senhora.

Joana olha-me, entrega o aparelho a Miriam e corre em minha direção, *Deus do céu!* Ela parece

um carro desgovernado, joga-se por cima de mim, beijando minha barriga sem intervalo e dizendo com voz engraçada... “*sua imanzinha adola ocê nenezinho nindo*”, depois desce da cama e corre de volta para sala. Começo a rir das doideiras da Joana.

Miriam fica alguns minutos com o aparelho ao ouvido, depois o entrega a mim e sai do quarto. Antes ela me diz que a Malu quer falar comigo... *Ai meu Deus* e agora, o que eu digo para a idolatrada Malu!

— Alô! – Faço uma pausa para tomar coragem e continuar. — É a Luci quem fala.

— Oi, Luci, como você está? Muitos enjoos e sonolência? Algumas mulheres só sentem incômodo nos três primeiros meses, depois tudo volta ao normal. Espero que sua gravidez não seja igual as minhas, sofri até os bebês nascerem, minha última gravidez me deixou lesada. O coitado do Alek quase tem o bebê em meu lugar, é sofrido, mas ao mesmo tempo é maravilhoso, quando ele começar a mexer dentro de você se sentirá no céu, é muito gratificante... *Ai meu Deus!* Danei a falar, desculpe-me.

— Tudo bem, dona Malu, estou muito enjoada, nada que como fica por muito tempo em meu estômago, até a água me enjoa, fora que me sinto mal o tempo todo, não consigo dar dois passos que desmaio. Guilherme não me deixa nem ir ao banheiro sozinha, as meninas viraram minha sombra... Fico triste por está fazendo todo mundo ficar tão preocupado comigo.

— Em primeiro lugar, não me chame de dona... Só Malu. Luci, gravidez é assim mesmo, já lhe disse que é diferente em algumas mulheres. Vamos pedir a Deus que passe logo esses sintomas, mas você está muito bem cuidada, Guilherme é um excelente pai e por experiência própria, ele cuidará muito bem de você... Desculpe-me falar assim, não fique com ciúmes. Guilherme te ama muito, o amor que ele nutria por mim acabou, o coração dele pertence a você, quero que saiba que desejo a vocês dois, toda a felicidade do mundo. Estou muito feliz pelo Guilherme, ele finalmente se encontrou e conheceu o verdadeiro amor, ele vai cuidar de você como nunca cuidou de mulher alguma, cuide dele também e das minhas sobrinhas e do meu novo sobrinho. Infelizmente não vou poder ir ao seu casamento, por isso estou ligando, eu e o Alek desejamos toda a felicidade do mundo a vocês, que Deus abençoe esta união. Mandamos nosso presente via SEDEX, já deve está chegando, prometa-me que vai me enviar as fotos do casamento, promete?

Bem que o Guilherme me disse que a Malu é uma mulher surpreendente, fico com vergonha por ter tido ciúmes dela e até um pouco de despeito, engulo meu orgulho idiota e articulo.

— Malu, muito obrigada por seu carinho, tenho certeza que haverá outra oportunidade de nos

conhecermos pessoalmente, não se preocupe cuidarei bem de todos os seus sobrinhos e do Guilherme.

— Se você precisar de qualquer coisa não hesite em pedir, estou aqui a sua disposição. Se houver necessidade, vou até aí ficar com você por uns tempos. Eu sei que minhas sobrinhas não são fáceis, e se precisar de ajuda com elas pode me ligar a hora que for, entendeu, Luci?

— Entendi, Malu, mas não se preocupe está tudo sob controle. Eu e o Guilherme damos conta das duas ferinhas, mesmo assim muito obrigada.

— Por nada, Luci, meus filhos já estão a caminho, se eu não me engano a Clara, eu sei que chegará amanhã, o Caio, ou será amanhã ou depois, você vai amá-los. Luci, seja feliz, um beijo em seu coração, diga ao Guilherme que o amo... Com todo o respeito viu, Luci? – Malu solta uma sonora gargalhada, também ri do jeito que ela se justificou.

Despedimos e ela desligou. Acho que ganhei uma nova amiga, gostei muito da Malu, ela é uma mulher realmente maravilhosa, que bom que as coisas se esclareceram, pois ficava com ciúmes toda vez que o nome dela era mencionado nesta casa. Agora tudo estava em seu devido lugar, em breve meu nome seria senhora Gusmão, meu maravilhoso marido me marcaria como prometeu.

Gostaria muito que os meus pais estivessem aqui, para me ver casada ao lado de um homem que me ama e me respeita, não só como mulher, mas também como ser humano, não me trata como um pedaço de carne suculento. Pensar em meus pais, leva-me remotamente a minha antiga vida isso me entristecia, afastei imediatamente este pensamento, meus olhos vão direto para o meu ventre o acaricio lentamente.

“Meu bebê você foi presenteado com o pai mais maravilhoso do mundo, um dia eu disse que se tivesse um filho, gostaria que o pai fosse o Guilherme, e será. Bebê, você não sabe a sorte que tem.”

Alguém bate a porta. Mando entrar.

— Dona Luci, as meninas estão se pegando na cozinha, elas cismaram que querem fazer o seu lanche e só uma pode fazer, já sabe o que está acontecendo? Tentei de tudo para apaziguar, mas só a senhora para acalmar as feras.

Fiz uma careta e sorri logo em seguida. Realmente eu não estava nada bem, mas o carinho e o aconchego deste lar me inflamam a alma. Encho o peito de ar e levanto-me.

— Vamos lá, Miriam, vamos jogar água no brinquedo das pirralhas.

Sáímos rindo em direção à cozinha...

*** **

Caio e Clara chegaram ontem à tarde, e trouxeram na bagagem muito amor e alegria. Meus netos estão enormes, Fernando é o menorzinho, mais não deixa de ser menos traquino que os demais, já a filha do Caio, a Eduarda é uma princesa, uma menina doce e muito tranquila, ela é um pouco mais velha que Joana e Maria Luiza e digamos é o inverso das tias, pois o que minhas duas filhas tem de danadas, ela tem de calma. Vitória, a esposa do Caio, como sempre muito educada e amorosa, sempre nos demos muito bem, não nego, não desejaria mulher melhor para o meu filho.

Quanto a Fernanda... Bem, hoje posso dizer que nos aceitamos, nossas diferenças ficaram no passado, e o fato de ter uma nora ao invés de um genro não me incomoda mais, o importante para mim é a felicidade da Clara, e não tenho dúvida alguma a Fernanda faz minha filha feliz, portanto tenho muito orgulho da minha nora, a mulher da minha filha. Minha casa está cheia, a mesa nos horários das refeições é alegria pura, todos conversando ao mesmo tempo, Luiza implicando com a Joana, a Clara chamando a atenção das duas, o Fernando me chamando de vovô, a Eduarda exigindo de mim a mesma atenção... Caio me enchendo de orgulho, pois assumirá a direção de uma grande clínica médica em São Paulo, a Clarinha e Fernanda abriram mais uma filial da sua empresa em Los Angeles, formando assim quatro filiais. Só tenho a agradecer a Deus, embora tenha sido uma pessoa prepotente, o perdão foi concedido e hoje estou recebendo os frutos do meu arrependimento, minha família está unida e feliz.

Como era de se esperar, todos ficaram perdidamente apaixonados por minha pequena sereia. Luci tornou-se o centro das atenções. Caio era só alegria e a Clara a chama *mamis*, já que ela chama o Alek, de *pappi*. Minha neta disse que não a chamará de avó, pois ela não se parece com uma avó e optou chamá-la de *Tita*, o Fernando acolheu o apelido carinhoso.

Os enjoos e os desmaios da minha Luci continuam e cada vez mais intensos, se eu pudesse ficaria em seu lugar, só para poupá-la, e por causa disto o nosso casamento será pela tarde, às dezessete horas. Escolhemos este horário por causa do calor intenso que faz em Itaipava, a Luci pensa que será uma simples reunião aqui em casa e só os nossos filhos, a Miriam, o juiz e o Padre estarão presentes, ela não sabe a grande surpresa que preparei para ela...

O casamento

— Vamos, Luci, o senhor Guilherme pediu para levá-la para minha casa. — Fitei a Miriam com um olhar interrogativo. — Não me olhe assim, estou apenas cumprindo ordens.

Algo mim diz que estão escondendo algo, não é só a Miriam, que está com cara de paisagem, todos estão nervosos, inclusive dois anjos loiros, se bem as conheço, quando ficam nervosas começam a ri por qualquer coisa. Levanto-me da cama e digo a todos com firmeza.

— O que vocês estão me escondendo? — Fito cada uma com força no olhar. — Só saio daqui quando me disserem a verdade. — Bato o pé firme ao chão.

— Não estamos escondendo nada, se acalme, Luci. — Clara vem até mim abraçando-me com carinho. — Papai, pediu para uma empresa de limpeza vir fazer uma arrumação e ele não quer que fique por causa do barulho e do pó, você conhece o senhor Guilherme Gusmão... — Ela afasta-se um pouco e me fita nos olhos, sinto verdade em suas palavras, então recuei em minhas atitudes, até fiquei um pouco constrangida.

— Ok! Vou pegar o vestido que escolhi para o casamento.

Mostrei o vestido branco que havia comprando há alguns dias, ele não se parece com um vestido de noiva, mas é branco e novo. O Guilherme me disse que não poderá se casar no religioso, pois é divorciado, mesmo assim convenceu o padre a vir nos abençoar, fiquei muito feliz com esta notícia. Será um casamento simples, mas recheado de muito amor. Fomos para casa de dona Miriam.

Não vi mais as crianças a partir deste momento, simplesmente elas desapareceram, nem suas vozes escutei mais. Perguntei a Fernanda onde elas estavam e ela me disse que o Caio veio buscá-las para um passeio.

— Como assim? Elas precisam se arrumar! O meu casamento será daqui a duas horas... — Começo a ficar nervosa, será que eles esqueceram. Aliás, até o Guilherme sumiu, a última vez que falei com ele foi pela manhã logo cedo.

— Ei, nada de nervoso, não se preocupe. Daqui a pouco as crianças estarão de volta e prontas... — Vitória completa.

Clara entra no quarto com um copo cheio de suco de uva, dizendo que é hora do brinde e como não posso beber vinho, todas vão brindar com suco. Nesse momento a Miriam entra com o meu vestido nas mãos, ela foi passá-lo. A Miriam tropeça em alguma coisa e cai por cima da Clara, e o

suco de uva entorna todinho em meu vestido branco... Solto um grito de pavor e começo a chorar.

— Ai meu Deus! E agora? Só tenho este vestido branco. — Levo minhas mãos para o rosto desesperada.

Miriam vendo o meu desespero, diz com toda calma.

— Não se preocupe, dona Luci, a senhora não deixará de se casar por causa de um vestido branco, nem que eu precise costurar um agora mesmo, mas a senhora terá um vestido branco. — Ela vira-se pelos calcanhares e vai em direção à porta e antes de sair completa. — Clara, Fernanda e Vitória, façam a maquiagem e o cabelo da nossa princesa, enquanto providencio um novo vestido. — Miriam desaparece, deixando-me angustiada, onde será que ela encontrará um vestido branco nessa altura do campeonato.

Fui maquiada e penteada, só faltava o vestido.

— Luci, você não se incomoda de ficar um pouco sozinha? — Fernanda pergunta.

— Claro que não, por quê? — Estou tão absorvida com a demora da Miriam, que nem presto atenção no que a Fernanda diz.

— Precisamos arrumar as crianças e depois nós mesmas.

Concordei, já estava com os nervos à flor da pele. Se dona Miriam não conseguisse um vestido, eu teria que vestir qualquer um dos meus vestidos usados, não que isso fosse problema o item principal, é o noivo o meu Guilherme, este sim, não poderia faltar, só que gostaria de parecer um pouquinho com uma noiva. Engulo o choro, não quero borrar a maquiagem, era só que me faltava além de não ter um vestido apropriado, ficaria parecida com uma bruxa! Fernanda vai embora, eu nem percebo o seu riso quando fecha a porta atrás de si. Segundos depois escuto risos e cochichos.

— Posso entrar! — Miriam bate na porta do quarto. Mando-a entrar e quando ela entra quase tenho uma síncope. — Desculpe-me, dona Luci, mas não encontrei outro vestido a não ser este. Serve?

Ela mostra-me o vestido mais lindo que os meus olhos já viram. Agora vou borrar a maquiagem, pois meus olhos lacrimejam e uma lágrima desce por meu rosto.

— Pode parar, dona Luci, não vá borrar a maquiagem... Seu Guilherme armou esse circo todo e a senhora vai chorar! Engula o choro, vamos, engula o bendito choro, dona Luci... — Engoli e abri um

largo sorriso.

Minutos depois, o quarto é invadido por uma porção de mulheres e crianças. Quando as gêmeas entram vestidas de fadas, quase morro de contentamento. Minhas noras e filha, também estavam deslumbrantes. As danadas me contaram que já sabiam da surpresa que o Guilherme preparou para mim e disseram que fizeram um esforço descomunal para não me contar a verdade.

O vestido ficou perfeito, depois de completamente arrumada, com grinalda em flores brancas e o véu na altura da minha cintura, fito-me no espelho, constatei que não estava sonhando. Sim, aquela ali refletida no espelho sou eu, Maria Lúcia, uma ex-escrava sexual, uma mulher que comeu o pão que o diabo amassou, sofreu humilhações, apanhou, foi violada em todos os sentidos e hoje está vestida de noiva, pronta para encontrar o homem da sua vida, o homem que ama desesperadamente.

Caio veio me buscar, ele estava muito elegante em seu terno cinza. As mulheres e crianças foram de táxi. Com os olhos refletindo emoção, ele vem até mim.

— Posso ter a honra de entregá-la para o meu pai? — Com um vasto sorriso nos lábios, ele me pergunta, respondo-lhe que a honra será toda minha.

Caio ajuda-me a entrar no carro. Antes de chegarmos a minha futura casa, ele para o veículo, vira-se para mim e com a voz embargada diz.

— Luci, hoje eu sei que o meu pai é um homem completo, sofria muito quando o via suplicando pelo amor da minha mãe, doía vê-lo se humilhando e desistindo de amar alguém... Obrigado por trazer o meu pai de volta a vida, obrigado por fazê-lo amar novamente e nos dar a honra de conhecermos outro Guilherme. — Tento dizer-lhe algo, mas só impedida com um sinal de silêncio. — *Shh*, não precisa dizer nada, só queria que soubesse o quanto estamos gratos por seu amor.

Ele volta-se para direção do veículo e retoma o caminho, percebo que está emocionado, pois limpa o rosto com o dorso da mão. Também me emocionei, sinto que o carinho dos filhos do Guilherme é verdadeiro. Fui recebida de peito aberto por todos, agora tenho uma família e amarei a todos com toda a força do meu coração. Estou perdida em meus pensamentos quando noto que já estamos chegando na entrada do grande portão de ferro da casa. De onde surgiram tantos carros? Pergunto a mim mesma. Caio passa pelo portão e dentro da propriedade também há muitos automóveis... Só então percebo a quantidade de pessoas no jardim, a entrada da casa está toda decorada com flores do campo... *Deus do céu!* Meus olhos brilham de emoção, o Guilherme sabe surpreender, nunca desconfiei que ele fizesse uma surpresa dessas. Agora entendi o porquê da urgência em ir para casa de dona Miriam. Caio desce do veículo e abre a porta estendendo a mão

para mim.

Joana e Luiza correm em minha direção.

— Somos suas fadas de honra, mamãe! – Joana fala ofegante, suas bochechas estão rosadas e os seus olhinhos brilhando de felicidade.

— Papai está ali do lado, esperando a princesa dele. Fomos nós que escolhemos sua roupa e a do papai, ele está parecendo um príncipe, mamãe!

Luiza desembesta a falar, ela pega por minha mão e tenta me puxar, se não fosse o Caio que a freia-se, eu já estaria nos braços do Guilherme.

— Luiza, se acalme! Quem levará a Luci para o papai sou eu. –Caio fala com um pouco de sarcasmo. Luiza mostra-lhe a língua, fazendo careta para ele.

— Ei, vocês dois querem parar... – Clara ralha com os dois irmãos. — Papai já roeu todas as unhas das mãos, logo ele vai roer os dedos... Ela fala com seriedade. — Luiza e Joana aqui na frente, toma a cestinha com as alianças. – Ela entrega um cesta toda decorada com flores para a Joana. Com um sorriso nos lábios, ela vira-se para mim. — Agora é com você. Vá lá, vá ao encontro do amor da sua vida. – Recebo um beijo carinhoso no rosto. Caio oferece-me o braço.

— Pronta para ser a senhora Gusmão oficialmente? – Fitei-o com admiração e com um lindo sorriso nos lábios, respondo-lhe.

— Já nasci pronta para isto. – Cruzo meu braço ao seu e caminhamos rumo ao meu príncipe Guilherme. E assim que coloco os meus pés no tapete vermelho, coberto por pétalas de rosas brancas, ouço a voz do Guilherme dizendo.

— Está música é para você Maria Lúcia...

Ver minha pequena sereia vestida de noiva, sendo trazida para mim por meu filho e ao som da música que escolhi para o nosso casamento: “Foi Deus – Edson & Hudson”, fizeram as lágrimas descer livremente por minha face, por mais que tentasse contê-las, não foi possível, deixei rolar a emoção, deixei minha alma ser lavada por tamanha felicidade. O percurso feito por Luci foi exatamente o tamanho da música e quando ela foi entregue a mim por meu filho, e ele olha-me com os olhos marejados de lágrimas, não contive o meu impulso e o puxei para um abraço. Caio aperta-me com força. — Seja feliz, meu pai! – Ele vira-se para Luci e a beija na testa. — Luci, depois de tudo que o meu pai fez e passou, você surge como um bálsamo para cicatrizar feridas e mostrar-lhe que o

amor verdadeiro pode tudo...

Minha pequena sereia chorava de soluçar, todos que estavam presentes se emocionaram, não tinha como não se tocar com tanto amor que saía dos nossos olhos. O padre fez um longo discurso, depois nos abençoou, o juiz nos entregou o livro para assinarmos e nos declarou marido e mulher. Agora somos oficialmente casados, perante a lei dos homens e de Deus, Maria Lúcia Gusmão, minha só minha.

Após a cerimônia Luci jogou o buquê e fomos direto para os “*comes e bebes*”. Nossos convidados foram os funcionários do *resort* e o pessoal da cidade, fiz questão que todos soubessem que a partir dali a Luci é minha esposa com toda a decência que ela merece.

— Você é um louco? Enganou-me direitinho! Quando você pensou em tudo isso, senhor Guilherme Gusmão?

Luci puxa-me para um canto reservado, roubando minha boca para um beijo sedutor e sem e afastar dos meus lábios, ela indaga e cheio de desejo por sua lascividade, eu lhe respondo entre beijos.

— Quando a pedi em casamento, lembra-se? Assim que fechei minha boca, já estava tudo planejado em minha cabeça. – Continuo com os meus beijos famintos, ela morde meus lábios com força, o gesto só me deu mais tesão.

Fico com vontade de acabar com a festa e mandar todos embora, inclusive meus filhos.

— Senhor meu marido, por acaso o senhor anda com alguma coisa viva no bolso da calça? Porque há algo se mexendo nos seus países baixos.

A engraçada da minha esposa leva a mão até a frente da minha calça e os seus dedos apertam a cabeça do meu sexo com ousadia. Cheio de desejo, sussurro ao seu ouvido.

— Vamos para o quarto que eu te mostro o que está vivo e o que ele sabe fazer, minha esposa devassa. – Ela aperta com mais força o meu membro. Gemo baixo e mordo o lóbulo da sua orelha.

— *Hum!* Não vejo a hora de brincar com este bichinho, meu marido indecente.

Luci fita-me no fundo dos olhos, ficamos por alguns minutos presos em nossos olhares, nosso transe foi desfeito por dois minifuracões loiros. Joana e Luiza ficam entre nós dois, precisei colocar minhas mãos nos bolsos da calça para disfarçar o tamanho do meu desejo por minha mulher.

— Papai, mamãe, estamos com fome, suas filhas vão morrer de tanta fome! — A exagerada da Joana coloca as duas mãozinhas em forma de súplica.

Começamos a rir, Luiza pede para colocá-la no colo, atendo ao seu pedido e a Joana é abraçada com muito carinho por Luci. Levamos nossas filhas para a cozinha, encontramos nossa família em peso sentada a mesa e a Miriam servindo a todos, aproveitamos e nos sentamos para comermos também. Assim que nos fartamos de comida, voltamos para os nossos convidados, a festa foi até uma da manhã, Luci não estava sentindo-se bem e foi para o quarto trocar o vestido. Por causa dos seus constantes enjoos, resolvemos passar nossa lua de mel em nossa casa. Meus filhos e noras foram para casa da Miriam, ela prontamente se ofereceu a hospedá-los e assim que o último convidado foi embora, os levei junto com a Miriam e o seu marido. Deixei a Luci em nosso quarto, ela estava no banho quando fui avisá-la que não demoraria.

Estava tão afoito que não levei nem dez minutos no trajeto da minha casa para a casa da Miriam, nem percebi a velocidade que dirigia. Enfim todos chegaram inteiros, já estava ligando o carro quando o Caio veio até mim.

— Vá devagar, papai, a Luci não vai fugir, ela vai está exatamente onde o senhor a deixou... — Meu filho sussurra, seu corpo está inclinado sobre a porta do carro, seu riso demonstra que ele sabe o porquê da minha pressa.

Desacelerei, escutar alguém que está em seu juízo perfeito é a coisa certa a fazer. Quando entrei em casa fui correndo para o meu quarto, mas dei de cara com uma placa na maçaneta da porta e no chão um sabonete, toalha e um roupão, a placa informava o seguinte:

“Não perturbe noiva se trocando, favor tomar banho no quarto ao lado e quando voltar bata antes de entrar”.

Só pode ser brincadeira, eu estava duro feito uma rocha, quase explodindo de tesão e a engraçadinha da minha mulher dando uma de difícil, não contei conversa, esmurrei a porta e ralhei com ela.

— Luci, abre esta porta agora, deixe de brincadeiras, passei o dia inteiro pensando nesta noite... Abre, Luci!

— Meu conselho é o seguinte... — A sacana fala rindo, dei três murros na porta, mas ela não se intimidou e continuou... — Quanto mais o senhor reclamar, mais perdemos tempo, portanto trate de juntar suas coisas e seguir para o banho e só volte completamente cheiroso para mim, você nem

imagina a surpresa que preparei...

Xinguei, berrei, mas não adiantou. Terminei juntando minhas coisas e fui para o banho. Quando voltei, fiz o que ela mandou bati a porta.

— Entre! – Sua voz soou distante, abafada.

Entrei, o quarto estava só com as luzes dos abajures acessas, e a cama estava vazia. Aonde a devassa da minha mulher se escondeu? Em uma das mesas de cabeceira, havia uma garrafa de vinho e uma taça e um bilhete escrito “*sirva-se*”, caminhei até lá e servir-me do vinho, provei-o. Assustei-me com sua voz por trás de mim.

— Espero que esteja bom.

Virei-me em direção a doce voz da minha esposa, e lá estava ela... *Cristo!* É a visão mais bela que os meus olhos já viram. Suas madeixas negras estavam molhadas, caídas sobre os seus ombros e descendo até abaixo dos seus seios, seu corpo está coberto por uma fina e longa camisola branca e a claridade da luz, que vinha do banheiro, desenhava as suas curvas através do fino e delicado tecido. Ela fica imóvel só me fitando, seu olhar enigmático, diz-me que estou perdido...

— E então? – Sua voz de doce torna-se sedutora.

— Então o quê? – Já estava confuso e louco, minha mulher está me deixando completamente fora de órbita.

— Gostou do vinho? Quer prová-lo de uma forma diferente?

— *Hein!* O que? Como? Do que está falando? Oh mulher, você quer me enlouquecer?

Quase derrubo a taça no tapete, diante do gesto que ela fez, após os meus monossílabos e dissílabos... Luci despe-se da camisola e ela cai em poça aos seus pés, meus olhos presenciaram o corpo mais lindo e perfeito, já tinha visto a sua nudez, mas não desta maneira tão explícita. Seu riso sacana mostra-me que era só o começo da sua tentação.

— Quer ou não quer provar o vinho de uma forma diferente? – Filha da mãe ela quer me provocar, meu membro já pulsava de tão excitado que estou.

— Maria Lúcia, eu não estou para brincadeiras... – Falo entre dentes.

— Vem cá! – Ela me chama com o dedo indicador. — Vem, senhor meu marido, vem provar o

vinho em outra taça... Traga a garrafa.

Ela estava determinada, gostei disto, o fogo subiu e o meu membro pulsou eufórico. Peguei a garrafa de vinho e fui até ela... O cheiro da camomila me enlouqueceu e o aroma de baunilha que vinha da sua pele, completou o que faltava para me deixar completamente alucinado.

— Maria Lúcia você quer jogar, pois quero que saiba que só jogo para ganhar, estou louco por você e a quero agora... — Nossas bocas estão quase coladas uma na outra. Ela me afasta com uma das mãos.

— Ajoelhe-se... — Fito-a com os olhos saltados. — Por favor, meu marido poderia ajoelhar-se e colocar seu rosto entre minhas pernas. — Ela reformula a frase.

Fitei-a com força em meu olhar, meus olhos diziam o que minha boca não quis falar, deixei a boca para fazer outras coisas, descansei minha mão em suas bochechas e me inclinei para beijá-la, ela inclinou sua cabeça para trás, levantando-se para encontrar minha boca, sua mão toca o meu peito. Nossos lábios suavemente envolveram-se e um gemido de satisfação escapou da sua boca. Envolver meus braços ao redor dela, e a puxo para mim. Minha boca conseguiu expressar o que realmente o meu corpo queria lhe dizer, estou com fome da minha mulher... — Luci... — Sussurrei em sua boca.

— Beba-me, meu marido, prove o seu vinho. — Ela responde-me num murmuro sedutor.

Minha boca desce suavemente, alcançando o seu queixo, pescoço, seios, estes são mordidos e chupados, meu corpo vai acompanhando a descida e fico de joelhos, beijo o seu ventre e o acaricio, murmuro algo para o meu filho.

— Tape os ouvidos e feche os olhos, filho, papai vai brincar com a mamãe...

Luci pega a garrafa de vinho da minha mão.

— Prove-me, meu marido, chupe-me, como se eu fosse fruto mais saboroso da sua vida... — Ela aperta meu rosto em seu sexo, eu sinto um líquido descer por meu rosto.

O gosto adocicado do vinho mistura-se ao seu sabor e é inebriante a sensação poderosa que sinto. Luci afasta as pernas, permitindo assim que minha cabeça fique entre elas, meu rosto vira-se para o seu sexo e o líquido vermelho desce lentamente por seu corpo até chegar lá, minha língua toca o seu sexo e as gotas do vinho aguçam todos os meus sentidos, e como louco desvairado, sugo cada gota do líquido precioso. Luci solta um gemido quando a ponta da minha língua toca sua abertura, a

cascata de vinho torna-se mais rápida e minha língua mais ágil... Adoçada com o vinho, minha língua varre entre suas dobras, minha garganta solta sons inaudíveis e carregados de desejos sinuosos, meu corpo vibra e o meu coração acelera, Luci contorce o corpo e os seus gemidos alertam-me que ela está perto do prazer... Só em saber que ela irá gozar em minha boca, encho-me de satisfação e a expectativa leva-me a loucura, meus dentes cercam a carne macia das suas dobras e mordo-as, não fui cruel, mordo só o suficiente para escutar o gemido alto que ela solta com o impacto da mordida.

— *Oh Deus!* Mais, por favor, morda-me e chupe-me com força, meu amor...

Assim o fiz. Fiz repetidas vezes até escutar o grito de prazer da minha mulher, suas mãos prenderam minha cabeça em seu sexo enquanto gozava com toda a satisfação feminina em um gozo supremo e voraz.

As pernas de Luci balançaram, fui rápido e a segurei por sua bunda, fiquei de joelhos rapidamente e a enlacei por sua cintura. Ela está trêmula, seu peito oscila, levanto-me e assim que fico de pé, a sustento em meus braços, Luci descansa a cabeça em meu peito, com cuidado a coloco sobre a cama, deitando-a sobre os travesseiros. Ela sorri para mim, seus lindos olhos brilham, inclino-me sobre o seu corpo, meus lábios tocam a ponta do seu nariz, embora saiba que ela ainda não se recuperou do prazeroso orgasmo, meu desejo por ela aumenta.

Retiro o roupão e mostro o tamanho do meu desejo, Luci ao ver o quanto excitado estou, sobressalta os olhos e sustenta-se pelos cotovelos, com voz de assombro, ela articula.

— Amor!? O que é isso tudo!? – Luci engatinha no colchão e vem até a beira da cama.

Suas pequenas mãos se perdem em meu gigantesco membro, sibilei apertando os olhos com força quando senti a sua língua quente em torno da glândula pulsante. — *Shhh, hum! Por Cristo*, Luci, que boquinha quente... – Os músculos das minhas coxas ficam tensos quando fui devorado completamente.

Luci desce da cama e ajoelha-se diante de mim, o gesto que fez deixou-me completamente louco... Ela leva as mãos para trás do corpo e só move a cabeça. Meu membro desaparece dentro da sua boca, depois volta, só deixando a glândula sob os seus lábios, sua língua envolve-a, molhando-a e no mesmo instante sou engolido novamente, faz o movimento de entra e sai por um longo tempo, mordendo-me, chupando-me, enlouquecendo-me, vê-la naquela posição fez vir à tona o poder de Dom e com a voz carregada de desejo ordeno.

— Olhe-me! – Ela levanta o olhar, mas mantém o vai e vem da sua boca. Seus olhos fitam os

meus. Quando o meu membro tocou o fundo da sua garganta, rosnei com autoridade. — Quieta, fique parada e só solva-me... — Ela o fez. — *Humm! Assim, assiiim!* — Seguro por trás de sua cabeça e a empurro em direção a minha virilha, meu membro vai mais fundo, os olhos de Luci lacrimejam... — Respire pelo nariz meu amor, relaxe a garganta. — Ela o fez. Quando percebi que ela ia sufocar, retirei o meu membro com rapidez. — Abra a boca. — Não foi um pedido foi uma ordem, estou ofegante e a beira de um prazer desarvorado, vê-la assim tão submissa, deixa-me extasiado.

Luci retoma o fôlego, meus dedos movem-se em torno do meu membro, apoio-o em seus lábios e derramo minha semente, soltando um grunhindo de satisfação, meu corpo entra em êxtase, Luci lambe-me avidamente, sem retirar por um instante os seus olhos dos meus.

Plenamente satisfeito, inclino-me para ajuda-la a ergue-se, estamos ainda tontos de desejos, nossos olhares tornam-se intensos e nossas bocas se encontram com toda a força e lascividade, línguas serpenteiam, meu sabor está na boca da minha mulher o meu cheiro está em seu rosto. Vou caminhado para frente, forçando Luci caminhar para trás até as suas pernas encontrarem a parte da frente da cama, nossos corpos foram arremessados para baixo, encontrando assim a maciez do colchão, minha boca não solta a boca quente da minha mulher e enquanto nos beijamos com volúpia, espalho suas pernas e o meu sexo encontra a sua pequena abertura, invadindo-a desvairadamente. Rouco de tesão, eu lhe digo.

— Quero tanto você, pequena sereia, que não sei se durarei muito tempo dentro de você... Meu desejo me consome de dentro para fora...

Prendo o seu corpo ao meu e começo a entrar e sair, com entusiasmo exacerbado do seu sexo quente e apertado. Luci geme, contorce-se, chama por meu nome, morde-me, bate-me e no auge do nosso prazer, ela grita alto que vai gozar e o seu corpo arqueia-se com força, prendendo-se com muito mais força ao meu. Nosso clímax foi longo e minha semente jorra quente dentro dela. Espero sua respiração voltar ao normal e quando tive absoluta certeza que ela está bem, retiro-me de dentro do seu corpo e a coloco em meus braços, levando-a para um longo banho. Amamo-nos novamente embaixo da ducha, após o nosso prazer, fomos para debaixo das cobertas. Agora somos marido e mulher e isso me enche de prazer. Luci está protegida e nunca mais ela ficará longe dos meus braços e longe da minha visão.

Na manhã seguinte, levei meus filhos para o aeroporto, eles foram para São Paulo, a Clara foi matar a saudade da mãe e dos irmãos, dois dias depois ela e a Fernanda embarcaram para Los Angeles. Felicidade é meu nome, pois Caio e Clara ficaram encantados com a Luci e a paz voltou a reinar em minha casa. As gêmeas voltaram para a escola, a Stella, *graças a Deus*, está me evitando,

pois quando vou levar e buscar as meninas na escola, não a vejo. Marcelo adaptou-se ao Recife e está fazendo o seu trabalho muito bem. Enfim, eu acho que ele conformou-se com a separação, acredito que a notícia sobre o meu casamento com a Luci já tenha chegado aos seus ouvidos. Nossas vidas estão indo no rumo certo.

*** **

Ainda sinto muitos enjoos, mas os cuidados que o Guilherme tem comigo não deixam o desânimo me pegar. Embora saiba do amor verdadeiro que o Gui tem por meu filho, sinto-me constrangida pelo fato de esperar uma criança de outro homem. Em minhas orações, peço a Deus que este bebê seja filho biológico do Guilherme, embora saiba que isto seja impossível, mas a esperança é a última que morre e milagres existem. Guilherme me surpreende a cada dia, é um marido exemplar e um pai extremamente dedicado. Todas as manhãs, antes de ir trabalhar ele conversa com o bebê, pede para que ele se comporte e cuide muito bem de mim, diz que o ama e que não ver a hora de pegá-lo em seus braços. Sim, não tenho porque ficar depressiva, o Guilherme é o pai do meu filho, só espero que o Marcelo nunca descubra que estou esperando um filho seu, o seu maior sonho é ser pai e por este motivo ele proibia-me a fazer uso de contraceptivo. Graças a Deus que aprendi na casa de dona Jandira a fazer chás que faziam a menstruação descer quando ela atrasava. Se ele souber sobre o bebê vai tentar tirá-lo de mim ou forçar um retorno para sua vida, não quero nem pensar nessa possibilidade, prefiro a morte a voltar a viver ao seu lado.

Hoje antes de o Guilherme sair, eu lhe fiz uma pergunta e percebi que ele ficou um pouco constrangido...

— Amor, você percebeu que a Stella anda sumida? Doente, eu sei que ela não está, pois perguntei as nossas filhas sobre ela, e elas me disseram que a Stella está indo a escola todos os dias. Eu sei que ela tinha interesse em você, será que ela ficou com raiva de mim?

— Esqueça a Stella, aquela lá não é digna de suas preocupações, quanto mais distante ela ficar de você melhor... – Guilherme está fazendo o meu café, ele para por um momento e fixa os olhos em mim como se estivesse lendo os meus pensamentos, baixo os meus olhos. — Pode esquecer o que passou por sua cabeça neste exato momento, nem pense em ir procurá-la. Dona Maria Lúcia, se eu sonhar que a senhora foi procurar a Stella, você nem imagina o castigo que vai receber, entendeu?

Meus olhos brilharam com a palavra castigo, meu corpo inteiro arrepiou, só em pensar em ser castigada pelas mãos poderosas do meu marido, meu clitóris já vibrava na expectativa... Ele percebe meu entusiasmo e em tom enérgico pondera.

— Pode retirar o brilho de satisfação dos olhos, senhora Gusmão, seu castigo será dormir sozinha na cama por uma semana, dormirei no sofá do nosso quarto, experimente me desobedecer.

Guilherme vem até mim, sou suspensa por seus braços e recebo um caloroso beijo na boca, seu olhar dizia-me que ele falava sério, não disse nada e evitei pensar em qualquer coisa, vai que ele descobre o que pretendo fazer, fiquei quieta e deixei-me ser mimada por meu lindo e protetor marido.

Eu sei que corro o risco de dormir sozinha por uma semana, mas não gosto das coisas mal resolvidas. Hoje era dia de visita ao museu e assim a Stella não foi acompanhar a escola na excursão, chamei um táxi e disse a Miriam que iria a cidade comprar algo para fazer uma surpresa para o Guilherme, pedi segredo e se por acaso ele ligasse para o telefone fixo, ela dissesse para ele que estava dormindo. Desde que descobri que estou grávida, a Miriam voltou a trabalhar conosco, o seu marido melhorou a sua saúde, sendo assim ela aceitou ficar por tempo integral.

O táxi deixou-me de frente para casa da Stella. As janelas da frente estavam abertas e de lá de dentro vinha o som de uma música, ao longe escutei a voz da Stella entoando a canção. Bati, chamei por seu nome, mas ninguém respondeu, então girei a maçaneta e abri a porta, em Itaipava ninguém tranca a porta a chave. Entrei e fui em direção à voz que entoava lindamente a canção... *“Assim como o sol na escuridão, eu sei que eu preciso do seu coração. Te quero, te sinto, te vejo em meus sonhos, te abraço e te beijo e não quero acordar...”* ela estava bastante empolgada, pois nem percebeu minha presença, precisei soltar um pigarro para lhe chamar a atenção.

Stella se sobressalta quando me vê parada diante da porta do seu quarto.

— Luci! Como entrou aqui? – Ela está realmente surpresa, o tremor da sua voz demonstra o tamanho do susto no qual foi acometida.

— Eu gritei por seu nome, como não respondeu resolvi entrar, a porta estava aberta. – Rebatí. Não nego estou sem graça por ter invadido sua casa sem permissão.

— O Guilherme sabe que você está aqui? – Ela retruca com voz tensa. — Não quero problemas com ele, se ele não sabe peço encarecidamente que vá embora.

— Stella, não sou sua inimiga, por favor, desarme-se. Só quero esclarecer as coisas entre nós, vamos conversar? Poxa, eu pensei que éramos amigas.

Stella solta a vassoura que está em sua mão e parte em minha direção, ela sustenta-me pelos meus antebraços e me sacode com violência.

— Amigas?! Por acaso amiga rouba o homem da outra? Não precisa fingir para mim, Luci, pode deixar a máscara de anjo cair, você é uma sonsa! Vá embora, suma da minha frente... – A expressão do seu olhar é fria, ela aperta tanto os meus braços que os seus dedos ficaram marcados em minha

pele.

— Pare, Stella! Não precisa se fazer de vítima. Quando conheci o Guilherme, eu nem sabia que ele era quem é. — Ela empurra o meu corpo com força, se não fosse a parede, teria me espatifado no chão. Sigo-a até a cozinha e continuo. — Sim, eu me apaixonei por ele, assim como ele se apaixonou por mim, e não pense que não lutamos contra este sentimento proibido, lutamos e muito, só que foi muito mais forte que nós dois. Eu sinto muito por ele não ter se apaixonado por você, não foi nossa culpa e nem sua... Poxa, Stella! Não me queira mal.

Ela está servindo-se de um copo com água, suas mãos estão trêmulas, percebo isso assim que ela vira o líquido do copo de uma só vez a boca. Stella olha-me com desdém e retruca.

— Esqueça-me, eu quero você e o doente do seu marido bem longe de mim. Não consigo nem ler o nome Guilherme que já sinto vontade de regurgitar. Não se preocupe, não sinto mais nada por ele... — Ela faz uma pequena pausa, seu corpo vira-se para mim e a passos largos ela aproxima-se, ficando bem rente ao meu rosto. — Aliás, eu sinto sim, sinto asco por aquele homem, tenho até pena de você, desejo-lhe boa sorte com aquele animal.

Não entendi o que ela quis dizer com todas aquelas palavras, o Guilherme foi desenhado por ela como um monstro, por quê?

— O que o Guilherme te fez, Stella? Por que este ódio? Diga-me, Stella, o que aconteceu entre você e ele?

Ela se afasta e cospe todo o seu desprezo em meu rosto.

— Fui eu quem contou sobre sua traição para o Marcelo, e o Guilherme descobriu e veio tirar satisfação. Foi quando descobri o quanto ele está apaixonado por você. Por acaso você sabe o que o seu marido é? Ele não te contou sobre a personalidade doentia dele? Ele é um sádico pervertido, o seu príncipe Guilherme é um doente que adora açoitá-las mulheres! Faça bom proveito daquele pervertido...

Quase caio ao chão, como a Stella sabia disto? Será que o Guilherme contou para ela? Ela advinha os meus pensamentos e solta uma gargalhada sonora.

— Sim, o seu maridinho contou-me sobre os seus gostos perversos... Ele me mostrou o seu mundo bizarro, a intenção dele era me assustar e conseguiu, não o quero nem pintado de ouro. Graças a Deus estou indo embora de Itaipava! Só estou esperando minha substituta chegar. Não consigo tirar aquelas imagens horrendas da minha cabeça, tenho pesadelos todas as noites, estou tomando

antidepressivos e remédios para dormir. O seu marido acabou com o meu sossego, o médico recomendou ficar longe deste lugar e é isso que farei, quero distância de todos vocês. Agora vá embora e seja feliz...

Stella apressa-se em minha frente, chegando à porta de saída, ela a abre e me aponta a rua.

— Vá embora, se o Guilherme souber que você esteve aqui, ele cumprirá sua promessa de me arrebentar... O que não preciso neste momento é da presença sombria daquele homem, vá embora, Luci!

Passo por ela, mas antes de ir eu me viro e fito-a, realmente estava preocupada com seu estado emocional.

— Você ficará bem? Precisa de alguma coisa? Stella, eu não quero o seu mal, se você precisar de qualquer coisa é só pedir.

— Só preciso de paz, ficarei bem, não se preocupe. Já consegui outro emprego e ficarei morando com uma prima em uma cidade em Minas. Obrigada por sua preocupação, agora vá embora... Giro em meus calcanhares e antes de alcançar o primeiro degrau ela me chama. — Luci! — Viro-me para ela. — Seja feliz! E perdoe-me por ter feito o que fiz, eu sei que o Marcelo a machucou, na hora da raiva não pensei nas consequências, estava cega de paixão, eu não sou uma pessoa má, porém o ciúme é uma semente ruim, ele muda as pessoas, mas se serve de consolo, eu me arrependi muito e se pudesse voltar atrás, não teria feito nada disto, do fundo do meu coração quero sua felicidade, seja feliz ao lado do homem que ama e que te ama mais que a própria vida, adeus!

Ela fecha a porta em meu rosto, antes da porta se fechar, percebi que os seus olhos estão marejados de lágrimas, fico emocionada também. Nunca vi em Stella uma pessoa ruim, ela é uma moça sonhadora que foi usada e sacaneada por seu noivo e quando conheceu o Guilherme, viu nele a chave para sua felicidade. Qual mulher não gostaria de ter um homem como ele em sua vida... Infelizmente os dois precisam querer juntos e não foi o caso da Stella, só ela sonhou, só ela lutou por isso, espero que um dia ela encontre um homem decente e que a ame como merece.

Como já estava na cidade, resolvi ir ao armazém comprar um pote de pêssego em calda, estava babando por um, o Guilherme havia encomendado ao dono do estabelecimento e não custava nada ir até lá para saber se já tinha chegado. Assim que coloco um dos meus pés no meio fio para atravessar a rua, sou puxada com força pelo meu braço, meu corpo rodopia e sou amparada por um peito másculo e firme, e dois olhos escuros e brilhantes fixam-se aos meus...

— Maria Lúcia, você quer me enlouquecer! Achava mesmo que conseguiria me enganar e ainda induziu a Miriam a mentir...

Guilherme olha-me com expressão contrariada, sei que serei castigada por ter-lhe desafiado desta forma, não tiro sua razão por está tão insatisfeito comigo.

— Diga-me que não fez o que estou pensando... Você não foi procurar a Stella, foi? — Quando ele termina de citar o nome “Stella”, baixo os meus olhos. — Foi o que pensei. — Ele argumenta. — Você tem noção do perigo que correu? Aquela louca poderia tê-la machucado! Diga-me, Luci, ela te feriu? Disse algo que possa ferir os seus sentimentos? Vamos, meu amor, confesse o que ela fez a você?

— Ela não me fez nada Guilherme, solte-me você está me assustando! Escute aqui, senhor meu marido, eu não sou de vidro, nem de cristal, não vou quebrar com palavras, acalme-se! — Livrei-me do seu aperto e o fitei nos olhos com seriedade.

Guilherme puxa-me para o seu corpo e os seus braços acolhedores cercaram o meu corpo em um abraço terno, eu sei que ele só quer me proteger, no entanto às vezes ele extrapola o limite da minha paciência.

— Pequena sereia, se algo lhe acontecer, eu não sei o que será de mim. Ai daquele que faça algo para magoá-la ou machucá-la, sou capaz de esganar essa pobre alma com minhas próprias mãos.

Eu sei disso, e é isto que me dar medo às vezes, a superproteção que ele tem para comigo é muito perigosa para os outros que vivem ao meu redor. Guilherme afasta-se um pouco, só o bastante para avaliar o meu rosto com os seus olhos preocupados, uma das suas mãos vai até o meu ventre e ele o acaricia.

— Nosso filho está bem? Você está sentido alguma coisa?

Deixo cair meu semblante tenso e replico.

— Sim! — Guilherme junta os olhos e duas rugas formam-se em sua testa e antes que ele me tome nos braços e leve-me correndo para o hospital, acrescento.

— Estou sentindo desejo de comer pêssago em calda, sinto que o nosso filho ou filha irá nascer com carinha de pêssago... — Ofereci ao meu marido um sorriso tímido.

Guilherme solta o ar dos pulmões, e sua ruga de preocupação é desfeita e no lugar das feições sisudas ele abre um lindo riso.

— Mas nem pensar! Nosso bebê vai nascer com sua carinha linda, vamos providenciar essa *porra* de pêssego, nem que para isso eu mesmo tenha que fazer esse doce... — Sou puxada pela mão e atravessamos a rua com cuidado, indo em direção ao armazém.

O dia estava quente demais e o interior do armazém estava um verdadeiro forno, assim que entramos o dono do estabelecimento vem direto nos atender...

— Bom dia! Já sei o que senhor veio buscar. — Diz o senhor barbudo ao Guilherme. — O pêssego em calda, só um minuto que vou buscá-lo. — O homem nos dá as costas e desaparece pela porta que fica atrás do grande balcão.

Um braço me cerca a cintura e recebo um beijo carinhoso na testa.

— Nossa, meu amor! Você está pingando de suor, essa quentura daqui de dentro não vai lhe fazer bem, espere-me lá fora, com certeza está mais arejado do que aqui dentro.

Foi o que fiz, porque realmente o calor lá dentro já estava deixando-me tonta. Quando atravesso a porta do armazém quase piso no pobre de um cachorro, que estava deitado diante dela, baixo os meus olhos para ver se o cãozinho está bem, e quando levanto o meu olhar, precisei segurar-me na viga da varanda para não cair de joelhos ao chão. A voz que chamou por meu nome gelou minha espinha, o meu medo foi tamanho que fiz xixi ali mesmo, minha urina formou uma poça em volta dos meus pés.

— Olá, meu doce? — Marcelo está diante de mim, olhando-me de cima abaixo e fixa os olhos em minhas pernas onde minha urina desce como cascata.

Cerco a viga com os meus braços e a aperto com força, quero chamar por Guilherme, mas minha voz não sai, fico completamente estática, emudeci totalmente, minha visão começa a escurecer... Faço uma força sub-humana para chamar o Guilherme, até que consigo.

— Guilherme! — Vociferei com toda força.

— Luci! O que houve? — Guilherme sai desesperado do armazém e ao ver meu xixi sob os meus pés olha em direção para onde estou olhando.

Concentro-me em não cair, só escutei o som das sacolas caindo ao chão e o corpo do Guilherme passando por mim, indo em direção ao Marcelo. Foi tão rápido que só escutei algo se chocando a lataria do automóvel e a voz ameaçadora do meu marido.

— O que você disse a minha mulher, seu calhorda? O que você fez para deixá-la com tanto medo? Eu te avisei que se chegasse perto dela eu o jogaria na cadeia...

Alguns homens, que passavam defronte do armazém, correram em direção aos dois homens que estavam se pegando feitos dois animais, conseguiram separar o Guilherme, que estava incontrolável.

— Nunca mais chegue perto da minha mulher, seu imbecil! O que faz aqui?

Guilherme berrava com uma fúria avassaladora. A esposa do dono do armazém vem ao meu socorro e leva-me para dentro, não consigo dizer nada, estou sem reação. Só conseguia escutar a voz do Guilherme, berrando com o Marcelo.

— Que eu saiba o senhor não é dono de Itaipava, sou um cidadão livre e posso ir e vir quando quiser. Não lhe devo satisfação da minha vida, mas como ainda sou o seu funcionário vou esclarecer o que vim fazer aqui... — Marcelo argumenta, o tom de sua voz é sarcástica. — Estou em Itaipava para pegar o resto das minhas coisas, fui lhe procurar no *resort*, como o senhor não estava, vim rever alguns amigos na cidade. Estou indo embora da sua empresa, consegui um emprego em outro lugar. Vim acertar minhas contas, satisfeito?

— Se isto é verdade, fico feliz com esta notícia. Estarei no período da tarde no *resort*, nos encontramos lá, passe bem. — Só escutei isto, pois logo dois braços suspenderam o meu corpo e fui levada para o carro... — Está tudo bem, meu amor, ninguém vai machucá-la nunca mais, eu prometo isso, *shh!* Fique calma já, já chegaremos a nossa casa. — Guilherme prende-me ao cinto de segurança e sai cantando os pneus do automóvel a toda velocidade.

Assim que chegamos a casa, fui levada para o banho, o meu corpo tremia, minha cabeça doía. Há tempos não via o Marcelo e nem escutava o seu nome, pensei que já havia superado este medo que sinto por ele, enganei-me, o medo está vivo dentro de mim. Até quando este homem vai continuar me assombrando? Devido ao susto que passei, comecei a sentir fortes dores abdominais e junto com as dores um pequeno sangramento, o médico foi chamado às pressas, Guilherme não conseguia manter-se quieto, caminhava de um lado ao outro e a todo instante perguntava-me se minhas dores haviam piorado, para não piorar a situação resolvi tranquilizá-lo, dizendo que já não estava sentindo dores e só precisava dormir um pouco.

É claro que ele não acreditou, fitou-me de um jeito tão sério, que eu pensei que ele ia desmoronar, corre em minha direção, sentando-se a cama e baixa os lençóis até os meus joelhos, tento impedi-lo, como se pudesse fazer tal coisa, Guilherme foi rápido, e baixa minha calcinha e a prova que não estou bem esta lá, ainda estou sangrando.

— Não faça isso comigo, pequena sereia, não esconda as coisas de mim. Não posso nem pensar em perder um de vocês dois, será que você não entendeu ainda... — O olhar do meu marido me quebrou, lágrimas descem por seu rosto e com a voz embargada pela emoção ele faz a maior declaração de amor. — Vo-você e o nosso filho é tão importante para mim quanto o ar que respiro. Esse *serzinho* aqui... — Com muito carinho e cuidado ele toca em meu ventre e o acarinha. — É meu tesouro, ele é tão valioso quanto os meus outros filhos e se algo acontecer com ele, um pedaço de mim irá junto. — Guilherme inclina-se sobre mim e os seus lábios tocam minha barriga, sinto beijos e lágrimas molharem minha pele, sua boca fica rente a minha pele nua e emocionado ele balbucia algumas palavras. — Filho, papai te ama muito, aguenta firme, campeão. Eu te quero tanto quanto quero a sua mamãe...

Nesse momento doutor Joaquim chega e trata logo de retirar o Guilherme do quarto, alegando que ele só iria atrapalhar, pois precisa de tranquilidade para avaliar-me. Praticamente ele foi expulso do quarto, Guilherme berrava para o médico dizendo que só sairia morto do quarto... Suas ameaças de nada adiantaram, pois a Miriam juntou-se ao doutor Joaquim e o colocou porta a fora. Duas horas depois Guilherme conseguiu entrar no quarto, seu rosto era de desespero e dor.

— Não me atormente, Joaquim, despeja logo a bomba, seja lá o que for.

*** **

A tensão formou-se no quarto, todos estava olhando para o médico inclusive eu. Joaquim adora uma dramatização e um suspense, sem nenhuma dó dos seus expectadores, ele se mantém calado até o Guilherme perder o controle por completo.

— Mais que *merda*, Joaquim! Mate-me logo... — Com a cara mais cínica Joaquim limpa a garganta e sorri levemente.

— *Oh homem de pouca fé!* Seu filho ou filha e esposa estão bem, eles só precisam de paz e sossego. — Ele aproxima-se do Guilherme, abraçando-o, continua. — Tire a tensão dos ombros, meu amigo, foi só um susto. Agora a Luci precisa ficar de repouso por um tempinho, repouso absoluto, entendeu? Nada de sexo e nem de gracinhas, duas semanas são o suficientes, mas antes de se aventurar as peraltices de vocês dois, quero vê-la novamente, para liberá-la para as brincadeiras de adultos.

Durante alguns dias fiquei apreensiva e a todo o momento pensava está sendo observada por alguém, por causa desta minha impressão, não saía de dentro de casa. Guilherme reforçou a segurança, contratou mais três seguranças e afirmou com todas as letras que o Marcelo já havia retornado para Pernambuco, pois ele tinha que cumprir no mínimo um mês do contrato trabalhista ou pagar a multa, mesmo assim ele se certificou se o Marcelo continuava na empresa.

— Pequena sereia, o Marcelo está em Porto de Galinhas e com passagem marcada para a Amazônia. Ele embarca daqui a dois dias, não se preocupe, ele nunca mais virá a Itaipava e nunca mais vai atormentá-la, estamos bem...

Aconcheguei-me em seus braços e deixei-me ser acarinhada, algo dentro de mim dizia que minha paz estava longe de ser alcançada e o meu sexto sentido dizia que o Marcelo não desistiria tão fácil assim de mim. Senti um frio no corpo com este pensamento, só em pensar na hipótese de voltar para as mãos do Marcelo, o pavor tomava conta da minha mente. Graças a Deus que antes do bebê nascer mudaremos para Salvador. Guilherme comprou uma casa na capital em um condomínio fechado e a reforma acaba em três meses, já conseguimos o colégio para as gêmeas e uma pessoa para ficar comigo durante o dia. Não vejo a hora de nos mudarmos.

— Assim espero, meu amor. Nunca mais quero sequer ouvir o nome deste homem. — Artigo, se bem que algo dentro de mim mandava-me ficar atenta.

Três semanas se passaram numa calma esplendorosa, ficamos sabendo que o Marcelo foi embora para Amazônia e assim consegui respirar calmamente. Minha barriga de três meses não está tão visível, mas já dava para ser sentida ao toque das mãos, fico colocando travesseiros só para ver como ficarei quando estiver com um barrigão, Guilherme diverte-se com minhas peripécias e cai na gargalhada. Joana e Luiza convenceram o pai a comprar bonecas e muitas fraldas descartáveis, só para começarem a aprender a como cuidar do irmãozinho, eu também embarquei nessa de treinar, pois nunca cuidei de uma criança pequena, ficamos as três dando banho, trocando roupinhas, fraldas, colocando para arrotar, praticamente voltei a ser criança só para aprender a cuidar de um bebê.

Hoje entrei na brincadeira das minhas filhas, fizemos uma aposta cronometrada com direito a uma jurada... A Miriam. A aposta é a seguinte, Guilherme, Joana, Luiza e eu, vamos dar banho, trocar as fraldas e roupinhas das bonecas em um determinado tempo e a boneca que estiver mais bem cuidada vence a disputa.

— E aí, Miriam, seja honesta, quem ganhou? — Joana pergunta toda empolgada.

— É Miriam e não puxe o saco da mamãe nem do papai, você tem que ser imparcial... Olha a minha boneca está perfeita é a melhor de todas. — Luiza mostra sua boneca com orgulho, realmente a boneca está muito bem cuidada.

Miriam pega boneca por boneca e avalia minuciosamente, leva alguns minutos em silêncio, nos fita longamente e após todo o suspense ela articula.

— A melhor boneca é a do senhor Guilherme.

— Assim não vale! O papai nem poderia está concorrendo, ele é o mais experiente de todos, é covardia isso! Ele cuidou de quatro filhos e dois netos, é muito injusto isso! — Luiza joga a boneca no chão, cruza os braços no peito, enchendo as bochechas de ar em protesto ao veredito da Miriam.

— Regras são regras e não escutei nada sobre já ter cuidado de outros bebês, eu venci e pronto. — Cheio de orgulho, Guilherme começa a se vangloriar por suas habilidades de cuidador de crianças.

— Não valeu, papai, vamos fazer novamente e desta vez o senhor não participa. — Joana argumenta, ela deixa claro que está chateada com o resultado do veredito.

— Nada disso, mocinha, eu ganhei e pronto. Acabou a brincadeira.

— Está com medo de perder, senhor Guilherme... — Digo com voz sarcástica.

— Não, senhora Luci, a brincadeira acabou porque já está na hora da Miriam ir para casa e a senhora precisa descansar. Você acha que não percebi sua carinha de dor e a massagem que fez na barriga, vamos para cama agora.

Guilherme coloca-me nos braços e leva-me para o quarto, aproveito o momento e começo a acariciá-lo no peito e com um dos meus pés massageio a frente da sua calça, sinto sua ereção imediatamente, como também escuto sua voz enérgica.

— Comporte-se, Maria Lúcia! Teremos todo tempo do mundo para safadezas, por hoje você só precisa descansar.

— Poxa, Gui! Não é justo, eu já estou bem e estou subindo pelas paredes, vamos só brincar um pouquinho, por favor, amor, só um pouquinho...

Guilherme olha-me com uma expressão divertida, estamos há quase um mês sem fazermos amor, não sei como ele consegue controlar o seu desejo, porque o meu já está vazando pelos meus poros.

— Se não está sendo fácil para você, pequena sereia, imagine como estou me sentindo. Só que eu sei controlar minhas prioridades e neste momento, o seu bem estar e o do nosso filho está acima de todo o desejo que sinto por você.

E mais uma vez não fizemos amor, Guilherme levou dona Miriam para casa e após retornar colocou as meninas para dormir, em seguida trouxe-me um lanche, lanchamos juntos, escovamos os dentes e deitamos agarradinhos e de conchinha. Não era bem isso que queria e planejei, mas fazer o quê, meu marido mandão quando coloca algo na cabeça vai até o fim.

O dia amanhece lindo e o meu marido muito mais romântico...

— Bom dia! O dia hoje resolveu fazer concorrência com você, minha pequena sereia, está tão lindo quanto você!

Guilherme entra ao quarto com uma linda bandeja de café da manhã recheada de coisas gostosas, ainda estou sonolenta, ergo-me sobre meus cotovelos, piscando os olhos várias vezes até acostumar com a claridade que vinha das janelas, que já estavam abertas deixando o cheiro gostoso da maresia entrar. Ele a deposita sobre o colchão e me puxa pelos tornozelos, levando-me até ele, circulo minhas pernas em volta dos seus quadris, envolvendo os meus braços em seu pescoço e assim o puxo para um beijo molhado e convidativo. Guilherme não resiste minha lascividade e coloca-me em seu colo, eu sinto sua ereção de encontro ao meu sexo, imediatamente meu clitóris pulsa, gemi em sua boca e começo a esfregar-me nele...

— *Hum!* Quero você, meu amor, eu estou toda molhadinha, prontinha para recebê-lo. Diz que sim, amor, não me deixe morrendo de desejo por você...

Minha voz soa lasciva e carregada de tesão, já não estou suportando tanto desejo por este homem, preciso urgentemente dele dentro de mim.

Sem afastar da minha boca e soltando pequenas mordidas em meus lábios meu marido teimoso replica.

— Não pense que não estou tão sedento quanto você, no entanto vamos aguentar só mais um pouco, não me tente, pequena sereia, pois não sou de ferro. Estou pronto para furar uma parede com minha britadeira gigante... – Guilherme afasta-se um pouco de mim e mostra-me o tamanho da sua ereção desenhada na frente da sua calça.

Babei, minha pequena mão alcança seu sexo e o aperto com vontade, *Jesus!* Ele pulsou em minha mão.

Fito-o cinicamente e o provoco. — Deixe-me prová-lo só um pouco, só um pouquinho, meu amor. Enquanto digo tais palavras, aperto o nervo pulsante em minha mão, Guilherme aperta os olhos soltando um som de prazer, contudo retira minha mão do seu sexo e coloca-me sentada a cama.

— NÃO! E não tente mais me seduzir ou então dormirei na sala até o Joaquim garantir que você já está bem. Estamos conversados?

Bem, pelo tom da voz e pela sua fisionomia dura, eu vi que ele não estava brincando, sei bem quando devo continuar e parar, e esta era a hora de parar, o dominante estava agindo naquele exato momento.

Baixei meus olhos e murmurei. — Sim, senhor!

Em troca fui posta novamente em seu colo e recebi vários beijos e pequenas mordidas, depois fui alimentada com muito carinho.

Guilherme foi trabalhar. Hoje ele teria uma reunião com a matriz e duraria algumas horas, portanto fez mil recomendações a mim, escutei com atenção e garanti que obedeceria. Como ainda era cedo e o sol estava gostoso, chamei as meninas para um passeio na praia. Sempre caminhávamos pela manhã antes das duas irem para o colégio e como hoje elas não vão para escola, podemos fazer uma caminhada um pouco mais longa.

A maré está calma, as ondas estão mansas, as meninas brincam de pular ondas, seus gritinhos de alegria transbordam minha alma de satisfação. Sento-me em um tronco de coqueiro e fico as observando. Seus cabelos longos e loiros esvoaçam ao vento e elas estão de mãos dadas, sorrindo uma para outra... Minhas filhas são lindas! Continuo a observá-las, esquecendo-me da vida, de repente sinto um arrepio na nuca, então escuto uma voz, que gelou todo o meu corpo.

— Minha doce Luci! Pronta para voltar para casa?

Levantei-me, não sei onde encontrei forças, mas corri em direção as meninas e antes que as alcançasse, Marcelo pega-me pelo o braço e puxa-me para o seu corpo.

— Aonde pensa que vai?

Tento livra-me do seu aperto, chuto-o as pernas, porém Marcelo é muito mais forte que eu e mantém sob seu domínio.

— Solte-me, seu monstro, não pertenço mais a você... Solte-me...

— Engano seu, meu docinho, você nunca deixará de ser minha. Agora fique quieta, coopere comigo que não machucarei você. Vamos, siga a minha frente sem fazer escândalo...

— Ficou louco!? Você acha mesmo que irei com você? Prefiro morrer a ir a qualquer lugar com você, seu doido dos infernos! Solte-me ou gritarei por socorro.

Não sei onde encontrei forças, mas o empurrei com violência, ele perde o equilíbrio, dando um passo atrás soltando-me, corro em direção as meninas e grito por seus nomes.

— Joana, Luiza, corram vão chamar ajuda, corram filhas! – Não demora muito e Marcelo me alcança, segurando-me pelos cabelos, consigo virar o corpo e agarrar o seu rosto com minhas unhas, sinto a carne entre elas.

Recebo uma bofetada com força, o meu rosto vira para o lado, solto um grito de dor, ele consegue segurar-me pelos cabelos novamente.

Quando Joana vê a cena grita assustada.

— Mamãe!

— Corram, filhas, vão buscar ajuda. – Grito desesperada, Joana corre, já a Luiza parte para cima do Marcelo.

— Solte minha mãe, seu sequestrador, solte minha mãe...

Marcelo empurra Luiza, que cai sentada na areia fofa. Na tentativa de livrar-se dela, ele relaxa as mãos e eu consigo escapar, no entanto Luiza levanta-se e corre na direção do Marcelo com um pedaço de pau, que ela encontrou na areia. Quando ele percebeu o que minha menina pretendia fazer, armou a perna para o alto, ele ia chutá-la, não pensei duas vezes, corri o mais rápido que pude e fiquei na frente da Luiza, recebendo assim o impacto do pé do Marcelo em minha barriga, só escutei o grito da Luiza — *Ahahah!* – Fico tonta com a pancada, mas consigo escutar o tom ameaçador da voz do Marcelo.

— Nem mais um passo, menina petulante, ou então eu mato a Luci.

Meu corpo foi suspenso do chão e sou carregada, ao longe escuto os gritos da Luiza chamando-me aos prantos.

— Solte minha mamãe, solte minha mamãe!

Marcelo coloca um lenço molhado em meu rosto, tento lutar, empurro suas mãos, mas sou vencida pela escuridão...

Minutos depois na casa do Guilherme

— Socorro! Socorro! Um homem doido quer levar a mamãe! Miriam, rápido chame o papai...

— Que homem, meu anjo? Onde? Onde está a Luiza?

— Ela ficou na praia, chame o papai, Miriam, o homem bateu na mamãe.

— Calma, meu anjo, não chore, eu já estou ligando para o seu pai...

— Olha lá, Miriam, é a Luiza... Lú, cadê nossa mamãe? Onde ela está? Cadê ela, Lú?

— O homem mau a levou, Jó. Ele a levou, eu quero minha mamãe, chame o papai...

— Alô! Senhor Guilherme, corra para cá, alguém levou dona Luci... Alô! Alô!

*** **

Cinco minutos depois

Estou a oitenta quilômetros por hora em uma estrada com limite de quarenta... Ao escutar que alguém levou a Luci não deixei nem a Miriam terminar a frase, saí desembestado do *resort*. Não sei como consegui ligar para o delegado avisando do sumiço da minha esposa, eu tenho certeza que o Marcelo está envolvido, aquele calhorda estar por trás disto.

Quando chego a casa, minhas filhas estão desesperadas e agarradas a Miriam, ao me avistarem, correm em minha direção e as duas falam ao mesmo tempo.

— Papai, o homem mau levou nossa mamãe, ele bateu nela. Por favor, papai, o senhor tem que achar nossa mamãe. Rápido, papai, vem, vem, vamos lhe mostrar onde foi.

Luiza é mais calma, já a Jô está inconsolável, chora de soluçar, quase não consigo entender o que ela diz. Pego nas mãozinhas das duas e as sigo. Luiza mostra a direção que o tal homem levou a Luci, analisei o lugar as marcas de pneus e uma das sandálias da Luci ficou pelo caminho. Agacho-me e pergunto para as meninas como era o homem.

Luiza o descreve, já que a Jó não consegue parar de chorar.

— Ele é loiro, alto e tem olhos azuis e chama a Luci de doce... — Ela segura em meu maxilar e indaga. — O senhor vai trazer a mamãe de volta, não vai, papai?

— Vou sim, meu amor, logo, logo a mamãe estará de volta.

Não tenho tempo para sentir raiva, meu tempo é curto, logo me lembro do meu passado... Quando sequestrei a Malu, acho que estou pagando os meus erros, o feitiço virou contra o feiticeiro. Só que estou escolado e sei perfeitamente qual será o próximo passo do Marcelo. Preciso agir e rápido, pois o Marcelo não pensará duas vezes em machucar a Luci. Levanto-me e já estava voltando para casa quando avisto o delegado...

— Senhor Guilherme, a dona Miriam já me deixou a par de tudo, o senhor sabe quem é o homem que levou sua esposa?

— Sim, eu sei, é o ex-marido dela. Preciso agir com cautela, ele é perigoso e muito agressivo. — Voltamos para casa, Miriam foi cuidar das meninas, o delegado começou a me fazer perguntas, respondi a todas, ele também me pediu todas as informações sobre o Marcelo, inclusive seus números de telefones.

Centro de Itaipava uma hora depois.

— Graça a Deus! Minha substituta chegou, daqui a alguns dias estarei embarcando para bem longe deste fim de mundo.

Digo para a esposa do dono do armazém, e sorrindo ela replica.

— Fico feliz por você, Stella, embora fique com um aperto no coração, pois vamos perder uma excelente professora, só espero que sua substituta esteja a sua altura.

O que ela não sabia é que estou pouco me lixando se a nova professora é boa ou não, estava contando os segundos para que ela chegasse logo. Não ficarei com um pingo de saudades deste lugar, quero mesmo é esquecer que um dia morei aqui. Paguei a conta do armazém, era meu último compromisso em Itaipava, já estava saindo do armazém quando vi o carro do Marcelo. Ele desce do veículo com pressa, está todo sujo de areia e com a camisa rasgada, o lado direito do seu rosto está com quatro cortes e sangrando... Dava para perceber que eram marcas de unhas, o ferimento estava feio, ele passa por mim e não me cumprimenta. Minha curiosidade faz-me parar e o que me chama atenção é que há um tecido florido pendurado na porta de trás do veículo, eu já vi aquele tecido, a Luci tem um vestido com a mesma estampa, até perguntei onde ela tinha o comprado, porque o modelo do vestido era muito lindo. Aproximo-me do veículo e tento ver dentro dele, só que não dá os vidros são escuros, o som do carro está ligado não consigo escutar nada.

— Perdeu alguma coisa aí dentro?

Assustei-me com a voz do Marcelo atrás de mim, viro-me e sorrio sem graça, ele olha-me com fúria, seu rosto está horrível!

— Desculpe-me, pensei ter escutado algo, mas é só o som do carro.

Ele carrega algumas sacolas nas mãos, afastei-me do carro. Desconfiado, ele abre a porta e o som que está tocando é ensurdecador, tento olhar para dentro, só que Marcelo fecha a porta imediatamente, ele prepare-se para dar a volta no veículo quando se vira de repente e articula.

— Sabe há alguns dias eu recebi uma ligação avisando-me que minha mulher estava me traindo, quando escutei a voz da tal pessoa, tive a impressão que a conhecia, mas não consegui lembrar, juntar a pessoa à voz... — Ele fita-me com desconfiança. — Agora conversando com você acabo de juntar as coisas... Foi você quem me avisou, não foi? — Marcelo aproxima-se com um olhar intimidador. — Conseguiu o que queria? — Ele sorri com sarcasmo. — Acho que não, pois bem, talvez você não tenha alcançado o seu objetivo, contudo quero que saiba que hoje minha vingança será doce... Adeus!

Senhorita Stella, obrigado pela dica, se o seu interesse era o Guilherme, ele está livre, portanto se alguém perguntar se me viu, não diga nada.

O olhar do Marcelo deu-me medo, gelei até o último fio do cabelo, ele sai cantando pneus e deixando um rastro de poeira na estrada, meu coração aperta e sinto uma grande necessidade de ligar para o Guilherme, corri para casa.

Assim que entrei em casa, vou procurar os contatos de todos os pais dos meus alunos, encontro o número do Guilherme, disco o número.

— Guilherme, é a Stella.

— Stella! Que merda você quer? Hoje é o pior dia para gracinhas...

— Quer se acalmar! Responda-me, a Luci está com você? Desculpe-me se faço esta pergunta, acabei de encontrar com o Marcelo e ele estava muito estranho e com...

— Onde você encontrou o Marcelo, onde Stella, pelo amor de Deus diga-me logo...

— No armazém... Só que ele já foi embora. Guilherme, está tudo bem?

— Ele sequestrou a Luci, ele levou minha mulher, Stella! Você sabe em que direção ele foi?

— Foi para direção sul, para estrada de terra onde ficam os sítios, se você for rápido vai alcançar o rastro de poeira.

— Obrigado, Stella! Você acaba de salvar a vida da mulher que mais amo na vida, muito obrigado!

— Por nada. Espero que a encontre, adeus, Guilherme!

— Adeus, Stella e mais uma vez obrigado!

Ele desliga, bem acho que agora posso dormir e acordar com a consciência mais leve. De todo o meu coração espero que o Guilherme encontre a Luci.

Eu sei que fiz muitas coisas erradas, que me apaixonei por um homem que não se importava comigo e por ele estava disposta a fazer coisas que me arrependeria por toda vida. Hoje eu sei que não queria aquela vida, quando lia livros sobre dominação e submissão suspirava por homens iguais aos dos livros, tipo Christian Grey, pois pensava que dominadores seriam príncipes, e quando percebi que o Guilherme pertencia a este mundo, achei que havia encontrado um tesouro escondido,

encantei-me por ele... Não! Não foi por ele, me encantei pelo o que ele representava e quando o Guilherme me mostrou o seu mundo, a realidade foi jogada em mim como um balde de água gelada junto com um fio elétrico desencapado. O choque foi tanto que joguei todos os meus romances sobre dominadores e submissos fora, Guilherme tem razão este mundo não é para todos, ele pertence aos que sentem necessidades de dominar e ser dominado, não é uma brincadeira sexual, é algo que tem que se levar a sério, querer, aceitar e respeitar tais necessidades. Confesso que fiquei com ódio do Guilherme, no entanto depois entendi que quem estava brincando com fogo fui eu, ele só foi um boneco em minhas mãos, agora eu sei que poderia ter me machucado seriamente, não só fisicamente como também psicologicamente, bem, graças ao Guilherme fui sacudida e acordada, meu momento submissa foi enterrado estou indo embora deixando aqui uma parte da minha vida que nunca quero lembrar, não sinto mais raiva do Guilherme, nem da Luci, desejo aos dois felicidades e que eles se entendam. Quanto a mim, espero encontrar um homem para amar e ser amada, mas sem chicotes, chibatas, palmatórias ou qualquer coisa que machuque.

Acordei com o som do motor de um carro, meu corpo sacoleja e minha boca amarga, reconheço imediatamente o automóvel... — NÃO! — Grito. Estou no banco de trás do carro, com as mãos amarradas para trás e os meus tornozelos estão presos a elas, Marcelo gira a cabeça para trás rapidamente, fitando-me e sorrindo com cinismo, ele volta à atenção para a estrada, só escuto o tom debochado da sua voz.

— Acordou, meu doce? Daqui a pouco chegaremos em casa. — Ele olha-me de soslaio. — Não se preocupe, não ficaremos por muito tempo lá.

— Ficou louco, Marcelo! Sequestro é crime, isso se o Guilherme não matá-lo primeiro, solte-me enquanto é tempo, deixe-me na estrada e fuja... — Tento manter a serenidade, pois minha vontade é de gritar, todavia eu sei que não adiantaria de nada.

Marcelo nada diz, continua com a atenção a estrada, minutos depois o veículo para e ele desce, abrindo a porta do carona, meus braços e pernas são desamarrados, sou erguida por seus braços e carregada, tento escapar, mas sou presa com força. Estamos em uma casa, pelo que consigo ver ela é um pouco antiga, cercada por uma varanda, as portas são de madeiras grossas e escuras, há muitas árvores em toda parte e muitas delas cobrem o telhado de telha escura. Entramos, passamos por uma enorme sala, não há muito móveis, algumas cadeiras em volta de uma mesa velha, um sofá velho e muitos quadros antigos com fotos de pessoas que provavelmente já estão mortas, seguimos por um longo corredor com várias portas, entramos no último quarto.

O quarto é muito escuro e cheira a mofo.

— Acostume-se a escuridão, meu doce, esse será o seu refúgio até conseguir outro veículo para sairmos de Itaipava... Não pretendo demorar aqui, no máximo uns dois dias, já entrei em contato com uma pessoa e logo ele estará aqui para nos pegar. Colabore e não sofrerá. Você pensou mesmo que iria desistir de você, tolinha! Eu sou o seu dono eterno, quem foi escrava nunca deixará de ser! Você nem imagina a saudade que estou sentindo do seu corpo e do seu medo... Pronta para me satisfazer, meu doce?

Sou deixada ao chão frio, Marcelo afasta-se por um instante. Uma vela é acesa, só então me dou conta onde eu estou, as janelas foram lacradas com tábuas, não há cama, só os brinquedos sádicos do Marcelo espalhados por todo o chão, entro em desespero, e minhas lágrimas brotam dos meus olhos, começo a lembrar-me do meu passado, do tempo em que era castigada por meus outros donos e pelo próprio Marcelo.

— Não, não Marcelo, não me machuque, por favor, não faça isso comigo novamente, você diz me amar, quem ama não maltrata, nem aprisiona... Deixe-me ir, deixe-me em paz, por favor...

— Como não amo você! Sacrifiquei minha vida para tê-la de volta, sacrifiquei minha carreira, meu futuro por você! Como pode dizer que não a amo, a partir de hoje você volta a ser minha mulher, construiremos uma família, teremos lindos filhos, você aprenderá novamente a ser uma esposa submissa, tudo ficará bem, tudo voltará a ser como era antes... E nem tente fugir de mim, não desperte minha ira, eu esfolo o seu couro, Luci.

Marcelo arranca minha roupa, deixando-me totalmente nua, sou acorrentada pelos tornozelos, meus braços são amarrados atrás do meu corpo, meus olhos são vendados e minha boca é amordaçada, de nada adiantou as minhas lamúrias, meus gritos de protestos. Marcelo está determinado em manter-me encarcerada, escuto o som da porta fechando-se. Choro até não ter mais lágrimas, eu estou sentada no chão frio, sozinha e morta de medo. Escutei um motor de carro sendo ligado e minutos depois o silêncio total, será que ele me deixou aqui sozinha...?

Estou enjoada, meu abdômen está dolorido, sinto uma dor fina no baixo ventre, rezo baixinho pedindo a Deus que o Guilherme me encontre. As cólicas voltam, tenho medo, temo por meu filho.

Na delegacia

— Precisamos agir, delegado, o Marcelo pode está em qualquer lugar nesse matagal de Itaipava, minha esposa está grávida e frágil, esse doido pode machucá-la seriamente, não dá para esperar reforço... Pelo amor de Deus!

— Se acalme, senhor Guilherme! A região é extensa, há muitos sítios e sem homens o suficiente, poderemos alarmar o individuo e ele poderá escapar. Já solicitei alguns policiais da cidade vizinha, eles estão a caminho, e tem mais, Guilherme, já é noite, nada podemos fazer nesta escuridão, ele não irá a lugar algum durante as próximas horas, tenha fé, homem de Deus.

Esse delegado de merda diz isso por que não é a esposa dele que está com um sádico louco, se ele pensa que ficarei aqui sentado esperando reforço está muito enganado, eu sei o que o Marcelo pretende fazer, pois já fiz o mesmo, não vou esperar a Luci tentar se matar como a Malu fez quando a sequestrei. Se Deus está querendo mostrar-me o que o Alek passou quando fiz aquela merda, ele conseguiu, pois o meu coração vai explodir se não encontrar minha Luci.

Aproveito que o delegado está conversando com alguém ao telefone e não o espero terminar, saí da delegacia sem olhar para trás e sem dar ouvidos aos seus gritos, chamando-me, entrei em meu carro e parti em busca da minha pequena sereia.

*** **

O dia amanheceu e nem sinal do automóvel do Marcelo. Estou esgotado, passei a noite e a madrugada entrando em todos os sítios abandonados e os que estavam ocupados perguntava se alguém tinha visto os dois, mandei minha secretária enviar-me uma foto do Marcelo para o meu celular, mostrava as fotos para todos que encontrava no caminho. Liguei para casa e assim tranquilizar as meninas, Miriam disse-me que elas ainda dormiam, foram vencidas pelo cansaço, pedi para que ela levasse-as para sua casa, pois eu só voltaria com a Luci em meus braços. Continuei minha busca incessante durante todo o dia, o delegado me ligou querendo saber onde estava, disse-lhe que era melhor nos separarmos e quem conseguisse encontrar qualquer pista primeiro, entrava em contato imediatamente, ele deixou-me mais tranquilo quando afirmou que tinha mais de vinte homens fazendo as buscas.

No final da tarde precisei procurar um posto de gasolina para abastecer o carro, já estava fora da cidade de Itaipava, o lugar era só mato, com muita sorte encontrei um posto BR, enquanto o frentista cuidava do carro mostrei a foto da Luci para ele, o rapaz disse que não a tinha visto, mostrei a foto do Marcelo, ele olhou, olhou, chamou o seu colega e mostrou a foto para ele.

— Este cabra eu vi, sim, senhor. Já passou por aqui umas cinco vezes e dá última vez não tava tão simpático assim, parece que levou uma boa surra.

— Quando foi essa última vez e para que direção ele seguiu...? Meu coração foi para boca, finalmente uma boa notícia! Agarro-me a todas as esperanças, ansioso, espero a resposta dos dois homens.

— Para lá! – Ele aponta para uma estrada de terra, logo após a pista de asfalto do outro lado do posto de gasolina. — É propriedade particular, moço. – Eles completam.

— Como assim? – Indago.

— Lá ficam os sítios Lua Bonita e Lua Bela. É muito longe, moço, já no final da estrada. Fazia tempo que não via gente por essas bandas, pensei até que o dono havia vendido, é afastado de tudo.

Agradei a ajuda aos frentistas, nossa mãe! O Marcelo planejou tudo direitinho, onde iria imaginar que ele traria a Luci para um lugar assim. Liguei para o delegado avisando-o que tinha uma pista, o frouxo do homem mandou-me voltar, pois já estava ficando noite e de nada adiantaria irmos de encontro ao Marcelo, o melhor esperar amanhecer, pois já mandou bloquear todas as saídas das

rodovias, o Marcelo não tinha como escapar. Mencionou que o Marcelo poderia está armado e eu poria a minha vida e a da Luci em risco, exigiu que retornasse imediatamente.

— O senhor acha mesmo que voltarei para Itaipava agora? Só volto com minha mulher sã e salva.

Desliguei o telefone. Só eu mesmo para deixar minha Luci passar mais uma noite nas garras daquele demente, nem que levasse a madrugada inteira eu a encontraria...

Horas depois no sítio Lua Bonita

Não sei que horas deve ser, só sei que os meus braços e pernas estão doloridas, minha boca está seca e muito dolorida e os meus olhos ardem. Talvez meus ouvidos estejam brincando comigo, mas escuto a voz do Guilherme me chamando por diversas vezes, escuto também batidas na porta da frente. O barulho parou e o silêncio voltou.

Algum tempo depois escuto o barulho da porta sendo aberta, Marcelo tira a venda dos meus olhos e a mordação da minha boca, ele desamarra meus braços e livra-me da corrente, sou colocada em seus braços e levada para outro quarto. Sou banhada e alimentada, estou faminta e dolorida. Começo a sentir fortes dores no meu ventre.

— Oh Deus! Oh Deus! Ai, ai, ai que dor... — As cólicas aumentam, encolho-me juntando os meus joelhos ao meu queixo. — Deus do céu! — Dói muito... Levo uma das minhas mãos entre minhas pernas, sinto algo molhado e viscoso, meu coração acelera, meu corpo enrijece, e quando trago minha mão até os meus olhos, grito desesperada, fito o Marcelo com os olhos saltados. — Meu filho! Meu filho! Ajude-me Marcelo estou perdendo o meu filho...

Marcelo fita-me abismado, sua fisionomia muda completamente, a ira é visível e como um animal louco ele vem em minha direção.

— Você se atreveu a engravidar daquele maldito! Sua cadela, como ousou a fazer isso comigo... — Marcelo fica louco, uma de suas mãos segura em meus cabelos e a outra me esbofeteia por duas vezes, meu rosto queima, sou chacoalhada por diversas vezes, os seus olhos brilham de raiva, seu rosto junta-se ao meu e duramente ele esbraveja. — Espero que você perca esse bastardo, não vou ajudar em nada, vou ficar aqui esperando você o expelir... Filhos, você só terá os meus.

Fui levada arrastada pelos cabelos para o quarto sombrio, meu corpo deixou um rastro de sangue pelo caminho. Gritei tão alto que minha garganta ardeu.

— SOCORRO! SOCORRO!

— Pode gritar a vontade, meu doce, ninguém vai te escutar, escondi o meu carro bem longe da casa e quando fui buscar água no riacho para você se banhar, me certifiquei se tinha alguém por perto. Grite, meu doce, faça bastante força para expulsar este bastardo de dentro de você, se ele não sair por bem, eu mesmo o arranco de você.

Meu corpo está cansado e muito dolorido, já não tenho mais forças para suplicar clemência, porque já sabia que de nada adiantaria. Antes de me amordaçar, Marcelo me bate mais uma vez e

vocífera ferozmente.

— Você é minha, Luci, minha propriedade, filhos, você terá só os meus e lhe garanto que serão muitos, no entanto primeiro você aprenderá a me respeitar e a voltar a ser minha esposa submissa, bem mansinha e obediente. Entendeu?

Cuspo na cara dele, como o seu rosto está próximo ao meu, dou-lhe uma cabeçada bem no nariz, o sangue desce, ele cai para trás, apoiando o corpo nas mãos. Minha felicidade dura pouco, ele recompõe-se e engatinha em minha direção.

— Maldita! Você vai se arrepender por ter feito isto. Sou segurada pelo pescoço, ele fecha a mão e arma-se para me socar, fecho os olhos para receber o murro...

Só escutei o som de algo caindo com muita força ao chão... E a voz raivosa do Guilherme.

— Filho da puta! Eu vou matar você, vou acabar com sua maldita vida, covarde... Você gosta de bater em mulher, gosta seu cretino, quem gosta de bater gosta de apanhar também, filho de uma cachorra...

Abri os meus olhos e lá estava o meu marido, sentando no peito do Marcelo, socando-o com toda a fúria dos seus punhos... Marcelo é duro na queda e mesmo apanhando, ele consegue esbravejar.

— Você pode até salvá-la, mas a sua cria já era, ela perdeu o seu filho seu idiota...

Guilherme o segura pelo pescoço e fita-me, seus olhos seguem para o meio das minhas pernas, o sangue havia parado, mas eu ainda sentia dores. Ele esbraveja.

— Maldito! Você é um maldito e assassino, você matou o seu próprio filho, seu idiota. Luci esperava um filho SEU!

Guilherme começa a socá-lo novamente, Marcelo não reage mais, ele fita-me com angústia, como se perguntasse se era verdade, eu assenti com a cabeça.

— Mate-me! Mate-me, Guilherme, vamos mais forte...

Guilherme foi tomado pela fúria.

— PARE! —Gritei. — Pare, meu amor, não vale a pena, leve-me daqui.

Ouvi vozes vinda do corredor, vários policiais entram, Guilherme é retirado de cima do Marcelo. Ele vem correndo até mim, me solta, coloca-me em seus braços e leva-me para bem longe

do Marcelo. Fui colocada em seu carro, só escutei alguém dizer ao Guilherme para segui-lo.

Escutar os gemidos de dor da Luci no banco de trás do meu carro era uma tortura agonizante, não sei como consegui dirigir até Itaipava, fui guiado por Deus. Assim que chegamos ao hospital, Luci foi levada as pressas para a emergência, doutor Joaquim já nos aguardava, não quis avisar as minhas filhas, precisava de coragem para lhes contar que sua mamãe havia perdido o seu irmãozinho. A dor de se perder alguém que ama é dilacerante, Joana e Luiza já estavam apegadas por demais a esse bebê, como vou contar isto as duas? Nem eu mesmo quero acreditar que o meu filho não está mais na barriga da minha pequena sereia, meu filho, meu pequeno filho... Deus do céu dê-me força para ajudar a Luci, ela sofrerá muito, por favor, Senhor Deus, dê-me sabedoria para acalantar os que amo nesta hora tão sofrida.

Foram horas a espera de notícia, ninguém sabia me informar nada, nesse meio tempo o delegado me ligou dizendo que o Marcelo já estava encarcerado e precisavam do meu depoimento para enviá-lo para a penitenciária estadual de Salvador, disse-lhe que ele teria que aguardar, pois minha esposa era prioridade neste momento, o delegado entendeu dizendo que estava esperando-me o quanto antes. Já estava a ponto de invadir a ala restrita do hospital, quando uma enfermeira veio me avisar que o doutor Joaquim aguardava-me em sua sala. Cabisbaixo eu fui até lá, bati a porta e entrei. Sua feição estava inexpressiva, ele manda-me sentar.

— Posso ver minha, Luci? Ela está bem? – Foi o que consegui indagar.

Joaquim dedilha os dedos na mesa, fita-me longamente, isso me deixa muito mais intranquilo.

— Sua esposa está dormindo, mas terá que passar a noite aqui, ela não está muito machucada comparado as outras vezes, só não sei como vai reagir quando acordar... – Com impaciência interrompo a fala

— Eu sei, mas posso assegurar que ela já sabe que perdeu o nosso filho.

Joaquim levanta-se e vem até a frente da mesa, se recosta a ela, me segura pelo ombro suas sobrancelhas estão arqueadas, isto é sinal de que o que ele tem a me dizer pode não ser bom, ele fita-me e um pequeno riso sai dos seus lábios antes de dizer as palavras mais maravilhosas que os meus ouvidos já ouviram.

— Luci não perdeu o bebê, conseguimos interromper o sangramento, só que precisará seguir um repouso longo até o bebê ficar mais forte. Foi por pouco, Guilherme, podemos dizer que foi um milagre de Deus, quando disse “como ela vai reagir” foi ao que ela passou nas mãos do ex-marido,

porque mais uma vez ela sofreu abusos e isso mexe com o psicológico da pessoa, ela poderá ficar muito fragilizada, não a deixe sozinha.

Quando escutei o Joaquim dizer que o meu filho estava vivo, meu mundo voltou a ficar colorido, pulei da cadeira e o abracei, felicidade é o meu nome, minha esposa está bem, meu filho está bem, Marcelo está fora de nossas vidas para sempre. Agora o que mais quero na vida é abraçar e beijar muito minha pequena sereia, levá-la para casa e para perto das nossas filhas e esquecermos tudo isso.

Luci recebeu alta, três dias depois, pedimos para Joaquim manter segredo sobre o bebê, só enquanto o Marcelo estivesse em Itaipava, queremos que pense que realmente a Luci abortou a criança, assim não correremos o risco de algum dia ele possa tentar pedir o teste de paternidade e assim ficar com a guarda do filho.

*** **

No final da tempestade vem à calmaria.

Logo que o meu carro parou de frente para casa, escutamos o barulho de vozes muito animadas...

— Mamãe e papai chegaram! Oba! — Luiza e Joana saíram de dentro da casa a toda velocidade, se não ficasse a frente de Luci, elas teriam a atropelado.

— Ei, meus carrinhos desgovernados, vão com calma, a mamãe precisa de cuidados e muito repouso, nada de pular em seu colo ou assustá-la, ok?

— Beijinhos podem papai? — Elas perguntam ao mesmo tempo e fazem a aquela carinha de cachorrinhos abandonados. Olho por cima do ombro, suspendendo os olhos para fitar a Luci. Piscos-lhe um olho, ela sorri.

— Beijinhos podem sim, meus amores. — Luci articula.

— E em nosso irmãozinho também pode? — Elas olham para Luci.

— Podem sim, minhas princesas! — Luci replica com um riso largo nos lábios, no entanto eu contesto.

— Só depois que a mamãe estiver deitada confortavelmente na cama, combinado?

Luiza pega a mão de Luci e já ia puxando-a para ir com ela.

— Parada, mocinha, a mamãe irá nos braços do papai.

Levo Luci em meus braços para o nosso quarto, assim que ela foi colocada na cama, Luiza e Joana enchem-na de beijos e os risos das três alegram o meu coração, preenchendo cada poro do meu corpo. E pensar que há pouco tempo eu me negava a ter tamanha satisfação, rejeitava o amor por me achar indigno a ele, recusava-me a abraçar a necessidade de ser amado novamente, e aqui estou, completo, realizado e amando desesperadamente, Maria Lúcia é a minha volta a vida.

Nosso quarto foi transformado em um acampamento, nossas filhas mudaram de travesseiros e ursinhos de pelúcia para nossa cama, a princípio não concordei, contudo os apelos de Luci e as súplicas dos meus anjos loiros me derrotaram, fui vencido pelas promessas das três em ficarem comportadas.

Três dias depois fui chamado à delegacia, o delegado quase me intimou a comparecer, chamei um advogado para ir junto, Luci assinou uma procuração, colocando-o com seu representante legal para formalizar a acusação de abuso sexual, violência doméstica e cárcere privado, eu seria

testemunha. Fomos direto falar com o delegado, não demorou muito para formalizarmos as acusações, pois além de mim, o doutor Joaquim foi como testemunha ocular das lesões do corpo da Luci causada por Marcelo, o advogado dele também estava presente, ficamos sabendo que ele não ficaria muito tempo na prisão estadual de Salvador. Assim que sua sentença saísse, ele seria transferido para outro estado e por ter diploma superior, ficará em uma cela especial. Fui informado que o Marcelo pediu para conversar comigo, nosso advogado me aconselhou a não ir, mesmo assim eu fui, minha curiosidade não me deixou dizer não, precisava saber o que ele tinha a me dizer.

Marcelo foi trazido até uma sala, sua aparência estava terrível, muito abatido e com uma palidez evidente, penso até que ele possa está doente.

Espero ele sentar-se, Marcelo mal olha em meu rosto. Com certa resistência ele murmura.

— Como a Luci está? E o bebê conseguiu sobreviver?

Eu já temia por esta pergunta, fitei-o e falo com autoridade.

— Olhe para mim, Marcelo! – Ele fita-me.

— Sabe qual a minha satisfação nesta tragédia toda... – Espalmo a mão com força a mesa, ele assusta-se. — É saber que você passará o resto da vida se atormentando com sua consciência, porque você foi o responsável pela morte do seu único filho. – Mantenho a voz firme, respiro fundo e completo. — A Luci está bem, na medida do possível, pois uma mãe nunca supera a perda de um filho, no entanto graças a Deus podemos ter outros filhos, só que ela nunca perdoará você por ter assassinado o seu filho, era só isso? – Ele assente com a cabeça, levanto-me e vou embora sem olhar para trás.

Marcelo teve a mesma oportunidade que um dia a Malu me deu, só que ele não soube aproveitar, não abraçou a chance de recomeçar novamente, decidiu olhar para trás e arriscar o seu futuro promissor, portanto ele está colhendo o que plantou. Dias depois, meu advogado avisa-me que Marcelo pegou uma pena de oito anos de detenção, achei um absurdo isso, com certeza ele não cumprirá nem a metade da pena, sairá por bom comportamento, fazer o que, lei é lei... E estamos no Brasil, se fosse em outro país, a pena seria diferente, sabendo disso decidi que assim que a construção do *resort* terminasse voltaremos para Los Angeles. Minha decisão já foi tomada, como também, assim que o nosso filho nascer, vamos mudar para Salvador. Comprei uma casa em um condomínio fechado perto da praia, mandei reformar, inclusive a piscina. O engenheiro disse-me que antes do bebê nascer, ela ficará pronta, quando perguntei a Luci se ela concordava com a mudança, minha pequena sereia aceitou imediatamente, e o seu semblante de alívio revela o quanto o Marcelo

ainda a perturba, mesmo que ela negue sei que está com medo, não a quero insegura nem amedrontada, o que puder fazer para garantir o seu equilíbrio emocional farei.

Dias depois...

— Mamãe, eu posso levar dois bolos para escola? — Luci está distraída examinando o material escolar das mochilas, acho que ela não escutou quando Luiza pergunta. Curioso com a sua pergunta, eu indago.

— Posso saber o porquê de dois bolos e não um?

— Claro, papai. — Ela volta-se para mim e gesticulando com as mãozinhas explica. — Hoje é a despedida da professora Stella e também a chegada da nossa professora nova, um bolo é para a professora Stella e o outro para a nossa nova professora. Não é justo?

Assim que Luci escuta o nome Stella, ela para com tudo que está fazendo e me observa, não tive coragem de fitá-la, continuei olhando para Luiza.

— Justíssimo, minha filha, peça a Miriam para fazer os dois bolos, quando estiverem prontos, os levarei para vocês presentear as suas professoras, certo?

— Oba! Valeu, papai, o senhor é o melhor pai do mundo! — Seus bracinhos cercam o meu pescoço e sou presenteado com uma porção de beijos.

— Ok! Chega de beijos! Vá chamar sua irmã ou se atrasarão para a aula, espero as duas no carro...

Aproximo-me da minha pequena sereia e a puxo para mim, roubo-lhe a boca, não dando a ela a chance de articular uma só palavra. — Volto já. — Virei às costas e saí sem olhar para trás, ela ficou me observando.

Da escola fui até o *resort*, já estava a caminho de casa quando recebi uma ligação, estavam precisando de mim com urgência, liguei para a Luci e avisei que iria demorar um pouco. As obras estão bastante adiantadas, não há necessidade que fique o dia inteiro no escritório, posso resolver a maioria dos assuntos por telefone ou vídeo conferência, só vou até lá quando há uma urgência, como agora.

— Miriam, quando os bolos estiverem prontos avise-me, eu mesma os levarei para escola o Guilherme só estará em casa para almoçar.

— O senhor Guilherme está sabendo disto, dona Luci? A senhora sabe como ele é controlador, ai, ai...

— Não se preocupe. Com o senhor controlador eu me entendo, eu preciso resolver um assunto mal resolvido, avise-me antes de estar pronto, pois preciso chamar um táxi.

— A senhora é quem sabe, daqui a dez minutos pode chamar o táxi...

Entrei em meu quarto para me trocar, minhas roupas já estão ficando apertadas em meu corpo, principalmente na altura dos seios. Dispo-me diante do grande espelho e fico avaliando o meu corpo... Meus seios estão lindos, agora que estão maiores sinto-me poderosa e abuso nos decotes, Guilherme fica louco, diz que o nosso filho via ter que dividi-los, pois não vai admitir egoísmo entre os homens da família, embora ainda não saibamos o sexo do bebê, ele está certo que é um menino. Visto algo bem confortável. Ouço Miriam chamando-me, avisando-me que os bolos estão prontos, ligo para a companhia de táxi e peço um.

Cheguei à escola no horário do recreio, minhas filhas, quando me viram, correram em minha direção.

— Mamãe, mamãe, venha... Vamos até a nossa sala, trouxe o refrigerante?

— Estão tudo aqui na sacola, meus anjinhos. — Respondi rindo.

Fomos para a sala de aula, arrumei tudo na grande mesa, Joana e Luiza foram chamar os coleguinhas e as duas professoras. Cinco minutos depois a galerinha entra a sala, felizes da vida. Stella quando me vê fica sem graça, percebo isso imediatamente, fui apresentada a nova professora, ela chama-se Selenia, é bem jovem, deve ter uns 23 anos. Feitas as apresentações e os bolos cortados e servidos, aproximo-me da Stella.

— Podemos conversar, Stella? — Ela fita-me e sorri com indulgência, mostra-me um local para sentarmos. — Prefiro que seja em outro local, algo mais reservado.

— Siga-me. — Ela diz. — Assim o fiz.

Entramos em uma sala com uma mesa enorme e diversas cadeiras, uma TV, um grande estofado e um frigobar. A sala estava refrigerada, sentamos no estofado, como não sou de enrolação fui direto ao assunto.

— Stella, eu sei que nunca fomos amigas íntimas, no entanto nossa última conversa não foi muito prazerosa, não quero que vá embora com raiva de mim ou mesmo ressentida, somos adultas, se a magoei, peço que me perdoe. — Ela me fita com assombro. — Você me perdoa? Não fui correta com você também, pois quando me envolvi com o Guilherme, eu já sabia do seu interesse por ele, nós

duas erramos, fomos sacanas uma com a outra, por isso vim aqui, você me perdoa?

Ela baixa os olhos, suas mãos apertam uma na outra, uma lágrima desce e cai em sua saia vermelha, marcando o tecido. Sem levantar o olhar ela sussurra.

— Sim e você me perdoa? — Ela suspira profundamente e continua. — Estava tão possessa, com tanto ciúmes e raiva, que nem pensei na possibilidade do Marcelo machucá-la, ao contrário eu rezei muito para que isso acontecesse, meu ódio por ter sido trocada foi tamanho que desejei que ele a matasse e assim o Guilherme ficasse comigo...

Suas mãos escondem o seu rosto e o choro é compulsivo, sua voz sai embargada e quase não consigo entender o que ela diz.

— Precisei levar um choque, para entender que o Guilherme não me queria e nem eu o queria tanto assim. Meu desejo não era pelo o Guilherme, mas pelo o que ele representava em minhas fantasias, o homem dos meus livros, o dominador dos meus sonhos, só acordei quando ele me mostrou a realidade de uma submissa.

Stella levanta-se e ajoelha-se aos meus pés, aquele gesto me pegou de surpresa, ela segura em minhas mãos e fixa os olhos nos meus, seu olhar é de desespero.

— Perdoe-me, Luci, perdoe-me por todo o mal que lhe fiz, e sinto muito por você ter perdido o bebê. A culpa é minha, saiba que carregarei esta culpa pelo o resto da minha vida, a minha vaidade e o meu egoísmo foram responsáveis pela a morte de um inocente. Juro a você que estou muito arrependida, eu... Eu sei que de nada vai adiantar, mas se eu pudesse voltar ao tempo, não faria isso novamente, perdoe-me, Luci...

Stella agarra-se a mim com força, o seu abraço é tão apertado que me sufoca, fico com vontade de lhe contar a verdade, dizer-lhe que o meu bebê está vivo dentro de mim, contudo o meu medo é maior e me calo, minhas mãos vão até sua cabeça e a acaricio com ternura.

— Está tudo bem, Stella, eu posso ter outros filhos. É claro que estou triste, mas não foi sua culpa, e... Olhe para mim, olhe-me, Stella. — Ela afasta-se do meu corpo, limpa as lágrimas com o dorso da mão e fita-me. — Estamos as duas perdoadas, fique em paz, eu tenho certeza que um homem muito especial está esperando a oportunidade de lhe conhecer e você será muito feliz ao seu lado. — Inclino o meu rosto até sua testa e a beijo.

Abraçamo-nos, e quando estávamos selando nossa paz, escuto a voz do Guilherme chamando-me...

— Luci, Luci! Que merda, onde você está?

A voz desesperada do meu marido chama a nossa atenção, levantamo-nos e fomos em direção a ele. Quando o Guilherme me vê corre e me toma em seus braços, seu aperto é apreensivo.

— Ficou louca, Luci, como você sai sem me avisar, como vem até aqui sozinha. Quer me deixar maluco? — Ele encosta a boca a minha testa, seu corpo está trêmulo e o seu peito oscila.

— Se acalme, meu amor, eu estou bem. Vim trazer os bolos das nossas filhas e aproveitei para me despedir da Stella.

Só então o Guilherme percebeu a presença da Stella, ele afasta-se do meu corpo dirigindo o olhar para ela.

— Olá, Stella! — Foi um cumprimento frio, percebi que os dois estavam indiferentes um com o outro.

— Obrigada, Luci, pelo o bolo, amei a surpresa. Estou indo embora hoje à tarde, portanto não nos veremos mais, e apesar de tudo posso dizer que gostei do tempo que passei aqui em Itaipava, aprendi muito nesse tempo. — Nesse momento ela olha diretamente para o Guilherme. — Adeus, senhor Guilherme!

Stella sai da sala nos deixando sozinhos, tenho certeza que há ressentimento entre os dois, não sei o que aconteceu, não sei o que o Guilherme fez e com certeza se perguntar para ele, não obterei resposta, portanto o jeito é aceitar este silêncio, já consegui esclarecer minha dúvida, agora é seguir em frente.

Guilherme segura a minha mão e leva-me para fora da sala, já fora do colégio, sou chamada atenção.

— Maria Lúcia, se não fosse por seu estado, hoje você seria castigada por sua desobediência.

Foi escutar a palavra castigo, meus olhos brilharam de excitação, meu riso frouxo disse tudo, Guilherme percebe meu afoitamento. De forma sucinta ele alega.

— Castigo, moça, não safadeza... — Sorri de forma presunçosa. — Entre! — Ele abre a porta do carro e me manda entrar.

Por causa da palavra castigo, passei a tarde toda correndo atrás do Guilherme, ficava o

provocando, embora sabendo que não adiantaria nada, pois o senhor meu marido é um homem muito controlado, mesmo estando subindo pelas paredes ele não chega perto de mim... Por mais que saiba que não posso fazer amor, à vontade desarvorada está presente, meu desejo por meu marido é voraz, deixa-me inquieta e o controle que ele tem por seu corpo e suas vontades me aborrecem muito... Estamos proibidos de fazer sexo até segunda ordem, meu útero está frágil e a força de um orgasmo pode contribuir para um aborto, o jeito é aceitar e ficarmos um olhando para o outro, desejosos.

*** **

Um mês depois.

— Nós também queremos ir, papai. Não é justo só senhor conhecer o nosso irmãozinho, queremos vê-lo na TV, a mamãe nos contou que a médica vai mostrá-lo na tela da TV, por favor, papai, leva à gente, leva vai!

— No próximo mês eu prometo que levo, hoje não, se esqueceram de que as duas estão em prova? Não se preocupem trarei a gravação do ultrassom e vocês vão conhecer o seu irmão, certo?

— Não é justo, temos os mesmos direitos que o senhor, papai. — Luiza começa a chorar, joga-se ao sofá cruzando os braços e enchendo as bochechas de ar.

Luci vai até ela, senta-se ao seu lado e a puxa para o peito.

— Filha, não fique assim, seu pai tem razão, hoje não dá para vocês irem, pois estão fazendo os exames da escola, no próximo mês iremos todos juntos e o irmão de vocês estará maiorzinho, hoje é bem pequeno... Tudo bem?

Joana se junta à irmã e deita a cabeça na barriga da Luci.

— Irmãozinho, não sorria para o nosso pai, ele não quis nos levar junto, portanto faça birra, combinado?

— Combinado, irmãzinha! — Luci imita a voz de um bebê.

Elas começam a rir e a barriga da minha pequena sereia recebe muito beijos.

— Começou o domínio feminino nesta casa? Será que vou precisar ditar regras aqui? — Falo com autoridade. Elas me fitam e fazem careta para mim. — Vamos, minha mulher e minhas filhas, deixarei vocês na escola, a Miriam vai buscá-las.

Luci já está com 12 semanas, três meses para ser mais exato e hoje saberei se serei pai de um menino ou de uma menina, apesar de ter certeza que é um garotão. Minha pequena sereia já mostra sua linda barriguinha, é pequena, mas é linda! Tenho certeza que ficará uma linda grávida, seus seios ficaram formidáveis, fico babando só de vê-los desnudos, ainda não podemos fazer amor, estou quase enlouquecendo, estou me virando nos trinta com minhas mãos, Luci não pode nem imaginar que estou me masturbando, ela vai ficar muito zangada, pois vive me dizendo já que ela não pode ter orgasmos, eu também não posso, só que fica difícil ver e não poder tocar. A sacaninha da minha esposa adora desfilas nua em minha frente, é covardia, como posso manter o meu controle desse jeito?

Chegamos à clínica médica três horas depois. De Itaipava para Salvador levo uma hora e quarenta minutos, com Luci ao meu lado e no estado em que está, guio o carro na velocidade mínima exigida. Fomos direto para sala do ultrassom, a médica logo percebe meu nervosismo, ela sorri e olha-me com a sobrelance arqueada, com aquele sorriso expressivo, como se quisesse dizer: lá vem o bobo babão.

— Se acalme, senhor Guilherme, a Luci não veio dar a luz ainda, está muito longe para isto acontecer, respira, homem de Deus... — Ela ri da minha agonia.

Luci também está se divertindo com o meu nervosismo, faço uma careta para ela. A atendente a leva para a outra sala, quando ela retorna já está vestida com uma camisola hospitalar, ela deita-se a maca e a médica prepara o aparelho para examiná-la.

Primeiro escutamos o som do pequeno coração, parece uma bateria de escola de samba bem ritmada, meus olhos lacrimejam. O aparelho é desligado e outro é ligado e movimentado por todo o ventre da Luci, as feições da médica tornam-se sérias, fico apreensivo.

— Algum problema, doutora? Pelo amor de Deus, se algum problema nos fale logo!

Ela nada diz, continua a examinar o ventre da Luci... Foram minutos agonizantes, até que o silêncio foi cortado.

— Já escolheram os nomes para ambos os sexos? — Ela pergunta de forma descontraída.

— Sim. — Responde Luci. — Se for menina, será Isadora e se for menino... Luci fita-me com os olhos carregados de emoção. — Se for menino, se chamará João Guilherme...

Deus do céu! Por essa não esperava, Luci já havia me confessado o nome da menina, mas não me disse qual seria a sua escolha para o menino. Fico emocionado por tamanha surpresa.

— João Guilherme é um menino muito danado, está com as perninhas abertas mostrando todo o seu poder másculo, quer ver o seu filho, papai?

Graças à modernidade, hoje podemos ver com perfeição cada detalhe do bebê no ventre da mãe. A médica mostrou-me tudo, vi o meu filho em todos os detalhes, chorei, chorei sem vergonha alguma, aquele pedacinho da Luci brincava dentro da pequena bolsa, e quando conversava com ele, ele se movimentava, a impressão que tive era que ele entendia tudo que dizia. Beijo os lábios da minha amada mulher e sussurro ao seu ouvido.

— Obrigado! Amo muito você.

Luci foi se trocar. A médica espera ela retornar, algo não está bem, sinto isso nas duas rugas formadas em sua testa. Luci senta-se ao meu lado segurando em minha mão com força, ela também está nervosa conheço minha mulher, suas mãos estão frias e suadas. Seu olhar preocupado fita-me, como gostaria de lhe passar tranquilidade, nem que fosse só por um momento. A médica corta o nosso silêncio, ela encara nós dois.

— Luci, gostaria muito de dizer que está tudo bem com sua gestação, mas não posso dizer isto, seu útero não está se portando como deveria, temo que sua gestação não chegue a 31 semanas, portanto preciso que repouse bastante, nada de esforço físico e emocional e isso inclui orgasmos... Vocês dois terão que esperar até o João Guilherme nascer, eu estou falando sério, o risco é muito grande para acontecer um aborto, no mais o desenvolvimento do João está perfeitamente saudável.

Saímos do consultório feliz, apesar de continuarmos proibidos de fazermos amor, ficamos felizes em saber que o nosso menino estava crescendo saudável, pois o problema não era com ele, mas com estado do útero da Luci, o que era de se esperar, depois de tudo em que ela passou. É um milagre sua gestação ter continuidade.

Nos meses seguintes, Maria Luiza e Joana nos acompanharam as idas a obstetra, e a alegria das meninas quando viram o irmãozinho pela primeira vez ainda na barriga da Luci foi inigualável, foi uma euforia absoluta, elas tinham quase certeza que o João entendia o que diziam. Com 20 semanas, os incômodos gestacionais da Luci aumentaram e ela passou a ficar o seu maior tempo na cama, à médica nos proibiu de ir até a capital, pois o sacolejar do carro na estrada poderia forçar o parto. Com 31 semanas às 00h15 de um domingo, João Guilherme nasceu de parto normal com 2.100kg e 44 cm, um lindo menino de olhos azuis e cabelos negros. Liguei para Malu, Caio e Clara, mal conseguia falar de tanta emoção, mandei as fotos do meu meninão, a Malu disse que ele se parecia muito com o Caio e Clara não concordou, dizia se parecer com Fernando, não importa com quem ele se parece, o que importa é que ele é o meu filho e da Luci e será muito amado.

Luci recebeu alta médica sete dias após o parto, ela não quis ir embora e deixar o João Guilherme no hospital, nosso filho precisou ficar mais alguns dias para ganhar peso, já que nasceu prematuro. Quando chegamos a casa, estava tudo pronto para recebê-lo, balões enfeitavam toda a sala e havia um lindo bolo a espera do mais novo membro da família, o nosso João Guilherme Gusmão, meu filho amado.

Dois meses e meio depois.

Hoje, o Guilherme não me escapa, já faz quase três meses que nosso filho nasceu e nada de fazer amor. Não estou aguentando de tanta vontade, infelizmente não estou amamentado, pois o João Guilherme é um menino muito faminto e o leite materno não foi suficiente para saciar sua fome, por isso o doutor Joaquim prescreveu outro leite para compor sua dieta, só que o danado do meu filho não quis mais mamar em meu seio dando preferência a mamadeira, com essa mudança ele ganhou alguns quilos, está se parecendo uma bolinha de tão gordinho, com isso posso dormir mais horas. Eu e o Guilherme revezamos para alimentá-lo, ele se alimenta de três em três horas, isso colabora com minha intenção malévola...

Pergunto a Miriam se ela pode ficar com as crianças até o outro dia pela manhã, ela responde prontamente que sim, disse-me que o seu marido adora crianças e vai adorar tê-los durante uma noite inteira. Fico tranquila, porque o João Guilherme é um bebê muito tranquilo, ele só chora quando está com fome ou molhado, no resto ele dorme o tempo todo.

As gêmeas ficaram felizes quando souberam que passariam a noite na casa da Miriam, nem perguntaram o porquê, às 17 horas todos foram embora. Eu tinha pouco tempo para preparar tudo. Logo à tarde fui até o povoado e comprei o que precisava, Guilherme chega normalmente às 19 horas, meu tempo é curto para arrumar o que preciso e depois me preparar para recebê-lo. Estou eufórica, posso dizer até nervosa com que estou prestes a fazer, pois nunca fiz isso para o Guilherme, já fiz para outros homens, não sei como ele irá reagir a tal surpresa, a tamanha ousadia, seja o que Deus quiser. Corri contra o tempo, chamei a moça que sempre fazia minha depilação e fiquei bem lisinha para o homem da minha vida, tomei um gostoso banho, usei o meu óleo hidratante de baunilha, preendi os cabelos bem no alto da cabeça, vesti minhas meias vermelhas 7/8 com rendas na altura das coxas e cinta liga, sapatos altos...

Depois de Tudo, VOCÊ.

Quando estacionei o carro de frente para minha casa, notei algo errado... Estava tudo escuro, um completo breu, não escutei o som de crianças brincando ou brigando, nem o choro do João Guilherme, mas que diabo está acontecendo? Ligo para o celular da Luci e cai direto na caixa, ligo para o fixo e o escuto tocar e logo ele é silenciado, alguém o desligou... Se algo grave tivesse acontecido, eu seria avisado. Minha curiosidade me instiga e com passos largos, chego até a porta da frente, giro a maçaneta e entro.

A sala está escura, mas percebo, pelo vão da porta do quarto, que há lampejos de luzes...

Chamo por minhas filhas, ninguém responde, chamo por Luci, e ao invés de escutar o som da sua voz, ouço uma das minhas canções favoritas tocando baixinho, é uma música instrumental bem sensual... O que será que Luci está aprontando? Antes de chegar à porta do quarto, noto que há um papel dobrado em cima da mesa, o pego e o leio.

“Guilherme, não se preocupe nossos filhos estão bem, Luci.”

Mais que inferno está acontecendo aqui!? Luci está procurando sarna para se coçar, vou deixar sua bunda vermelha de palmadas, por me deixar tão louco de preocupação. Já mordido de curiosidade, dirijo-me às pressas até ao quarto, nem bati a porta, abri-a com toda a estupidez e o que vi em minha frente, deixou-me pasmado, completamente aturdido e surpreso.

Luci está de joelhos, sentada sobre os seus calcanhares, as mãos abertas para cima e apoiadas em suas coxas, coluna reta e de cabeça baixa, fixando os olhos ao chão, está tão linda e entregue naquela posição, fico tão extasiado que mal consigo respirar... Tesão? Não! Não estou com tesão, estou cheio de desejos por minha mulher, admirado por sua beleza e sua entrega submissa a mim, o seu corpo nu, o seu cheiro e sua respiração tranquila deixam-me em pleno nirvana, esta mulher tornou-se o centro do meu mundo, minha vontade é tomá-la agora mesmo, ajoelhar-me a sua frente, entregando-me da mesma forma.

O seu peito oscila com mais rapidez, pelo que conheço da minha pequena sereia, ela está ficando apreensiva, talvez esteja pensando que eu não gostei da surpresa. Se ela pudesse ver o que está acontecendo por baixo da minha calça, como o meu membro pulsa e clama por ela, este nervosismo acabaria em um piscar de olhos.

Mesmo perplexo, eu a observo, ela olha-me por cima dos cílios, nossos olhares se encontram por alguns segundos, estou hipnotizado e entregue a minha linda e submissa mulher, e para minha

surpresa ela vai inclinando lentamente o seu corpo ao chão, os seus braços estendem-se a frente de sua cabeça com as palmas das mãos abertas para cima, a sua voz branda e a sua posição submissa abalam minhas estruturas.

— Meu senhor, sou tua, mesmo antes de nascer, sou tua, ontem, hoje e sempre. Meu corpo, minha mente e minha alma pertencem a ti, toma-me como quiser, use-me ao seu bel prazer, o seu prazer é o meu prazer, sua felicidade é a minha felicidade... Amo-te com toda a força do meu ser.

Ela cala-se, com um olhar faminto e sedento de desejo, aproximo-me para bem perto de suas mãos, seus dedos tocam sutilmente os meus sapatos, sem me olhar, ela rasteja até eles e beija-os, nesse momento meu coração foi para boca e o meu membro pulsou ferozmente. Luci senta-se novamente sobre os seus calcanhares e com cuidado meus sapatos são retirados, depois minhas meias. Ela fica sobre os joelhos, seu rosto defronte a frente da minha calça, com suavidade, ela desafivela meu cinto e ele é retirado. Luci o segura com as duas mãos e sem erguer o olhar, mostra-o para mim.

— Meu senhor, se me comportei mal em me oferecer a ti sem a sua permissão, peço-te que me puna, tome. — Ela oferece-me o cinto, Luci não está com medo, pois suas mãos estão firmes e o timbre de sua voz está tranquilo.

Tomo-lhe o cinto e o jogo longe, a minha intenção é outra no momento... Envolver o seu queixo com a palma de minha mão e puxo sua cabeça para cima, nossos olhares fixaram-se, desejo era o que eles flamejavam, meu polegar circulou seus lábios e ela os entreabriu, a ponta da sua língua circulou o meu dedo e sem desviar os olhos dos meus ela, o sugou para dentro da boca, chupei o ar entre os dentes soltando um som de puro tesão, acariciei sua cabeça e depois de tantos minutos controlado, sorri levemente para ela. Luci retribui de outra forma, ela abre o botão da minha calça descendo o zíper, meu corpo responde quando os seus dedos tocam a pele das minhas coxas, fico arrepiado de prazer ao ser despido da calça e cueca. Meu membro está ereto e dolorosamente duro bem na direção dos seus lábios. Solto um rosnado rouco quando a boca quente e úmida da minha pequena me toma completamente.

— *Cacete!* — Não consegui expressar outra palavra, fui pego de surpresa. — *Filha de uma senhora maravilhosa*, quer me matar de tesão, mulher? Não tenho mais idade para tais arrebatamentos.

A sua língua quente, as mordidas e seus chupões por uma porção de minutos levaram-me ao ápice do prazer, minha semente foi jorrada com força bem no fundo da garganta da minha linda

mulher. Satisfeito e pleno, seguro Luci pelo antebraço e a ajudo levantar-se, seu corpo é suspenso do chão indo direto para os meus braços, segui para cama, deitei-a.

— Maria Lúcia, você é meu maior presente, eu a quero mais que minha própria vida, e a quero safada, gemendo alto, gritando de prazer, não quero uma mulher muda, um objeto inanimado, se é minha autorização que quer para ser a mulher por quem me apaixonei, estou dando agora... Entendeu?

— Entendi, meu senhor. — Ela ri. Agora a minha Luci surgiu, os seus olhos vão em direção ao seu lado esquerdo e eu os acompanho.

Perfilados sobre a colcha de cetim havia diversos objetos: cordas, cintos, algemas, uma echarpe de seda e fitas de cetim.

— Escolha, meu senhor. — Ela articula passivamente, o seu olhar não alcança o meu, ela continua a fixa-lo aos objetos.

Escolho as fitas de cetim vermelhas, suavemente viro Luci de costas pra mim, ela leva os braços para trás do corpo cruzando-os, dou algumas voltas com a fita em seus pulsos e depois finalizo com um belo laço.

— Embrulhada para presente. — Disse rindo levemente.

Eu sei que Luci está muito apertada, pois além do seu parto ter sido normal, já faz muito tempo que fizemos amor. Minha necessidade por ela é voraz, estou tão duro que não sei se durarei muito, tenho medo de não satisfazê-la e estragar o nosso momento, por isso escolhi essa posição. Coloco vários travesseiros por baixo do seu quadril e isso o faz ficar elevado, a visão da linda bunda da Luci me enlouquece, fico com uma vontade louca de tomá-la em seu buraco mais íntimo, mas tenho medo de assustá-la. Eu sei como um dominador sádico é, quando possui uma submissa por trás, o sexo anal para ele tem que ser animalesco e a Luci sofria abusos em seu ânus por ter sido uma escrava submissa, me contenho, não é a hora.

Espalho as suas pernas, acariciando sua pele branca, espalmo minha mão em um lado do seu traseiro, desenhando os meus cinco dedos, ao sentir o choque da pancada, Luci geme alto...

— *Oh! Oh meu Deus!* Mais, mais, meu senhor. — Ela pede com voz carregada de tesão.

Foram oito palmadas, quatro em cada lado, depois embreei meu rosto entre suas carnes molhadas e succulentas, sugando todo o seu suco, mordendo suas dobras e o seu rígido botãozinho vermelho, Luci gritava, gemia se contorcia, empinando muito mais o seu lindo traseiro em meu rosto.

— Chupa com mais força, amor, *assimmm, ohhum! Deus do céu*, eu vou gozar!

As palavras da minha mulher safada acenderam meu desejo na voltagem máxima. Levanto-me e fico entre suas pernas, meu membro é apontado na entrada da sua intimidade, e bem devagar eu o introduzo. Luci fica tensa, contrai a vagina, e para descontraí-la, acaricio sua bunda e com a outra mão brinco com o seu clitóris duro e pulsante, aos poucos ela relaxa e o seu sexo devora todo o meu membro. Ela começa a mover o quadril para frente e para trás e a cada enfiada, ela rebola. Não consigo segurar o meu tesão e minhas investidas tornam-se mais duras e vorazes, meus grunhidos são altos.

— Rebola, minha gostosa, rebola no pau do seu homem. Isso, minha tesuda, mexe gostoso, grita de prazer, minha linda submissa. Grita, minha diabinha faminta.

Luci acelera o vai e vem, e o nosso desespero é tamanho que o meu membro escorrega do seu sexo e vai direto para sua abertura enrugada, quando percebi que a glândula já estava escorregando para dentro eu a retirei rapidamente.

— Perdoe-me, meu amor! – Ofegante e envergonhado eu disse, ela olha-me por cima dos ombros e indaga.

— Perdoar pelo o quê? Ponha de volta, pensei que você nunca me tomaria por trás, o que mais quero é pertencer a você de todas as formas e em todos os lugares possíveis... Faça-me sua!

Não esperei ela pedir novamente, meu membro escorregou lentamente em seu buraco traseiro e foi engolido plenamente por ele. Fico por algum tempo parado, esperando o seu corpo se acostumar ao meu tamanho e quando percebi que ela já estava ordenhando o meu pau e o envolvendo como um torno. Investi mais fundo, entrei e sai lentamente, fiz isto o quanto eu pude, quando não suportei mais o tesão, inclinei-me sobre os seu corpo, envolvi os seus seios com minhas mãos, friccionando seus mamilos, fazendo com que ela gritasse em êxtase, começo a entrar e sair com mais rapidez, até o nosso gozo torna-se sublime, nossos gritos poderiam ser escutados no portão de entrada da casa, foi uma fúria louca de prazer.

Ficamos presos um ao outro por um bom tempo, até nossos corpos voltarem ao normal, minhas pernas estavam moles, Luci está trêmula, ofegante e lânguida. Puxo o ar para os meus pulmões, levanto-me desfazendo a conexão, a desamarro e a levo para o chuveiro, tomamos banho, nossos risos era de dois amantes felizes e satisfeitos, a embrulhei com uma toalha felpuda e a deixei na cama. — Vou preparar algo para comermos. – Disse, e antes de ir para cozinha, entrego-lhe uma correspondência que chegou para ela. Não era do Marcelo, já havia me certificado disto, ela olha o

remetente e sorri e a deixa sozinha, para que leia a carta com privacidade.

Querida Luci.

Acho que posso chamá-la assim de hoje por diante, escrevo-lhe para lhe agradecer por sua benevolência e compreensão. Eu sei que você se preocupa comigo de verdade e por isso resolvi dar-lhe notícias. Quero que saiba que estou bem e feliz... Bem, eu conheci uma pessoa, e ao encontrá-la lembrei do que me disse um dia: “Eu tenho certeza que um homem muito especial está esperando a oportunidade de lhe conhecer e você será muito feliz ao seu lado”. Lembra-se? Pois é, encontrei o homem dos meus livros, tudo que eu procurava em um homem encontrei no Paulo, estamos noivos e de casamento marcado para o início do ano que vem. Já conheço toda a sua família e após o casamento vamos morar na Argentina, ele trabalha na embaixada brasileira. Obrigada por tudo e espero que esteja muito feliz ao lado do Guilherme, fique com Deus. Beijos, Stella.

— Notícias boas? — Pergunto, Luci está com a carta na mão e sorrindo.

— Sim! A Stella vai se casar e está muito feliz.

Não disse nada, só ri para ela, Stella é passado. Preparei uma bandeja com dois sanduíches de peito de peru e uma jarra de suco abacaxi, coloquei em cima da cama e servi a mulher da minha vida. Puxei-a para o meu colo, a alimentei, a cada pedaço de sanduíche eu lhe dava um beijo, ela sorria com os olhos e retribuía os meus beijos com outros beijos, após nossa refeição calorosa, fizemos amor novamente e quando já estávamos deitados e abraçados de conchinha, falo com voz emocionada.

— Luci, anos atrás minha vida era uma completa escuridão, amei uma mulher com tanto desespero que fiquei cego, a maltratei, a machuquei, e o pior de tudo eu a traí...

Luci vira-se ficando de frente para mim, nossos rostos ficam próximos e os seus olhos fixam aos meus. Com toda suavidade e expressividade ela me diz.

— Não, amor, não há necessidade de me falar, eu já conheço a sua história e...

Meus dois dedos foram direto para os seus lábios, fazendo-a calar.

— *Shh!* Deixe-me terminar. — Ela baixa o olhar e morde o lábio inferior, puxando-o para dentro da boca. — Não faz isso, pequena sereia, você sabe que este gesto me deixa louco. — Ela ri. — Posso continuar? — Ela assentiu com a cabeça. — Então, fiz muita merda e tudo isso me levou a um

buraco profundo, fazendo-me crer que não era digno de amar e ser amado, fiquei perdido e o meu coração congelou e o pior era que eu acreditava mesmo em tudo isso... Puxo o ar para os pulmões e solto lentamente, minha testa se junta a dela e olhando profundamente em seus olhos eu lhe digo com toda a sinceridade do meu coração. — Hoje meu mundo é você, posso dizer que minha vida só começou a ter sentido quando a conheci. Maria Lúcia Gusmão, depois de tudo, você.

Beijamo-nos apaixonadamente e suas lágrimas juntaram-se as minhas, o nosso choro é de felicidade, pois juntos aprendemos a confiar e a respeitar os limites um do outro. Minha pequena sereia mostrou-se uma mulher forte, determinada e verdadeira, outra pessoa em seu lugar se tivesse passado por todos os percalços que ela passou, não teria chegado até aqui. Tenho o maior orgulho da minha mulher e a partir de hoje formaremos uma família repleta de amor, respeito e sinceridade, virei-a de costas para mim e a abracei forte, minha boca colou a sua orelha e sussurro uma frase de Pablo Neruda.

“Amo-te sem saber como, nem quando, nem onde, amo-te simplesmente sem problemas nem orgulho: amo-te assim porque não sei amar de outra maneira.” Fim

Três anos depois

Após uma temporada morando em Salvador e com o término da construção do *resort* em Itaipava, Guilherme pediu a matriz para voltar para Los Angeles. Ele foi promovido a diretor sênior, estou muito orgulhosa por meu marido. No início foi um pouco difícil me adaptar ao novo país, pois não sabia falar nada em inglês, Joana e Luiza me ajudaram muito, o Guilherme contratou uma professora particular e em menos de seis meses já estava dominado completamente o idioma. Moramos em um lindo bairro chamado Pasadena, têm de tudo por aqui, as pessoas não dormem, a alegria é contagiante, achei um pouco parecida com a cidade de Salvador, não em seu luxo, mas na alegria das pessoas.

Miriam e o seu marido vieram morar conosco, Guilherme não confia em ninguém para cuidar dos nossos filhos e convenceu o casal a vir de mudança para Los Angeles. Guilherme mandou construir uma linda casa para eles bem ao lado da nossa, o João Guilherme chama a Miriam de vovó e o senhor Arthur de vovô. Por falar no nosso filho, ele é uma criança linda e muito inteligente. Está perto de fazer três anos e já fala pelos cotovelos, apaixonado pelo pai, ele sente quando o Guilherme está próximo à entrada da casa e grita logo... *Papai, papai chegou!* Ele também fala os dois idiomas, o português e o inglês, as nossas filhas estão duas lindas mocinhas, estão com quase dez anos, a Luiza puxou o lado dominante do pai, ela é muito autoritária e bastante determinada, sabe o que quer e como obter aquilo que deseja, a Joana é a suavidade, sempre muito cordata e obediente, apesar das birras entre as duas, ela sempre acata as vontades da Luiza.

O meu lindo marido... Não mudou em nada, ele continua um homem possessivo, ciumento e dominante, sem esquecer que é muito controlador. Não me queixo do seu jeito de ser, pois eu sei que é sua natureza, sua necessidade em saber se estou bem está acima de tudo em sua vida, a minha segurança e bem estar é algo que ele não abre mão. Quanto ao Marcelo, há alguns dias recebemos uma ligação do nosso advogado nos informando que ele seria transferido para o manicômio judiciário, pois se tronou agressivo consigo mesmo, passou a se autoflagelar, afirmando que precisava ser punido, pois era um assassino cruel, os próprios presos tinha medo dele, ele ficou completamente insano, dizia poder falar com os mortos e era categórico quando dizia que o espírito do seu filho conversava com ele acusando-o por tê-lo assassinado. Já sabíamos que ele não estava bem, antes de virmos para Los Angeles um dos médicos da penitenciária nos procurou, ele veio me pedir para falar com o Marcelo, já que não parava de me chamar, dizia que precisava me pedir perdão e que ainda me amava. Nem deixei o Guilherme responder por mim, disse não... Talvez seja cruel não contar a verdade para o Marcelo sobre o seu filho, dizer-lhe que ele está vivo, não sou

santa, não dá para ter piedade deste homem cruel. Posso dizer de peito aberto que hoje o Marcelo nem fede nem cheira, não sinto nada a respeito desta pessoa, para mim, ele ficou em meu passado, medo... Medo, eu não sinto mais, aliás, não sinto mais nada por este homem.

Clara me incentivou a fazer um curso de paisagismo, ela percebeu o quanto sou boa na arte de criar e principalmente com plantas e flores. Guilherme me apoiou e conclui o curso em dois anos e meio, hoje trabalho com a Clara e Fernanda em sua empresa e formamos uma grande equipe, temos tantos contratos de trabalhos que tivemos que contratar mais funcionários. Conheci a Malu e o Alek, eles vieram junto com o Caio e a Vitória passar uns dias com a Clara e foram nos visitar em nossa casa. Constatei realmente que a Malu é uma mulher excepcional, ela tem luz própria e irradia alegria por onde passa e o seu marido Aleksander é um príncipe, um homem apaixonado e encantador, e como eles gostam de crianças, além de já terem dois filhos biológicos, têm mais três filhos adotivos, nossa casa ficou tão radiante e cheia de crianças que mais se parecia uma creche em época de festa.

E por falar em criança, logo o João Guilherme vai conhecer a sua mais nova irmãzinha... Estou grávida de sete meses, o Guilherme está radiante com a chegada da nossa filha, o riso é de orelha a orelha todos os dias. Minha gravidez foi tranquila e fazemos amor todas as noites e manhãs, ele diz que é para descontar o jejum que ficamos na gravidez do João. As gêmeas já esgotaram a paciência do pai, pois elas não podem ver bonecas e vestidos de bebês que querem comprar, o Gui foi obrigado a construir um quarto só para colocar os brinquedos que Iasmin recebe.

Sim, o nome da nossa filha é Iasmin, foi escolha do Guilherme, ele acordou em uma linda manhã olhou em meus olhos e disse-me “*se tivermos uma filha ela se chamará Iasmin*”. Nossa menina chegará ao mundo no dia 24 julho.

Meus dias e minhas noites são de pura felicidade, após o Guilherme só conheci o amor, a paz, o carinho, a compreensão e aprendi a amar de forma livre, com o Guilherme tudo é colorido e tudo é magnânimo. Depois de tudo... O seu amor Guilherme.

Nossa História – Uma Ilusão que virou realidade

Ciúme... Posse... Controle. Três palavras que amedrontam a grande maioria das pessoas, como seria uma relação sem nenhum desses sentimentos? Alguns irão responder... Perfeito! Será? Diz o ditado que tudo que é demais é ruim, porém tudo que é de menos faz falta. Nem muito nem tão pouco. Maria Eduarda sabe perfeitamente disto. Ela fugia de homens ciumentos, possessivos e controladores, não suportava cobranças e tão pouco em dar satisfações da sua vida para o outro, por isso seus relacionamentos duravam pouco. Confessou a sua melhor amiga que só se casaria com um homem que a deixasse completamente livre, e como o tal homem não existia, ela ficaria solteira o resto da vida, pois jamais iria admitir ser controlada por alguém. A vida coloca na frente de Maria Eduarda este homem dos sonhos, o cara perfeito em todos os sentidos, ele se encanta por ela e a quer para ele, e consegue. Eduarda por sua vez apaixona-se por este homem enigmático e ela rende-se as suas vontades, só que... Ela começa a entender que o ciúme a posse e o controle fazem parte de uma relação, sem esses ingredientes o amor não se completa, fica murcho, sem vida e sem graça... Então, outro homem surge em sua vida, um homem criado por sua imaginação, um homem que ela gostaria que se tornasse realidade.

Outros E-books que você encontra na Amazon:

Incontrolável

Cold Heart

A Viúva

Recomeço

Emma

Contatos:

Facebook: <https://www.facebook.com/lara.smithe.14>

[1] Atos de violência física ou psicológica intencional e repetida, praticados por um indivíduo ou grupo de indivíduos.

[2] Tipo de evento social em que os participantes praticam atividades BDSM.

[3] É uma forma de punição corporal, que consiste em uma série de golpes nas nádegas.

[4] É um tipo de cruz em X onde o escravo é preso com as mãos e pés afastados.

[5] Um tipo de gambá

[6] Isto é psicopatia ou sociopata. Caracteriza-se pelo comportamento impulsivo, desprezo por normas sociais e indiferença pelos direitos e pelos sentimentos de outras pessoas.

[7] Gag: Mordaca em forma de bola. Clamps: Prendedores de mamilo.

[8] O termo usado é Spreader Bars.